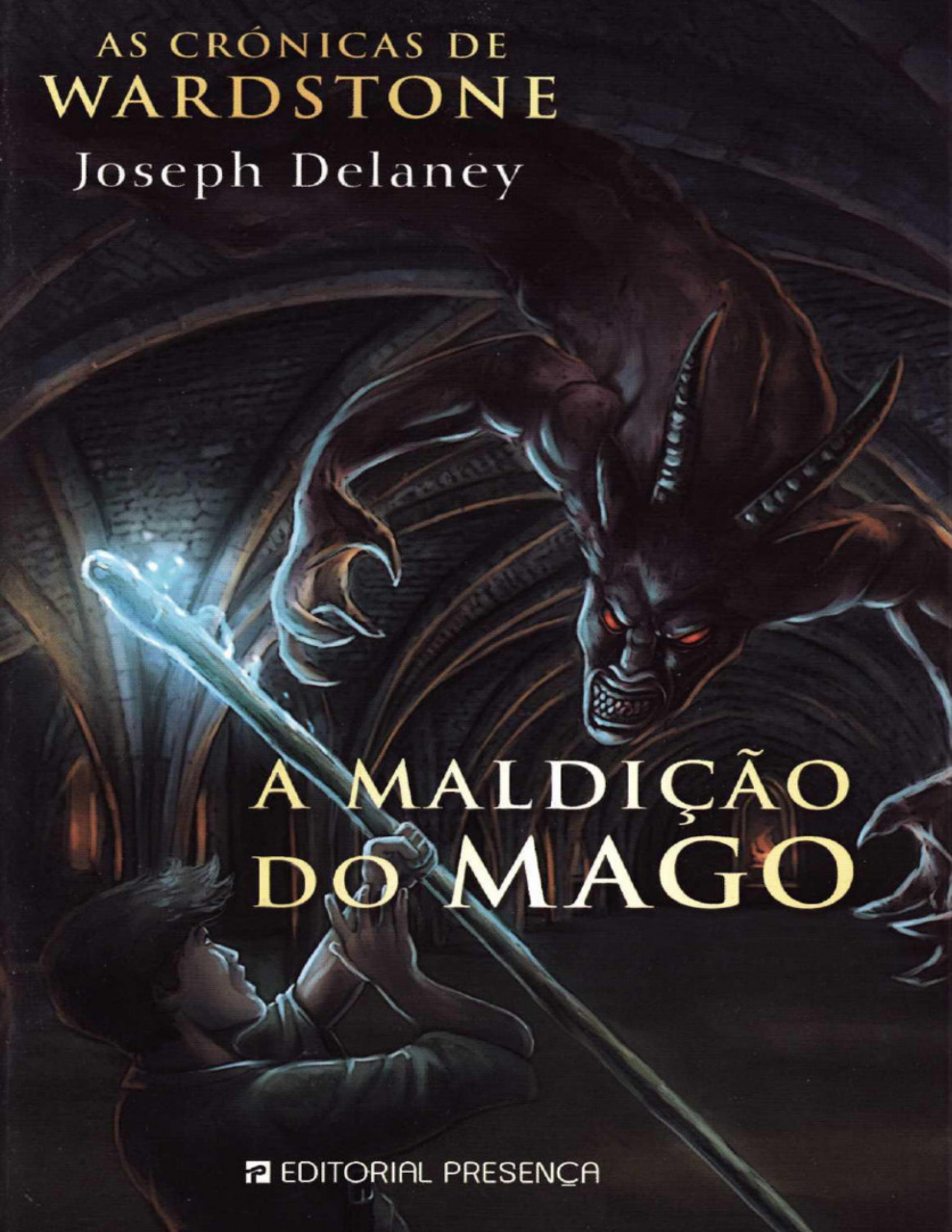



AS CRÔNICAS DE
WARDSTONE

Joseph Delaney



**A MALDIÇÃO
DO MAGO**

 EDITORIAL PRESENÇA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

JOSEPH DELANEY

A MALDIÇÃO DO MAGO

Tradução de Maria Georgina Segurado

EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título: *The Spook's Curse*

Autor: *Joseph Delaney*

Edição original publicada por Random House Children's Books

Tradução: *Maria Georgina Segurado* **Capa:** *Tiago da Silva*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo —*

Artes Gráficas, Lda.

1ª edição, Lisboa, Julho, 2007

Depósito legal n.º 260 525/07

A Marie

CAPÍTULO 1

O ESTRIPADOR DE HORSHAW

Quando ouvi o primeiro grito, virei-me e tapei os ouvidos com as mãos, pressionando com força até me doer a cabeça. Naquele momento, não podia fazer nada para ajudar. Mas ainda o conseguia ouvir, os sons produzidos por um padre que estava a ser

atormentado, e prolongou-se por muito tempo antes de finalmente cessar.

Fiquei então a tremer no celeiro escuro, ouvindo a chuva tamborilar no telhado, tentando encher-me de coragem. Era uma noite má e só podia piorar.

Passados dez minutos, quando o aparelhador e o ajudante chegaram, corri para me encontrar com eles à porta. Eram ambos homens grandes e eu mal lhes chegava aos ombros.

— Bem, rapaz, onde está Mr. Gregory? — perguntou o aparelhador, com uma pontinha de impaciência na voz. Levantou a lanterna que segurava e olhou à sua volta com desconfiança. Possuía uns olhos astutos e inteligentes. Nenhum dos homens tinha ar de quem fosse tolerar qualquer disparate.

— Ele tem estado bastante indisposto — respondi, tentando controlar os nervos que faziam com que a voz me saísse fraca e trêmula. — Ele tem estado de cama com uma febre alta nesta última semana, por isso mandou-me no lugar dele. Sou Tom Ward. O aprendiz dele.

O aparelhador olhou-me de alto a baixo rapidamente, como um agente funerário a tirar-me as medidas para futuro negócio. Depois arqueou tanto um sobrolho que este desapareceu debaixo da aba do seu boné, que pingava ainda da chuva.

— Bem, Mr. Ward — disse ele, um tom cortante de sarcasmo na sua voz —, aguardamos as suas instru-

ções. Levei a mão ao bolso das calças e retirei um esboço que o pedreiro fizera. O aparelhador colocou a lanterna no chão de terra e depois, com um abanar cansado da ca-beça e uma troca de olhares com o ajudante, aceitou o esboço e começou a examiná-lo.

As instruções do pedreiro indicavam as dimensões do poço que tinha de ser aberto, e as medidas da pedra que seria colocada sobre ele.

Após alguns momentos, o aparelhador voltou a abanar a cabeça e ajoelhou ao lado da lanterna, segurando o papel muito próximo dela. Quando se pôs em pé, tinha o cenho carregado. — O poço deveria ter dois metros e setenta de profundidade — referiu ele. — Aqui diz apenas um metro e oitenta.

O aparelhador percebia sem dúvida do ofício. O

poço normal para um demônio tem um metro e oitenta de profundidade, mas para um estripador, o demônio mais perigoso de todos, a norma são dois metros e setenta. Es-távamos sem dúvida em presença de um estripador — os gritos do padre constituíam prova disso —, mas não havia tempo para escavar dois metros e setenta.

— Terá de servir — respondi. — Deverá estar pronto pela manhã, senão será tarde demais e o padre morrerá.

Até àquele momento tinham-se mostrado dois homens grandes calçando botas grandes, a destilar confiança por todos os poros. Agora, de repente, pareciam nervosos.

Estavam a par da situação pelo bilhete que eu lhes mandara a convocá-los para o celeiro. Usara o nome do Mago para me certificar de que vinham prontamente.

— Sabe o que está fazendo, rapaz? — inquiriu o aparelhador. — Está à altura do trabalho?

Olhei-o diretamente nos olhos e esforcei-me por não pestanejar.

— Acho que não comecei nada mal — respondi.

— Contratei os melhores aparelhador e ajudante do Condado.

Tinham sido as palavras certas e estampou-se um largo sorriso no rosto do aparelhador. — Quando é que chega a pedra? — perguntou.

— Bem, antes da alvorada. O pedreiro vai trazê-la pessoalmente. Temos de estar a postos.

O aparelhador anuiu. — Siga então na frente, Mr.

Ward. Mostre-nos onde quer que cavemos.

Desta vez não houve sarcasmo na voz dele. Tinha um tom profissional. Queria o trabalho despachado. Todos nós pretendíamos o mesmo, e o tempo era escasso, por isso puxei o capuz para cima e, segurando o bordão do Mago na mão esquerda, segui na frente sob a chuva fria e forte.

A carroça de duas rodas deles estava lá fora, o equipamento coberto com uma lona impermeabilizada, o cavalo paciente entre os varais fumegando à chuva.

Atravessamos o campo enlameado, depois seguimos a sebe de espinheiro negro até ao local onde escasse-ava, por debaixo dos ramos de um carvalho antigo nos limites do adro da igreja. O poço teria de ficar perto do solo sagrado, mas não perto demais. As sepulturas mais próximas ficavam apenas à distância de vinte passos.

— Abra o poço o mais perto que puder daquilo —

disse-lhe, apontando na direção do tronco da árvore.

Sob o olhar atento do Mago, eu abria muitos po-

ços experimentais. Numa emergência, teria sido eu pró-

prio a efetuar o serviço, mas estes homens eram peritos e trabalhavam com celeridade.

Enquanto foram buscar as ferramentas, afastei a sebe e passei por entre as lápides em direção à velha igreja.

Encontrava-se bastante degradada: faltavam telhas no telhado e há anos que não via uma pintura. Abri a porta lateral, que cedeu com um gemido e uma chiado.

O velho padre mantinha-se na mesma posição, deitado de costas próximo do altar. A mulher encontrava-se ajoelhada no chão perto da cabeça dele, a chorar. A única diferença agora era que a igreja estava toda iluminada. Ela recorrera à reserva de velas da sacristia e acendera-as todas. Havia pelo menos uma centena, aglomeradas em grupos de cinco ou seis. Colocara-as nos bancos, no chão e nos parapeitos das janelas, mas a maioria encontrava-se no altar.

Quando fechei a porta, soprou uma rajada de vento dentro da igreja e as chamas tremularam todas. Ela levantou a cabeça na minha direção, o rosto banhado de lágrimas. — Ele está morrendo — disse, a sua voz ecoando cheia de angústia. — Por que levou tanto tempo a chegar aqui? Desde que a mensagem nos chegara a Chipenden, eu demorara dois dias a alcançar a igreja. Eram mais de cinquenta quilômetros até Horshaw e eu não partira de imediato. A princípio, o Mago, ainda doente demais para sair da cama, recusara-se a deixar-me ir.

Normalmente, o Mago nunca manda os aprendizes efetuar um trabalho sozinho enquanto ele não os tiver preparado durante pelo menos um ano. Eu acabara de completar treze anos e era aprendiz dele há menos de seis meses. Era uma atividade difícil e assustadora, que envolvia com frequência lidar com aquilo que chamamos «o escuro». Eu estivera a aprender a lidar com bruxas, fantasmas, demônios e coisas que aparecem à noite. Mas estaria preparado para isto?

Era necessário aprisionar um demônio e, se feito como devia ser, seria bastante simples. Eu vira já o Mago fazê-lo duas vezes. De cada uma delas, contratara bons homens para ajudarem na tarefa e correram tudo sem problemas. Mas este trabalho era um pouco diferente. Havia complicações.

Sabem, é que o padre era irmão do próprio Mago.

Eu vira-o apenas uma vez quando tínhamos estado de visita a Horshaw na Primavera. Ele deitara-nos um olhar fuzilante e fizera um enorme sinal da cruz no ar, o seu rosto distorcido pela raiva. O Mago nem sequer olhara na direção dele porque sempre se haviam detestado e não se falavam há mais de quarenta anos. Mas o sangue falava mais forte e ele acabou por me enviar a Horshaw.

— Padres! — bradara o Mago. — Por que não se limitam àquilo que sabem fazer? Por que têm sempre de interferir? Qual era a idéia dele, ao tentar enfrentar um estripador? Deixem-me fazer o meu trabalho e os outros que façam o seu.

Por fim acalmara-se e passara horas a dar-me instruções pormenorizadas sobre o que havia a fazer e indicando-me os nomes e moradas do aparelhador e do pedreiro que eu tinha de contratar. Chamara também um médico, insistindo que só ele serviria. Eis outra contrariedade, porque o médico vivia a alguma distância. Tive de mandar recado e só esperava que ele viesse imediatamente.

Olhei para a mulher, que limpava delicadamente a testa do padre com um pano. O seu cabelo branco, liso e engordurado fora afastado do rosto e revirava os olhos febrilmente. Não chegara a saber que a mulher pedira a ajuda do Mago. Se assim fosse, ter-se-ia oposto, por isso ainda bem que ele não me conseguia ver naquele momento. As lágrimas escorriam dos olhos da mulher e brilhavam à luz das velas. Era a governanta, nem sequer da família, e lembro-me de pensar que ele devia ser realmente muito bom para ela estar tão transtornada.

— O médico não tarda a chegar — disse-lhe —, e ele vai dar-lhe algo para as dores.

— Toda a vida sofreu — respondeu-me ela. —

Também tenho sido um grande incômodo para ele. Vive apavorado com a idéia da morte. Ele é um pecador e sabe o que o espera.

O que quer que fosse que tivesse feito, o velho padre não merecia isto. Ninguém merecia. Era sem dúvida um homem corajoso. Ou corajoso, ou muito estúpido.

Quando o demônio começara a fazer das suas, ele tentara enfrentá-lo sozinho usando as ferramentas de um padre: o sino, o livro e a vela. Mas não é assim que se lida com o escuro. Na maior parte dos casos não teria feito diferença, porque o demônio limitar-se-ia a ignorar o padre e o seu exorcismo. Ele acabaria por se ir embora e o padre, como sucede com frequência, ficaria com os louros.

Mas este era o tipo de demônio mais perigoso que temos de enfrentar. Normalmente, chamamos-lhes «estripadores de gado» por causa da sua dieta principal, mas quando o padre começara a interferir, *e/é* que passara a ser a vítima. Era agora um «estripador» plenamente desenvolvido com gosto por sangue humano e o padre teria muita sorte se conseguisse escapar com vida.

Havia uma fenda no chão lajeado, uma fenda em ziguezague que vinha da base do altar até cerca de três passos para além do padre. No seu ponto mais largo era mais um abismo e tinha quase meio palmo de largura.

Depois de fender o chão, o demônio agarrara o padre pelo pé e arrastara a sua perna para dentro do solo quase até ao joelho. Agora, lá em baixo no escuro, sugava-lhe o sangue, retirando-lhe a vida muito lentamente. Era como uma sanguessuga grande e gorda,

mantendo a vítima o máximo possível para prolongar o seu próprio prazer.

O que quer que eu fizesse, seria muito difícil prever se o padre sobreviveria. De qualquer das formas, eu tinha de aprisionar o demônio. Agora que provara sangue humano, já não se contentaria em estripar gado.

— Salve-o, se puder — pedira o Mago, quando me preparava para partir. — Mas, independentemente do que possa fazer, certifique-se de que trate do demônio. É esse o seu primeiro dever.

Comecei a efetuar os meus próprios preparativos.

Deixando que o ajudante do aparelhador continuasse a abrir o poço, voltei para o celeiro na companhia do próprio aparelhador. Ele sabia o que tinha a fazer: em primeiro lugar, deitou água no balde grande que tinham trazido com eles. Eis uma vantagem de trabalhar com pessoas experientes na matéria: providenciavam o equipamento pesado. Era um balde forte, feito de madeira, unido com aros de metal e com capacidade suficiente para fazer face até mesmo a um poço com três metros e sessenta de profundidade.

Depois de enchê-lo quase até a metade com água, o aparelhador começou a deitar um pó castanho de um saco grande que trouxera da carroça. Foi deitando um pouco de cada vez e depois, após cada adição, começou a mexer com um pau grosso.

Não tardou a tornar-se um trabalho árduo pois, muito gradualmente, a mistura transformou-se numa substância viscosa que foi sendo cada vez mais difícil de mexer. Além disso cheirava mal, como algo que estava morto há semanas, o que não surpreendia realmente, atendendo a que o conteúdo principal do pó era osso tritu-rado. O resultado final seria uma cola muito forte, e quanto mais o aparelhador a mexia, mais suave e arfava. O

Mago preparava sempre a sua própria cola, e obrigara-me a exercitar, mas o tempo urgia e o aparelhador possuía músculos para a tarefa. Sabendo isso, começara a trabalhar sem que fosse necessário pedir-lhe.

Quando a cola ficou pronta, comecei a acrescentar limalhas de ferro e sal dos sacos muito menores que trouxera comigo, mexendo lentamente para garantir que se espalhavam uniformemente na mistura. O ferro é perigoso para um demônio porque lhe retira a força, ao passo que o sal o queima. Assim que um demônio se encontra no poço, permanecerá lá porque a parte inferior da pedra e os lados do poço são cobertos com a mistura, obrigando-o a encolher-se e a ficar dentro dos limites do espaço interior. Claro que o problema principal reside em atrair o demônio ao poço.

De momento, eu não estava preocupado com isso.

Por fim, o aparelhador e eu demo-nos por satisfeitos. A cola estava pronta.

Como o poço ainda não ficara concluído, eu não podia fazer nada a não ser esperar pelo médico na viela estreita e torta que conduzia a Horshaw.

A chuva parara e o ar parecia muito calmo. Estava-se em finais de Setembro e o tempo começara a piorar.

Em breve iríamos ter mais do que apenas chuva, e o primeiro ribombar súbito de um trovão a oeste deixou-me ainda mais nervoso. Passados cerca de vinte minutos ouvi o som de cascos ao longe. Cavalgando como se todos os cães do Inferno o perseguissem, o médico apareceu na curva, o seu cavalo a pleno galope, a capa a esvoaçar atrás dele.

Eu empunhava o bordão do Mago pelo que foram desnecessárias as apresentações e, em qualquer dos casos, o médico viera tão depressa que estava sem fôlego. Por isso, limitei-me a baixar-lhe a

cabeça e ele deixou o seu cavalo suado a mastigar a erva alta na frente da igreja e seguiu-me até à porta lateral. Mantive-a aberta por uma questão de respeito para que ele pudesse entrar primeiro.

O meu pai ensinara-me a ter respeito por toda a gente, porque só assim nos poderiam também respeitar.

Eu não conhecia este médico, mas o Mago insistira nele, por isso tive a certeza de que seria bom no que fazia.

Chamava-se Sherdley e trazia uma maleta de couro preto.

Parecia quase tão pesada quanto o saco do Mago, que trouxera comigo e deixara no celeiro. Pousou-a a cerca de um metro e oitenta do paciente e, ignorando a governanta, que continuava a soluçar em seco, iniciou o seu exame.

Eu fiquei mesmo atrás dele e para um dos lados de modo a que pudesse ter a melhor visão possível. Delicadamente, levantou a sotaina preta do padre expondo-lhe as pernas.

A perna direita era magra, branca e quase sem pêlos mas a esquerda, aquela que o demônio agarrava, estava vermelha e inchada, com veias roxas salientes que escureciam à medida que se aproximavam da enorme fenda no chão. O médico abanou a cabeça e expirou muito devagar. Quando falou com a governanta, a sua voz era tão baixa que mal se percebiam as palavras.

— Vai ter de ser cortada — disse. — É a única esperança dele. — Ante aquilo, as lágrimas começaram a descer novamente pelas faces dela e o médico olhou para mim e apontou para a porta. Uma vez lá fora, encostou-se à parede e suspirou.

— Quanto tempo até estar preparado? — indagou.

— Menos de uma hora, Doutor — respondi —, mas depende do pedreiro. Ele ficou de trazer a pedra pessoalmente.

— Se demorar muito mais, vamos acabar por perdê-lo. A verdade é que também não alimento muitas esperanças em relação a ele. Nem sequer lhe posso dar nada para as dores no momento, porque o seu organismo não irá aguentar duas doses e terei de lhe administrar algo mesmo antes de amputar. Ainda assim, o choque poderia matá-lo imediatamente. O fato de termos de transferi-lo logo a seguir só vem agravar a situação.

Encolhi os ombros. Nem sequer me agradava pensar no assunto.

— Sabe exatamente o que se tem de fazer? — perguntou o médico, observando o meu rosto com atenção.

— Mr. Gregory explicou-me tudo — respondi, tentando mostrar-me confiante. Na verdade, o Mago não me explicara apenas uma vez, fizera-o pelo menos uma dúzia de vezes. A seguir, obrigara-me a repetir-lhe tudo sucessivamente até se dar por satisfeito.

— Há cerca de quinze anos, tivemos de lidar com um caso semelhante — referiu o médico. — Fizemos o que podíamos, mas o homem morreu mesmo assim e era um jovem agricultor, forte como um touro e na primavera da vida. Torçamos por sorte. Às vezes os velhotes são muito mais rijos do que se pensa.

Seguiu-se um longo silêncio, que interrompi confirmando algo que me andava a preocupar.

— Nesse caso sabe que vou precisar de um pouco do sangue dele.

— Quando você nasceu eu já andava aqui há muitos anos — resmungou o médico, depois esboçou-me um sorriso cansado e apontou para a viela na direção de Horshaw. — Vem aí o pedreiro, por isso é melhor ir fazer o seu serviço. Deixe que eu encarrego-me do resto.

Pus-me à escuta e ouvi o som distante de uma carroça a aproximar-se, de modo que voltei a passar pelas lápides para ver como se

estavam a sair os aparelhadores.

O poço estava pronto e tinham já montado a plataforma de madeira debaixo da árvore. O ajudante do aparelhador subira à árvore e estava a fixar o cadernal e a roldana num ramo forte. Era um dispositivo do tamanho da cabeça de um homem, feito de ferro, de onde pendiam correntes e um gancho grande. Iríamos necessitar de sus-tentar o peso da pedra e posicioná-la com muito rigor.

— Chegou o pedreiro — anunciei.

Imediatamente, ambos os homens deixaram o que estavam a fazer e seguiram-me na direção da igreja.

Havia agora outro cavalo à espera na viela, a pedra assente na traseira da carroça. Até aqui, tudo bem, mas o pedreiro não tinha um ar muito satisfeito e evitou os meus olhos. Mesmo assim, sem perdermos tempo, trouxemos a carroça pelo caminho mais longo até ao portão que conduzia ao campo.

Uma vez perto da árvore, o pedreiro enfiou o gancho na argola no meio da pedra e esta foi içada da carroça.

Teríamos de esperar para ver se iria caber rigorosamente.

Sem dúvida o pedreiro colocara a argola corretamente porque a pedra ficou suspensa horizontalmente da corrente em perfeito equilíbrio.

Foi descida até uma posição a cerca de dois passos da beira do poço. Depois, o pedreiro deu-me a má notícia.

Tinha a filha mais nova muito doente com febre, aquela que grassava no Condado e obrigara o Mago a ficar de cama. A mulher estava à cabeceira da pequena e ele tinha de regressar imediatamente.

— Lamento — disse, olhando-me como deve ser nos olhos pela primeira vez. — Mas a pedra é das boas e não terá problemas. Posso lhe garantir isso.

Acreditei nele. Esforçara-se ao máximo e trabalhara a pedra num curto período de tempo, quando preferia ter estado junto da filha.

Então paguei-lhe e mandei-o embora agradecen-do-lhe em meu nome e no do Mago, e desejando-lhe as rápidas melhoras da filha.

A seguir meti mãos à obra. Para além de cinzelarem a pedra, os pedreiros são peritos a posicioná-la, pelo que teria preferido que ele ficasse não fosse algo correr mal.

Mesmo assim, o aparelhador e o ajudante eram bons no seu ofício. Eu só precisava de manter a calma e ter cuidado para não cometer erros estúpidos.

Primeiro tinha de trabalhar rapidamente e revestir as paredes do poço com a cola; e, por último, a parte inferior da pedra, mesmo antes de ser baixada para ficar na posição correta.

Desci ao poço e, servindo-me da trincha e trabalhando à luz da lanterna que o ajudante do aparelhador segurava, meti mãos à obra. Era um processo moroso.

Não podia permitir-me falhar o pedaço mais ínfimo pois isso seria suficiente para o demônio escapar. E tendo o poço apenas um metro e oitenta de fundo em vez dos re-gulamentares dois metros e setenta, precisava de ter cuidados redobrados.

A mistura aderiu ao solo enquanto eu trabalhava, o que foi bom, porque não fenderia nem se soltaria facilmente quando o solo secasse no Verão. O pior era a dificuldade em determinar a porção exata a aplicar de modo a que ficasse no solo uma camada exterior suficientemente espessa. O Mago avisara-me de que era algo que viria com a experiência. Até o momento, ele estivera presente para

verificar o meu trabalho e dar os últimos retoques. Agora, teria de fazer o trabalho sozinho. A primeira.

Saí finalmente do poço e tratei da sua extremidade superior. Os últimos trinta e cinco centímetros, a espessura da pedra, eram mais compridos e mais largos do que o próprio poço, pelo que havia uma saliência para a pedra assentar sem deixar o mais pequeno intervalo por onde o demônio se pudesse esgueirar. Era necessário ter extrema atenção porque era o lugar onde a pedra isolava o solo.

Quando terminei, houve um relâmpago e, segundos depois, o forte ribombar de um trovão. A tempestade estava praticamente por cima de nós.

Regressei ao celeiro para buscar algo importante no meu saco. Era o que o Mago chamava um «prato-isca».

Feito de metal, fora especialmente fabricado para o trabalho e apresentava três pequenos furos a igual distância uns dos outros, perto da borda. Retirei-o, limpei-o com a manga, depois corri para a igreja a fim de avisar o médico de que estávamos prontos.

Quando abri a porta, senti um forte cheiro a alcatrão e, mesmo à esquerda do altar, ardia uma pequena fogueira. Por cima dela, num tripé, uma panela borbulhava e salpicava. O Dr. Sherdley ia usar o alcatrão para estancar a hemorragia. Pincelando o coto com ele evitaria também que o resto da perna gangrenasse depois.

Sorri para mim quando vi onde o médico fora arranjar a lenha. Estava úmido lá fora, por isso recorrera à única madeira disponível. Partira um dos bancos da igreja.

O padre não iria ficar mesmo nada satisfeito, mas talvez lhe conseguisse salvar a vida. Fosse como fosse, naquele momento ele estava inconsciente, com a respiração muito profunda, e permaneceria assim durante várias horas até os efeitos da poção passarem.

Vinha da fenda no chão o ruído do demônio a alimentar-se. Era um som desagradável de engolir com força e sorver enquanto ia bebendo sangue da perna. Estava preocupado demais para perceber que nos encontrávamos por perto e nos preparávamos para pôr cobro à sua refeição.

ção.

Não falamos. Limitei-me a fazer sinal com a cabeça ao médico e ele retribuiu. Entreguei-lhe o prato fundo de metal para recolher o sangue de que necessitava, e ele retirou da mala uma pequena serra de metal e depois encostou os seus dentes frios e brilhantes ao osso mesmo por cima do joelho do padre.

A governanta mantinha-se na mesma posição mas fechara os olhos com força e murmurava para si mesma.

Estaria provavelmente rezando e era óbvio que não seria de grande ajuda. Então, com um arrepio, ajoelhei-me ao lado do médico.

Ele abanou a cabeça. — Não é necessário assistir a isto — disse. — Sem dúvida irá testemunhar pior um dia, mas não precisa de ser agora. Vá, rapaz. Vai à sua vida. Eu trato disto. Depois mande-me aqui os outros dois para me ajudarem a levá-lo para a carroça quando terminar.

Eu estivera a cerrar os dentes, pronto para enfrentar a situação, mas não foi preciso que me dissessem duas vezes. Absolutamente aliviado, voltei para o poço. Antes mesmo de lá chegar, ouvi um sonoro grito cortar o ar seguido do som de um choro angustiado. Mas não era o padre. Ele estava inconsciente. Era a governanta.

O aparelhador e o ajudante tinham já voltado a içar a pedra e estavam entretidos a retirar a lama das botas.

Depois, quando voltaram para a igreja a fim de ajudarem o médico, mergulhei a trincha no resto da mistura e apliquei uma camada

abundante na parte debaixo da pedra.

Mal tive tempo de admirar o meu trabalho, pois o ajudante voltou correndo. Atrás dele, movendo-se muito mais lentamente, vinha o aparelhador. Trazia o prato con-tendo o sangue, tendo o cuidado de não entornar uma única gota. O prato-isca era uma peça muito importante do equipamento. O Mago possuía uma reserva deles lá em Chipenden, e tinham sido feitos de acordo com as suas próprias especificações.

Retirei uma corrente comprida da mala do Mago.

Presas a uma argola grande numa extremidade estavam três correntes mais pequenas, cada uma terminando num pequeno gancho de metal. Coloquei os três ganchos nos três buracos na borda do prato.

Quando levantei a corrente, o prato-isca ficou suspenso dela em perfeito equilíbrio, pelo que não foi necessária demasiada perícia para fazê-lo descer ao poço e pousá-lo cuidadosamente no centro.

Não, a perícia estava em soltar os três ganchos. Era preciso ter muito cuidado ao afrouxar as correntes para que os ganchos se soltassem do prato sem o emborcar e derramar o sangue.

Passara horas à exercitar-me e, apesar de estar muito nervoso, consegui soltar os ganchos logo na primeira tentativa.

Agora era apenas uma questão de esperar.

Conforme referi já, os estripadores são os demô-

nios mais perigosos porque se alimentam de sangue. As suas mentes são normalmente rápidas e muito engenhosas, mas quando estão se alimentando, pensam muito lentamente e levam bastante tempo a perceber as coisas.

A perna amputada continuava presa na fenda no chão da igreja e o demônio estava atarefado a sorver o sangue dela, mas chupava-o muito devagar, de modo a fazê-lo durar. É assim que funciona um estripador. Limita-se a sorver e chupar, não pensando em mais nada até perceber lentamente de que cada vez vai lhe chegando menos sangue à boca. Quer mais sangue, mas o sangue possui uma série de sabores diferentes e agrada-lhe o gosto do que esteve a chupar. Agrada-lhe mesmo muito.

Por conseguinte, quer mais do mesmo, e assim que percebe que o resto do corpo foi separado da perna, vai atrás dele. Foi por isso que os aparelhadores tiveram de levar o padre para a carroça. Entretanto, a carroça teria chegado já à orla de Horshaw, cada *clip-clop* dos cascos do cavalo afastando-o sucessivamente do demônio furioso, desesperado por mais daquele mesmo sangue.

Um estripador é como um sabujo. Conseguiria ter uma idéia muito razoável da direção em que o padre era levado. E perceber também de que ele estava a se afastar cada vez mais. Depois, notaria outra coisa. Que o que ele queria estava muito próximo.

Fora por isso que eu colocara o prato no poço. Por esse motivo se chamava «prato-isca». Era o embuste para levar o estripador à armadilha. Assim que ele lá estivesse, a alimentar-se, tínhamos de agir rapidamente e não nos poderíamos permitir cometer um único erro.

Olhei para cima. O ajudante encontrava-se na plataforma, uma mão na corrente curta, pronto para começar a descer a pedra. O aparelhador estava à minha frente, a sua mão na pedra, preparado para a posicionar quando descesse. Nenhum deles parecia minimamente assustado, nem sequer nervoso, e de repente foi agradável estar a trabalhar com pessoas assim. Pessoas que sabiam o que estavam a fazer. Tínhamos todos desempenhado o nosso papel, todos feito o que era preciso fazer o mais rápida e eficientemente possível. Aquilo fez-me sentir bem.

Fez-me sentir parte de algo.

Esperamos em silêncio pelo demônio.

Passados alguns minutos, ouvimo-lo aproximar-se.

A princípio, parecia mais o vento a assobiar através das árvores.

Mas não havia vento. O ar estava perfeitamente parado e, numa estreita faixa de luz das estrelas entre a orla de uma nuvem de trovoada e o horizonte, era visível uma lua em crescente, juntando a sua luz pálida à projeta-da pelas lanternas.

O aparelhador e o ajudante não conseguiam ouvir nada, claro, porque não eram sétimos filhos de sétimos filhos como eu. Por isso tive de alertá-los.

— Ele vem aí — disse. — Eu aviso-os quando chegar aqui.

Entretanto, o som da sua aproximação tornara-se mais estridente, quase como um grito, e pude ouvir algo mais também: uma rosnadela cava, ressoante. Atravessava rapidamente o cemitério, vindo direito ao prato de sangue dentro do poço.

Ao contrário de um demônio normal, um estripador é ligeiramente mais do que um espírito, especialmente quando acabou de se alimentar. Mesmo assim, a maior parte das pessoas não consegue vê-lo mas sente-o, como alguma coisa se lhes agarra à carne.

Nem sequer eu conseguia ver muito — apenas algo informe e de uma cor parecida com um vermelho-rosado.

Depois, senti um movimento no ar próximo do meu rosto, e o estripador desceu ao poço.

Dei o sinal ao aparelhador, que, por sua vez, o transmitiu ao ajudante, que agarrou com mais força a corrente curta. Antes

mesmo de puxá-la veio um som do poço. Desta vez foi sonoro e nós os três ouvimos. Olhei rapidamente para os meus companheiros e vi os olhos deles arregalados e as bocas comprimidas com medo do que se encontrava por baixo de nós.

O som que ouvíamos era o demônio a alimentar-se do prato. Parecia o lambar ávido de uma língua monstru-osa, combinado com o fungar e resfolegar voraz de um grande carnívoro. Tínhamos menos de um minuto antes de ele limpar tudo. Depois pressentiria o nosso sangue.

Tornara-se agora perigoso e todos nós constávamos no menu.

O ajudante começou a soltar a corrente e a pedra desceu firmemente. Eu ajustava uma extremidade, o aparelhador a outra. Se eles tivessem aberto o poço com rigor e a pedra tivesse exatamente o tamanho especificado no esboço, não haveria problema. Era o que eu dizia para mim — mas não conseguia deixar de pensar no último aprendiz do Mago, o pobre Bil y Bradley, que morrera ao tentar aprisionar um demônio como este. A pedra ficara encravada, prendendo-lhe os dedos debaixo da borda.

Antes de a conseguirem soltar, o demônio mordera-lhe os dedos e sugara-lhe o sangue. Mais tarde, morrera do choque. Não conseguia afastar aquilo do meu pensamento por mais que me esforçasse.

O importante era colocar a pedra no poço de primeira — e, logicamente, manter os meus dedos bem longe dela.

O aparelhador assumira o controle, ocupando o lugar do pedreiro. A um sinal seu, a corrente parou quando a pedra se encontrava levantada apenas uma fração de centímetro. Olhou então para mim, de rosto muito sério, e arqueou o sobrolho direito. Eu olhei para baixo e desloquei a minha extremidade da pedra muito ligeiramente pelo que dava a impressão de estar na posição perfeita.

Voltei a verificar apenas para ter a certeza, depois acenei ao aparelhador, que fez sinal ao seu ajudante.

Algumas voltas da corrente curta e a pedra assentou na posição de primeira, prendendo o demônio no poço.

Brotou um grito de raiva do estripador e todos nós o ouvimos. Mas não tinha importância porque agora estava aprisionado e não havia mais nada a temer.

— Um trabalho bem feito! — exclamou o ajudante, saltando da plataforma, um sorriso a rasgar-lhe a boca de orelha a orelha. — O encaixe perfeito!

— Sim — concordou o aparelhador, gracejando com secura. — Parece mesmo feito sob medida!

Senti uma imensa sensação de alívio, feliz por tudo ter terminado. Depois, quando o trovão ribombou e o relâmpago incidiu diretamente iluminando a pedra, reparei, pela primeira vez, no que o pedreiro gravara ali e, de repente, senti-me muito orgulhoso.

A letra maiúscula grega beta, atravessada por uma diagonal, era o sinal de que fora aprisionado ali um demônio.

Por debaixo dela, do lado direito, o numeral romano um significava que era um demônio perigoso da primeira categoria. Havia dez categorias ao todo e as da primeira à quarta podiam matar. Depois, por baixo, estava o meu próprio nome, *Ward*, que me atribuía o mérito do que fora feito. Acabara de aprisionar o meu primeiro demônio. E

fora logo um estripador!

CAPÍTULO 2

O PASSADO DO MAGO

Dois dias depois, de regresso a Chipenden, o Mago quis que eu lhe contasse tudo o que sucedera. Quando terminei, obrigou-me a repetir. Feito isso, coçou a barba e soltou um imenso suspiro.

— O que disse o médico a respeito daquele pateta do meu irmão? — indagou o Mago. — Espera que ele recupere?

— Ele referiu que parecia que o pior já passara, mas que era cedo demais para dizer.

O Mago anuiu pensativamente. — Bem, rapaz, agiu corretamente — disse ele. — Não me ocorre nada que pudesse ter feito melhor. Por isso, pode descansar o resto do dia. Mas não deixe que te suba à cabeça. Amanhã voltamos no mesmo. Depois de toda aquela agitação precisa de retomar uma rotina fixa.

No dia seguinte, treinou-me com o dobro da intensidade habitual. As lições começaram pouco depois da alvorada e incluíram o que ele chamava de «práticas». Apesar de nesta altura eu ter já aprisionado um demônio de verdade, isso implicava treinar a abertura de poços.

— Tenho mesmo de abrir outro poço de demônio?

— perguntei em tom enfasiado.

O Mago fitou-me com uma expressão fulminante até eu baixar o olhar, sentindo-me muito desconfortável.

— Acha-se superior a tudo isso agora, rapaz? —

inquiriu ele. — Pois não é, por isso não fique todo presunçoso! Ainda tem muito que aprender. Pode ter aprisionado o seu primeiro demônio, mas contou com a ajuda de bons homens. Um dia pode ter de ser você mesmo a abrir o poço e a fazê-lo rapidamente a fim de salvar uma vida.

Depois de abrir o poço e revesti-lo de sal e ferro, tive de treinar a colocação do prato-isca no fundo do poço sem entornar uma única gota de sangue. Claro que, como fazia apenas parte da minha preparação, usamos água em vez de sangue, mas o Mago levou tudo muito a sério e por norma aborrecia-se se eu não conseguia fazê-lo de primeira. Mas nesta ocasião ele não teve hipótese. Eu conseguira-o em Horshaw e fui igualmente bom na prática, conseguindo-o dez vezes seguidas. Não obstante, o Mago não me disse uma só palavra de louvor e começava já a sentir-me um pouco aborrecido.

A seguir veio uma prática realmente do meu agrado

— usar a corrente de prata do Mago. Havia um poste de um metro e oitenta colocado no jardim ocidental e a idéia era lançar a corrente sobre ele. O Mago obrigou-me a ficar a várias distâncias dele e treinar durante mais de uma hora seguida, sem nunca esquecer que a dada altura poderia estar realmente a enfrentar uma bruxa seriamente e que se falhasse, não teria outra oportunidade. Havia uma maneira especial de usar a corrente. Tinha de ser enrolada na mão esquerda e arremessada com um movimento do pulso de modo a fazê-la rodar às avessas, caindo numa espiral ca-nhota para envolver o poste e manter-se firme nele. À

distância de dois metros e quarenta, eu era capaz de fazer enrolar a corrente no poste nove em dez vezes mas, como sempre, o Mago foi parco nos seus elogios.

— Acho que não está mal — comentou ele. —

Mas não se envaideça, rapaz. Uma bruxa verdadeira não te fará o obséquio de ficar quieta enquanto atira a corrente.

Até o final do ano, conto que acerte dez de dez tentativas e nada menos!

Senti-me mais do que um pouco aborrecido. Estivera a trabalhar arduamente e melhorara bastante. E não só, acabara de aprisionar o meu primeiro demônio e conseguira-o sem qualquer ajuda do Mago. Pus-me a pensar se ele teria conseguido fazer melhor durante o seu aprendizado!

De tarde, o Mago deixou-me entrar na sua biblioteca para trabalhar sozinho, lendo e tomando notas, mas apenas me autorizou a ler determinados livros. Era muito rigoroso nesse aspecto. Eu estava ainda no meu primeiro ano, pelo que os demônios constituíam a minha principal área de estudo. Mas às vezes, quando ele estava fora a tratar de algo, eu não conseguia deixar de dar também uma espreitadela em alguns dos seus outros livros.

Assim, depois de ler até à saciedade sobre demô-

nios, dirigi-me às três prateleiras compridas perto da janela e escolhi um dos livros de apontamentos encadernados em couro mesmo na prateleira de cima. Eram diários, alguns deles escritos por magos há centenas de anos. Cada um abrangia um período de cerca de cinco anos.

Desta vez, eu sabia exatamente o que procurava.

Escolhi um dos primeiros diários do Mago, curioso em saber como ele se saíra nas funções quando era jovem e se conseguira melhores resultados do que eu. Claro que ele fora padre antes de receber a preparação para ser mago, por isso era já um pouco velho para aprendiz.

Fosse como fosse, escolhi algumas páginas ao acaso e comecei a ler. Reconheci a caligrafia dele, claro, mas um desconhecido a ler pela primeira vez um excerto não teria imaginado que fora escrito pelo Mago. Quando ele fala, a sua voz é típica do Condado, realista e sem qualquer vestígio daquilo que o meu pai chama «boas maneiras adqui-ridas». Quando ele escreve é diferente. É como se todos aqueles livros que leu lhe tivessem alterado a voz, ao passo que eu

escrevo principalmente da maneira como falo: se o meu pai alguma vez lesse as minhas anotações ficaria orgulhoso de mim e saberia que eu não deixara de ser filho dele.

A princípio, o que li não me pareceu muito diferente das anotações mais recentes do Mago, para além do fato de ele ter cometido mais erros. Como sempre, era muito honesto, e explicava como fora que errara. Como me estava sempre a dizer, era importante anotar tudo e aprender assim com o passado.

Descrescia como, uma semana, passara horas e horas a treinar com o prato-isca e o seu mestre se zangara porque ele não conseguia uma média melhor do que oito em dez! Senti-me logo mais animado. E depois apareceu algo que me deixou ainda mais satisfeito. O Mago só aprisionara o seu primeiro demônio depois de ser aprendiz há quase dezoito meses. E mais, fora apenas um demônio peludo, não um perigoso estripador!

Aquilo foi o melhor que consegui encontrar para me animar: o Mago fora, manifestamente, um aprendiz bom e esforçado. Bastante do que encontrei era rotina, por isso saltei rapidamente as páginas até chegar ao ponto em que o meu mestre se tornara mago, trabalhando por sua conta. Já vira tudo o que precisava de ver e preparava-me para fechar o livro quando algo me despertou a atenção. Voltei atrás, ao começo da anotação apenas para me certificar, e eis o que li. Não está exatamente palavra por palavra, mas tenho boa memória e anda bastante perto. E, depois de ler o que ele escrevera, com certeza que não o ia esquecer.

Nos finais do Outono, desloquei-me à remota parte norte do Condado, chamado ali para tratar de um inumano, uma criatura que andava há tempo demais espalhando o terror no distrito. Muitas famílias na localidade tinham sofrido nas suas mãos cruéis e houvera muitas mortes e mutilações.

Desci à floresta ao lusco-fusco. Todas as folhas tinham caído e jaziam podres e castanhas no solo, e a torre era como um dedo demoníaco negro a apontar para o céu. Fora vista uma menina a acenar da sua única janela, pedindo freneticamente ajuda. A criatura apossara-se dela e conservava-a agora como seu brinquedo, aprisionando-a dentro destas paredes de pedra úmidas e frias.

Primeiro acendi uma fogueira e fiquei sentado a olhar para as chamas enquanto me enchia de coragem. Tirando a pedra de amolar do meu saco, afiei a lâmina até os meus dedos não poderem lhe tocar na extremidade sem que brotasse sangue. Por fim, à meia-noite, fui à torre e bati sucessivamente à porta com o meu bordão, lançando um desafio.

A criatura apareceu brandindo uma moca enorme e bramiu de raiva. Era uma coisa medonha vestida com peles de animais, tresandando a sangue e gordura animal, e atacou-me com terrível fúria.

A princípio recuei, aguardando a minha oportunidade, mas na vez seguinte que ela se atirou em mim, soltei a lâmina do seu recesso no meu bordão e, usando de toda a minha força, enterrei-a fundo na cabeça. Caiu morta aos meus pés mas não senti pena de lhe tirar a vida, pois teria voltado a matar sucessivamente sem nunca se dar por saciada.

Foi então que a menina chamou por mim, a sua voz de sereia atraindo-me para as escadas de pedra. Ali, no quarto mais alto da torre, encontrei-a numa cama de palha; bem amarrada com uma comprida corrente de prata. De pele leitosa e cabelo louro comprido, ela era de longe a mulher mais bela que alguma vez os meus olhos tinham visto. Chamava-se Meg e suplicou-me que a libertasse da corrente e a sua voz foi tão persuasiva que o meu raciocínio desapareceu e o mundo girou à minha volta.

Assim que a soltei das voltas da corrente ela comprimiu os seus lábios com força contra os meus. E foram tão doces os seus beijos

que quase desfaleci nos braços dela.

Acordei com o sol a entrar pela janela e vi-a bem pela primeira vez. Era uma das bruxas lâmia, e exibia a marca da cobra.

Apesar do seu belo rosto, a sua coluna estava coberta de escamas verdes e amarelas.

Cheio de raiva pelo logro dela, voltei a prendê-la com a corrente e levei-a para o poço em Chipenden. Quando a soltei, ela debateu-se tanto que mal a consegui vencer e vi-me obrigado a puxá-la pelos longos cabelos através das árvores, enquanto ela protestava e gritava a ponto de acordar os mortos. Chovia intensamente e ela escorregava na erva molhada mas continuei a arrastá-la pelo solo, apesar de os seus braços e pernas despídos ficarem arranhados nas silvas. Era cruel, mas tinha de ser feito.

Porém quando ia enfiá-la pela borda do poço, ela agarrou-se aos meus joelhos e começou a soluçar que dava pena. Fiquei ali bastante tempo, cheio de angústia, prestes a atirar-me pela borda, até que por fim tomei uma decisão de que me posso vir a arrepender.

Ajudei-a a levantar-se, envolvi-a com os braços e choramos ambos. Como podia colocá-la no poço, quando percebi de que a amava mais do que a minha própria alma?

Supliquei-lhe que me perdoasse e depois, viramo-nos os dois e, de mão dadas, afastamo-nos do poço.

Com este encontro ganhei uma corrente de prata, um instrumento dispendioso que, de outro modo, só ao cabo de muitos meses de trabalho árduo teria conseguido adquirir. Nem quero pensar no que perdera ou podia vir ainda a perder. A beleza é uma coisa terrível: prende um homem com mais força do que uma corrente de prata numa bruxa.

Nem queria acreditar no que acabara de ler! O Ma-go avisara-me por mais de uma vez em relação às mulheres bonitas, mas aqui ele quebrara a sua própria regra! Meg era uma bruxa e, no entanto, ele não a colocara no poço!

Folheei rapidamente o resto do livro de apontamentos, na esperança de encontrar mais alguma referência a ela, mas não havia nada — nada de nada! Era como se ela tivesse deixado de existir.

Eu sabia um pouco sobre bruxas, mas nunca antes ouvira falar de uma bruxa lâmia, por isso guardei o livro de apontamentos e fui procurar na prateleira de baixo, onde os livros estavam ordenados alfabeticamente. Abri um livro intitulado *Bruxas* mas não encontrei qualquer referência a Meg. Por que não escrevera o Mago a respeito dela? O que lhe acontecera? Ainda estava viva? Ainda andava em algum lugar por aí pelo Condado?

Estava realmente curioso e tive outra idéia; retirei um livro da prateleira mais baixa. Este intitulava-se *O Bes-tiário*, e consistia numa listagem alfabética de todo o tipo de criaturas, inclusive bruxas. Encontrei finalmente a anotação que pretendia: *Bruxas lâmia*.

Parecia que as bruxas lâmia eram naturais do Condado, mas provinham de terras do outro lado do mar. E-vitavam a luz do Sol, mas à noite atacavam os homens e bebiam-lhes o sangue. Mudavam de forma e pertenciam a duas categorias diferentes: as selvagens e as domésticas.

As selvagens eram as bruxas lâmia no seu estado natural, perigosas e imprevisíveis e com muito poucas semelhanças com os humanos. Possuíam todas escamas e garras em vez de unhas. Algumas corriam pelo solo sobre os quatro membros, ao passo que outras tinham asas e penas na parte superior do corpo mas apenas conseguiam voar curtas distâncias.

No entanto, uma lâmia selvagem podia tornar-se uma lâmia doméstica através do contacto estreito com os humanos. Muito gradualmente, assumia a forma de uma mulher e parecia humana à exceção de uma linha estreita de escamas verdes e amarelas que ainda se podia encontrar nas suas costas, estendendo-se ao longo da espinha.

Sabia-se, inclusivamente, que as lâmias domésticas podiam vir a partilhar as crenças humanas. Com frequência, deixavam de ser malévolas e tornavam-se benignas, trabalhando para o bem dos outros.

Será que era verdade que Meg se tornara benigna?

Teria o Mago razões para não a aprisionar no poço?

De repente, percebi de que era tarde e saí correndo da biblioteca, com a cabeça a girar. Alguns minutos mais tarde, o meu mestre e eu estávamos na orla do jardim ocidental, debaixo das árvores com uma visão nítida das extensões rochosas, o sol de Outono a descer para o horizonte. Sentei-me no banco como de costume, atarefado a tomar notas enquanto o Mago andava para cá e para lá a ditar. Mas não conseguia me concentrar.

Tínhamos começado por uma aula de latim. Eu tinha um caderno especial onde apontava a gramática e o vocabulário novo que o Mago me ensinava. Havia uma série de listas e o caderno estava quase cheio.

Quis confrontar o Mago com o que acabara de ler, mas como podia fazê-lo? Eu próprio quebrara a regra não me cingindo aos livros que ele especificara. Não era suposto ter estado a ler os seus diários e agora arrependi-a-me de o ter feito. Se lhe mencionasse algo, sabia que ele ficaria zangado.

Em virtude do que lera na biblioteca, sentia cada vez maior dificuldade em me concentrar no que ele dizia.

Tinha também fome e não podia esperar até chegar a hora da ceia. Normalmente, os serões eram meus e podia fazer o que quisesse, mas hoje ele obrigara-me a trabalhar arduamente. Mesmo assim, dispunha ainda de cerca de uma hora antes de o Sol se pôr e o pior das lições já passara.

Então ouvi um som que me fez gemer por dentro.

Era um sino a tocar. Não um sino de igreja. Não, este tinha o timbre mais estridente e fraco de um sino de menores dimensões — aquele que era usado pelas nossas visitas. Ninguém estava autorizado a ir a casa do Mago, por isso as pessoas vinham até à encruzilhada e tocavam o sino ali existente para que o meu mestre soubesse que precisavam de ajuda.

— Vá ver o que é, rapaz — disse o Mago, fazendo sinal com a cabeça na direção do sino. Por via de regra, teríamos ido ambos, mas ele ainda estava muito combali-do da doença.

Não me apressei. Mal deixei de poder ser visto da casa, adotei um passo perambulante. Era quase crepúsculo, pelo que não se poderia fazer nada esta noite, especialmente com o Mago ainda não completamente recuperado, por isso teria de ficar tudo para a manhã seguinte.

Eu regressaria com um relato do problema e transmitiria ao Mago os pormenores durante a ceia. Quanto mais tarde regressasse, menos haveria que escrever. Já fizera o suficiente por um dia e doía-me o pulso.

Encoberto por salgueiros, que nós no Condado chamávamos de «vimes», a encruzilhada era um lugar so-turno mesmo ao meio-dia e sempre me deixava nervoso.

Em primeiro lugar, nunca se sabia o que podia estar ali à espera; em segundo, eram quase sempre más notícias porque é isso que os traz ali. Precisavam da ajuda do Ma-go.

Desta vez estava ali à espera um rapaz. Calçava botas grandes de mineiro e tinha as unhas sujas. Parecendo ainda mais nervoso do que eu me sentia, desenrolou a sua história tão depressa que os meus ouvidos não conseguiram acompanhar e tive de lhe pedir que repetisse. Quando se foi embora, regressei a casa.

Desta vez não deambulei, corri.

O Mago estava de pé junto ao banco, de cabeça baixa. Quando me aproximei, olhou para cima e o seu rosto parecia triste. Acho que de certa forma ele sabia o que eu ia lhe dizer, mas contei-lhe na mesma.

— Trago más notícias de Horshaw — anunciei, tentando recuperar o fôlego. — Lamento, mas trata-se do seu irmão. O médico não conseguiu salvá-lo. Morreu on-tem de manhã, mesmo antes da alvorada. O funeral é na sexta-feira de manhã.

O Mago soltou um suspiro longo e profundo e durante vários minutos não falou. Não sabia o que dizer, de modo que permaneci em silêncio. Era difícil adivinhar o que ele sentia. Como não se falavam há mais de quarenta anos, não podiam ser muito chegados, mas o padre não deixava de ser seu irmão e devia ter algumas lembranças felizes dele, talvez de antes de terem discutido ou de quando eram crianças.

Por fim, o Mago voltou a suspirar e falou então.

— Vamos, rapaz — disse. — Temos de cear mais cedo.

Comemos em silêncio. O Mago debicava a comida e perguntei-me se seria por causa das más notícias em re-lação ao irmão ou porque ainda não recuperara o apetite em virtude de estar doente. Costumava proferir algumas palavras, nem que fosse só para me perguntar como estava a refeição. Era quase um ritual, porque tínhamos de elogiar constantemente o demônio de estimação do Mago, que preparava todas as refeições, senão ele ficava amuado.

Era muito importante elogiar a ceia, senão na manhã seguinte o toucinho defumado vinha esturricado.

— O guisado está realmente muito bom — referi por fim. — Não me lembro da última vez em que comi um tão bom.

O demônio era praticamente invisível, mas às vezes assumia a forma de um gato grande cor de camarão; se estava realmente satisfeito, esfregava-se nas minhas pernas debaixo da mesa da cozinha. Desta vez não houve sequer um ligeiro ronronar. Ou eu não parecera muito convincente ou mantinha-se em silêncio por causa da má notícia.

De repente, o Mago afastou o seu prato e coçou a barba com a mão esquerda.

— Vamos a Priestown — anunciou solenemente.

— Partiremos amanhã logo pela manhã.

Priestown? Nem queria acreditar no que estava a ouvir. O Mago evitava aquele lugar como a peste e dissera-me uma vez que nunca mais voltaria a pôr os pés dentro dos seus limites. Não explicara a razão e eu nunca lhe perguntara, porque se via bem quando ele não queria explicar algo. Mas quando tínhamos estado muito perto da costa e fora necessário atravessar o rio Ribble, o ódio do Mago à cidade constituía verdadeiramente uma contrariedade. Em vez de usarmos a ponte de Priestown, tínhamos sido obrigados a percorrer quilômetros para o interior até à seguinte para podermos nos manter longe dela.

— Porquê? — inquiri, a minha voz pouco acima de um murmúrio, perguntando-me se estaria a dizer algo que o fosse aborrecer. — Julguei que pudéssemos ir a Horshaw para o funeral.

— *Nós* vamos ao funeral, rapaz — respondeu o Mago, em voz muito calma e paciente. — O pateta do meu irmão trabalhava apenas em Horshaw, mas era padre: quando morre um padre no Condado,

levam o seu corpo para Priestown e realizam uma cerimônia fúnebre na grande catedral de lá antes de sepultarem os seus ossos no adro da igreja.

— Nesse caso, vamos lá prestar a nossa última homenagem. Mas essa não é a única razão. Tenho um assunto pendente naquela maldita cidade. Vá buscar o seu livro de apontamentos, rapaz. Abra-o numa nova página e anote o seguinte título. .

Ainda não terminara o guizado mas obedeci de imediato ao pedido dele. Quando falara em «assunto pendente», soubera que se referia a assunto de mago, por isso tirei do bolso o frasco de tinta e coloquei-o em cima da mesa ao lado do meu prato.

Fez-se luz no meu cérebro. — Refere-se ao estripador aprisionado? Acha que fugiu? Não houve tempo para abrir um poço de dois metros e setenta. Acha que ele fugiu para Priestown?

— Não, rapaz, agiu corretamente. Existe algo bem pior do que isso, lá. A cidade está amaldiçoada! Amaldi-

çoada por algo que enfrentei pela última vez há mais de vinte anos. Levou a melhor sobre mim e deixou-me de cama seis meses. Na verdade, quase morri. Desde então, nunca mais lá voltei, mas como temos necessidade de lá ir, agora, aproveito para resolver este tal assunto pendente.

Não, não é um simples estripador que atormenta aquela cidade maldita. É um espírito maléfico antigo chamado «o Destruidor» e é único no seu gênero. Está ficando cada vez mais forte, por isso tem de se fazer algo e não o posso adiar por mais tempo.

Escrevi «*Destruidor*» no cabeçalho de uma nova folha, mas depois, para minha desilusão, o Mago abanou de repente a cabeça, seguindo-se um enorme bocejo.

— Pensando bem, terá de ficar para amanhã, rapaz.

É melhor terminar a sua ceia. Vamos sair bem de manhã-zinha, por isso convém deitarmo-nos cedo.

CAPÍTULO 3

O DESTRUIDOR

Partimos pouco depois da alva, levando eu o pesado saco do Mago, como de costume. Decorrida uma hora porém, percebi que a viagem nos levaria pelo menos dois dias.

Por norma, o Mago caminhava a um ritmo extraordinário, obrigando-me a um esforço para o acompanhar, mas ele ainda estava fraco, ficava constantemente sem fôlego e tinha de parar para descansar.

Estava um belo dia ensolarado, apenas com um restinho de frio outonal no ar. O céu estava azul e as aves cantavam, mas nada disso importava. Não conseguia deixar de pensar no Destruidor.

O que me preocupava era o fato de o Mago já ter sido quase morto uma vez ao tentar aprisioná-lo. Agora estava mais velho e, se não recuperasse as forças em breve, como podia ter esperanças de vencê-lo desta vez?

Então, ao meio-dia, quando paramos para um longo descanso, decidi inquiri-lo sobre este espírito terrível.

Não o fiz logo porque, para minha surpresa, quando nos sentamos os dois no tronco de uma árvore tombada, ele retirou do seu saco um grande naco de presunto e cortou uma generosa porção para cada um de nós. Normalmente, quando íamos a caminho de um trabalho, tínhamos de nos contentar com umas míseras dentadinhas de queijo porque era preciso jejuarmos antes de enfrentarmos o escuro.

Mesmo assim, tinha fome, por isso não me queixei.

Calculei que teríamos tempo de jejuar logo que o funeral terminasse e que o Mago precisava de se alimentar agora para recuperar novamente as forças.

Por fim, quando terminei de comer, respirei fundo, puxei do meu livro de apontamentos e inquiri-o então a respeito do Destruidor. Para minha surpresa, ele mandou-me guardar o livro.

— Pode escrever isto mais tarde quando regres-sarmos — disse-me.
— Além disso, eu próprio tenho bastante o que aprender sobre o Destruidor, por isso é escusado escrever algo que possas vir a ter necessidade de alterar mais tarde.

Acho que a minha boca se abriu ante aquelas palavras. Quer dizer, eu sempre julgara que o Mago sabia quase tudo o que havia que saber sobre o escuro.

— Não fique tão espantado, rapaz — disse ele. —

Como sabe, eu próprio tenho ainda um livro de apontamentos e você também terá, se chegar à minha idade.

Nunca deixamos de aprender neste trabalho, e o primeiro passo para o conhecimento é aceitar a sua própria ignorância.

«Como referi antes, o Destruidor é um espírito antigo e malévolo que há muito tempo levou a melhor sobre mim, envergonho-me de admiti-lo. Mas espero que isso não suceda desta vez. O nosso primeiro problema será encontrá-lo — prosseguiu o Mago. — Ele vive nas catacumbas por debaixo da catedral de Priestown — existem quilômetros e quilômetros de túneis.

— Para que são as catacumbas? — perguntei, curioso por alguém ter construído tantos túneis.

— Estão cheios de criptas, rapaz, câmaras funerá-

rias subterrâneas que contêm ossos antigos. Esses túneis existiam muito antes de a catedral ser construída. A colina era já um local sagrado quando os primeiros padres aqui chegaram em navios do Ocidente.

— Nesse caso, quem construiu as catacumbas?

— Há quem chame os construtores de «Gente Pequena» em virtude do seu tamanho, mas o verdadeiro nome deles era os Segoncíacos¹; não que se saiba muito a respeito deles, para além do fato de o Destruidor ter sido em tempos deus deles.

— Foi um deus?

— Sim, foi sempre uma força poderosa, e a primeira Gente Pequena reconheceu a sua força e venerou-o.

Calculo que o Destruidor gostaria de voltar a ser um deus.

Sabe, ele costumava andar em liberdade pelo Condado.

Ao longo dos séculos tornou-se corrupto e mau e aterro-rizou a Gente Pequena noite e dia, virando irmão contra irmão, destruindo colheitas, incendiando casas, chacinando inocentes. Gostava de ver as pessoas viver no medo e na pobreza, derrotadas até a vida quase não valer a pena viver. Aqueles foram tempos negros e terríveis para os Segoncíacos.

«Mas ele não atormentava apenas os pobres. O rei dos Segoncíacos era um homem bom chamado Heys.

Derrotara todos os seus inimigos em batalhas e tentara tornar a sua gente forte e próspera. Mas havia um inimigo que não conseguiam vencer: o Destruidor. De repente, este exigiu um tributo anual ao rei Heys. O pobre homem teve de sacrificar os seus sete filhos, começando pelo mais velho. Um filho por ano até não restar nenhum vivo. Foi demais para um pai poder suportar. Mas, não se

sabe co-1 Antigo povo da Grã-Bretanha que vivia, talvez, na região hoje chamada País de Gales. (NT)

mo, Naze, o último filho, conseguiu aprisionar o Destruidor nas catacumbas. Não sei como o fez — talvez se o soubesse fosse mais fácil vencer esta criatura. Tudo o que sei é que o seu caminho estava barrado por um portão de prata trancado: tal como muitas criaturas do escuro, tem uma vulnerabilidade à prata.

— E, nesse caso, ele continua preso lá em baixo passado todo este tempo?

— Sim, rapaz. Está aprisionado lá em baixo até alguém abrir o portão e o libertar. É a realidade e é algo que todos os sacerdotes sabem. É um conhecimento transmitido de geração em geração.

— Mas não existe outra saída? Como é que o Portão de Prata o mantém lá dentro?

— Não sei, rapaz. Tudo o que sei é que o Destruidor está preso nas catacumbas e só pode sair de lá através daquele portão.

Quis perguntar que mal havia em deixá-lo simplesmente ali se estava aprisionado e não podia fugir, mas ele respondeu antes que eu tivesse tempo de colocar a pergunta. Nesta altura, o Mago conhecia-me já bem e sabia adivinhar o que eu estava a pensar.

— Na verdade receio que não possamos deixar tudo como está, rapaz. Sabe, ele está ficando mais forte agora. Nem sempre foi um espírito. Isso só aconteceu depois de ser aprisionado. Antes disso, quando era muito poderoso, tinha uma forma física.

— Qual era o aspecto dele? — quis saber.

— Irá descobri-lo amanhã. Antes de entrar na catedral para a cerimônia fúnebre, olhe para a escultura de pedra que existe por

cima da porta principal. É a melhor representação da criatura que provavelmente verá.

— Nesse caso já o viu ao vivo?

— Não, rapaz. Há vinte anos, quando tentei matar o Destruidor pela primeira vez, ele ainda era um espírito.

Mas consta que a sua força aumentou tanto que agora está a assumir a forma de outras criaturas.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que começou a mudar de forma e não tardará a ficar suficientemente forte para assumir a sua verdadeira forma original. Depois poderá obrigar quase todo mundo a fazer o que ele quer. E o verdadeiro perigo é ele poder obrigar alguém a abrir o Portão de Prata. É esse o aspecto mais preocupante de todos!

— Mas onde ele vai buscar a força? — quis saber.

— Principalmente no sangue.

— No sangue?

— Sim. No sangue de animais — e humanos. Tem uma sede terrível. Mas, felizmente, ao contrário de um estripador, não consegue tirar sangue de um humano, a menos que lhe seja dado de livre vontade
. .

— Por que haveria alguém de querer *dar-lhe* o seu sangue? — perguntei, espantado com a própria idéia.

— Porque consegue penetrar na mente das pessoas.

Tenta-as com dinheiro, posição e poder, é só dizer. Se não conseguir o que pretende por persuasão, aterroriza as suas vítimas. Por vezes

atrai-as às catacumbas e ameça-as com o que chamamos «a prensa».

— A prensa? — inquiri.

— Sim, rapaz. Pode tornar-se tão pesado que algumas das suas vítimas são encontradas espalmadas, os ossos partidos e os corpos colados ao chão — é preciso raspá-los para fazer o funeral. Foram «prensados» e não é uma visão agradável. O Destruidor não pode tirar-nos sangue contra a nossa vontade, mas lembre-se de que não deixaremos de ser vulneráveis à prensa.

— Não entendo como pode ele obrigar as pessoas a fazer estas coisas quando está aprisionado nas catacumbas — comentei.

— Consegue ler os pensamentos, influenciar os sonhos, enfraquecer e corromper as mentes daqueles que estão acima do solo. Por vezes, vê mesmo através dos olhos deles. A sua influência estende-se até à catedral e ao presbitério, e aterroriza os padres. Há anos que causa o mal em Priestown daquela maneira.

— Com os padres?

— Sim — especialmente aqueles que são fracos de espírito. Sempre que pode, obriga-os a espalhar o seu mal.

O meu irmão Andrew é serralheiro em Priestown, e por mais de uma vez me enviou avisos sobre o que está a suceder. O Destruidor esvazia o espírito e a vontade. Obriga as pessoas a fazerem o que ele quer, silenciando as vozes do bem e da razão: elas tornam-se gananciosas e cruéis, abusam do seu poder, roubando os pobres e os doentes.

Os dízimos em Priestown são agora cobrados duas vezes por ano.

Eu sabia o que era um dízimo. Um décimo dos rendimentos anuais da nossa fazenda e tínhamos de pagá-lo como imposto à igreja

local. Era a lei.

— Já é suficientemente mau pagar uma vez — continuou o Mago —, mas com duas torna-se ainda mais difí-

cil evitar a miséria. Mais uma vez, está a levar as pessoas ao medo e à pobreza, tal como sucedeu aos Segonciacos.

É uma das manifestações mais puras e malévolas do escuro que alguma vez vi. Mas a situação não pode continuar por muito mais tempo. Tenho de lhe pôr fim definitivamente antes que seja tarde demais.

— Como iremos fazê-lo? — indaguei.

— Pois, ainda não sei muito bem como. O Destruidor é um inimigo perigoso e inteligente; pode conseguir ler-nos o pensamento e saber exatamente o que estamos a pensar antes de nós mesmos nos darmos conta.

«Para além da prata, ele tem realmente outros pontos fracos sérios. As mulheres deixam-no muito nervoso e procura evitar a companhia delas. Não suporta estar perto delas. Bem, até eu tenho dificuldade em compreender, mas vou precisar de pensar na melhor maneira de usar isso em nosso proveito.

O Mago avisara-me com frequência para ter cuidado com as garotas, e lá tinha as suas razões, em particular aquelas que calçavam sapatos bicudos. Por isso estava acostumado a que ele dissesse aquelas coisas. Mas agora que sabia dele e de Meg, perguntava-me se ela contribuía de alguma maneira para a opinião por ele formada.

Bem, o meu mestre deixara-me certamente muito curioso. E não conseguia deixar de pensar em todas as igrejas em Priestown, e nos padres e nas congregações, todos crentes em Deus. Poderiam estar todos errados? Se o Deus deles era tão poderoso, por que motivo

não fizera Ele algo em relação ao Destruidor? Por que permitira que corrompesse os padres e espalhasse o mal pela cidade? O

meu pai era crente, muito embora nunca fosse à igreja.

Ninguém da nossa família o fazia porque a agricultura não parava ao domingo e estávamos sempre atarefados com a ordenha ou a executar outras tarefas. Mas, de repente, pus-me a pensar naquilo em que o Mago acreditava, especialmente sabendo o que a Mãe me dissera — que o pró-

prio Mago fora em tempos padre.

— O senhor acredita em Deus? — inquiri.

— Já acreditei em Deus — respondeu o Mago, a sua expressão muito pensativa. — Quando era criança nunca duvidei da existência de Deus nem por um só momento, mas acabei por mudar. Sabe, rapaz, quando vivemos tanto tempo quanto eu, há coisas que nos fazem pensar. Por isso agora não tenho certeza se ainda mante-nho a mesma abertura de espírito.

«Mas uma coisa te digo — continuou ele. — Por duas ou três vezes na minha vida me vi em situações tão más que nunca esperei conseguir sair delas. Enfrentei o escuro e quase, mas não completamente, me resignei à morte. Depois, precisamente quando tudo parecia perdido, enchi-me de uma nova força. Mas apenas posso pre-sumir de onde terá vindo. Só que com essa força veio uma nova sensação. De que alguém ou alguma coisa estava ao meu lado. Já não me encontrava sozinho.

O Mago fez uma pausa e suspirou profundamente.

— Não acredito no Deus sobre o qual pregam na igreja — disse ele.

— Não acredito num velho de barba branca. Mas há algo que observa o que fazemos, e se levar uma vida direita, numa hora de necessidade ele estará ao seu lado e lhe emprestará a sua força. É

nisso que acredito. Bem, vamos andando, rapaz. Já nos demoramos aqui tempo suficiente e é melhor pormo-nos a caminho.

Peguei no saco dele e segui-o. Não tardamos a abandonar a estrada e seguir por um atalho através de uma mata e de um prado imenso. Estava a ser bastante agradável, mas paramos antes de o Sol se pôr. O Mago estava exausto demais para prosseguir e, na realidade, devia ter ficado em Chipenden, a recuperar da doença.

Eu estava com um mau pressentimento em relação ao que nos esperava, uma forte sensação de perigo.

CAPÍTULO 4

PRIESTOWN

Priestown, construída nas margens do rio Ribble, era a maior cidade que eu jamais visitara. Quando vínhamos descendo a colina, o rio parecia uma enorme cobra cor de laranja brilhando à luz do Sol poente.

Era uma cidade de igrejas, com flechas e torres erguendo-se acima das filas de pequenas casas com terraço.

Mesmo no topo de uma colina, próximo do centro da cidade, ficava a catedral. Três das maiores igrejas que eu vira em toda a minha vida teriam cabido facilmente dentro dela. E o seu pináculo era digno de se ver. Construído em calcário, era quase branco e tão alto que calculei que num dia de chuva a cruz no seu topo ficasse escondida pelas nuvens.

— É o maior pináculo do mundo? — perguntei, apontando todo entusiasmado.

— Não, rapaz — respondeu o Mago, com um raro sorriso. — Mas é o maior do Condado, como seria de esperar de uma cidade que

ostenta tantos padres. Só gostaria que os houvesse em menor número, mas vamos ter de arriscar.

De repente, o sorriso desapareceu do seu rosto. —

Falando no mau! — comentou ele, cerrando os dentes antes de me puxar para um intervalo na sebe para um campo adjacente. A seguir, encostou o indicador aos lá-

bios a impor silêncio e obrigou-me a acocorar com ele, enquanto eu escutava o som de passos que se aproximavam.

Era uma sebe de espinheiro-alvar boa e grossa e ainda tinha a maior parte das folhas, mas consegui ver através dela uma batina preta por cima das botas. Era um padre!

Permanecemos ali durante um bom tempo mesmo depois de os passos terem desaparecido ao longe. Só então o Mago nos conduziu de novo ao caminho. Eu não percebia para que fora tudo aquilo. Nas nossas viagens, tínhamos passado por muitos padres. Não se haviam mostrado muito simpáticos, mas nunca nos tínhamos tentado esconder antes.

— Temos de ficar atentos, rapaz — explicou o Mago. — Os padres significam sempre problemas, mas representam um verdadeiro perigo nesta cidade. Sabe, o bispo de Priestown é tio do Inquisidor-Mor. Terá sem dúvida ouvido falar dele.

Anuí. — Ele caça bruxas, não caça?

— Sim, rapaz, ele faz isso. Quando apanha alguém que considera ser uma bruxa ou um feiticeiro, coloca o seu barrete preto e torna-se o juiz no julgamento deles —

um julgamento que termina muito rapidamente. No dia seguinte, coloca um chapéu diferente. Torna-se o carrasco, e organiza a

fogueira. Tem fama de ser bom no que faz e costuma reunir-se uma grande multidão para assistir.

Dizem que ele escolhe cuidadosamente a posição do poste para que o pobre desgraçado leve muito tempo a morrer.

É suposto a dor levar uma bruxa a arrepender-se do que fez, por isso ela suplicará o perdão de Deus e, ao morrer, a sua alma será salva. Mas isso não passa de um pretexto. O

Inquisidor não possui os conhecimentos de um mago e não saberia distinguir uma bruxa de verdade nem que ela saísse da sepultura e lhe agarrasse o tornozelo! Não, ele não passa de um homem cruel que gosta de infligir dor.

Adora o seu trabalho e enriqueceu com o dinheiro que ganha a vender as casas e as propriedades daqueles que condena.

«Pois, e isso traz-me ao nosso problema. Sabe, o Inquisidor considera que um mago é um feiticeiro. A Igreja não gosta de ninguém que lida com o escuro, mesmo que o esteja a combater. Acham que só os padres deveriam estar autorizados a fazê-lo. O Inquisidor tem o poder de prender, com cobradores eclesiásticos armados a cumprir as suas ordens — mas anime-se, rapaz, porque isto é apenas a má notícia.

«A boa notícia é que o Inquisidor vive numa grande cidade lá para sul, muito para além dos limites do Condado, e raramente vem para norte. Por isso, se nos avista-rem, e o mandarem chamar, ele levaria mais de uma semana a chegar, mesmo a cavalo. A minha vinda aqui seria também uma surpresa. A última coisa que alguém espera-ria é que eu viesse assistir ao funeral de um irmão com quem não falo há quarenta anos.

Mas as suas palavras foram um parco consolo. Enquanto descíamos a colina, sentia-me arrepiado das palavras dele. Entrar na cidade parecia envolver muitos riscos.

Com a capa e o bordão, ele era inconfundivelmente um mago. Preparava-me para referi-lo quando ele me fez sinal com o polegar e nos afastamos da estrada para uma pequena mata. Dados cerca de trinta passos, o meu mestre parou.

— Ora bem, rapaz — referiu ele. — Tire a sua capa e entregue-me.

Não discuti; pelo tom da sua voz, percebi que falava sério, mas fiquei curioso quanto à sua idéia. Despiu também a sua capa com o capuz acoplado e colocou o bordão no solo.

— Bom — disse. — Agora arranje-me uns troncos e ramos finos. Nada muito pesado, por favor.

Alguns minutos depois, tinha feito o que ele pedira e vi-o colocar o bordão no meio dos ramos e embrulhar tudo nas nossas capas. Claro que nesta altura adivinhara já o que ele pretendia. Os paus saíam de cada lado da trouxa e parecia mesmo que tínhamos andado a apanhar lenha.

Era um disfarce.

— Existem muitas pequenas estalagens perto da catedral — disse-me, atirando-me uma moeda de prata. —

Será mais seguro para você se não ficarmos na mesma, porque se vierem à minha procura, igualmente te prenderão. Seria também melhor não saber onde estou, rapaz. O

Inquisidor recorre à tortura. Se capturar um de nós, não tardará a apanhar o outro. Eu vou primeiro. Dê-me dez minutos, a seguir vá você.

«Escolha qualquer estalagem cujo nome não tenha nada que ver com igrejas, para não acabarmos na mesma sem querer. Não ceie também porque iremos trabalhar amanhã. O funeral é às nove da

manhã mas tente chegar cedo e sente-se perto da retaguarda da catedral; se eu já estiver lá, mantém a distância.

«Trabalhar» significava assuntos de mago e perguntei-me se iríamos descer às catacumbas para enfrentar o Destruidor. A idéia não me agradava nem um pouco.

— Oh, e mais uma coisa — acrescentou o Mago ao virar-se para se ir embora. — Vai tomar conta do meu saco, por isso o que deve ter presente quando o transportar por um lugar como Priesttown?

— Levá-lo sempre na mão direita — referi.

Ele anuiu, satisfeito, depois pôs a trouxa no ombro, o direito, evidentemente e deixou-me à espera na mata.

Éramos ambos canhotos, algo que os padres re-provavam. Os canhotos eram o que eles chamavam de

«aziagos», aqueles mais facilmente tentados pelo Diabo ou mesmo de conluio com ele.

Dei-lhe mais de dez minutos, só para ter certeza de que havia distância suficiente entre nós, depois, levando o seu saco pesado, desci a colina, dirigindo-me para o campanário. Uma vez na cidade, comecei a subir novamente rumo à catedral, e quando me aproximei, comecei à procura de uma estalagem.

Havia-as com abundância, sim; a maior parte das ruas empedradas parecia ter uma, mas o problema era que pareciam também estar todas ligadas a igrejas de uma maneira ou de outra. Havia o Báculo do Bispo, a Estalagem do Campanário, o Frade Alegre, a Mitra, o Livro e a Vela, para referir apenas algumas. Esta última fez-me lembrar a razão por que tínhamos, antes de mais, vindo a Priesttown.

Como descobrira o irmão do Mago à sua própria custa, os livros e as velas não costumavam resultar contra o escuro.

Nem mesmo quando se usava também um sino.

Não tardei a perceber que o Mago ficara com a vida facilitada ao passo que eu tinha a minha muito dificultada, e levei muito tempo a procurar no labirinto de ruas estreitas e outras mais largas que as ligavam. Caminhei ao longo de Fylde Road e depois subi uma rua mais larga chamada Friargate , onde não havia qualquer indício de uma porta.

As ruas empedradas estavam cheias de pessoas e a maior parte delas parecia apressada. O grande mercado perto do cimo de Friargate ia terminar por aquele dia, mas alguns fregueses ainda se acotovelavam e regateavam com os comerciantes tentando obter bons preços. O cheiro a pei-xe era intenso e um grande bando de gaivotas esfomeadas grasnia lá em cima.

De quando em quando, via uma figura vestindo uma batina preta e mudava de direção ou atravessava a rua. Custava-me a crer que uma cidade pudesse ter tantos padres.

A seguir, descii Fishergate Hil até conseguir ver o rio ao longe, e depois voltei para trás. Acabei por andar às voltas, mas sem o menor êxito. Não podia pedir a ninguém que me indicasse uma estalagem cujo nome não tivesse nada a ver com igrejas porque iriam me achar doido.

Fazer recair a atenção sobre a minha pessoa era a última coisa que eu pretendia. Apesar de carregar o pesado saco de couro do Mago na mão direita, nem mesmo assim deixei de suscitar alguns olhares curiosos na minha direção.

Por fim, quando estava já a escurecer, encontrei um lugar onde ficar, não longe demais da catedral, onde iniciara a minha busca. Era uma estalagem pequena chamada O Touro Preto.

Antes de me tornar aprendiz do Mago, nunca ficara numa estalagem, pois nunca precisara de me afastar muito da fazenda do

meu pai. Desde então, passara a noite talvez numa meia dúzia delas. Deveriam ter sido muito mais, pois andávamos com frequência na estrada, às vezes vá-

rios dias seguidos, mas o Mago gostava de poupar dinheiro e, a menos que o tempo estivesse realmente mau, achava que uma árvore ou um velho celeiro proporciona-vam abrigo suficiente para a noite. Mesmo assim, esta era a primeira estalagem onde ficava sozinho, e quando transpus a porta, senti-me um pouco nervoso.

A entrada estreita dava acesso a uma sala grande e sombria, iluminada por uma única lanterna. Estava cheia de mesas e cadeiras vazias, com um balcão de madeira ao fundo. O balcão cheirava fortemente a vinagre mas não tardei a perceber que era apenas da cerveja azeda que se infiltrara na madeira. Havia um pequeno sino suspenso de uma corda à direita do balcão, por isso toquei-o.

Abriu-se logo uma porta por detrás do balcão e apareceu um homem careca, a limpar as mãos grandes a um avental enorme imundo.

— Gostaria de um quarto para esta noite, por favor

— disse, acrescentando rapidamente —, posso vir a ficar mais tempo.

Olhou-me como se eu fosse algo que ele encontrara na sola do sapato, mas quando exhibi a moeda de prata e a coloquei em cima do balcão, a sua expressão tornou-se muito mais simpática.

— O cavalheiro vai querer cear? — perguntou.

Abanei a cabeça. Fosse como fosse, estava de jejum, mas bastou olhar para o avental dele todo cheio de nódoas para perder logo o apetite.

Passados cinco minutos encontrava-me no meu quarto com a porta trancada. A cama estava por fazer e os lençóis imundos. Sabia que o Mago teria se queixado, mas eu só queria dormir e sempre era melhor do que um celeiro cheio de correntes de ar. No entanto, quando olhei pela janela, senti saudades de Chipenden.

Em vez do caminho branco que atravessava o relvado verde até ao jardim ocidental e da minha habitual vista de Parlick Pike e das outras extensões rochosas, tudo o que conseguia ver era uma fila de casas sujas em frente, cada uma com uma chaminé a despejar nuvens de fumaça negra na rua.

Resolvi deitar-me em cima da cama e, agarrando ainda as abas do saco do Mago, adormeci rapidamente.

Pouco depois das oito da manhã seguinte dirigi-me à catedral. Deixara o saco trancado dentro do quarto porque teria parecido estranho levá-lo para uma cerimônia fúnebre. Estava um pouco ansioso por deixá-lo na estalagem mas o saco tinha uma fechadura e a porta também e ambas as chaves estavam na segurança do meu bolso.

Trazia também uma terceira chave.

O Mago dera-me quando eu fora a Horshaw resolver o assunto do estripador. Fora feita pelo seu outro ir-mão, Andrew, o serralheiro, e abria a maior parte das fechaduras desde que não fossem complexas demais. Devia tê-la devolvido mas sabia que o Mago tinha mais de uma e, como não a pedira, eu guardara-a. Dava bastante jeito, assim como a pequena caixa de mechas que o meu pai me oferecera quando eu iniciara o meu aprendizado. Andava também sempre comigo no bolso. Pertencera ao pai dele e era uma herança de família mas algo bastante útil para al-guém que seguia o ofício de Mago.

Não tardei a começar a subir a colina, com o campanário à minha esquerda. A manhã estava úmida, um chuvisco constante a cair-me

no rosto, e afinal não me enganara a respeito do campanário. Pelo menos o seu terço superior ficava escondido pelas nuvens cinzentas que avançavam rapidamente de sudoeste. O ar cheirava mal por causa dos esgotos, e cada casa tinha uma chaminé fumegante, a maior parte da fumaça descendo até ao nível da rua.

Muita gente subia apressada a colina. Uma mulher passou por mim quase a correr, arrastando duas crianças mais depressa do que as perninhas delas conseguiam acompanhar.

— Vamos! Apressem-se! — ralhou ela. — Vamos chegar atrasados.

Por um momento, perguntei-me se também iam ao funeral mas parecia improvável porque os seus rostos estavam muito animados. Mesmo no topo a colina aplanava e virei à esquerda na direção da catedral. Aqui, uma multidão excitada enchia ansiosamente ambos os lados da rua, como se aguardasse algo. Bloqueava o passeio, e tentei abrir caminho o mais cuidadosamente possível. Pedia constantemente desculpa, desesperado por não pisar os pés de ninguém, mas as pessoas acabaram por estar tão densamente apinhadas que tive de parar e esperar com elas.

Não tardou muito. Irromperam subitamente à minha direita sons de aplausos e vivas. Ouvi acima deles o *clip-clop* de cascos a aproximar-se. Um enorme cortejo avançava na direção da catedral, os dois cavaleiros da frente envergando chapéus e capas pretas e usando espadas no cinto. Atrás deles vinham mais cavaleiros, estes armados com punhais e enormes bastões, dez, vinte, cinquenta, até que por fim apareceu um homem montando um gigan-tesco garanhão branco.

Trazia uma capa preta, mas por debaixo dela via-se uma dispendiosa cota de malha no pescoço e nos pulsos e a espada no seu cinto tinha um punho com rubis incrustados. As suas botas eram de couro muito fino e provavelmente valiam mais do que um agricultor ganhava num ano.

As roupas e o porte do cavaleiro assinalavam-no como líder, mesmo que vestisse andrajos, não haveria a menor dúvida. Tinha cabelo muito louro, que aparecia por debaixo de um chapéu de aba larga vermelho, e olhos tão azuis que envergonhavam um céu azul de Verão. Fiquei fascinado com o rosto dele. Era quase belo demais para ser de um homem, mas ao mesmo tempo era forte, com um queixo saliente e uma testa determinada. Depois olhei melhor para os olhos azuis e vi a crueldade que irradiava deles.

Fez-me lembrar um cavaleiro que vira uma vez passar pela nossa fazenda, quando era pequeno. Nem sequer olhara na nossa direção. Para ele nós não existíamos.

Bem, pelo menos foi o que o meu pai disse. Ele referiu também que o homem era nobre, que via só de olhar para ele que provinha de uma família que sabia quem eram os seus antepassados ao longo de várias gerações, todos eles ricos e poderosos.

Ao dizer a palavra «nobre» o meu pai cuspira para a lama e dissera-me que eu tinha sorte por ser filho de um agricultor com um dia honesto de trabalho pela frente.

Este homem que cavalgava por Priestown era também manifestamente nobre e tinha a arrogância e a auto-ridade estampadas por todo o rosto. Para meu choque e desalento, percebi que devia estar a olhar para o Inquisidor, pois atrás dele vinha uma enorme carroça aberta puxada por dois cavalos de carga e havia pessoas de pé ao fundo presas com correntes.

Na sua maior parte eram mulheres, mas havia também dois homens. A maioria parecia que não comia devidamente há muito tempo. Vestiam roupas imundas e muitos haviam sem dúvida sido espancados. Estavam todos cobertos de equimoses e o olho esquerdo de uma mulher parecia um tomate podre. Algumas das mulheres lamuriavam-se desesperadamente, as lágrimas a escorrer-lhes pelas faces. Uma gritava sem parar a plenos pulmões que era

inocente. Mas em vão. Eram todos prisioneiros, e não tardariam a ser julgados e queimados.

Uma mulher jovem correu subitamente para a carroça estendendo a mão para um dos prisioneiros e tentando desesperadamente entregar-lhe uma maçã. Talvez fosse parente do prisioneiro — possivelmente uma filha.

Para meu horror, o Inquisidor limitou-se a virar a sua montada e passar-lhe por cima. Num momento estava a segurar a maçã; no seguinte encontrava-se estendida nas pedras a gritar de dor. Vi a expressão cruel no rosto dele.

Gostara de machucá-la. Quando a carroça passou, seguida de uma escolta de ainda mais cavaleiros armados, os vivas da multidão transformaram-se em uivos de injúria e gritos de: «Queimem todos!»

Foi então que reparei na garota acorrentada entre os outros prisioneiros. Não seria mais velha do que eu e os seus olhos estavam arregalados e assustados. O cabelo preto colava-se à testa com a chuva, que lhe escorria do nariz e da extremidade do queixo como lágrimas. Olhei para o vestido preto que usava, depois mirei os sapatos bicudos, nem querendo acreditar no que via.

Era Alice. E fora feita prisioneira do Inquisidor.

CAPÍTULO 5

O FUNERAL

A minha cabeça turbilhonava devido àquilo que presenciara. Tinham passado vários meses desde a última vez que vira Alice. A tia dela, Lizzie dos Ossos, era uma bruxa de que eu e o Mago tínhamos tratado, mas Alice, ao contrário do resto da família, não era realmente má. Na verdade, ela era o mais parecido com uma amiga

que alguma vez eu tivera, e fora graças a ela que alguns meses atrás eu conseguira destruir Mãe Malkin — a pior bruxa do Condado.

Não, Alice fora apenas criada em más companhias.

Não podia deixá-la arder na fogueira como bruxa. Tinha de conseguir descobrir uma maneira de salvá-la, mas naquele momento não fazia a menor idéia de como poderia ser. Decidi que mal o funeral terminasse, teria de ir tentar convencer o Mago a ajudar.

E depois havia o Inquisidor. Que incrível azar a nossa visita a Prieststown ter logo de coincidir com a chegada dele. O Mago e eu corríamos sério perigo. Certamente agora o meu mestre não podia ficar aqui depois do funeral. Uma enorme parte de mim esperava que ele quisesse partir logo e não enfrentar o Destruidor. Mas eu não podia deixar Alice sofrer semelhante destino.

Depois de a carroça passar, a multidão precipitara-se e começara a seguir o cortejo do Inquisidor. Entala-do num ombro a ombro, não tive outro remédio senão avançar também. A carroça passou pela catedral e parou à porta de uma casa grande de três andares e janelas com pinázios. Presumi que fosse o presbitério — a casa dos padres — e que os prisioneiros fossem ser julgados ali.

Retiraram-nos da carroça e arrastaram-nos lá para dentro, mas encontrava-me longe demais para ver bem Alice. Não havia nada que pudesse fazer mas teria de pensar rapidamente numa solução antes de a queimarem, o que não tardaria a acontecer.

Triste, virei as costas e abri caminho por entre a multidão até chegar à catedral e ao funeral do padre Gregory. O edifício tinha grandes contrafortes e janelas altas e pontiagudas com vitrais. Depois, lembrando-me do que o mago me dissera, olhei para a enorme gárgula de pedra por cima da porta principal.

Era uma representação da forma original do Destruidor, a forma que ele tentava lentamente retomar à medida que ia ficando mais forte

lá em baixo nas catacumbas.

O corpo, coberto de escamas, estava acorado, com músculos tensos e nodosos, compridas garras afiadas a segurar o lintel de pedra. Estava a postos para saltar.

Já vira coisas aterradoras na minha vida, mas nunca nada tão feio quanto aquela cabeçorra. Tinha um queixo alongado que curvava para cima quase até ao nível do focinho comprido, e olhos maldosos que pareceram seguir-me quando me encaminhei para lá. As orelhas também eram estranhas, e não destoariam num cão grande ou mesmo num lobo. Nada que agradasse enfrentar na escuridão das catacumbas!

Antes de entrar, olhei mais uma vez para trás, na direção do presbitério, perguntando-me se haveria realmente alguma esperança de salvar Alice.

A catedral estava quase vazia, de modo que procurei um lugar na retaguarda. Ali próximo, duas velhotas estavam ajoelhadas em prece, cabisbaixas, e um menino de coro andava ocupado a acender as velas.

Tive muito tempo para olhar à minha volta. A catedral parecia ainda maior por dentro, com o teto alto e enormes vigas de madeira; até a mais ligeira tossidela ficava a ecoar para sempre. Havia três naves — a do meio, que conduzia diretamente aos degraus do altar, era suficientemente ampla para lá caber um cavalo e a carroça.

Este lugar era grandioso, sim: cada estátua à vista era dourada e até as paredes estavam cobertas de mármore.

Não tinha nada a ver com a igrejinha em Horshaw onde o irmão do Mago exercera o seu ofício.

Na parte da frente da nave central estava o caixão do padre Gregory, aberto, com uma vela em cada canto.

Nunca vira semelhantes velas na minha vida. Cada uma, colocada num enorme castiçal de latão, era maior do que um homem.

As pessoas tinham começado a afluir à igreja. Entravam sozinhas e de duas em duas e, tal como eu, esco-lhiam os bancos de trás. Não deixei de procurar o Mago mas por enquanto não havia sinal dele.

Não pude deixar de olhar à minha volta, procurando vestígios do Destruidor. Não sentia efetivamente a sua presença, mas talvez uma criatura tão poderosa conseguisse sentir a minha. E se os rumores fossem verdade? E

se ele tivesse mesmo forças para assumir uma forma física e estivesse aqui sentado na congregação! Olhei à minha volta com nervosismo mas depois descontraí quando me lembrei do que o Mago me dissera. O Destruidor estava aprisionado nas catacumbas lá bem em baixo; por isso, no momento, eu estava sem dúvida seguro.

Mas estaria mesmo? A sua mente era muito forte, dissera o meu mestre, e conseguia chegar ao presbitério ou à catedral para influenciar e corromper os padres. Talvez neste preciso momento estivesse a tentar entrar na minha cabeça! Olhei para cima, horrorizado, e reparei numa mulher que voltava ao seu lugar depois de prestar a última homenagem ao padre Gregory. Reconheci-a imediatamente como a governanta que estava a chorar e ela também me identificou naquele momento. Estacou ao fundo do meu banco.

— Por que chegou tão tarde? — demandou num murmúrio alto. — Se tivesse vindo assim que lhe mandei chamar, ele ainda estaria vivo hoje.

— Fiz o melhor que podia — respondi, tentando não despertar demais as atenções sobre nós.

— Às vezes, o nosso melhor não é o suficiente, não é? — retrucou.
— O Inquisidor tem razão a seu respeito, vocês não trazem senão problemas e merecem tudo o que lhes acontecer.

Ao ouvir o nome do Inquisidor, sobressaltei-me, mas tinham começado a entrar muitas pessoas, todas elas vestindo batinas e casacos pretos. Padres — dúzias deles!

Nunca julgara ver tantos num só lugar ao mesmo tempo.

Era como se todos os clérigos no mundo inteiro se tivessem reunido ali para o funeral do velho padre Gregory.

Mas eu sabia que isso não era verdade e que eles eram os únicos que viviam em Priestown e talvez alguns das aldeias e cidades vizinhas. A governanta não disse mais nada e voltou apressada para o seu banco.

Agora é que eu ficara realmente assustado. Eis-me aqui, sentado na catedral, mesmo por cima das catacumbas que abrigavam a criatura mais temível do Condado, numa altura em que o Inquisidor estava de visita — e tinham-me reconhecido. Queria desesperadamente afastar-me o mais possível daquele lugar e olhava ansiosamente à minha volta à procura de qualquer indício do meu mestre, mas não o conseguia ver. Estava precisamente a decidir que provavelmente me deveria vir embora, quando de repente as portas grandes da igreja foram escancaradas e entrou um longo cortejo. Não havia fuga possível.

A princípio, julguei que o homem à cabeça fosse o Inquisidor, pois possuía feições familiares. Mas era mais velho e lembrei-me de o Mago haver referido que o Inquisidor tinha um tio que era bispo de Priestown; calculei que fosse ele.

A cerimônia começou. Houve muitos cânticos e levantamo-nos, sentamo-nos e ajoelhamo-nos infinitamente. Mal nos tínhamos instalado numa posição logo tínhamos de nos voltar a mexer. Agora,

se a cerimônia fúnebre tivesse sido em grego, talvez eu pudesse entender muito melhor o que se passava porque a minha mãe me ensinara aquela língua quando eu era pequeno. Mas a maior parte do funeral do padre Gregory foi em latim.

Consegui acompanhar uma parte da cerimônia, mas fez-me perceber que tinha de me esforçar muito mais nas minhas aulas.

O bispo referiu que o padre Gregory estava no Céu, dizendo que merecia estar lá depois de todo o bem que praticara. Fiquei um pouco surpreendido por ele não fazer qualquer alusão à forma como o padre Gregory morrera, mas acho que os padres queriam guardar aquele segredo. Provavelmente estariam relutantes em admitir que o exorcismo dele falhara.

Por fim, passada quase uma hora, a cerimônia fú-

nebre terminou e o cortejo abandonou a igreja, desta vez com seis padres carregando o caixão. Os quatro padres grandes que seguravam as velas tinham a tarefa mais difícil porque vacilavam sob o seu peso. Só quando o último passou, seguindo atrás do caixão, é que reparei na base triangular do enorme castiçal de latão.

Em cada uma das três faces estava uma representa-

ção viva da feia gárgula que vira antes por cima da porta da catedral. E, apesar de provavelmente se dever ao tremular da chama, mais uma vez os seus olhos pareceram seguir-me enquanto o padre passava lentamente carregando a vela.

Todos os padres saíram em fila para se juntar ao cortejo e a maior parte das pessoas lá atrás seguiu-os, mas deixei-me ficar por um bom tempo dentro da igreja, pois queria manter-me afastado da governanta.

Não sabia o que fazer. Não vira o Mago e não tinha idéia de onde ele estaria instalado ou como poderia voltar a encontrar-me com ele.

Precisava avisá-lo sobre o Inquisidor — e já agora sobre a governanta.

Lá fora, a chuva parara e o pátio na frente da catedral estava vazio. Olhando para a minha direita, consegui ver a cauda do cortejo a desaparecer nas parte de trás da catedral onde era parecia ficar o cemitério.

Decidi ir pelo outro lado, pelo portão da frente e sair para a rua, mas tive um grande choque. Do outro lado da rua, duas pessoas travavam uma acesa conversa. Mais precisamente, o excitação partia de um padre irado, de rosto congestionado e com a mão ligada. O outro homem era o Mago.

Pareceram ambos dar pela minha presença ao mesmo tempo. O Mago fez um gesto com o polegar, indicando-me que me afastasse imediatamente. Acatei a ordem dele e o meu mestre seguiu-me, mantendo-se do outro lado da rua.

O padre gritou atrás dele: — Pense bem, John, antes que seja tarde demais.

Arrisquei olhar para trás e vi que o padre não nos seguira mas parecia olhar-me fixamente. Era difícil ter certeza, porém ocorreu-me subitamente que ele parecia bem mais interessado em mim do que no Mago.

Continuamos a descer durante vários minutos antes de o piso ficar plano. A princípio não havia por ali muitas pessoas mas em breve as ruas se tornaram mais estreitas e bem mais azafamadas, e depois de mudarmos duas vezes de direção, chegamos ao mercado lajeado. Era uma praça enorme e movimentada, cheia de bancas, que estavam protegidas por estruturas de madeira cobertas de toldos cinzentos à prova de água. Segui o Mago por entre a multidão, às vezes quase mesmo atrás dele. O que mais podia eu fazer? Teria sido fácil perdê-lo num lugar como aquele.

Havia uma taberna grande no extremo norte do mercado, com bancos vazios no exterior e o Mago encaminhou-se logo para lá. A princípio julguei que fosse entrar e perguntei-me se íamos comprar o almoço. Se ele tencionasse partir por causa do Inquisidor, não haveria necessidade de jejuar. Mas ele virou antes num beco estreito empedrado, conduziu-me a um muro baixo de pedra e limpou a seção mais próxima com a manga. Quando tinha retirado já a maior parte das gotas de água, sentou-se e fez-me sinal para que o imitasse.

Sentei-me e olhei à minha volta. O beco estava deserto e as paredes dos armazéns cercavam-nos em três lados. Havia poucas janelas e apresentavam-se partidas e manchadas de fuligem pelo que pelo menos estávamos longe de olhos curiosos.

O Mago ficara sem fôlego da caminhada e assim tive oportunidade de falar primeiro.

— O Inquisidor está aqui — disse-lhe.

O Mago anuiu. — Sim, rapaz, ele está aqui. Eu me encontrava do outro lado da rua mas você estava ocupado demais olhando para a carroça para reparar em mim.

— Mas não a viu? Alice vinha na carroça. .

— Alice? Qual Alice?

— A sobrinha de Lizzie dos Ossos. Temos de ajudá-la...

Conforme mencionei antes, Lizzie dos Ossos era uma bruxa de que tínhamos tratado na Primavera. Agora o Mago aprisionara-a num poço, lá no seu jardim em Chipenden.

— Oh, essa Alice. Bem, é melhor que a esqueça, rapaz, porque não há nada a fazer. O Inquisidor é acompanhado de pelo menos cinquenta homens armados.

— Mas não é justo — insurgi-me, mal podendo acreditar que ele conseguisse se manter tão calmo. — Alice não é uma bruxa.

— Muito pouca coisa nesta vida é justa — replicou o Mago. — A verdade é que nenhuma delas são bruxas.

Como muito bem sabe, uma verdadeira bruxa teria pres-sentido a presença do Inquisidor a uma distância de quilômetros.

— Mas Alice é minha amiga. Não posso deixá-la morrer! — protestei, sentindo a raiva brotar dentro de mim. — Não há tempo para sentimentalismos. A nossa tarefa é proteger as pessoas do escuro, não distrairmo-nos com garotas bonitas.

Fiquei furioso — especialmente porque sabia que o próprio Mago em tempos já se distraíra com uma garota bonita — e que essa era *realmente* uma bruxa. — Alice ajudou a salvar a minha família de Mãe Malkin, lembra-se?!

— E por que estava Mãe Malkin, antes de mais, em liberdade, rapaz, responde-me lá!

Baixei a cabeça, envergonhado.

— Porque você mesmo se envolveu com aquela garota — continuou ele —, e não quero que isso volte a acontecer. Especialmente não aqui em Priestown, com o Inquisidor tão em cima de nós. Irás pôr a sua própria vida em perigo — e a minha. E baixe essa voz. Não queremos despertar atenções indesejadas.

Olhei à minha volta. Para além de nós, o beco estava deserto. Podiam ver-se algumas pessoas passar à entrada, mas estavam a alguma distância e nem sequer olha-vam na nossa direção. Conseguia ver para lá delas os telhados no outro extremo da praça do mercado e, erguendo-se acima das chaminés, o campanário da catedral. Mas quando voltei a falar, baixei a voz.

— Afinal o que faz aqui o Inquisidor? — perguntei.

— Não tinha me dito que o trabalho dele era lá no Sul e só vinha para norte quando o mandavam chamar?

— Isso é quase tudo verdade, mas por vezes ele prepara uma expedição até ao Norte do Condado e mesmo para lá dele. Parece que nas últimas semanas tem andado a bater à costa, capturando a pobre escória da hu-manidade que trouxe acorrentada naquela carroça.

Fiquei aborrecido quando ele disse que Alice fazia parte daquela escória porque sabia que isso não era verdade. No entanto, o momento não era propício a que se continuasse a discussão, de modo que parei por ali.

— Mas estaremos bastante seguros em Chipenden

— prosseguiu o Mago. — Ele nunca se aventurou a vir na direção das extensões rochosas.

— Nesse caso vamos regressar já? — inquiri.

— Não, rapaz, ainda não. Já te disse antes, tenho um assunto pendente nesta cidade.

O coração caiu-me aos pés e olhei na direção da entrada do beco, pouco tranquilo. As pessoas continuavam a passar apressadas, tratando da sua vida, e ouvia alguns tendeiros a gritar o preço dos seus produtos. Mas, apesar de haver muito barulho e azáfama, felizmente es-távamos longe da vista. Não obstante, ainda não me sentia tranquilo. Era provável mantermo-nos afastados um do outro. O padre no exterior da catedral reconhecera o Ma-go. A governanta reconhecera-me também. E se aparecesse mais alguém no beco que nos reconhecesse aos dois e fôssemos ambos presos? Estariam na cidade muitos padres do Condado e eles podiam conhecer de vista o Mago.

A única boa notícia era que de momento eles estavam provavelmente todos ainda no cemitério.

— Aquele padre com quem estava a falar antes, quem era? Pareceu-me que o conhecia. Acha que ele não irá contar ao Inquisidor que o senhor se encontra aqui? —

perguntei, curioso em saber se algum lugar era realmente seguro. Cá para mim, aquele padre de rosto vermelho no exterior da catedral poderia mesmo encaminhar o Inquisidor para Chipenden. — Oh, e há mais uma coisa. A governanta do seu irmão me reconheceu no funeral. Estava muito aborrecida. É capaz de ir dizer a alguém que estamos aqui.

Pareceu-me que estávamos a correr um sério risco ao ficarmos em Priestown enquanto o Inquisidor estivesse na zona.

— Acalme-se, rapaz. A governanta não irá contar a ninguém. Ela e o meu irmão não estavam propriamente livres de pecado. E quanto àquele padre — disse o Mago com um ténue sorriso —, é o padre Cairns. É da família, meu primo. Um primo abelhudo que às vezes se excede um pouco, mas não deixa de ser bem-intencionado. Está sempre tentando salvar-me de mim mesmo e a querer levar-me para o caminho da «probidade». Mas está a gastar o seu latim. Já escolhi o meu caminho — e, certo ou errado, é aquele que trilho.

Naquele momento, ouvi passos e o coração saltou-me para a boca. Entrara alguém no beco e vinha mesmo direto a nós!

— Já agora, por falar em família — afirmou o Ma-go, nada preocupado —, aí vem outro membro. Este é o meu irmão Andrew.

Aproximava-se de nós pelo empedrado um homem alto de corpo magro e rosto triste e ossudo. Parecia ainda mais velho do que o Mago e fez-me lembrar um espanta-lho bem vestido, pois, apesar de calçar botas de boa qualidade e roupas limpas, as suas vestes

agitavam-se ao vento. Parecia ainda mais necessitado de um bom desjejum do que eu.

Sem se preocupar em limpar as gotas de água, sentou-se no muro do outro lado do Mago.

— Calculei que fosse te encontrar aqui. Um assunto lamentável, irmão — afirmou, com ar melancólico.

— Sim — disse o Mago. — Já só restamos dois agora. Cinco irmãos mortos e enterrados.

— John, tenho de te avisar, o Inqui. .

— Sim, eu sei — referiu o Mago, com uma certa impaciência na voz.

— Nesse caso têm de partir. Isto aqui não é seguro para nenhum de vocês — avisou o irmão, baixando-me a cabeça.

— Não, Andrew, nós não vamos a lado nenhum até eu fazer o que tem de ser feito. Por isso, gostaria que me voltasse a fabricar uma chave especial — pediu-lhe o Mago. — Para o portão.

Andrew sobressaltou-se. — Não, John, não seja tolo — disse ele, abanando a cabeça. — Eu não teria vindo aqui se soubesse o que pretendia. Já se esqueceu da maldição?

— Shhh — disse o Mago. — Em frente do rapaz não. Guarde as auas superstições absurdas para si.

— Maldição? — inquiri, subitamente curioso.

— Vê o que fez? — ralhou o meu mestre com o irmão.

— Não é nada — disse, virando-se para mim. —

Não acredito em semelhantes disparates e você também não devia.

— Enterramos um irmão hoje — comentou Andrew. — Agora vá embora, antes que eu me veja a enter-rar outro. O Inquisidor adoraria por as mãos no Mago do Condado. Volte para Chipenden enquanto ainda pode.

— Eu não vou embora, Andrew, e está decidido.

Tenho um trabalho a fazer aqui, com Inquisidor ou sem Inquisidor — frisou o Mago com veemência. — Então, vai ajudar-me ou não?

— A questão não é essa, e você sabe bem! — insistiu Andrew.

— Sempre te ajudei noutras ocasiões, não ajudei?

Alguma vez te decepcionei? Mas isto é loucura. Arrisca-se a ir para a fogueira estando aqui. Esta não é a ocasião para voltar a interferir com aquela coisa — disse, gesticulando na direção da entrada do beco e erguendo os olhos para o campanário. — E pense no rapaz — não pode ser arrastado para isto. Não agora. Volte na Primavera quando o Inquisidor tiver partido e tornaremos a falar. Não seja tolo ao tentar algo neste momento. Não consegue lidar com o Destruidor e o Inquisidor — já não é mais jovem e, pelo seu aspecto, não me parece nada bem de saúde.

Enquanto eles falavam, olhei para o campanário.

Desconfiara que pudesse ser visto de quase qualquer lugar na cidade e que toda a cidade fosse também visível do campanário. Havia quatro janelas pequenas perto do topo, mesmo abaixo da cruz. Dali, era possível ver todos os telhados de Priestown, a maior parte das ruas e muitas das pessoas, inclusive nós.

O Mago dissera-me que o Destruidor era capaz de usar as pessoas, introduzir-se-lhes nas mentes e ver através dos olhos delas. Senti um arrepio ao pensar se um dos padres estaria lá em cima neste momento, o Destruidor a usá-lo para nos observar da escuridão dentro do campaná-

rio.

Mas o Mago estava mesmo decidido. — Vamos, Andrew, pense bem! Quantas vezes me disse que o escuro estava a ficar mais forte nesta cidade? Que os padres estavam se tornando mais corruptos, que as pessoas têm me-do? E pensa nos duplos dízimos e no Inquisidor a roubar terras e a queimar mulheres e meninas inocentes. O que fez mudar os padres e corrompê-los tanto? Que força terrível obriga homens bons a infligir semelhantes atrocidades ou a deixá-las simplesmente acontecer?

«Ora, hoje mesmo aqui o rapaz viu a sua amiga ser levada numa carroça para a morte certa. Sim, a culpa é do Destruidor, e ele tem de ser imediatamente sustido. Acha realmente que posso permitir que isto se prolongue por mais meio ano? Quantas pessoas inocentes mais terão sido queimadas até lá, ou morrerão neste Inverno devido à pobreza, à fome e ao frio se eu não fizer algo? A cidade pu-lula de rumores de visões lá em baixo nas catacumbas. Se forem verdade, então o Destruidor está a ganhar força e poder, transformando-se de um espírito numa criatura com forma física. Em breve pode retomar o seu aspecto original, uma manifestação do espírito mau que tiranizou a Gente Pequena. E depois o que vai ser de todos nós? Não será então fácil para ele aterrorizar e iludir alguém levando-o a abrir aquele portão? Não, é claro como água. Tenho de agir agora para livrar Priestown do escuro antes que o poder do Destruidor fique ainda mais forte. Por isso vou perguntar-te de novo, mais uma vez. Me fará uma chave? Por um momento, o irmão do Mago cobriu o rosto com as mãos tal como uma das velhotas a dizer as suas preces na igreja. Por fim, levantou a cabeça e anuiu.

— Ainda tenho o molde da última vez. Terei a chave pronta amanhã logo pela manhã. Devo ser mais tolo do que você — referiu.

— Discordo — replicou o Mago. — Eu sabia que não ia me decepcionar. Virei buscá-la ao raiar do dia.

— Desta vez espero que saiba o que está fazendo quando for lá a baixo!

O rosto do Mago ficou vermelho de raiva.

— Faça o seu trabalho, irmão, que eu farei o meu!

— ripostou. Dito aquilo, Andrew levantou-se, soltou um suspiro cansado e afastou-se sem olhar sequer uma vez para trás.

— Bem, rapaz — disse o Mago —, vá você primeiro. Volte para o seu quarto e não saia de lá até amanhã. A oficina de Andrew fica em Friargate. Já terei ido buscar a chave e estarei pronto para me encontrar com você cerca de vinte minutos depois da alvorada. Não deverá haver muitas pessoas àquela hora madrugadora.

Lembra-se onde estava hoje quando o Inquisidor passou a cavalo?

Confirmei com um aceno de cabeça.

— Apareça na esquina mais próxima. Não se atrase.

E lembre-se, temos de continuar a jejuar. Oh, e mais uma coisa: não se esqueça do meu saco. Acho que podemos vir a precisar dele.

A minha mente rodopiava no regresso à estalagem.

O que eu temia mais: um homem poderoso que me perseguiria e queimaria no poste? Ou uma criatura que venceria o meu mestre na sua juventude e, através dos olhos de um padre, podia estar a vigiar-me neste preciso momento das janelas no alto do campanário?

Quando olhei para a catedral os meus olhos captaram a negrura da batina de um padre ali perto. Desviei o olhar mas não sem antes reparar nele: o padre Cairns. Felizmente, o passeio encontrava-se ocupado e ele fitava em frente e nem sequer olhara na minha

direção. Fiquei aliviado, pois se ele tivesse me visto aqui, tão perto da minha estalagem, não teria de se esforçar muito para calcular onde eu poderia estar alojado. O Mago dissera que ele era inofensivo, mas eu não conseguia deixar de pensar que quanto menos gente soubesse quem éramos e onde está-

vamos, melhor. Mesmo assim o meu alívio foi de pouca duração pois, quando cheguei ao meu quarto havia um bilhete pregado na porta.

Thomas,

Se quer salvar a vida do seu mestre, venha ao meu confessionário esta tarde às sete, depois disso será tarde demais.

Padre Cairns

Senti um grande mal-estar. Como podia o padre Cairns ter descoberto onde eu me instalara? Teria alguém me seguido? A governanta do padre Gregory? Ou o estalajadeiro? Não me agradara nada o aspecto dele. Teria enviado uma mensagem para a catedral? Ou ao Destruidor?

Conheceria aquela criatura cada movimento meu? Teria dito ao padre Cairns onde me encontrar? O que quer que tivesse acontecido, os padres sabiam onde me alojara e, se dissessem ao Inquisidor, este poderia vir buscar-me a qualquer momento.

Abri apressadamente a porta do meu quarto e tranquei-a atrás de mim. A seguir corri as persianas, esperando desesperadamente que mantivessem afastados os olhos curiosos de Priestown. Fui ver se o saco do Mago continuava no lugar onde o deixara debaixo da minha cama, sem saber o que fazer. O Mago dissera-me para me manter no meu quarto até de manhã. Eu sabia que ele não haveria de querer que eu fosse falar com o primo dele.

Dissera que era um padre intrometido. Estaria ele apenas a voltar a intrometer-se? Por outro lado, ele dissera-me que o padre Cairns era

bem-intencionado. Mas, e se o padre tivesse realmente conhecimento de algo que ameaçava o Mago? E se eu ficasse, o meu mestre podia acabar nas mãos do Inquisidor. No entanto, se fosse à catedral, estaria a meter-me diretamente na boca do Inquisidor e do Destruidor! O funeral já fora bastante perigoso. Poderia eu realmente voltar a abusar da minha sorte?

O que eu deveria realmente ter feito era contar ao Mago da mensagem. Mas não podia. Para já, ele não me dissera onde estava instalado.

«Confie nos seus instintos», sempre me ensinara o Mago, e então decidi-me finalmente. Resolvi ir falar com o padre Cairns.

CAPÍTULO 6

UM PACTO COM O INFERNO

Concedendo-me bastante tempo, caminhei lentamente pelas ruas úmidas empedradas. As palmas das minhas mãos estavam suadas dos nervos e os meus pés pareciam relutantes em avançar na direção da catedral. Era como se eles tivessem mais juízo do que eu e precisei de fazer um esforço para colocar um pé diante do outro. Mas a tarde estava fria, e felizmente não havia muita gente por ali. Não passei sequer por um padre.

Cheguei à catedral cerca das dez para as sete e, ao transpor o portão para o grande pátio lajeado da entrada, não pude deixar de olhar para a gárgula por cima da porta principal. A cabeça feia parecia maior do que nunca e os olhos pareciam conter ainda vida; seguiram-me enquanto me encaminhava para a porta. O comprido queixo curvava tanto para cima que quase se unia ao focinho, tornando-a diferente de qualquer criatura que eu alguma vez vira.

Para além das orelhas caninas e uma comprida língua a sair-lhe da boca, dois cornos curtos curvavam para cima desde o crânio e, de repente, fez-me lembrar uma cabra.

Desviei o olhar e entrei na catedral, arrepiando-me da mera estranheza da criatura. Dentro do edifício, os meus olhos levaram alguns momentos a adaptar-se ao escuro, e para meu alívio vi que o lugar estava quase vazio.

Senti medo por duas razões. Em primeiro lugar, não me agradava estar dentro da catedral, onde podiam aparecer padres a qualquer instante. Se o padre Cairns estava me enganando, então eu fora direitinho à armadilha dele. Em segundo, encontrava-me agora em território do Destruidor. O dia não tardaria a recolher-se, e assim que o Sol se pusesse, o Destruidor, tal como todas as criaturas do escuro, seria bem mais perigoso. Talvez então a sua mente pudesse sair das catacumbas e vir à minha procura.

Tinha de resolver o assunto o mais rapidamente possível.

Onde ficava o confessionário? Havia apenas duas velhotas ao fundo da catedral, mas estava um homem ajoelhado perto da frente, junto da pequena porta de um compartimento de madeira encostado à parede de pedra.

Fiquei plenamente esclarecido. Havia um compartimento idêntico um pouco mais adiante. Cada um tinha uma vela encaixada por cima e dentro de um suporte de vidro azul. Mas apenas a mais próxima do homem ajoelhado fora acesa.

Avancei pela nave do lado direito e ajoelhei no banco atrás dele. Passados alguns instantes, a porta do confessionário abriu-se e saiu uma mulher usando um véu preto. Atravessou a nave e ajoelhou num banco mais atrás enquanto o homem entrava.

Dali a pouco ouvi-o murmurar. Nunca na vida estivera num confessionário, mas fazia uma idéia jeitosa do que acontecia. Um dos irmãos do pai tornara-se muito religioso antes de morrer. O pai chamava-lhe sempre o Santo Joe, mas o seu nome verdadeiro era Matthew. Ia confessar-se duas vezes por semana e depois de ouvir os pecados dele o padre dava-lhe uma grande penitência. Isso

significava que depois tinha de dizer muitas preces sucessivamente. Calculei que o velho estivesse a falar dos seus pecados ao padre.

A porta manteve-se fechada durante o que pareceu uma eternidade e comecei a ficar impaciente. Ocorreu-me outra idéia: e se não fosse o padre Cairns quem estava lá dentro mas algum outro padre? Teria realmente de me confessar, senão iria levantar muitas suspeitas. Procurei pensar em alguns pecados que pudessem parecer convincentes. Seria a ganância um pecado? Ou chamavam-lhe gula? Bem, eu gostava sem dúvida de comer, mas não ingerira nada o dia inteiro e o meu estômago começava a roncar. De repente pareceu-me uma loucura estar a fazer isto. Dentro de momentos poderia acabar feito prisioneiro.

Entrei em pânico e levantei-me para ir embora. Só então reparei com alívio num pequeno cartão colocado num suporte na porta. Estava lá escrito um nome: PADRE CAIRNS.

Naquele momento a porta abriu-se e o velhote saiu, de modo que ocupei o lugar dele no confessionário e fechei a porta atrás de mim. Era pequeno e estava escuro lá dentro e, quando ajoelhei, o meu rosto ficou muito pró-

ximo de uma grelha de metal. Por detrás da grelha havia uma cortina castanha e, em algum lugar para lá dela, uma vela a tremular. Não consegui ver nenhum rosto através da grelha, apenas o contorno sombrio de uma cabeça.

— Gostaria que o ouvisse em confissão? — A voz do padre tinha uma pronúncia carregada do Condado e respirava ruidosamente.

Limitei-me a encolher os ombros. Percebi depois de que ele não conseguia me ver bem através da grelha.

— Não, Padre — respondi —, mas agradeço mesmo assim. Sou Tom, o aprendiz de Mr. Gregory. O

senhor queria falar comigo.

Seguiu-se uma ligeira pausa antes de o padre Cairns falar.

— Ah, Thomas, ainda bem que veio. Chamei-o aqui porque preciso realmente de falar com você. Preciso de te contar algo muito importante, por isso quero que fique aqui até eu terminar. Prometa-me que não vai embora antes de eu te dizer o que tenho a dizer?

— Ouvirei — respondi, na dúvida. Agora tinha receio de fazer promessas. Na Primavera, fizera uma promessa a Alice e acabara por me ver envolvido numa série de problemas.

— É um bom rapaz — disse ele. — Começamos uma tarefa importante com o pé direito. E sabe de que tarefa se trata?

Perguntei-me se estaria a falar do Destruidor, mas achei melhor não mencionar aquela criatura tão perto das catacumbas, de modo que referi: — Não, Padre.

— Bem, Thomas, temos de combinar os dois um plano para podermos salvar a sua alma imortal. Mas sabe o que tem de fazer para iniciar o processo, não sabe? Tem de se afastar de John Gregory. Tem de deixar de praticar aquela vil arte. Fará isso por mim?

— Julguei que quisesse falar comigo por causa de ajudar Mr. Gregory — referi, começando a irritar-me. —

Pensei que ele corresse perigo.

— E corre, Thomas. Estamos aqui para ajudar John Gregory, mas primeiro temos de te ajudar. Sendo assim, fará o que eu disser?

— Não posso — retorqui. — O meu pai pagou bom dinheiro pelo meu aprendizado e a minha mãe ficaria ainda mais desapontada, Ela diz que eu tenho um dom e que o devo usar para ajudar as pessoas.

E o que os magos fazem. Andamos de terra em terra a ajudar as pessoas quando correm perigo devido a coisas que saem do escuro.

Seguiu-se um longo silêncio. Tudo o que ouvia era a respiração do padre. Depois lembrei-me de outra coisa.

— Eu ajudei o padre Gregory, sabe — referi ata-balhoadamente. — Ele acabou por morrer, é certo, mas salvei-o de uma morte pior. Pelo menos morreu na cama, quentinho. Ele tentou livrar-se de um demônio — expliquei, levantando um pouco a voz. — Foi isso que o meteu em problemas, antes de mais nada. Mr. Gregory podia ter resolvido tudo por ele. Consegue fazer coisas que não estão ao alcance de um padre. Os padres não conseguem se livrar dos demônios porque não sabem como se faz. É

preciso mais do que algumas preces.

Sabia que não devia ter dito aquilo em relação às preces e calculei que ele fosse ficar muito irado. Mas não.

Manteve a calma e isso só serviu para piorar a situação.

— Oh, sim, é preciso muito mais — respondeu o padre Cairns tranquilamente, a sua voz pouco mais do que um murmúrio. — Muito, muito mais. Sabe qual é o segredo de John Gregory, Thomas? Sabe de onde provém o poder dele?

— Sim — referi, a minha própria voz subitamente muito mais calma. — Ele estudou durante anos, durante toda a sua vida de trabalho. Tem uma biblioteca cheia de livros, fez um aprendizado tal como eu, escutou com atenção o que o mestre dele disse e anotou tudo em livros de apontamentos, tal como eu faço agora.

— Acha que nós não fazemos o mesmo? São precisos longos anos de preparação para o sacerdócio. E os padres são homens inteligentes preparados por homens ainda mais inteligentes. Nesse caso, como foi que conseguiu o que o padre Gregory não conseguiu, não obstante o fato de ele ter lido do livro sagrado de Deus? Como

explica o fato de o seu mestre fazer rotineiramente o que o irmão dele não conseguiu?

— É porque os padres têm a preparação errada —

disse-lhe. — E por o meu mestre e eu sermos sétimos filhos de sétimos filhos.

O padre emitiu um ruído estranho por detrás da grelha. A princípio, julguei que se tivesse engasgado; depois percebi que ouvia gargalhadas. Estava rindo de mim.

Achei uma tremenda falta de educação. O meu pai dizia sempre que devíamos respeitar as opiniões das outras pessoas mesmo que por vezes parecessem tolas.

— Isso não passa de superstição, Thomas — respondeu por fim o Padre Cairns. — Ser o sétimo filho de um sétimo filho não significa nada. É apenas uma história disparatada. A verdadeira explicação para o poder de John Gregory é algo tão terrível que até estremeço só de pensar no assunto. Sabe, John Gregory fez um pacto com o Inferno. Vendeu a alma ao Diabo.

Não podia acreditar no que ele estava afirmando.

Quando abri a boca, não saíram quaisquer palavras, de modo que me limitei a abanar a cabeça.

— É verdade, Thomas. Todo o seu poder provém do Diabo. O que você e outras pessoas do Condado chamam demônios são apenas diabos menores que apenas se submeteram porque o amo deles os manda fazer isso.

Convém ao Diabo porque, em troca, um dia ele apode-rar-se-á da alma de John Gregory. E uma alma é preciosa para Deus, uma coisa que brilha e resplandece, e o Diabo fará qualquer coisa para sujá-la de pecado e arrastar para as chamas eternas do Inferno.

— E então eu? — indaguei, voltando a enfurecer-me. — Eu não vendi a minha alma. Mas salvei o padre Gregory.

— Isso é fácil, Thomas. Você é um servo do Mago, como lhe chama, que, por sua vez, é um servo do Diabo.

Por isso o poder do mal lhe é emprestado enquanto serve.

Mas, claro, se concluísse a sua aprendizagem no mal e tencionasse exercer a sua arte vil como mestre e não como aprendiz, então seria a sua vez. Também você teria de ceder a sua alma. John Gregory ainda não te contou nada porque é jovem demais, mas certamente o fará um dia. E

quando esse dia chegar, não ficará surpreendido porque recordará as minhas palavras neste momento. John Gregory cometeu muitos erros graves na sua vida e afastou-se muitíssimo da graça. Sabia que ele já foi padre?

Confirmei:

— Já sabia.

— E sabia que, tendo acabado de ser ordenado padre, resolveu abandonar a sua vocação? Sabia da ignomí-

nia dele?

Não respondi. Sabia que o padre Cairns me ia contar mesmo assim.

— Alguns teólogos têm defendido que uma mulher não tem alma. O debate prossegue, mas de uma coisa podemos estar certos, um padre não pode tomar uma esposa, porque o distrairia da sua devoção a Deus. O erro de John Gregory foi duplamente mau: não só se deixou distrair por uma mulher, como essa mulher já estava com-prometida com um dos seus próprios irmãos. A família ficou

destroçada. Irmão virado contra irmão por causa de uma mulher chamada Emily Burns.

Nesta altura, não gostava nem um pouco do padre Cairns e sabia que se ele tem falado com a minha mãe a respeito de as mulheres não terem alma, ela lhe teria dito poucas e boas. Mas estava curioso em relação ao Mago.

Primeiro ouvira falar de Meg e agora estavam me contan-do que, ainda antes disso, ele se envolvera com esta tal Emily Burns. Fiquei espantado e quis saber mais.

— Mr. Gregory casou-se com Emily Burns? — inquiri, sem quaisquer rodeios.

— Não aos olhos de Deus — respondeu o padre.

Ela era de Black-rod, onde a nossa família tem raízes, e vive lá sozinha até hoje. Há quem diga que eles discutiram, mas fosse como fosse, John Gregory acabou por arranjar outra mulher, que conheceu lá para o Norte do Condado e trouxe para sul. Chamava-se Margery Skelton, uma fa-mosa bruxa. Os habitantes locais conheciam-na como Meg, e com o tempo ela tornou-se temida e detestada em toda a extensão de Anglezarke Moor e nas cidades e aldeias a sul do Condado.

Fiquei calado. Sabia que ele esperava me ver chocado. E estava, com tudo o que ele contara, mas a leitura do diário do Mago em Chipenden preparara-me para o pior.

O padre Cairns soltou outro resfôlego profundo, depois tossiu cavernosamente.

— Sabe qual dos seis irmãos John Gregory pre-judicou?

Já adivinhara.

— O padre Gregory — respondi.

— Em famílias devotas como os Gregory, é de tradição que um filho receba as Ordens Sagradas. Quando John se desligou da sua vocação, outro irmão tomou o seu lugar e começou a preparar-se para o sacerdócio. Sim, Thomas, foi o padre Gregory, o irmão que enterramos hoje. Ele perdeu a sua amada e perdeu também o irmão.

O que mais podia fazer senão virar-se para Deus?

Quando eu chegara, a igreja estivera quase vazia, mas enquanto tínhamos estado a conversar, percebera sons no exterior do confessionário. Houvera passos e o murmúrio crescente das vozes. Então, de repente, o coro começou a cantar. Já deveria passar bastante das sete agora e o Sol ter-se-ia posto entretanto. Decidi inventar um pretexto e sair mas, quando abri a boca, ouvi o padre Cairns levantar-se.

— Venha comigo, Thomas — disse. — Quero mostrar-te uma coisa. Ouvi-o abrir a porta e sair para a igreja, de modo que o segui. Apontou-me na direção do altar onde, conduzido por outro padre, bem alinhado em três filas de dez, um conjunto de meninos de coro estava de pé nos degraus. Cada um vestia uma batina preta sobre uma peliz branca.

O padre Cairns estacou e apoiou a mão ligada no meu ombro.

— Escute-os, Thomas. Não parecem anjos sagrados?

Como eu nunca ouvira um anjo cantar, não podia responder, mas eles faziam certamente um ruído mais agradável do que o meu pai, que costumava cantar quando nos aproximávamos do fim da ordenha. A sua voz era suficientemente má para azedar o leite.

— Podia ter sido membro daquele coro, Thomas.

Mas deixou passar a idade. A sua voz já está começando a ficar mais grossa e a oportunidade de servir perdeu-se.

Lá nisso ele tinha razão. Na sua maioria, os rapazes eram mais novos do que eu e as suas vozes mais como as das meninas do que as dos rapazes. De qualquer forma, o meu canto não era muito melhor do que o do meu pai.

— Mesmo assim, há outras coisas que pode fazer.

Deixe-me mostrar-te..

Seguiu na frente para lá do altar, transpondo uma porta e percorrendo um corredor. Depois fomos ter no jardim na parte de trás da catedral. Bem, era mais do tamanho de um campo do que de um jardim, e em vez de flores e rosas tinham plantado ali legumes.

Começava já a ficar escuro mas havia ainda luz suficiente para divisar uma sebe de espinheiro-alvar ao longe com as lápides do adro da igreja mesmo visíveis para lá dela. No primeiro plano estava um padre de joelhos, a mondar com um sacho. Era um jardim grande e um sacho muito pequeno.

— Vem de uma família de agricultores, Thomas. É

um trabalho bom e honesto. Sentir-se-ia bem trabalhando aqui — referiu, apontando para o padre de joelhos.

Abanei firmemente a cabeça.

— Eu não quero ser padre — redargui com firmeza.

— Oh, *você* nunca poderia ser padre! — advertiu o padre Cairns, a sua voz exprimindo choque e indignação.

— Estive perto demais do Diabo para isso e agora vai ter de ser bem vigiado durante o resto da sua vida que é para não ter uma recaída.

Não, aquele homem é um irmão.

— Um irmão? — inquiri, intrigado, pensando que era da família, ou assim.

O padre sorriu.

— Numa grande catedral como esta, os padres têm assistentes que se oferecem para ajudar. Chamamos-lhes irmãos porque, apesar de não poderem ministrar os sa-cramentos, realizam outras tarefas vitais e fazem parte da família da Igreja. O irmão Peter é o nosso jardineiro e muito bom, por sinal. O que diz, Thomas? Gostaria de ser um irmão?

Eu sabia o que era ser um irmão. Sendo o mais novo de sete, impingiam-me todas as tarefas que mais ninguém queria fazer. Parecia que se passava o mesmo aqui. De qualquer forma, eu já tinha trabalho e não acreditava no que o padre Cairns me dissera sobre o Diabo e o Mago. Fizera-me pensar um bocado, mas lá no fundo eu sabia que não podia ser verdade. Mr. Gregory era um bom homem.

Estava a ficar mais escuro e frio a cada instante de maneira que decidi que chegara a hora de partir.

— Obrigado por falar comigo, Padre — referi —, mas podia dizer-me agora qual o perigo que Mr. Gregory corre, por favor?

— Tudo a seu tempo, Thomas — alegou, esboçando-me um pequeno sorriso.

Algo naquele sorriso me disse que fora enganado.

Que ele não fazia tenção nenhuma de ajudar o Mago.

— Vou pensar no que me disse, mas tenho de voltar já senão fico sem a minha ceia — argumentei. Na altura pareceu-me uma boa desculpa. Ele não tinha como saber que eu jejuava porque precisava de estar a postos para enfrentar o Destruidor.

— Nós temos aqui a ceia para você, Thomas —

frisou o padre Cairns. — Na verdade, gostaríamos que passasses a noite aqui.

Tinham saído outros dois padres de uma porta lateral e encaminhavam-se para nós. Eram homens grandes e não gostei das expressões nos rostos deles.

Houve um momento em que provavelmente teria podido fugir, mas parecia-me absurdo fazê-lo quando não sabia bem o que ia acontecer.

Depois já era tarde demais porque os padres estavam um de cada lado de mim, agarrando-me firmemente pelos braços e os ombros. Não me debati porque era inú-

til. As mãos deles eram grandes e pesadas e pensei que, se me mantivesse no mesmo lugar tempo demais, começaria a afundar-me pela terra. Conduziram-me então à sacristia.

— Isto é para o seu próprio bem, Thomas — advertiu o padre Cairns, enquanto nos seguia até lá dentro.

— O Inquisidor irá capturar John Gregory esta noite. Será julgado, claro, mas já se sabe o resultado. Sendo considerado culpado de lidar com o Diabo, será queimado no poste. É por isso que não posso te deixar voltar para ele.

Você ainda tem chance. É apenas um rapaz e a sua alma ainda pode ser salva da fogueira. Mas se estiver com ele quando for preso,

então sofrerá idêntico destino. Portanto isto é para o seu próprio bem.

— Mas ele é seu primo! — protestei. — É da família. Como pode fazer isto? Deixe-me ir avisá-lo.

— Avisá-lo? — perguntou o padre Cairns. — Acha que não o tentei avisar? Tenho-o avisado a maior parte da sua vida adulta. Agora preciso de pensar mais na sua alma do que no seu corpo. As chamas purgá-lo-ão. Através da dor, a sua alma pode ser salva. Não percebe? Estou fazendo para ajudá-lo, Thomas. Há coisas muito mais importantes do que a nossa breve existência neste mundo.

— O senhor traiu-o! Sangue do seu sangue. Avisou o Inquisidor de que estávamos aqui!

— Não dos dois, apenas de John. Por isso junte-se a nós, Thomas. A sua alma será purgada através da prece e a sua vida deixará de correr perigo. O que me diz?

Era inútil discutir com alguém que tinha tanta certeza de que a razão o assistia, por conseguinte não gastei a minha saliva. O único som que se ouvia era o eco dos nossos próprios passos e o tilintar de chaves à medida que me conduziam cada vez mais pela negrura da catedral a-dentro.

CAPÍTULO 7

FUGA E CAPTURA

Trancaram-me numa pequena divisão úmida sem janela e não me trouxeram a ceia que tinham mencionado. Havia apenas um pequeno monte de palha a fazer de cama.

Quando a porta se fechou, fiquei ali no escuro, a ouvir a chave rodar na fechadura e os passos afastarem-se ecoando pelo corredor.

Estava escuro demais para ver um palmo à frente do nariz mas isso não me preocupou muito. Após quase seis meses como aprendiz do Mago tornara-me muito mais corajoso. Sendo o sétimo filho de um sétimo filho, sempre vira coisas que os outros não conseguiam ver, mas o Mago ensinara-me que, na sua maioria, não podiam nos fazer muito mal. Era uma catedral velha e havia um cemitério enorme do outro lado do jardim, o que significava que andariam por ali coisas — coisas turbulentas como imagens fantasmagóricas e fantasmas — mas eu não tinha medo delas.

Não, o que me incomodava era o Destruidor lá em baixo nas catacumbas! A idéia de poder alcançar a minha mente era aterradora. Eu não estava nada interessado em enfrentá-lo, e se se encontrasse agora tão forte como o Mago desconfiava, saberia exatamente o que se passava.

Na verdade, provavelmente corrompera o padre Cairns, virando-o contra o próprio primo. Podia ter semeado o seu mal entre os padres e ter escutado as conversas deles.

Devia saber quem eu era e onde estava, e o mínimo que posso dizer é que não seria muito simpático.

Claro que não pretendia ficar ali toda a noite. Sabem, ainda tinha as três chaves no meu bolso e tencionava usar a especial que Andrew fizera. O padre Cairns não era o único com truques na manga.

A chave não me levaria além do Portão de Prata, porque era preciso algo bem mais subtil e engenhoso para abrir aquela fechadura, mas sabia que me faria chegar ao corredor e transpor qualquer porta da catedral. Só precisava esperar que estivessem todos dormindo e depois poderia esgueirar-me. Se fosse cedo de mais, provavelmente seria apanhado. Por outro lado, se me atrasasse, seria tarde demais para avisar o Mago e poderia receber uma visita do Destruidor, por isso era um juízo em que não me podia permitir errar.

Quando a escuridão se instalou e os ruídos lá fora desapareceram, decidi tentar a minha sorte. A chave rodou na fechadura sem a menor resistência, mas antes mesmo de abrir a porta ouvi passos. Fiquei estático e sustive a respiração enquanto, gradualmente, eles retrocediam ao longe e tudo voltava ao silêncio.

Esperei bastante tempo, escutando com muita atenção. Por fim, inspirei lentamente e abri a porta. Felizmente não fez qualquer barulho e saí para o corredor, es-tacando e voltando a escutar.

Não tinha certeza se haveria ainda alguém na catedral e edifícios anexos. Talvez tivessem voltado todos para a casa grande dos padres? Mas não podia acreditar que não tivessem deixado alguém de guarda, por isso segui em bicos de pés pelo corredor escuro, receando fazer sequer o mais leve ruído.

Quando cheguei à porta lateral da sacristia, tive um choque. Não precisava da minha chave. Já estava aberta.

O céu estava agora limpo e a Lua aparecera, ba-nhando o pátio com uma luz prateada. Saí lá para fora e movi-me com cautela. Só então pressenti alguém atrás de mim; alguém de pé ao lado da porta, escondido na sombra de um dos grandes contrafortes de pedra que escorava as paredes laterais da catedral.

Fiquei estático por um momento. Depois, com o coração a bater com tanta força que o conseguia ouvir, virei-me lentamente. A figura na sombra deslocou-se para o luar. Reconheci-o imediatamente. Não era um padre, mas o irmão que vira antes ajoelhado a cuidar do jardim.

De rosto descarnado, o irmão Peter estava praticamente calvo, apenas com um fino tufo de cabelo branco por debaixo das orelhas.

De repente falou. — Avise o seu mestre, Thomas

— disse. — Vá depressa! Saiam da cidade enquanto ambos ainda podem!

Não respondi. Virei-me apenas e corri o mais depressa que podia. Só parei quando cheguei às ruas. Procurei caminhar de forma a não despertar muito a atenção sobre a minha pessoa e perguntei-me por que motivo o irmão Peter não tentara impedir-me. Não era essa a sua função? Não o tinham deixado de guarda?

Mas não havia tempo para pensar bem no assunto.

Precisava avisar o Mago da traição do primo dele antes que fosse tarde demais. Não sabia em que estalagem o Mago se hospedara, mas talvez o irmão dele soubesse.

Sempre era um começo porque sabia onde ficava Friar-gate: era uma das ruas que descera enquanto andara à procura de uma estalagem, por isso não devia ser muito difícil encontrar a oficina de Andrew. Percorri apressado as ruas empedradas, sabendo que não tinha muito tempo; que o Inquisidor e os seus homens viriam já a caminho.

Friargate era uma rua larga e íngreme com lojas de um lado e do outro e dei facilmente com a serralharia. O

nome por cima da porta dizia ANDREW GREGORY,

mas as instalações estavam às escuras. Tive de bater três vezes antes de uma luz tremular no quarto por cima.

Andrew abriu a porta e aproximou uma vela do meu rosto. Vestia uma comprida camisa de dormir e o seu rosto era um misto de expressões. Parecia intrigado, furioso e cansado.

— O seu irmão corre perigo — disse-lhe, tentando manter a voz o mais baixa possível. — Eu mesmo o teria avisado mas não sei onde ele está hospedado. .

Fez-me sinal para entrar sem dizer uma palavra e conduziu-me pela oficina. As paredes estavam ornamentadas com chaves e fechaduras de todos os tamanhos e formas possíveis. Uma chave grande era do comprimento do meu antebraço e fiquei curioso quanto ao tamanho da fechadura a que pertencia. Expliquei rapidamente o que acontecera.

— Eu avisei-o de que era uma tolice ficar aqui! —

exclamou, dando um soco com força no tampo de uma bancada. — E raios partam aquele traiçoeiro e hipócrita do nosso primo! Sempre soube que ele não era de confiança. O Destruidor deve tê-lo apanhado finalmente, torcendo-lhe a mente para tirar John do caminho — a única pessoa em todo o Condado que ainda constitui uma verdadeira ameaça para ele!

Foi lá acima mas não demorou muito tempo a vestir-se. Em breve voltávamos a percorrer as ruas vazias, seguindo um percurso que nos levava de novo na direção da catedral.

— Ele está hospedado no O Livro e a Vela —

murmurou Andrew Gregory, abanando a cabeça. — Por que carga d'água ele não te disse isso? Podia ter poupado tempo e ido diretamente para lá. Esperemos que não seja tarde demais!

Mas *chegamos* realmente tarde demais. Ouvia-se à distância de várias ruas: vozes de homens alteradas pela raiva e alguém a bater a uma porta com força suficiente para acordar os mortos.

Assistimos de uma esquina, tendo o cuidado de não sermos vistos. No momento não podíamos fazer nada. O

Inquisidor estava ali no seu cavalo enorme e tinha cerca de vinte homens armados às suas ordens. Estes levavam bastões e alguns deles tinham desembainhado as espadas como se esperassem

resistência. Um dos homens voltou a bater sonoramente com o punho da espada na porta da estalagem.

— Abram! Abram! E rapidamente! — gritou. —

Senão arrombamos a porta!

Ouviu-se o som de fechaduras a serem corridas e o estalajadeiro apareceu à porta em camisa de dormir, segurando uma lanterna. Parecia perplexo, como se tivesse acabado de acordar de um sono muito profundo. Viu apenas os dois homens armados diante dele, não o Inquisidor. Talvez por isso tivesse cometido um grande erro: começou a protestar com grande alarido.

— O que vem a ser isto? — gritou. — Um homem já não pode dormir depois de um dia duro de trabalho? A perturbar a paz a estas horas da noite! Conheço os meus direitos. Existem leis contra essas coisas.

— Tolo! — exclamou o Inquisidor, enfurecido, aproximando o cavalo da porta. — Eu *sou* a lei! Há um feiticeiro a dormir dentro das suas paredes. Um servo do Diabo! Dar guarida a um inimigo conhecido da Igreja a-carreta duras penalidades. Afaste-se, senão pagará com a vida!

— Peço desculpa, Lorde. Peço desculpa! — gemeu o estalajadeiro, erguendo as mãos em súplica, uma expressão de terror no seu rosto.

Em resposta, o Inquisidor limitou-se a fazer sinal aos seus homens, que agarraram rudemente o estalajadeiro. Foi arrastado para a rua sem qualquer cerimônia e ar-remessado ao chão.

Depois, com perfeita deliberação, a crueldade estampada no seu rosto, o Inquisidor fez passar o seu ganhão branco por cima do estalajadeiro. Um casco desceu com força sobre a perna dele e ouvi nitidamente o osso partir-se. O sangue gelou-me nas veias. O

homem ficou no chão a gritar enquanto quatro dos guardas entravam na casa; as suas botas fizeram ruído nas escadas de madeira.

Quando arrastaram o Mago para fora, ele parecia velho e frágil. Talvez um pouco receoso também, mas eu estava longe demais para ter certeza.

— Bem, John Gregory, apanhei-te finalmente! —

exclamou o Inquisidor, numa voz sonora e arrogante. —

Esses seus ossos secos vão arder bem!

O Mago não respondeu. Vi-os amarrar-lhe as mãos atrás das costas e conduzi-lo pela rua.

— Todos estes anos, para depois acabar assim —

murmurou Andrew. — Ele sempre foi bem-intencionado.

Não merece ser queimado.

Não queria acreditar no que estava acontecendo.

Sentia um nó tão grande na garganta que, até o Mago ter virado a esquina e desaparecer de vista, não fui sequer capaz de falar.

— Temos de fazer alguma coisa — disse por fim.

Andrew abanou a cabeça, cansado.

— Bem, rapaz, pense no assunto e depois diga-me como vamos agir. Porque eu não faço a menor idéia. É

melhor voltar para minha casa e ao raiar do dia afastar-se o mais possível daqui.

CAPÍTULO 8

A HISTÓRIA DO IRMÃO PETER

A cozinha ficava na parte de trás da casa, dando para um pequeno pátio lajeado. Quando o céu clareou, Andrew ofereceu-me algo para fazer de desjejum. Não era muito, apenas um ovo e uma fatia de pão torrado. Agradei-lhe, mas tive de recusar pois ainda estava a jejuar. Comer significaria a aceitação de que o Mago desaparecera e que não iríamos enfrentar o Destruidor. De qualquer forma, não sentia a mínima fome.

Fizera o que Andrew sugerira. Desde que tinham levado o Mago, eu passara cada momento a pensar na maneira de salvá-lo. Pensei também em Alice. Se eu não fizesse algo, seriam ambos queimados.

— O saco de Mr. Gregory continua no meu quarto no O Touro Preto — lembrei-me de repente, virando-me para o serralheiro.

— E ele deve ter deixado o bordão e as nossas capas no quarto dele na estalagem. Como é que os vamos recuperar?

— Bem, eis um aspecto em que posso te ajudar —

referiu Andrew. — É arriscado demais para qualquer de nós, mas conheço alguém que podia lá ir no seu lugar.

Tratarei disso mais tarde.

Enquanto via Andrew comer, começou a ouvir-se um sino em algum lugar ao longe. Era apenas um toque monótono e seguia-se uma longa pausa entre cada bada-lada. Era um som pesaroso, como um toque a finados.

— É o da catedral? — inquiri.

Andrew anuiu e continuou a mastigar a comida muito lentamente. Parecia que tinha tão pouco apetite quanto eu.

Perguntei-me se estaria a chamar as pessoas para o primeiro serviço matinal, mas antes que eu pudesse exprimi-lo Andrew engoliu o pedaço de torrada e disse-me:

— Significa outra morte na catedral ou em alguma outra igreja na cidade. Ou isso, ou morreu um padre noutra local do Condado e a notícia só agora aqui chegou. É

um som muito comum nestes dias. Temo que quaisquer padres que ponham em causa as trevas e a corrupção na nossa cidade sejam despachados rapidamente.

Senti um calafrio.

— Há alguém em Priestown que saiba que o Destruidor está na origem dos tempos negros? — perguntei.

— Ou apenas os padres?

— De certa forma, o conhecimento do Destruidor encontra-se bastante generalizado. Na zona mais próxima da catedral a maior parte das pessoas mandou emparedar as portas das caves, e alastra-se o medo e a superstição.

Quem pode culpar os habitantes da cidade se eles não conseguem sequer confiar nos próprios padres para os protegerem? Não admira que as congregações estejam a diminuir — comentou Andrew, abanando pesarosamente a cabeça.

— Chegou a terminar a chave? — perguntei-lhe.

— Sim — disse —, mas o pobre John não vai precisar dela agora.

— Nós podíamos usá-la — sugeri, falando rapidamente de modo a poder concluir o meu pensamento antes que ele me interrompesse.
— As catacumbas passam mesmo por debaixo da catedral e do presbitério, por isso deveria existir uma entrada para elas. Esperávamos que escurecesse, que estivessem todos a dormir, e entrávamos na casa.

— Isso não passa de um absurdo — referiu Andrew, abanando a cabeça. — O presbitério é enorme, com imensas divisões tanto acima como abaixo do solo. E nós nem sequer sabemos onde eles mantêm os prisioneiros. E

não só, há homens armados a guardá-los. Também quer ser queimado? Eu não!

— Vale a pena tentar — insisti. — Eles não vão estar à espera que lhes apareça ninguém dentro de casa vindo das catacumbas com o Destruidor lá em baixo. Te-remos a surpresa do nosso lado e talvez os guardas estejam a dormir.

— Não — disse Andrew, abanando a cabeça com firmeza. — É uma loucura. Não justifica mais duas vidas.

— Nesse caso, dê-me a chave que eu faço-o.

— Nunca saberia o caminho sem mim. É um labirinto de túneis lá em baixo.

— Quer dizer que conhece o caminho? — perguntei. — Já estive lá antes?

— Sim, conheço o caminho até ao Portão de Prata.

Mas não quero passar daí. E já vão vinte anos desde que lá descii com John. Aquela coisa lá em baixo quase o matou.

Também poderia nos matar. Você ouviu o que John disse: está mudando de um espírito, a transformar-se sabe Deus no quê. Podia nos deparar com qualquer coisa lá em baixo. As pessoas têm falado de cães pretos ferozes com dentes enormes à mostra; de serpentes venenosas. O Destruidor pode ler-te o pensamento, não se esqueça, assumir a forma dos seus piores receios. Não, é perigoso demais.

Não sei que destino será pior — ser queimado vivo na fogueira pelo Inquisidor ou espalmado até à morte pelo Destruidor. Não são escolhas que um jovem deva ter de fazer. — Não se preocupe com isso — tranquilizei-o. —

Trate das fechaduras que eu farei o meu trabalho.

— Se o meu irmão não foi capaz, então, que esperança pode ter você? Ele ainda estava na flor da idade e você não passa de um garoto.

— Não sou suficientemente tolo para tentar dar cabo do Destruidor — argumentei. — Farei apenas o que for necessário para pôr o Mago a salvo.

Andrew abanou a cabeça. — Há quanto tempo está com ele?

— Quase seis meses — respondi.

— Bem — comentou Andrew —, isso nos diz tu-do, não diz? As suas intenções são boas, eu sei, mas só iríamos complicar a situação.

— O Mago me disse que a morte na fogueira é terrível. A pior morte de todas. É por isso que ele não concorda que se queime uma bruxa. Seria capaz de deixá-lo passar por isso? Por favor, tem de ajudar. É a última oportunidade dele.

Desta vez Andrew não disse nada. Permaneceu sentado por muito tempo, perdido em pensamentos.

Quando se levantou da cadeira, tudo o que disse foi para me manter bem escondido.

Pareceu-me um bom sinal. Pelo menos não me despachara dali.

Fiquei sentado na parte de trás, esperando em vão, enquanto a manhã ia passando. Não conseguira sequer pregar olho e estava cansado, mas dormir era a última coisa em que eu pensava depois dos acontecimentos da noite.

Andrew estava trabalhando. Ouvia-o a maior parte do tempo na oficina, mas às vezes chegava um toque da campainha da porta quando um cliente entrava ou saía da loja.

Era quase meio-dia quando Andrew regressou à cozinha. Tinha uma expressão diferente no rosto. Parecia pensativo. E vinha mais alguém atrás dele!

Pus-me em pé, pronto para fugir, mas a porta de trás estava trancada e os dois homens encontravam-se entre mim e a outra porta. Depois reconheci o estranho e relaxei. Era o irmão Peter e trazia o saco do Mago, o bordão e as nossas capas!

— Está tudo bem, rapaz — sossegou-me Andrew, aproximando-se e colocando a mão no meu ombro para me tranquilizar. — Tire esse ar ansioso do seu rosto e sente-se. O irmão Peter é um amigo. Olhe, ele lhe trouxe as coisas de John.

Ele sorriu e entregou-me o saco, o bordão e as capas. Aceitei-os com um aceno de agradecimento e coloquei-os no canto antes de me sentar. Ambos os homens tiraram cadeiras da mesa e se sentaram de frente para mim. O irmão Peter era um homem que passara a maior parte da vida a trabalhar ao ar livre e a pele da sua cabeça acusava a ação do vento e do sol com um tom castanho uniforme. Era da altura de Andrew mas não tinha um porte tão ereto. As costas e os ombros dele estavam curvados, talvez de demasiados anos a trabalhar na terra com o sacho ou a enxada. O

nariz era o aspecto que mais o distinguia; era adunco como o bico de um corvo, mas tinha os olhos afastados e um ar bondoso. Os meus instintos diziam-me que se tratava de um bom homem.

— Bem — disse ele —, a sua sorte foi ser eu a fazer as rondas a noite passada e não um dos outros, senão teria voltado para aquela cela! Sucedeu que o padre Cairns mandou me chamar pouco depois da alvorada e tive de responder a umas perguntas estranhas. Não ficou nada satisfeito e não sei se irá me deixar em paz!

— Lamento — disse-lhe.

O Irmão Peter sorriu.

— Não se aflija, rapaz. Não passo de um jardineiro com fama de ser duro de ouvido. Ele não irá se preocupar muito tempo comigo. Não quando o Inquisidor tem tantos outros prontos para a fogueira!

— Por que me deixou escapar? — quis saber.

O irmão Peter arqueou os sobrolhos. — Nem todos os padres estão sob o controle do Destruidor. Sei que ele é seu primo — referiu, virando-se para Andrew —, mas não confio no padre Cairns. Acho que o Destruidor o pode ter dominado.

— Eu também já andava desconfiado — retorquiu Andrew. — John foi traído e tenho a certeza de que o Destruidor esteve por detrás de tudo. Ele sabe que John constitui uma ameaça para ele, por isso serviu-se da fraqueza daquele nosso primo para se livrar dele.

— Sim, acho que tem razão. Reparou na mão dele?

Diz que está enfaixada porque se queimou numa vela, mas o padre Hendle ficou com um ferimento no mesmo lugar depois de o Destruidor o apanhar. Acho que Cairns deu o seu sangue àquela criatura.

Devo ter feito uma expressão horrorizada porque o irmão Peter se aproximou e passou o braço pelos meus ombros.

— Não se preocupe, filho. Ainda restam alguns homens bons naquela catedral, e posso não passar de um irmão inferior mas considero-me um deles e contribuo para a obra do Senhor sempre que posso. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para te ajudar e ao seu mestre. O

escuro ainda não venceu! Por isso, vamos direto ao assunto. Andrew me disse que é suficientemente corajoso para descer às catacumbas. É verdade? — indagou, esfregando a ponta do nariz pensativamente.

— Alguém tem de fazê-lo, por isso estou disposto a tentar — retorqui-lhe.

— E se ficar frente a frente com. .

Não terminou a frase. Era quase como se não conseguisse dizer «o Destruidor».

— Alguém já te disse o que poderia enfrentar? Em relação à mudança de forma e à leitura do pensamento e à. . — Hesitou e olhou por cima do ombro antes de murmurar: — A prensa?

— Disseram, sim — respondi, parecendo muito mais confiante do que me sentia. — Mas há coisas que poderia fazer. Ele não gosta de prata. .

Abri o saco do Mago, remexi nele e mostrei-lhes a corrente de prata.

— Podia aprisioná-lo com isto — aludi, olhando diretamente para os olhos do irmão Peter e tentando não pestanejar.

Os dois homens entreolharam-se e Andrew sorriu.

— Treinou bastante, não treinou? — sondou-me.

— Horas e horas — disse-lhe. — Há um poste no jardim de Mr. Gregory em Chipenden. Sou capaz de lan-

çar esta corrente à distância de dois metros e quarenta e consigo acertar nove em dez vezes.

— Bem, se de alguma maneira conseguisse passar por aquela criatura e chegar esta noite ao presbitério, teria uma vantagem a seu favor. Ela estaria certamente mais sossegada do que o normal — disse o irmão Peter. — A morte da noite passada ocorreu na catedral por isso o corpo já se encontra lá, e não fora da cidade. Esta noite quase todos os padres estarão ali a fazer uma vigília.

Sabia, das minhas lições de latim, o que significava

«vigília». Mas ainda não me indicava o que estariam a fazer.

— Eles dizem preces e velam o corpo — explicou Andrew, sorrindo ante a perplexidade no meu rosto. —

Quem foi que morreu, Peter?

— O pobre padre Roberts. Tirou a própria vida.

Atirou-se do telhado. Já são cinco suicídios este ano —

referiu, olhando para Andrew e depois logo para mim. —

Ele invade-lhes as mentes, sabe. Obriga-os a fazer coisas que são contra Deus e contra a consciência deles. E isso é algo muito difícil para um padre que recebeu as ordens sagradas a fim de servir a Deus. Por isso, quando chega uma altura em que já não suporta, às vezes tira mesmo a própria vida. E é um ato terrível de cometer. Tirar a pró-

pria vida é um pecado mortal, e os padres sabem que nunca podem ir para o Céu, nunca estar com Deus. Pense como deve ser mau para os levar àquilo! Se ao menos pu-déssemos nos livrar deste mal terrível antes que não reste nada de bom na cidade para ele corromper.

Seguiu-se um breve silêncio, como se estivéssemos todos a pensar, mas vi depois a boca do irmão Peter mover-se e calculei que talvez estivesse a rezar pelo pobre padre morto. Quando fez o sinal da cruz tive então a certeza disso. Depois, os dois homens entreolharam-se e a-nuíram ambos. Sem falarem, tinham chegado a um acordo.

— Irei com você até ao Portão de Prata — afirmou Andrew. — Depois disso, talvez aqui o irmão Peter possa te ajudar. .

O irmão Peter ia conosco? Ele deve ter lido a expressão no meu rosto porque levantou ambas as mãos, sorriu e abanou a cabeça.

— Oh, não, Tom. Não tenho coragem de me aproximar das catacumbas. Não, o que Andrew quer dizer é que posso ajudar de outra maneira: dando-te indicações.

Sabe, existe um mapa dos túneis. Está montado numa moldura na entrada do presbitério — aquela que conduz diretamente ao jardim. Perdi a conta às horas que passei ali à espera que um dos padres descesse e me desse as ordens para o dia. Ao longo dos anos, fiquei a conhecer ca-da centímetro daquele mapa. Quer tomar nota, ou consegue lembrar-se?

— Tenho boa memória — respondi-lhe.

— Bem, avise-me se quiser que repita algo. Como disse Andrew, ele irá te guiar até ao Portão de Prata. Uma vez lá chegado, só tem de continuar até o túnel bifurcar.

Segue pelo corredor da esquerda até chegar a umas escadas. Elas conduzem a uma porta, para lá da qual fica a enorme adega do

presbitério. Estará trancada, mas isso não constituirá nenhum problema para você quando tem um amigo como Andrew. Existe apenas mais uma porta que permite sair da adega e fica na parede do fundo no canto direito.

— Mas o Destruidor não pode seguir-me até à adega e fugir? — inquiri.

— Não, ele só pode abandonar as catacumbas pelo Portão de Prata, por isso estará perfeitamente a salvo dele depois de transpor a porta para a adega. Agora, antes de deixar a adega há algo que deveria fazer. Existe um alça-pão no teto do lado esquerdo da porta. Conduz ao caminho que segue ao longo da parede norte da catedral — os distribuidores usam-na para levar o vinho e a cerveja lá para baixo. Abra-o antes de avançar mais. Seria uma via de fuga mais rápida do que voltar pelo portão. Tudo claro até aqui?

— Não seria mais fácil usar aquele alçapão para descer? — perguntei. — Sempre podia evitar o Portão de Prata e o Destruidor!

— Quem me dera que fosse tão fácil — referiu o irmão Peter.

— Mas é arriscado demais. A porta é visível da rua e do presbitério. Alguém podia te ver entrar.

Anuí pensativamente.

— Apesar de não o poder usar para entrar, existe outro bom motivo para tentar sair por ali — explicou Andrew. — Não quero que John corra o risco de voltar a enfrentar o Destruidor. Sabe, lá no fundo, acho que ele tem medo — tanto medo que não conseguiria vencer. .

— Medo? — perguntei, indignado. — Mr. Gregory não tem medo de nada que pertença ao escuro.

— Não que ele o fosse admitir — continuou Andrew. — Pode ter certeza disso. Provavelmente ele nem sequer o admitiria a si próprio.

Mas foi amaldiçoado há muito tempo e .

— Mr. Gregory não acredita em maldições — voltei a interromper. — Ele me disse.

— Se me deixar falar, poderei explicar-te — insistiu Andrew. — Trata-se de uma maldição perigosa e poderosa. Grande como sempre são. Reuniram-se três grupos de bruxas para a lançarem. John andara a interferir demais na sua atividade, de maneira que elas puseram de lado as suas disputas e divergências e amaldiçoaram-no. Foi um sacrifício de sangue e chacinaram-se inocentes. Aconteceu na noite de Santa Valpurga, a véspera do primeiro de Maio, há vinte anos, e depois mandaram-lhe um pergaminho salpicado de sangue. Ele me disse o que vinha lá escrito: *Morrerá num lugar escuro, bem abaixo do solo, sem qualquer amigo a seu lado!*

— As catacumbas... — exteriorizei, a minha voz pouco mais do que um murmúrio. Se ele enfrentasse o Destruidor sozinho lá em baixo nas catacumbas, nesse caso, cumprir-se-iam as condições da maldição.

— Sim, as catacumbas — confirmou Andrew. —

Como disse, fado sair por aquele alçapão.

— Bem, irmão Peter, desculpe tê-lo interrompido. .

Peter esboçou um fraco sorriso e continuou. —

Assim que abrir o fecho do alçapão, transpõe a porta para um corredor. Esta é a parte arriscada. Existe uma cela ao fundo onde costumam guardar os prisioneiros. É aí que deve procurar o seu mestre. Mas, para chegar lá, terá de passar pela sala dos guardas. É perigoso, mas há umidade e frio lá em baixo. Eles devem ter uma grande fogueira acesa na grelha e, se Deus quiser, a porta estará fechada por causa do frio. E é tudo! Liberte Mr. Gregory e faça-o sair pelo alçapão e desta cidade. Ele terá de voltar noutra altura para

enfrentar aquela criatura medonha, quando o Inquisidor tiver partido.

— Não! — interveio Andrew. — Depois de tudo isto, não quero que ele volte aqui.

— Mas se ele não enfrentar o Destruidor, então quem o fará? — inquiriu o irmão Peter. — Também não acredito em maldições. Com a ajuda de Deus, John pode derrotar aquele espírito maléfico. Sabe que está ficando cada vez pior. Não duvido que eu seja o próximo.

— Não o senhor, irmão Peter — disse Andrew. —

Conheci poucos homens com a sua determinação.

— Faço o que posso — respondeu ele, arrepiando-se. — Quando o ouço murmurar ao meu ouvido, rezo mais intensamente. Deus dá-nos a força de que necessitamos — isso se formos capazes de pedi-la. Mas tem de ser feito algo. Não sei como tudo isto vai acabar.

— Acabará quando a população da cidade se fartar

— retorquiu Andrew. — As pessoas têm um limite. Surpreende-me que conseguissem aguentar a maldade do Inquisidor durante tanto tempo. Alguns dos que vão ser queimados têm parentes e amigos aqui.

— Talvez sim, talvez não — disse o irmão Peter.

— Há muita gente que adora uma fogueira. Apenas podemos rezar.

CAPÍTULO 9

AS CATAUMBAS

O irmão Peter voltou às suas obrigações na catedral enquanto esperávamos que o Sol descesse no horizonte.

Andrew disse-me que o melhor caminho para as catacumbas era através da cave² de uma casa abandonada próximo da catedral; era menos provável que reparassem em nós depois de escurecer.

Com o passar das horas, comecei a ficar cada vez mais nervoso. Quando conversara com Andrew e o irmão Peter, tentara mostrar-me confiante, mas o Destruidor deixava-me realmente assustado. Remexia constantemente no saco do Mago, procurando algo que pudesse ter alguma utilidade.

Claro que peguei na corrente de prata que ele usava para aprisionar bruxas e enrolei-a à cintura, escondida debaixo da camisa. Mas sabia que uma coisa era conseguir lançá-la sobre um poste de madeira e outra completamente diferente era fazê-lo com o Destruidor. A seguir vinham o sal e o ferro. Depois de transferir a caixa de mechas para o bolso do casaco, enchi os bolsos das calças —

o direito com sal, o esquerdo com ferro. A combinação resultava contra a maior parte das coisas que habitavam o escuro. Fora assim que eu arrumara definitivamente a bruxa velha, Mãe Malkin.

Não me parecia que fosse suficiente para acabar com algo tão poderoso quanto o Destruidor; se assim 2 Porão, adega ou divisão subterrânea

fosse, o Mago teria tratado dele da última vez, e em definitivo. No entanto, eu estava suficientemente desesperado para tentar qualquer coisa, e só o fato de ter aquilo e a corrente de prata já me fazia sentir melhor. Afinal, eu não tencionava aniquilar o Destruidor, apenas afastá-lo o suficiente para conseguir salvar o meu mestre.

Por fim, com o bordão do Mago na mão esquerda e o saco dele com as nossas capas na direita, fui seguindo Andrew pelas ruas cada vez mais escuras em direção à catedral. Lá em cima, o céu estava carregado de nuvens e cheirava como se a chuva não estivesse muito longe. Co-meçava a detestar Priestown, com as suas ruas estreitas empedradas e pátios traseiros murados. Sentia a falta das

extensões rochosas e dos amplos espaços abertos. Se ao menos eu estivesse em Chipenden, de volta à rotina das minhas lições com o Mago! Era difícil aceitar que a minha vida ali pudesse ter terminado.

Quando nos aproximamos da catedral, Andrew conduziu-nos por um dos caminhos estreitos que passavam por entre a parte de trás das casas com terraço. Parou junto a uma porta, levantou devagar a trava e fez-me sinal com a cabeça para que entrasse no pequeno pátio traseiro.

Depois de fechar cuidadosamente a porta do pátio, dirigiu-se à porta de trás da casa, que estava completamente às escuras.

Um instante depois fez girar uma chave na fechadura e entramos. Fechando a porta atrás de nós, acendeu duas velas e entregou-me uma.

— Esta casa está abandonada há mais de vinte anos

— disse-me —, e assim permanecerá também, pois, como terá percebido, aqueles como o meu irmão não são bem-vindos nesta cidade. Está assombrada por algo bastante desagradável, por isso, a maior parte das pessoas mantém-se bem distante e até os cães a evitam.

Ele tinha razão ao dizer que havia algo bastante desagradável na casa. O Mago desenhara um símbolo no lado de dentro da porta de trás.

Era a letra grega gama, que se usava ou para uma imagem fantasmagórica ou um fantasma. O número à direita era o um, querendo dizer que se tratava de um fantasma da primeira categoria, suficientemente perigoso para levar algumas pessoas à beira da loucura.

— O seu nome era Matty Barnes — referiu Andrew —, e assassinou sete pessoas nesta cidade, possivelmente mais. Tinha mãos grandes

e usava-as para tirar a vida das suas vítimas. Eram principalmente mulheres jovens. Dizem que as trazia para aqui e lhes tirava a vida nesta mesma divisão. Sucede que uma das mulheres contra-atacou e lhe espetou um alfinete de chapéu no olho.

Ele morreu lentamente de septicemia. John ia convencer o seu fantasma a ir-se embora mas desistiu. Sempre fizera tenção de aqui voltar um dia e enfrentar o Destruidor e queria ter certeza de que esta descida para as catacumbas ainda estaria disponível. Ninguém quer comprar uma casa assombrada.

Senti de repente o ar ficar mais frio e as chamas das nossas velas começaram a tremular. Algo estava muito perto e aproximava-se mais a cada segundo. Chegou de repente. Não o consegui ver realmente mas senti algo à espreita nas sombras no canto mais distante da cozinha; algo que me olhava severamente.

O fato de eu não conseguir realmente vê-lo só pio-rava. Os fantasmas mais poderosos conseguem escolher se se tornam ou não visíveis. O fantasma de Matty Barnes estava a mostrar-me quão forte era mantendo-se oculto, no entanto dava-me a entender que me vigiava. E mais, conseguia sentir a sua maldade. Queria-nos mal e quanto mais depressa saíssemos dali melhor.

— É imaginação minha ou de repente ficou muito frio aqui? — indagou Andrew.

— Está mesmo frio — disse-lhe, sem mencionar a presença do fantasma. Não havia necessidade de deixá-lo ainda mais nervoso do que ele já estava.

— Nesse caso, vamos andando — alvitrou Andrew, seguindo na frente até aos degraus da cave.

Era uma casa típica como as muitas com terraço que existiam nas cidades do Condado: apenas duas divisões no piso de cima e outras duas no piso de baixo com um sótão sob os beirais. E a porta da

cave para a cozinha encontrava-se exatamente na mesma posição que a de Horshaw, onde o Mago me levava na minha primeira noite depois de me ter tornado seu aprendiz. Aquela casa estivera assombrada por uma imagem fantasmagórica, e para ver se eu estava à altura do cargo de Mago, ordenara-me que descesse à cave à meia-noite. Nunca haveria de esquecer aquela noite; só de pensar nela agora ainda me causava arrepios.

Andrew e eu descemos as escadas até à cave. O

chão lajeado estava vazio à exceção de um monte de tapetes e alcatifas velhos. Parecia suficientemente seco, mas havia um cheiro de mofo. Andrew entregou-me a sua vela e depois arrastou rapidamente os tapetes deixando à mostra um alçapão de madeira.

— Existe mais do que uma entrada para as catacumbas — referiu —, mas esta é a mais fácil e a menos arriscada. Não é provável que encontre muita gente a meter o nariz aqui em baixo.

Levantou a porta do alçapão e pude ver umas escadas de pedra que desciam até à escuridão. Havia um cheiro a terra úmida e putrefação. Andrew tirou-me a vela e desceu primeiro, mandando-me esperar um momento.

Depois chamou: — Pode descer, mas deixe o alçapão aberto. Podemos ter de sair daqui às pressas!

Deixei o saco do Mago, com as capas, na cave e segui-o, agarrando ainda o bordão do meu mestre. Quando cheguei lá abaixo, para surpresa minha, encontrei-me de pé em um terreno empedrado e não na lama, com que estivera a contar. As catacumbas estavam também pavi-mentadas como as ruas lá em cima. Teriam sido feitas pelas pessoas que haviam vivido aqui antes da construção da cidade; aquelas que veneravam o Destruidor? Se sim, as ruas empedradas de Priestown tinham sido copiadas das catacumbas.

Andrew afastou-se sem dizer outra palavra e tive a sensação de que ele queria sair rapidamente dali. Eu sabia que era o meu caso.

A princípio, o túnel era suficientemente largo para andarem duas pessoas lado a lado mas o teto empedrado era baixo e Andrew viu-se obrigado a caminhar com a cabeça inclinada para a frente. Não admirava que o Mago lhes chamasse «Gente Pequena». Os construtores tinham sem dúvida sido bem mais pequenos do que as pessoas de agora.

Não tínhamos avançado muito quando o túnel co-meçou a estreitar; em alguns lugares estava distorcido, como se o peso da catedral e dos edifícios lá por cima estivesse a deformá-lo. Por vezes, as pedras que revestiam também o teto e as paredes tinham caído, deixando que a lama e o visco se infiltrassem e escorressem pelas paredes.

Ouvia-se o som de água a gotejar ao longe e o eco das nossas botas nas pedras.

Não tardou que o corredor estreitasse ainda mais.

Fui obrigado a caminhar atrás de Andrew, e o nosso caminho dividiu-se em dois túneis ainda menores. Depois de termos seguido pelo da esquerda, fomos ter a um recanto na parede à nossa esquerda. Andrew estacou e levantou a vela para que pudesse iluminar parte do interior.

Olhei horrorizado para o que vi. Havia filas de prateleiras e estavam cheias de ossos: crânios com órbitas sem olhos, ossos de pernas, ossos de braços, ossos de dedos e ossos que não identifiquei, todos de tamanhos diferentes, todos misturados. E todos humanos!

— As catacumbas estão cheias de criptas como esta

— explicou Andrew. — Não convinha nada perdermo-nos aqui no escuro.

Os ossos também eram pequenos, como os de crianças. Estavam ali sem dúvida os restos mortais da Gente Pequena.

Continuamos a avançar e ouvi água a correr rapidamente lá adiante. Viramos uma esquina e lá estava, mais um pequeno rio do que um ribeiro.

— Este passa por debaixo da rua principal em frente à catedral — disse Andrew, apontando na direção da água escura —, e vamos atravessar ali. .

Pedras, nove ao todo, largas, lisas e planas, mas ca-da uma delas mesmo à superfície da água.

Mais uma vez, Andrew foi na frente, dando passadas largas sem esforço, de pedra em pedra. Chegado ao outro lado, parou e virou-se para trás, a fim de me ver concluir a minha travessia.

— Esta noite é fácil — disse —, mas depois de fortes chuvas o nível da água pode muito bem ficar acima das pedras. Então existe realmente o perigo de se ser levado. Continuamos a caminhar e o som da água a correr começou a ouvir-se ao longe.

Andrew estacou subitamente e pude ver por cima do ombro dele que tínhamos chegado a um portão. E que portão! Nunca vira nenhum assim. Do chão ao teto, de parede a parede, uma grade de metal bloqueava por completo o túnel, metal que brilhava à luz da vela de Andrew.

Parecia ser uma liga que continha muita prata e fora feito por um ferreiro extremamente habilidoso. Cada barra era constituída não por um cilindro de metal, mas por várias barras muito mais finas, torcidas de modo a formar uma espiral. O desenho era extremamente complexo: eram su-geridos padrões e formas, mas quanto mais olhava mais eles pareciam mudar.

Andrew virou-se e apoiou a mão no meu ombro.

— Aqui está ele, o Portão de Prata. Agora ouça — disse-me —, isto é importante. Há algo por perto? Algo do escuro?

— Não me parece — respondi.

— Isso não é suficiente — respondeu Andrew, na sua voz áspera. — Tem de ter certeza! Se deixarmos escapar esta criatura ela aterrorizará todo o Condado, não apenas os padres.

Bem, eu não sentia o frio, o aviso habitual de que algo do escuro estava próximo. Por isso, era um sinal de que estava tudo seguro. Mas o Mago sempre me dissera para confiar nos meus instintos, pelo que, para ter a dupla certeza respirei fundo e concentrei-me bastante.

Nada. Não sentia absolutamente nada.

— Está tudo desimpedido — informei Andrew.

— Tem certeza? Tem realmente certeza?

— Tenho certeza.

Andrew ajoelhou-se subitamente e levou a mão ao bolso das calças. Havia uma pequena porta curva na grade mas a minúscula fechadura ficava muito perto do chão e era por isso que Andrew estava tão curvado. Muito cuidadosamente, introduziu uma chave minúscula na fechadura. Lembrei-me da chave enorme exposta na parede da oficina dele. Seria de pensar que quanto maior a chave, mais importante era. O que poderia ser mais importante do que a chave minúscula que Andrew segurava agora na mão? Uma chave que mantinha todo o Condado a salvo do Destruidor.

Parecia estar fazendo um grande esforço e posicionava e reposicionava constantemente a chave. Por fim ela rodou e Andrew abriu o portão e levantou-se.

— Ainda quer fazer isto? — perguntou-me.

Anuí, depois ajoelhei-me, enfiei o bordão pelo portão aberto e segui-o, gatinhando. Andrew trancou imediatamente o portão atrás de mim e passou a chave pela grade. Guardei-a no bolso esquerdo das calças, empurrando-a para o meio das limalhas de ferro.

— Boa sorte — desejou-me Andrew. — Vou voltar para a cave e esperar uma hora caso tenha alguma razão para voltar por aqui. Se não aparecer, seguirei para casa. Quem me dera poder ajudar mais. É um rapaz corajoso, Tom. Como desejava ter a mesma coragem para te acompanhar.

Agradei-lhe e, levando o bordão na mão esquerda e a vela na direita, avancei sozinho pela escuridão. Passados momentos, instalou-se em mim o pleno terror do que ia empreender. Estava louco? Encontrava-me agora no antro do Destruidor e ele podia aparecer a qualquer momento. Onde é que eu tinha a cabeça? Ele podia saber já que eu estava aqui!

Mas respirei fundo e tranquilizei-me com a idéia de que se não se precipitara para o Portão de Prata quando Andrew o abrira, não era onisciente. E, se as catacumbas eram tão extensas quanto as pessoas afirmavam, então naquele preciso momento o Destruidor poderia estar a quilômetros de distância. Fosse como fosse, o que mais podia eu fazer senão continuar a avançar? As vidas do Mago e de Alice dependiam ambas do que eu fizesse.

Caminhei cerca de um minuto antes de chegar a dois túneis que ramificavam. Recordando-me do que o irmão Peter me dissera, escolhi o da esquerda. O ar à minha volta tornou-se mais frio e senti que já não estaria sozinho. Ao longe, para lá da luz da vela, havia pequenas formas luminosas tênues agitando-se como morcegos, entrando e saindo das criptas ao longo das paredes dos túneis. Quando me aproximei elas desapareceram. Não se aproximaram demais, mas tive certeza de que eram os fantasmas de parte da

Gente Pequena. Os fantasmas não me preocupavam muito; o que não me saía da idéia era o Destruidor.

Cheguei à esquina e, quando virei, seguindo para a esquerda, senti algo debaixo dos pé e quase tropecei. Pi-sara algo mole e pegajoso.

Recuei e ergui a vela para poder ver melhor. E o que vi deixou-me os joelhos a tremer e a vela a dançar na minha mão trêmula. Era um gato morto. Mas não era o fato de estar morto que me incomodava; era a forma co-mo morrera.

Descera sem dúvida às catacumbas à procura de ratazanas ou ratos e encontrara um fim terrível. Estava deitado de bruços, os olhos salientes. O pobre animal fora tão espalmado que em ponto algum o seu corpo tinha mais de dois centímetros e meio de espessura. Ficara colado às pedras mas a sua língua saliente brilhava ainda, por isso não podia estar morto há muito tempo. Estremeci de horror. Fora «prensando», sim. Se o Destruidor me encontrasse, seria sem dúvida também esse o meu destino.

Avancei rapidamente, satisfeito por deixar para trás aquela visão horrível, e cheguei finalmente à base de umas escadas de pedra que conduziam a uma porta de madeira.

Se o irmão Peter estivesse certo, aquela era a adega da casa dos padres.

Subi as escadas e usei a chave do Mago. Um instante depois, conseguira abrir a porta. Uma vez dentro da adega, fechei-a atrás de mim mas não a tranquei.

A adega era muito grande, com enormes barris de cerveja e filas e filas de prateleiras cheias de garrafas de vinho, algumas das quais estavam manifestamente ali há muito tempo — encontravam-se cobertas de teias de aranha. Reinava um silêncio de morte aqui em baixo, e a menos que alguém estivesse escondido a observar-me, parecia completamente deserta. Claro que a vela iluminava apenas a

pequena área à minha volta e para lá dos barris mais próximos a escuridão podia esconder tudo.

Antes de deixar a casa de Andrew, o irmão Peter dissera-me que os padres só vinham à adega uma vez por semana buscar o vinho de que necessitavam, e que a maior parte deles nem sonharia descer às catacumbas por causa do Destruidor. Mas já não podia assegurar o mesmo a respeito dos homens do Inquisidor: não eram da região e não sabiam o suficiente para recearem. E não só; podiam servir-se de cerveja e provavelmente não se contentariam apenas com um barril.

Percorri todo o corredor com cautela, parando mais ou menos a cada dez passos para escutar. Consegui finalmente avistar a porta que dava para o corredor e ali, no teto à esquerda, mesmo encostado à parede, estava um enorme alçapão de madeira. Tínhamos um alçapão idêntico lá em casa. A nossa fazenda fora em tempos chamada a «Fazenda do Cervejeiro» porque fornecia cerveja às tabernas e fazendas das redondezas. Como explicara o irmão Peter, este alçapão era usado para fazer entrar e sair os barris e caixotes da adega sem o incômodo de ter de atravessar o presbitério. E ele tinha razão ao afirmar que seria a via mais fácil de fuga. Se a usasse, correria sem dú-

vida o risco de ser detectado, mas voltar pelo Portão de Prata significava possivelmente enfrentar o Destruidor e, depois de ter estado trancado, o Mago não teria forças suficientes para o enfrentar. E não só, havia que pensar na maldição do Mago. Quer acreditasse nela quer não, não valia a pena pôr à prova o destino.

Havia barris grandes de cerveja empilhados mesmo por debaixo do alçapão. Colocando a vela num e pousando o bordão ao lado, subi para outro e consegui chegar à fechadura, que fora colocada no alçapão de modo a poder ser corrida ou aberta de ambos os lados. Era bastante simples e a chave do Mago voltou a funcionar, mas

naquele momento deixei o alçapão fechado caso alguém pudesse ver lá de cima.

Abri a porta para o corredor com igual facilidade, rodando a chave muito devagar de modo a não fazer qualquer ruído. Fez-me compreender que era uma sorte o Mago ter um irmão serralheiro.

A seguir, abri a porta e avancei por um comprido corredor lajeado. Estava deserto, mas cerca de vinte passos à frente, do lado direito, pude ver um archote a tremular num suporte de parede por cima de uma porta fechada. Só podia ser a casa dos guardas de que o irmão Peter me avisara. Mais adiante no corredor havia uma segunda porta, e para lá dela umas escadas de pedra que deviam conduzir às divisões por cima.

Avancei devagar pelo corredor em direção à primeira porta, quase nas pontas dos pés e mantendo-me nas sombras. Uma vez perto da sala dos guardas, ouvi sons vindos lá de dentro. Alguém tossiu, alguém soltou uma gargalhada e houve o murmúrio de vozes.

De repente, o meu coração disparou. Ouvira uma voz cava muito próximo da porta e antes que me conseguisse esconder, a porta foi escancarada com alguma for-

ça. Quase me atingiu, mas recuei para trás dela e comprimi-me contra as pedras rugosas da parede. Saíram botas pesadas para o corredor.

— Tenho de voltar ao meu trabalho — disse uma voz que reconheci. Era o Inquisidor e falava com alguém que estava junto de pé à entrada!

— Mandem alguém buscar o irmão Peter — continuou —, e tragam-no quando eu tiver terminado com o outro. O padre Cairns pode ter-nos deixado escapar um prisioneiro, mas ele sabia de quem era a culpa, isso posso afirmar. E pelo menos sempre teve o bom senso de me relatar o sucedido. Prendam bem as mãos do nosso bom irmão

atrás das costas, e não sejam meigos. Façam com que a corda se lhe crave na carne para que ele saiba exatamente o que o espera! Serão mais do que umas palavras duras, podem ter certeza disso. Os ferros em brasa soltar-lhe-ão a língua!

Como resposta ouviram-se as gargalhadas cruéis e ruidosas dos guardas. Depois a comprida capa negra do Inquisidor ondulou atrás dele na corrente de ar quando fechou a porta e se encaminhou rapidamente para as escadas ao fundo do corredor.

Se tivesse se virado teria me visto logo! Por um momento pensei que fosse parar à porta da cela dos prisioneiros, mas para meu alívio continuou a subir as escadas e desapareceu de vista.

Pobre irmão Peter. Ia ser interrogado e não havia forma de o poder avisar. E eu fora o prisioneiro a quem o Inquisidor se referira. Iam torturá-lo porque me deixara sair em liberdade! E não apenas isso, o padre Cairns falara de mim ao Inquisidor. Agora que tinha o Mago, o Inquisidor viria também à minha procura. Tinha de salvar o meu mestre antes que fosse tarde de mais para nós os dois.

Estive quase para cometer um grande erro e voltar pelo corredor na direção da cela; no entanto, percebi mesmo a tempo de que a ordem do Inquisidor seria executada imediatamente. De fato, a porta da sala dos guardas voltou a abrir-se e saíram dois homens brandindo cacetes que avançaram em passos largos para as escadas.

Quando a porta se voltou a fechar do lado de dentro, fiquei completamente exposto, mas a sorte continuava a meu favor e os guardas não se viraram. Depois de terem subido as escadas e desaparecido de vista, esperei alguns instantes até o eco das suas botas desaparecer ao longe e o meu coração deixar de bater tão fortemente. Foi então que ouvi outras vozes vindas da cela lá adiante. Uma cho-rava, outra entoava uma prece. Precipitei-me para

o som e cheguei a uma porta de metal pesada, o seu terço superior formado por barras de metal verticais.

Levantei a vela aproximando-a das grades e espreei-tei lá para dentro. À luz trêmula, a cela parecia muito ruim e cheirava ainda pior. Estavam cerca de vinte pessoas apinhadas naquele espaço pequeno. Algumas encontravam-se deitadas no chão e pareciam dormir. Outras estavam sentadas com as costas apoiadas na parede. Havia uma mulher de pé junto à porta e fora a sua voz que eu ouvira. Presumira que estivesse a rezar mas entoava uma algaraviada incompreensível e revirava os olhos como se aquilo por que passara a tivesse levado à loucura.

Não conseguia ver o Mago e também não conseguia ver Alice, porém isso não queria dizer que não estivessem lá dentro. Estes eram prisioneiros, sim. Os prisioneiros do Inquisidor, prontos para a fogueira.

Sem perder tempo, pousei o bordão, corri a fechadura da porta e abri-a lentamente. Queria entrar para procurar o Mago e Alice, mas antes mesmo de a porta estar completamente aberta, a mulher que estivera a entoar avançou e barrou-me o caminho.

Gritou algo, atirando-me as palavras na cara. Não consegui entender o que ela dizia, mas foi tão ruidoso que olhei para trás na direção da sala dos guardas. Numa questão de segundos, havia outros por detrás dela, empurrando-a para a frente e para o corredor. Estava uma menina à sua esquerda, pouco mais velha do que Alice.

Tinha grandes olhos castanhos e um rosto bondoso, de modo que recorri a ela.

— Estou à procura de alguém — disse-lhe, a minha voz pouco mais do que um murmúrio.

Antes que pudesse dizer algo mais, ela abriu bastante os lábios como se fosse falar, revelando duas filas de dentes, alguns partidos,

outros pretos com cáries. Em vez de palavras, saíram gargalhadas ruidosas da garganta dela e provocou de imediato um tumulto nos outros que a rodeavam. Estas pessoas tinham sido torturadas e passado dias ou até semanas sob a ameaça de morte. Era escusado apelar à razão ou pedir calma. Estenderam-se dedos para mim, e um homem grande e magro com membros compridos e olhos esgazeados agarrou-me a mão esquerda com força e começou a sacudi-la para cima e para baixo de gratidão.

— Obrigado! Obrigado! — exclamou, e apertou ainda com mais força, chegando eu a pensar que me es-magaria os ossos.

Consegui libertar a mão, peguei no bordão e recuei alguns passos. Não tardaria, os guardas ouviriam a agita-

ção e sairiam para o corredor a fim de investigarem. E se o Mago e Alice não estivessem naquela cela? E se se encontrassem presos noutro lugar?

Agora era tarde de mais porque, empurrado rudemente por trás, eu passara já pela sala dos guardas, e mais alguns segundos levaram-me até à porta da adega. Olhei para trás e vi uma fila de pessoas a seguir-me. Pelo menos ninguém gritava agora, mas não deixava de haver barulho a mais para o meu gosto. Só esperava que os guardas tivessem bebido bastante. Provavelmente estavam acostumados ao barulho dos prisioneiros; não contariam com uma fuga.

Uma vez dentro da adega, subi para um barril e e-quilibrei-me ali, enquanto empurrava rapidamente o alça-pão para cima. Vislumbrei através da porta aberta um contraforte de pedra da parede exterior da catedral e recebi no rosto um afluxo de ar frio e umidade. Chovia intensamente.

Outras pessoas tinham subido para os barris. O

homem que me agradecera acotovelou-me rudemente de lado e começou a içar-se pelo alçapão. Instantes depois estava lá fora,

estendendo uma mão para mim, oferecendo-se para me içar.

— Vamos! — disse com voz sibilante.

Hesitei. Queria ver se o Mago e Alice tinham saído da cela. Depois era tarde de mais, porque uma mulher subira para o barril a meu lado e estendia os braços para o homem que, sem um momento de hesitação, lhe agarrou os pulsos e a puxou pelo alçapão aberto.

Depois disso perdera a minha oportunidade. Havia outros, alguns quase lutando entre si no desespero de saí-

rem. Nem todos eram assim, porém. Outro homem virou um barril de lado e rolou-o até o encostar ao primeiro que estava ao alto para formar um degrau que facilitasse a subida. Ajudou uma velhota a subir e segurou-lhe as pernas enquanto o homem lá em cima a agarrava pelos pulsos e puxava lentamente para cima.

Os prisioneiros estavam a sair pelo alçapão, mas outros passavam ainda pela porta para a adega e não parei de olhar na direção deles, na esperança de que um pudesse ser o Mago ou Alice.

De repente ocorreu-me algo. E se um deles estivesse demasiado doente ou fraco para se mover e não conseguisse abandonar a cela?

Não tinha alternativa. Tinha de voltar atrás e ver.

Saltei do barril, mas era tarde de mais: um grito, depois vozes iradas. Atroaram botas pelo corredor. Um guarda grande e entroncado entrou na adega brandindo um bastão. Olhou à sua volta e, com um berro de raiva, veio direto a mim.

CAPÍTULO 10

CUSPE DE UMA GAROTA

Sem um segundo de hesitação, agarrei no bordão e apaguei a vela, mergulhando a adega na escuridão, e desloquei-me rapidamente na direção da porta que conduzia às catacumbas.

Havia uma tremenda agitação lá atrás: gritos, berros e os sons de uma luta. Olhando para trás, vi outro dos guardas levar um archote para a adega, de modo que me enfiar atrás das prateleiras do vinho, mantendo-as entre mim e a luz enquanto me dirigia para a porta na parede do fundo. Senti-me péssimo por deixar para trás o Mago e Alice. Ter chegado até aqui e não conseguir salvá-los fez-me sentir um miserável. Só esperava que, de certa forma, na confusão, eles tivessem logrado fugir. Ambos conseguiam ver bem no escuro e se *eu* conseguira encontrar a porta para as catacumbas, eles também haveriam de conseguir. Senti alguns dos prisioneiros passar por mim, afastando-se dos guardas e enfiando-se nos recantos escuros da adega. Alguns pareciam estar à minha frente.

Talvez o meu mestre e Alice se encontrassem entre eles, mas não podia arriscar chamá-los e alertar os guardas. Ao avançar cuidadosamente por entre as prateleiras de vinho, pareceu-me ver lá à frente a porta para as catacumbas abrir-se e fechar-se rapidamente, mas estava escuro demais para ter certeza.

Alguns momentos depois transpusera a porta. No instante em que a fechei atrás de mim, fiquei mergulhado numa escuridão tão intensa que, por uns segundos, não consegui ver um palmo à frente do nariz. Fiquei ali no topo dos degraus, esperando desesperadamente que os meus olhos se adaptassem.

Assim que consegui distinguir os degraus, desci cuidadosamente e avancei pelo túnel o mais rapidamente que pude, consciente de que alguém acabaria por ir verificar a porta: não a trancara para o caso de Alice ou o Mago estarem lá atrás.

Normalmente, consigo ver no escuro mas naquelas catacumbas parecia estar cada vez mais escuro por isso parei e retirei a caixa de

mechas do bolso do meu casaco.

Ajoelhei e tirei uma pequena quantidade de mechas para as pedras. Rapidamente, servi-me da pedra e do metal para criar uma faísca e alguns segundos depois consegui acender a minha vela.

Com a luz da vela a guiar-me, pude continuar a avançar mais mas o ar à minha volta tornava-se mais frio a cada passo e não muito longe lá adiante consegui ver as sinistras tremulações na parede. Mais uma vez, moviam-se formas luminosas brancas dentro e fora das sombras, no entanto, havia agora muito mais do que da última vez. Os mortos estavam a reunir-se. A minha anterior passagem pelos túneis incomodara-os.

Parei. O que era aquilo? Em algum lugar ao longe ouvira o uivo de um cão. Fiquei estarecido, o meu cora-

ção em sobressalto. Era um cão de verdade ou poderia tratar-se do Destruidor? Andrew mencionara um cão preto enorme com dentes ferozes. Um cão enorme que, na realidade, era o Destruidor. Procurei convencer-me de que aquilo que eu estava a ouvir era um cão de verdade, um cão que não se sabe como dera com o caminho para as catacumbas. Afinal, se um gato o fizera, por que não um cão?

Ouviu-se novamente o uivo, e ficou a pairar no ar durante bastante tempo, ecoando e repercutindo-se pelos compridos túneis. Estava à minha frente ou atrás? Neste túnel ou noutro? Era impossível dizer. Mas, com o Inquisidor e os seus homens atrás de mim, não tinha outra alternativa senão avançar para o portão.

Caminhei então rapidamente, tremendo de frio, desviando-me do gato prensado, até chegar ao ponto onde os túneis bifurcados se uniam. Contornei finalmente uma esquina e vi o Portão de Prata. Ali estaquei, os meus joelhos começando a tremer, a minha mente receando prosseguir. Porque lá à frente, na escuridão para lá da chama da vela, estava alguém à minha espera. Havia uma figura

umbrosa sentada no chão próximo do portão. Poderia tratar-se de um prisioneiro que fugira? Alguém que passara pela porta antes de mim?

Não podia voltar para trás, de maneira que dei alguns passos na direção do portão e levantei mais a vela.

Virou-se para mim um rosto barbudo.

— Por que demorou? — perguntou uma voz que reconheci. — Já estou à espera há cinco minutos!

Era o Mago, vivo e de saúde! Precipitei-me, muito aliviado por ele ter conseguido fugir. Tinha uma equimose feia por cima do olho esquerdo e a boca estava inchada.

Tinham-no espancado, pelo visto.

— O senhor está bem? — perguntei, ansioso.

— Sim, rapaz. Dê-me mais alguns instantes para recuperar o fôlego e ficarei ótimo. Abra aquele portão e em breve iremos a caminho.

— Alice estava com você? — inquiri. — Estavam na mesma cela?

— Não, rapaz. O melhor que tem a fazer é esquecer-la. Ela não presta. Só traz problemas e não há nada que possamos fazer para ajudá-la neste momento. — A voz dele pareceu cruel e dura. — Ela merece o que a espera.

— Morrer queimada? — perguntei. — O senhor nunca foi a favor de queimar uma bruxa, quanto mais uma moça jovem, e chegou a dizer a Andrew que ela era inocente.

Fiquei chocado. Ele nunca confiara em Alice mas custava-me ouvido falar daquela maneira, especialmente quando ele próprio enfrentara semelhante destino terrível.

E então Meg? Nem sempre fora tão frio e insensível. .

— O que te deu, rapaz, está a sonhar ou acordado?

— quis saber o Mago, a sua voz cheia de contrariedade e impaciência. — Vamos, acorde! Pegue a chave e abra aquele portão.

Como eu hesitasse, ele estendeu as mãos para mim.

— Dê-me o meu bordão, rapaz. Estive tempo demais na cela úmida e esta noite tenho os ossos doloridos...

Estendi o braço para lhe entregar, mas quando os dedos dele começaram a envolvê-lo, recuei subitamente, aterrorizado.

Não fora apenas o choque do seu hálito quente e malcheiroso a queimar-me o rosto. É que ele estende-ra-me a mão direita! A mão direita, não a esquerda!

Não era o Mago! Este não era o meu mestre!

Enquanto observava, pregado ao chão, a mão dele desceu para o lado do corpo, como uma cobra, começando a contorcer-se na minha direção sobre as pedras. Antes que conseguisse me mexer, o braço dele descaíra e esticara para o dobro do seu comprimento normal e a mão fechara-se em volta do meu tornozelo, agarrando-o num aperto firme e doloroso. A minha reação imediata foi tentar retirá-lo daquele aperto medonho, mas sabia que não era possível. Mantive-me absolutamente imóvel.

Procurei concentrar-me. Agarrei o bordão e tentei vencer o medo, lembrando-me de respirar. Estava apavorado, mas, apesar de o meu corpo não se mexer, a minha mente fazia-o. Só havia uma explicação e levava-me a estremecer de terror: encontrava-me perante o Destruidor!

Fazendo um esforço para me concentrar, analisei cuidadosamente aquela coisa, procurando avidamente algo que me pudesse ajudar nem que fosse só um bocadinho.

Parecia tal e qual o Mago, e a voz era também a dele. Era impossível dizer a diferença, à exceção da mão a serpente-ar.

Depois de observar durante alguns segundos, senti-me um pouco melhor. Era um truque que o Mago me ensinara: quando frente a frente com os nossos maiores receios deveríamos concentrar-nos intensamente e pôr de lado os nossos sentimentos.

«Funciona sempre, rapaz!», dissera-me ele uma vez.

«O escuro alimenta-se do medo, e com uma mente calma e a barriga vazia tem meia batalha ganha antes mesmo de começar.»

E estava a funcionar. O meu corpo parara de tremer e sentia-me mais calmo, mais relaxado.

O Destruidor libertou o meu tornozelo e a mão voltou a deslizar para junto do corpo. A criatura levantou-se e deu um passo na minha direção. Quando o fez, ouvi um ruído curioso: não o som de botas de que estava à espera, mais como o raspar de garras enormes nas pedras. O movimento do Destruidor agitou o ar, pelo que a chama da vela tremulou, distorcendo a sombra que o Mago projetava no Portão de Prata.

Rapidamente, ajoelhei e coloquei a vela e o bordão no chão entre nós. Um instante depois, levantara-me, as minhas mãos em cada um dos bolsos das calças, agarrando um punhado de sal e outro de ferro.

— *Está perdendo o seu tempo* — disse o Destruidor, a sua voz subitamente nada parecida com a do Mago. Áspera e cava, ecoava pelas próprias rochas das catacumbas, vibrando pelas minhas botas e deixando-me os dentes sensíveis. — *Truques velhos como esse*

não me apanharão. Já aqui ando há tempo demais para ser afetado por isso! O s eu mestre, Ossos Velhos, tentou-o uma vez mas não lhe serviu de nada. De nada mesmo.

Hesitei, mas apenas por um momento. Podia estar simplesmente a mentir — valia a pena tentar. Mas depois, no meio das limalhas de ferro, a minha mão esquerda fechou-se sobre algo duro. Era a pequena chave do Portão de Prata. Não podia arriscar-me a perdê-la.

— *Ahhh. . tem aquilo de que preciso, ora se tem* — disse o Destruidor com um sorriso manhoso.

Lera-me o pensamento? Ou talvez tivesse lido apenas a expressão no meu rosto, ou possivelmente adivi-nhado? Fosse como fosse, sabia demais.

— *Olhe* — referiu, com uma expressão astuta na cara —, *se Ossos Velhos não foi capaz de me apanhar, então, que hipóteses tem você? Nenhuma mesmo! Hã de vir aqui embaixo, e andar à sua procura, não tarda. Não ouve os guardas agora? Arderá, sim! Arderá com os restantes! Não há saída daqui a não ser por este portão. Nenhuma saída mesmo, sabe? Portanto, use a chave antes que seja tarde demais!*

O Destruidor afastou-se para o lado, pelo que ficou de costas para a parede do túnel. Eu sabia exatamente o que ele pretendia: seguir-me pelo portão, ficar livre, poder fazer das suas em qualquer parte do Condado. Sabia o que diria o Mago; o que esperava de mim. Eu tinha o dever de me certificar de que o Destruidor permanecia aprisionado nas catacumbas. Isso era mais importante do que a minha própria vida.

— *Não seja tolo!* — silvou o Destruidor, a sua voz outra vez muito mais alta e áspera do que alguma vez ouvira a do Mago. — *Ouça-me e será livre. E recompensado também. Uma grande recompensa. A mesma que ofereci a Ossos Velhos há muitos anos, mas ele não me*

quis dar ouvidos. E onde é que isso o levou, hein? Diga-me! Amanhã será julgado e considerado culpado. Depois de amanhã morrerá na fogueira.

— Não — argumentei. — Não posso fazê-lo.

Ante aquelas palavras, o rosto do Destruidor encheu-se de raiva. Fazia ainda lembrar o Mago, mas as fei-

ções que eu conhecia tão bem estavam distorcidas e carregadas de maldade. Deu outro passo na minha direção, erguendo um punho. Podia tratar-se apenas de uma ilusão criada pela luz da vela, mas a criatura parecia estar a crescer. E senti um peso invisível começar a pressionar-me a cabeça e os ombros. Quando fui obrigado a ajoelhar-me, pensei no gato esborrachado nas pedras e percebi que me esperava idêntico destino. Procurei inspirar mas não consegui e entrei em pânico. Não era capaz de respirar! Era isso!

A luz da vela perdeu-se na súbita escuridão que me cobriu os olhos. Tentei desesperadamente falar, pedir misericórdia, mas sabia que não havia misericórdia a menos que eu abrisse o Portão de Prata. Onde é que eu tinha a cabeça? Como fora tolo ao acreditar que, com alguns meses de preparação conseguiria repelir uma criatura tão ma-lévola e poderosa quanto o Destruidor! Estava a morrer

— tinha certeza disso. Sozinho nas catacumbas. E, o pior de tudo, era que falhara redondamente. Não conseguira salvar o meu mestre nem Alice.

Depois ouvi algo ao longe: o som de um sapato a raspar nas pedras. Dizem que, quando morremos, o último sentido que perdemos é o ouvido. E por um momento pareceu-me que o raspar de um sapato era a última experiência que levaria desta vida. Mas, nessa altura, o peso invisível a esmagar o meu corpo foi retrocedendo lentamente. A minha visão ficou mais clara e, de repente, pude voltar a respirar. Vi o Destruidor virar a cabeça e olhar para trás na direção da curva do túnel. O Destruidor também ouvira!

Outra vez o som. Desta vez não havia dúvida. Passos! Vinha aí alguém!

Olhei para trás na direção do Destruidor e vi que estava a mudar. Não o imaginara possível. Estava *mesmo* a crescer. Mas agora, a sua cabeça chegava quase ao teto do túnel, o corpo curvando-se para a frente, o rosto a mudar até deixar de ser o do Mago. O queixo alongava-se, saindo para fora e para cima e formando o princípio de um gancho, e o focinho curvava para baixo ao encontro dele. Estaria a mudar para a sua verdadeira forma — a da gárgula de pedra por cima da porta principal da catedral? Recuperara a força plena?

Escutei os passos que se aproximavam. Devia ter apagado a vela, mas isso apenas me deixaria no escuro com o Destruidor. Pelo menos parecia vir aí apenas uma pessoa e não um bando de homens do Inquisidor. Não me importava quem era. De momento salvara-me.

Vi primeiro os pés, quando alguém contornou a esquina e surgiu iluminado pela luz da vela. Sapatos bicudos, depois uma menina magra com um vestido preto e o menear de quadril quando ela virou a esquina.

Era Alice!

Parou, olhou para mim rapidamente, e arregalou os olhos. Quando viu o Destruidor, o seu rosto ficou furioso em vez de receoso.

Olhei para trás e, por um momento, os olhos do Destruidor cruzaram-se com os meus. Para além da raiva a chispar neles, pude ver algo mais, mas antes que conseguisse perceber, Alice correu na direção do Destruidor, bufando como um gato. Depois, para meu espanto, cuspiu-lhe no focinho.

O que sucedeu seguidamente foi rápido demais para se ver. Levantou-se um vento súbito e o Destruidor desapareceu.

Ficamos imóveis durante o que pareceu muito tempo. Depois Alice virou-se para mim.

— Ele não gostou muito do cuspe de uma garota, não é? — comentou com um ténue sorriso. — Ainda bem que cheguei nesta altura.

Não respondi. Não podia acreditar que o Destruidor tivesse fugido tão facilmente, mas eu estava já de joelhos, a tentar enfiar a chave na fechadura do Portão de Prata. As minhas mãos tremiam, e estava a ser tão difícil quanto parecera quando Andrew o fizera.

Lá consegui introduzir a chave na posição certa e ela rodou. Abri o portão, peguei na chave e no bordão e atravessei a gatinhar.

— Traga a vela! — gritei a Alice, e mal ela ficou em segurança, introduzi a chave do outro lado da fechadura e esforcei-me por rodá-la. Desta vez pareceu levar uma eternidade; esperava que o Destruidor voltasse a qualquer momento.

— Não consegue ser um pouco mais rápido? — perguntou Alice.

— Não é tão fácil quanto parece — respondi-lhe.

Por fim, consegui fechá-lo e soltei um suspiro de alívio. Depois lembrei-me do Mago. .

— Mr. Gregory estava com você na cela? — inquiri.

Alice abanou a cabeça. — Não quando nos libertou. Eles tinham-no levado para interrogá-lo cerca de uma hora antes de aparecer.

Tivera sorte ao conseguir evitar a captura. Sorte ao conseguir tirar os prisioneiros da cela. Mas a sorte tem uma forma de se equilibrar a si mesma. Chegara somente uma hora depois. Alice estava livre,

mas o Mago continuava preso e, a menos que conseguisse fazer algo a esse respeito, ele ia ser queimado.

Sem perder mais tempo, conduzi Alice pelo túnel até chegarmos ao rio de curso rápido. Atravessei depressa, contudo quando me virei para trás, Alice continuava na outra margem, a olhar para a água.

— É fundo, Tom — exclamou. — É fundo demais e as pedras são escorregadias!

Atravessei até onde ela ficara. Depois, agarrando-lhe a mão, conduzi-a pelas nove pedras lisas. Não tardamos a chegar ao alçapão aberto que dava acesso à casa vazia e, uma vez dentro da cave, fechei o alçapão atrás de nós. Para meu desalento, Andrew fora-se embora. Precisava falar com ele: dizer-lhe que o Mago não estava na cela; avisá-lo de que o irmão Peter corria perigo e que os rumores eram realmente verdade — a força do Destruidor voltara!

— Era melhor ficarmos aqui um pouco. O Inquisidor irá começar a procurar na cidade mal se perceber de que fugiu. Esta casa está assombrada — o último lugar onde alguém irá querer procurar é aqui em baixo na cave.

Alice anuiu e, pela primeira vez desde a Primavera, consegui olhá-la como deve ser. Estava da minha altura, o que significava que crescera pelo menos também dois centímetros e meio, mas estava ainda vestida tal e qual da última vez que a vira quando a fora levar a casa da tia dela em Staumin. Se não era o mesmo vestido preto, era um gêmeo dele.

O seu rosto estava bonito como sempre, só que mais magro, e mais velho, como se tivesse assistido a coisas que o tinham obrigado a crescer rapidamente; coisas a que ninguém deveria ter de assistir. O seu cabelo preto estava opaco e imundo e havia manchas de sujeira no rosto dela. Alice parecia não se lavar há pelo menos um mês.

— É bom voltar a te ver — disse-lhe. — Quando te vi na carroça do Inquisidor, julguei que fosse o fim.

Ela não respondeu. Agarrou apenas a minha mão e apertou-a.

— Estou meio esfomeada, Tom. Não tem nada que se coma, não é?

Abanei a cabeça.

— Nem sequer um pedaço daquele queijo velho e bolorento?

— Lamento — disse-lhe. — Não me resta nenhum.

Alice virou-se e agarrou uma ponta do velho tapete que estava em cima de um monte.

— Ajude-me, Tom — pediu. — Preciso me sentar e não gosto muito das pedras frias.

Pousei a vela e o bordão e juntos estendemos o tapete nas lajes. O cheiro de mofo era mais forte do que nunca e vi as baratas e os bichos-de-conta que tínhamos destapado fugirem correndo pelo chão da cave.

Nada preocupada, Alice sentou-se no tapete e encolheu os joelhos para que pudesse apoiar o queixo.

— Um dia vou me vingar — disse. — Ninguém merece ser tratado daquela maneira.

Sentei-me ao lado dela e coloquei a minha mão na sua. — O que aconteceu? — inquiri.

Ela permaneceu em silêncio durante um tempo e, precisamente quando decidira que ela não me ia responder, de repente falou.

— Assim que me conheceu, a minha velha tia foi boa para mim. Obrigava-me a trabalhar, se obrigava, mas sempre me alimentou

bem. Estava a acostumar-me a viver ali em Staumin quando veio o Inquisidor. Apanhou-nos de surpresa e arrombou a porta. Mas a minha tia não era Lizzie dos Ossos. Ela não era nenhuma bruxa.

— Atiraram-na no lago à meia-noite enquanto uma enorme multidão assistia, todos rindo às gargalhadas e a escarnecer. Estava verdadeiramente assustada, sim, à espera de que a seguir fosse a minha vez. Amarraram-lhe os pés às mãos e atiraram-na lá para dentro. Foi ao fundo como uma pedra, coitadinha. Mas estava escuro, fazia muito vento e veio uma grande rajada no momento em que ela bateu na água; apagou uma quantidade de archotes. Demoraram muito tempo a encontrá-la e tirá-la para fora.

Alice enterrou o rosto nas mãos e soltou um solu-

ço. Aguardei em silêncio até que ela pudesse continuar.

Quando descobriu o rosto, tinha os olhos secos mas os lábios tremiam-lhe.

— Quando a conseguiram tirar, estava morta. Não é justo, Tom. Ela não boiou, afundou-se, por isso devia estar inocente, mas eles mataram-na mesmo assim! Depois disso meteram-me na carroça com os restantes.

— A minha mãe contou-me que atirar uma bruxa na água não é conclusivo — referi. — Só os tolos recorrem a esse método.

— Não, Tom, o Inquisidor não é nenhum tolo.

Existe um motivo para tudo o que ele faz, disso pode ter certeza. É ganancioso. Ganancioso por dinheiro. Ele vendeu a cabana da minha tia e guardou o dinheiro. Nós vi-mo-lo a contá-lo. É o que ele faz. Chama de bruxas as pessoas, afasta-as do caminho e fica-lhes com as casas, a terra e o dinheiro. E mais, gosta do seu trabalho. Há escuridão nele. Ele diz que o faz para livrar o Condado das bruxas,

mas é mais cruel do que qualquer bruxa que eu tenha conhecido — e não fica por aí.

— Havia uma garota chamada Maggie. Não era muito mais velha do que eu. Não a atirou à água. Fez um teste diferente e tivemos todos de assistir. O Inquisidor usou um comprido alfinete afiado. Foi-lhe espetando sucessivamente o corpo. Devia tê-la ouvido gritar. A pobre garota quase enlouqueceu de dor. Desmaiava constantemente e eles tinham um balde de água ao lado da mesa para fazê-la recobrar os sentidos. Mas no fim encontraram aquilo que procuravam. A marca do Diabo! Sabe o que é, Tom? Anuí. O Mago contara-me que era uma das coisas que os caçadores de bruxas usavam. Mas, segundo ele, não passava de outra mentira. As marcas do Diabo não existiam. Quem possuísse verdadeiros conhecimentos do escuro sabia-o.

— É cruel e muito injusto — continuou Alice. —

Ao fim de um tempo, a dor torna-se excessiva e o corpo fica entorpecido, e quando a agulha entra deixamos de senti-la. Dizem então que é o lugar onde o Diabo nos tocou, por isso somos culpadas e temos de ser queimadas.

O pior de tudo foi a expressão no rosto do Inquisidor.

Estava todo triunfante. Irei de me vingar. Irei fazê-lo pagar por isso. Maggie não merecia ser queimada na fogueira.

— O Mago também não merece ser queimado! —

respondi com azedume. — Toda a vida trabalhou arduamente para combater o escuro.

— Ele é homem e a sua morte será mais fácil do que a de alguns — referiu Alice. — O Inquisidor é muito pior com as mulheres. Diz que é mais difícil salvar a alma de uma mulher do que a de um homem.

Que elas precisam de muita dor para se arrependem dos seus pecados.

Recordei então o que o Mago dissera a respeito de o Destruidor não tolerar as mulheres. O fato de o deixarem nervoso.

— A criatura em que cuspiu era o Destruidor —

contei-lhe. — Já ouviu falar dele? Como conseguiu assustá-lo tão facilmente?

Alice encolheu os ombros. — Não é muito difícil perceber quando algo não se sente confortável na nossa presença. Alguns homens são assim — eu sei sempre quando não sou bem-vinda. Tenho essa sensação perto do Velho Gregory, e aconteceu o mesmo lá em baixo. E o cuspe repele a maior parte das coisas. Se cuspir três vezes num sapo, nada de pele fria e viscosa te incomodará durante um mês ou mais. Lizzie costumava jurar por ele.

Não creio, porém, que funcione dessa maneira com o Destruidor. Sim, já ouvi falar dessa criatura. E se é capaz de mudar de forma agora, então é que estamos todos metidos num grande problemas. Apanhei-o de surpresa, é tudo. Mas da próxima vez ele estará precavido, por isso não volto a ir lá abaixo.

Durante um tempo, nenhum de nós falou. Limitei-me a olhar para o velho carpete bolorento, até ouvir de repente a respiração de Alice tornar-se mais profunda.

Quando olhei para trás, os seus olhos estavam fechados e adormecera na mesma posição, com o queixo apoiado nos joelhos.

Eu não queria realmente apagar a vela, mas não sabia quanto tempo teríamos de ficar ali em baixo na cave e era melhor poupar alguma luz para mais tarde.

Assim que a apaguei, tentei adormecer mas tive dificuldade. Para começar, sentia frio e tremia constantemente. Depois, não conseguia tirar o Mago do pensamento. Não tínhamos podido salvá-lo, e o Inquisidor iria ficar realmente furioso com o que sucedera. Não tardaria muito à começar a queimar as pessoas.

Por fim, devo ter cochilado porque fui acordado de repente pelo som da voz de Alice muito perto do meu ouvido esquerdo.

— Tom — disse ela, a sua voz pouco mais do que um murmúrio —, está existe algo além no canto da cave conosco. Está a olhar fixamente para mim e isso não me agrada.

Alice tinha razão. Sentia algo no canto e notei frio.

Os cabelos na minha nuca começaram a eriçar-se. Provavelmente seria apenas e de novo Matty Barnes, o estran-gulador.

— Não se preocupe, Alice. — É apenas um fantasma. Procure esquecê-lo. Desde que não tenha medo, ele não te pode fazer mal.

— Eu não tenho medo. Pelo menos não agora. —

Fez uma pausa, depois disse: — Mas senti medo naquela cela. Não preguei o olho com todos aqueles gritos e berros. Não tardarei a voltar a adormecer. Só quero que se vá embora. Não está certo, a olhar-me daquela maneira.

— Não sei o que irei fazer agora — afirmei, pensando de novo no Mago.

Alice não respondeu e a sua respiração tornou-se outra vez mais profunda. Adormecera. E eu devo ter também voltado a adormecer porque um ruído me acor-dou de repente.

Era o som de botas pesadas. Alguém estava por cima de nós, na cozinha.

CAPÍTULO 11

O JULGAMENTO DO MAGO

A porta abriu-se chiando e a luz de uma vela encheu a divisão. Para meu alívio era Andrew.

— Calculei que viesse a te encontrar aqui em baixo

— disse ele. Trazia um pequeno embrulho. Quando o pousou e colocou a vela ao lado da minha, apontou com a cabeça na direção de Alice, que continuava a dormir profundamente mas estava agora deitada de lado, de costas para nós, o rosto apoiado nas mãos.

— Afinal quem é esta? — indagou.

— Costumava viver perto de Chipenden — contei-lhe. — Chama-se Alice. Mr. Gregory não estava lá.

Tinham-no levado para cima para interrogá-lo.

Andrew abanou a cabeça, pesaroso. — O irmão Peter disse o mesmo. Não podia ter tido mais azar. Mais meia hora e John estaria de volta à cela com os outros.

Acontece que fugiram onze, mas cinco foram apanhados pouco depois. Infelizmente as más notícias não ficam por aqui. Os homens do Inquisidor prenderam o irmão Peter na rua pouco depois de ele ter saído da minha oficina. Vi da janela de cima. Estou arrumado nesta cidade. Provavelmente a seguir virão buscar-me a mim, mas eu não vou ficar por aqui para responder seja a que perguntas for. Já fechei a oficina. As minhas ferramentas estão na carroça e vou seguir rumo ao sul, para regressar a Adlington, onde costumava trabalhar.

— Lamento, Andrew.

— Não lamente. Quem não tentaria ajudar o próprio irmão? Além disso, não é tão mau assim para mim.

As instalações da oficina eram apenas alugadas e tenho o ofício nas pontas dos dedos. Tome — disse, abrindo o embrulho. — Trouxe-te alguma comida.

— Que horas são? — perguntei.

— Faltam cerca de duas horas para a alvorada. Arrisquei-me vindo aqui. Depois deste tumulto todo, metade da cidade está acordada. Foi muita gente para o salão grande em Fishergate. Depois do que aconteceu a noite passada, o Inquisidor vai realizar um julgamento sumário para todos os presos que ainda lhe restam.

— Por que não espera até ser de dia? — inquiri.

— Nessa altura estariam ainda mais pessoas presentes — respondeu Andrew. — Ele quer despachar tudo antes que haja qualquer oposição significativa. Alguns dos habitantes da cidade opõem-se ao que ele está a fazer.

Quanto às fogueiras, terão lugar esta noite depois de escurecer, na colina do farol em Wortham, a sul do rio. O

Inquisidor terá muitos homens armados para o caso de haver problemas, por isso, se tiver algum juízo, ficará aqui até anoitecer e depois seguir a estrada.

Antes mesmo que ele tivesse tempo de abrir o embrulho, Alice virou-se para nós e sentou-se. Talvez lhe tivesse cheirado a comida ou estivera a escutar durante aquele tempo todo, fingindo dormir. Havia fatias de presunto, pão fresco e dois tomates grandes. Sem uma palavra de agradecimento a Andrew, Alice atacou logo, e após um momento de hesitação, fiz-lhe companhia. Estava realmente cheio de fome e não parecia fazer muito sentido jejuar neste momento.

— Sendo assim, vou andando — anunciou Andrew. — Pobre John, mas não há nada que possamos fazer agora.

— Não valeria a pena uma última tentativa para salvá-lo? — perguntei.

— Não, fez o suficiente. É perigoso demais aproximar-se do local do julgamento. E em breve o pobre John estará com os restantes, escoltado por guardas armados e a caminho de Wortham para ser queimado vivo com todos aqueles outros pobres desgraçados.

— E então a maldição? — perguntei. — O senhor mesmo disse que ele fora condenado por uma maldição a morrer sozinho debaixo de terra, não aqui em cima num farol.

— Oh, a maldição. Não acredito nisso, tal como John também não. Eu só estava desesperadamente a tentar impedi-lo de ir atrás do Destruidor com o Inquisidor na cidade. Não, receio que o destino do meu irmão esteja traçado, por isso vá embora. Uma vez John me disse que há um mago a operar em algum lugar próximo de Caster.

Percorre as fronteiras do Condado até ao Norte. Mencione o nome de John e talvez ele te aceite. Foi em tempos um dos aprendizes de John.

Baixando-me a cabeça, Andrew virou-se para partir.

— Vou lhe deixar a vela — referiu. — Boa sorte na estrada. E, se alguma vez precisar de um bom serralheiro, saberá onde vir procurá-lo.

E depois foi embora. Ouvi-o subir as escadas da cave e fechar a porta de trás. Alguns instantes depois Alice lambia suco de tomate dos dedos. Tínhamos comido tudo

— não restava nem uma migalha.

— Alice — disse-lhe —, quero ir ao julgamento.

Talvez haja uma possibilidade de eu poder fazer algo para ajudar o Mago. Vem comigo?

Os olhos de Alice arregalaram-se. — Fazer algo?

Não ouviu o que ele disse? Não há nada a fazer, Tom! O que pode fazer contra homens armados? Não, tenha juízo.

Não vale a pena o risco, não é? Além disso, por que haveria eu de tentar ajudar? O Velho Gregory não faria o mesmo por mim. Me deixaria arder, pode ter certeza!

Fiquei sem saber o que responder. Até certo ponto era verdade. Eu pedira ao Mago que ajudasse Alice e ele recusara. Então, soltando um suspiro, pus-me em pé.

— Eu vou mesmo assim — disse-lhe.

— Não, Tom, não me deixe aqui. Não com o fantasma. .

— Julguei que não tivesse medo.

— Não tenho. Mas da última vez que adormeci senti-o começar a apertar-me a garganta, verdade. Pode fazer pior se não estiver aqui.

— Nesse caso, venha comigo. Não será tão perigoso assim, porque ainda estará escuro. E o melhor lugar para nos escondermos é numa grande multidão. Venha, por favor. O que diz?

— Tem um plano? — perguntou-me. — Algo que ainda não tenha me contado?

Abanei a cabeça.

— Bem que achei — retorquiu ela.

— Olha, Alice, eu só quero ir ver. Se não puder ajudar viremos embora. Mas nunca me perdoaria se não fizesse uma última tentativa.

Relutantemente, Alice levantou-se.

— Vou ver o que acontece — referiu. — Mas tem de me prometer que, se for perigoso demais, nós vamos logo embora. Conheço o Inquisidor melhor do que você.

Confie em mim, não deveríamos arranjar confusão próximo dele.

— Prometo — garanti-lhe.

Deixei o saco do Mago e o bordão na cave e puse-mo-nos a caminho de Fishergate, onde ia se realizar o julgamento.

Andrew referira que metade da cidade estava acordada. Fora um exagero, mas para uma hora tão matutina havia muitas velas a tremular por detrás das cortinas e algumas pessoas pareciam correr apressadas pelas ruas escuras na mesma direção que nós.

Eu contava, em parte, que não conseguíssemos aproximar-nos sequer do edifício, pensando que os guardas estariam alinhados na rua lá fora, mas, para minha surpresa, não se viam nenhuns dos homens do Inquisidor. As grandes portas de madeira estavam escancaradas e uma multidão enchia a entrada, saindo cá para fora, como se não houvesse espaço para todos no interior.

Fui avançando na frente com cautela, satisfeito com a escuridão. Quando cheguei ao fundo da multidão, percebi que não estava tão densamente apinhada quanto parecera ao princípio. Dentro do salão o ar tinha um odor adocicado e enjoativo. Era apenas uma sala grande com o chão lajeado, sobre o qual tinham espalhado irregularmente serradura. Não conseguia ver bem por cima da

multidão porque a maior parte das pessoas era mais alta do que eu, mas parecia haver um grande espaço lá na frente para onde ninguém queria avançar. Agarrei a mão de Alice e abri caminho pelo aglomerado de pessoas, arrastando-a atrás de mim.

Estava escuro no fundo do salão, contudo a parte da frente era iluminada por dois enormes archotes a cada canto de um palanque. O Inquisidor encontrava-se na parte da frente, olhando para baixo. Dizia algo, mas a sua voz chegava abafada.

Olhei para aqueles que me rodeavam e vi a varie-dade de expressões nos seus rostos: raiva, tristeza, azedume e resignação. Alguns mostravam-se manifestamente hostis. Esta multidão era composta sobretudo por aqueles que se opunham ao trabalho do Inquisidor. Alguns deles podiam mesmo ser parentes e amigos dos acusados. Por um momento esse pensamento deu-me esperança de que pudessem tentar alguma manobra de salvação.

Porém, depois, as minhas esperanças foram frus-tradas: vi por que motivo ninguém avançara. Por baixo do palanque havia cinco bancos compridos de padres de costas para nós, mas atrás deles e virada para nós, havia uma dupla fila de homens armados de rostos sinistros. Alguns tinham cruzado os braços; outros haviam colocado as mãos nos punhos das espadas como se inquietos por as desembainhar. Ninguém queria aproximar-se demasiado deles. Olhei para cima na direção do teto e vi uma galeria alta que se estendia para as laterais do salão; rostos esprei-tavam aqui para baixo, ovais brancos e pálidos que pareciam todos iguais vistos do piso térreo. Aquele deveria ser o local mais seguro e que proporcionava uma melhor vista. Havia umas escadas à esquerda e puxei Alice na direção delas. Momentos depois avançávamos pela ampla galeria.

Não se encontrava cheia e logo estávamos instalados num lugar junto do corrimão mais ou menos a meio caminho das portas e do palanque. Pairava ainda o mesmo fedor adocicado no ar, muito mais intenso agora do que quando tínhamos estado nas lajes lá em baixo.

De repente percebi o que era. O salão era quase com certeza usado como mercado da carne. Era o cheiro de sangue.

O Inquisidor não era a única pessoa no palanque.

Mesmo ao fundo, nas sombras, um aglomerado de guardas rodeava os prisioneiros que aguardavam o julgamento, mas imediatamente atrás do Inquisidor estavam dois guardas agarrando pelos braços um prisioneiro que cho-rava. Era uma garota alta com cabelo escuro comprido.

Trazia um vestido esfarrapado e estava descalça.

— Aquela é Maggie! — sussurrou-me Alice ao ouvido. — Aquela que foi constantemente espetada com alfinetes. Pobre Maggie, não é justo. Julguei que tivesse escapado.

Aqui em cima o som era muito melhor e pude ouvir cada palavra que o Inquisidor proferiu. — Esta mulher é condenada pelos seus próprios lábios! — gritou ele, a sua voz sonora e arrogante. — Ela confessou tudo e a marca do Diabo foi encontrada na sua carne. Condeno-a a ser amarrada ao poste e queimada viva. E que Deus tenha misericórdia da sua alma.

Maggie começou a soluçar ainda mais alto, mas um dos seus captores agarrou-a pelos cabelos e foi arrastada na direção de uma porta por detrás do palanque. Mal ela desapareceu, logo outro prisioneiro de batina preta e com as mãos amarradas atrás das costas foi empurrado para a luz dos archotes. Por um momento julguei estar a fazer confusão, mas não havia dúvida.

Era o irmão Peter. Reconheci-o pelo tufo fino de cabelo branco que lhe orlava a calva e pela curvatura das costas e dos ombros. Mas o seu rosto estava tão maltratado e manchado de sangue que mal o reconheci. Tinham-lhe partido o nariz, esborrachando-o contra o rosto, e um olho estava fechado, reduzido a uma fenda vermelha e inchada.

Ao vê-lo naquele estado senti-me péssimo. Fora tudo por minha causa. Para começar, ele deixara-me escapar; depois contara-me como chegar à cela para salvar o Mago e Alice. Sob tortura, devia ter-lhes contado tudo. A culpa era toda minha e senti-me destroçado pelo remorso.

— Em tempos este foi um irmão, um servo fiel da Igreja! — exclamou o Inquisidor. — Mas olhem para ele agora! Olhem para este traidor! Ele ajudou os nossos inimigos e aliou-se às forças das trevas. Temos a sua confissão, escrita pelo seu próprio punho. Ei-la aqui! — gritou, levantando um pedaço de papel bem alto para que todos pudessem ver.

Ninguém teve oportunidade de o ler — podia nem referir nada de nada. Mesmo que fosse uma confissão, bastou-me olhar para o rosto do pobre irmão Peter para ver que lhe fora arrancada à força. Não era justo. Não se fazia justiça aqui. Isto não era sequer um julgamento. Em tempos, o Mago contara-me que quando as pessoas eram julgadas no castelo de Caster, pelo menos tinham uma audiência — um juiz, um advogado de acusação e alguém que as defendesse. Mas aqui, o Inquisidor fazia tudo sozinho! — Ele é culpado. Culpado sem a menor dúvida —

continuou. — Por conseguinte, condeno-o a ser levado para as catacumbas e abandonado ali. E que Deus tenha misericórdia da sua alma!

Ouviu-se um súbito arfar de horror da multidão, mas o mais sonoro de todos partiu dos padres sentados na frente. Eles sabiam exatamente qual iria ser o destino do irmão Peter. Seria prensado até à morte pelo Destruidor.

O irmão Peter tentou falar mas os seus lábios estavam demasiado inchados. Um dos guardas socou-o na cabeça enquanto o Inquisidor esboçava um sorriso cruel.

Levaram-no na direção da porta, na parte de trás do palanque, e ainda mal abandonara o edifício já outro prisioneiro era trazido do escuro. O coração caiu-me aos pés.

Era o Mago.

A primeira vista, para além de algumas equimoses no rosto, o Mago não parecia ter sido tão maltratado quanto o irmão Peter. Mas reparei depois num pormenor mais arrepiante. Semicerrava os olhos para o archote e parecia desorientado, com uma expressão vaga nos seus olhos verdes. Parecia perdido. Era como se a sua memória tivesse desaparecido e ele nem sequer soubesse quem era.

Comecei a perguntar-me até que ponto o haviam espancado.

— Diante de vós encontra-se John Gregory! — exclamou o Inquisidor, a sua voz ecoando de parede a parede. — Um discípulo do Diabo, nem menos, que durante muitos anos exerceu a sua nefasta atividade neste conda-do, recebendo dinheiro de pessoas pobres e crédulas. Mas este homem renuncia? Admite os seus pecados e pede perdão? Não, é obstinado e não confessará. Agora, só através do fogo poderá ser expurgado e receber a esperança de salvação. Porém, não contente com o mal que é capaz de fazer, ensinou outros e continua ainda a fazê-lo. Padre Cairns, levante-se e preste depoimento!

Da fila de bancos da frente avançou um padre sob a luz do archote mais próximo do palanque. Estava de costas para mim por isso não consegui lhe ver o rosto, mas avistei a sua mão enfaixada e quando falou era a mesma voz que eu escutara no confessionário.

— Lorde Inquisidor, John Gregory trouxe consigo um aprendiz ao visitar esta cidade, alguém que já foi cor-rompido. O seu nome é Thomas Ward.

Ouvi Alice soltar uma arfada baixa e os meus joelhos começaram a tremer. Tive de repente plena consci-

ência do perigo que era estar aqui neste salão, tão perto do Inquisidor e dos seus homens armados.

— Pela graça de Deus, o rapaz veio parar às minhas mãos — continuou o padre Cairns —, e, se não tivesse sido a intervenção do irmão Peter, que permitiu que ele escapasse à justiça, teria entregado para interrogatório.

Mas eu próprio o inquiri, e achei-o amadurecido para a sua idade e insensível à persuasão por meras palavras. Não obstante os meus melhores esforços, ele não conseguiu ver o erro dos seus atos e por tal temos de culpar John Gregory, um homem que não se contenta em praticar a sua vil arte, alguém que corrompe ativamente os jovens.

Tanto quanto sei, passou mais de uma vintena de aprendizes pelas suas mãos e alguns, por sua vez, seguem agora a mesma arte e têm aceitado aprendizes. Desta forma, o mal espalha-se pelo Condado como uma praga.

— Obrigado, Padre. Pode sentar-se. O seu depoimento é suficiente para condenar John Gregory!

Quando o padre Cairns se tornou a sentar, Alice agarrou-me o cotovelo.

— Vamos embora — murmurou-me ao ouvido —, é perigoso demais ficar!

— Não, por favor — respondi murmurando também. — Só mais um pouco.

A menção do meu nome assustara-me, mas queria ficar mais alguns minutos para ver o que acontecia ao meu mestre.

— John Gregory, para você só pode haver um castigo! — bramou o Inquisidor. — Será amarrado a um poste e queimado vivo. Rezarei

por você. Rezarei para que a dor te ensine o erro dos seus atos. Rezarei para que peça perdão a Deus e, enquanto o seu corpo arde, a sua alma possa se salvar.

O Inquisidor não olhou para o Mago o tempo todo em que esteve discursando, mas podia perfeitamente ter estado a gritar para uma parede de pedra. Não existia expressão nos olhos do Mago. De certa forma, era uma bênção porque ele parecia não saber o que estava a suceder. Isto fez-me compreender que, mesmo que de certa forma eu conseguisse salvá-lo, ele poderia nunca mais voltar a ser o mesmo.

Senti um nó na garganta. A casa do Mago tornara-se o meu novo lar e recordei as lições, as conversas com o Mago e até os momentos medonhos em que tí-

nhamos tido de enfrentar o escuro. Ia sentir a falta de tu-do aquilo e a idéia de o meu mestre ser queimado vivo fez-me vir as lágrimas aos olhos.

A minha mãe tivera razão. A princípio, eu pusera em causa vir a ser aprendiz do Mago. Temera a solidão.

Mas ela dissera-me que teria o Mago para conversar; que, apesar de ele ser meu professor, acabaria por se tornar meu amigo. Bem, não sabia se isso já acontecera, porque ele continuava a ser muito austero e cruel, contudo ia certamente sentir saudades suas.

Quando os guardas o arrastaram na direção da porta, acenei a Alice e, mantendo a cabeça baixa e evitan-do olhar diretamente para quem quer que fosse, avancei pela galeria e desci as escadas. Lá fora, pude ver que o céu começara a ficar mais claro. Em breve não teríamos a co-bertura do escuro e alguém poderia reconhecer um de nós. As ruas registravam já maior movimento e a multidão no exterior do salão mais do que duplicara desde que tí-

nhamos entrado. Abri caminho por entre a multidão para poder olhar para a lateral do edifício, na direção da porta por onde haviam levado os prisioneiros.

Um olhar disse-me que a situação era desesperada.

Não consegui ver quaisquer prisioneiros, mas isso não surpreendia porque devia haver pelo menos vinte guardas próximo das portas. Que hipóteses tínhamos contra tantos? Com o coração aos pés, virei-me para Alice.

— Vamos embora — disse-lhe. — Não há nada que possamos fazer aqui.

Estava ansioso por chegar à segurança da cave, por isso caminhamos rapidamente. Alice seguiu-me sem abrir a boca.

CAPÍTULO 12

O PORTÃO DE PRATA

Uma vez de regresso à cave, Alice voltou-se para mim, os seus olhos chispando de raiva.

— Não é justo, Tom! Pobre Maggie. Ela não merece ser queimada. Nenhum deles merece. Tem de se fazer alguma coisa.

Encolhi os ombros e limitei-me a olhar para o ar, a minha mente entorpecida. Dali a pouco, Alice recostou-se e adormeceu. Procurei fazer o mesmo mas comecei a pensar de novo no Mago. Apesar de a situação parecer desesperada, deveria ir ainda assim assistir às fogueiras e ver se podia fazer algo para ajudar? Depois de estar algum tempo a pensar, decidi finalmente que, ao anoitecer, abandonaria Priestown e iria a casa conversar com a minha mãe.

Ela saberia o que eu deveria fazer. Aqui, eu estava desorientado e precisava de ajuda. Teria de caminhar toda a noite e não conseguiria

pregar olho, de maneira que o melhor era aproveitar o que pudesse agora. Levei algum tempo a adormecer, mas quando o consegui, comecei quase de imediato a sonhar e depois soube que estava de novo nas catacumbas.

Na maior parte dos sonhos não sabemos que estamos a sonhar. Mas quando isso sucede, normalmente acontece uma de duas coisas. Ou acordamos logo ou permanecemos no sonho e fazemos o que queremos. Pelo menos comigo foi sempre assim.

Mas este sonho era diferente. Parecia que algo estava a controlar os meus movimentos. Eu caminhava por um túnel escuro com o coto de vela na mão esquerda e aproximava-me da porta escura que abria para uma das criptas que continha os ossos da Gente Pequena. Eu não queria de modo algum aproximar-me dali, mas os meus pés continuavam simplesmente a caminhar.

Estaquei junto da porta aberta, a luz tremulante da vela iluminando os ossos. A maior parte encontrava-se nas prateleiras ao fundo da cripta, mas havia alguns ossos partidos dispersos pelo chão empedrado ou jazendo num monte ao canto. Não queria entrar ali, realmente não, mas parecia não ter outra escolha. Entrei na cripta, ouvindo pequenos fragmentos de osso serem esmagados debaixo dos meus pés, quando de repente senti imenso frio.

Um Inverno, era eu jovem, o meu irmão James perseguira-me e enchera-me os ouvidos de neve. Tentara repeli-lo, mas ele tinha apenas mais um ano do que o meu irmão mais velho Jack e era igualmente grande e forte, a tal ponto que o meu pai acabou por mandá-lo aprender o ofício de ferreiro. Partilhava o mesmo sentido de humor que Jack. Neve nos ouvidos fora a idéia tola de James de uma partida mas, na realidade, machucara-me e o meu rosto ficara completamente dormente e passada uma hora ainda me doía. Era exatamente assim no sonho. Queria dizer que algo do escuro se aproximava. O frio começou dentro da minha cabeça até a sentir gelada e dormente, como se já não me pertencesse.

Algo falou da escuridão atrás de mim. Algo que estava próximo das minhas costas e entre mim e a porta. A voz era áspera e cava e não precisei de perguntar quem era. Apesar de não me encontrar de frente para ele, sentia o seu hálito fétido.

— *Estou encurralado* — disse o Destruidor. — *Estou aprisionado. Não tenho mais nada.*

Não respondi e seguiu-se um longo silêncio. Era um pesadelo e tentei acordar. Esforcei-me realmente, mas era inútil.

— *Que espaço agradável, este* — continuou o Destruidor. — *Um dos meus lugares preferidos, se é. Cheio de ossos velhos.*

Mas o que quero é sangue fresco e o sangue dos jovens é o melhor de todos. Mas se não conseguir arranjar sangue, terei de me contentar com ossos. Os ossos novos são os melhores. Dêem-me sempre ossos novos, frescos, saborosos e cheios de tutano. É disso que eu gosto.

Adoro partir ossos jovens e chupar o tutano. Mas os ossos velhos sempre são melhores do que nada. Ossos velhos como estes. São preferíveis à fome a atacar-me as entranhas. A fome que dói tanto.

«Não há tutano dentro dos ossos velhos. Mas os ossos velhos ainda guardam lembranças, sabe. Acaricio os ossos, sim, faço-o devagar, para que eles me revelem todos os seus segredos. Vejo a carne que em tempos os cobriu, as esperanças e ambições que acabaram nesta fragilidade seca e morta. Isso também me alimenta. E alivia a fome.

O Destruidor estava muito próximo do meu ouvido esquerdo, a sua voz agora pouco mais do que um murmúrio. Senti uma vontade súbita de me virar e olhar para ele mas deve ter-me lido o pensamento.

— Não se vire, rapaz — avisou-me. — Olhe que não vai gostar do que vir. Responda-me apenas a esta pergunta.

Seguiu-se uma longa pausa e senti que o coração me batia com força no peito. O Destruidor fez então a pergunta. .

— Depois da morte, o que acontece?

Não soube responder. O Mago nunca falava dessas coisas. Eu só sabia que havia fantasmas que ainda conseguiam pensar e falar. E fragmentos chamados imagens fantasmagóricas que tinham ficado para trás enquanto a alma seguia caminho. Mas caminho para onde? Não sabia.

Só Deus sabia. Se existisse um Deus.

Abanei a cabeça. Não falei e estava assustado demais para me virar. Sentia atrás de mim algo enorme e aterrador.

— Não há nada depois da morte! Nada! Nada de nada!

— berrou o Destruidor perto do meu ouvido. — *Só existe negrura e vazio. Nem pensamento. Nem sentimento. Apenas esquecimento. É tudo o que te espera do outro lado da morte. Mas faça o que te peço, e te darei uma longa, longa vida! Três vintenas mais dez anos é melhor do que a maior parte dos humanos fracos pode esperar. Mas poderia dar-te isso dez ou vinte vezes! E tudo o que tem de fazer é abrir o portão que eu tratarei do resto. O s eu mestre ficaria livre também. Sei que é isso que você quer. Poderia voltar à vida que teve em tempos.*

Uma parte de mim ansiava dizer que sim. Imaginei o Mago a ser queimado e uma viagem solitária para norte até Caster sem nenhuma certeza de que poderia prosseguir o meu aprendizado. Se ao menos as coisas pudessem voltar ao que tinham sido! Mas, apesar de me sentir tentado a dizer que sim, sabia que isso não era simplesmente possível. Ainda que o Destruidor cumprisse o prometido, não podia deixá-lo andar à solta pelo Condado, para poder praticar o mal a seu bel-prazer. Sabia que o Mago preferiria morrer a deixar que isso acontecesse.

Abri a boca para dizer que não, mas antes mesmo de conseguir articular a palavra o Destruidor voltou a falar.

— *A garota seria fácil!* — referiu. — *Tudo o que ela quer é uma fogueira quente. Uma casa onde morar. Roupas limpas.*

Mas pense no que estou te propondo! E tudo o que quero é o seu sangue. Um pouquinho, percebe. E não doerá assim muito. Apenas o suficiente é tudo o que peço. E depois celebraremos um pacto juntos. Deixe-me só chupar o seu sangue para que possa voltar a ficar forte. Deixe-me só transpor o portão e devolver-me-ás a liberdade.

Três vezes depois, farei o que me pedir e terá uma longa, longa vida.

O sangue da garota é melhor do que nada, mas é realmente do seu que preciso. Você é um sete vezes sete. Só uma vez antes sa-boreei um sangue doce como o seu. E ainda me lembro bem, se lembro. O sangue doce de um sete vezes sete. Como eu voltaria a ficar forte! Como seria grandiosa a sua recompensa! Isso não é melhor do que o nada da morte?

«E a morte virá até você um dia. Virá com certeza a despeito de tudo o que eu faça, avançando sorrateiramente como o nevoeiro na margem de um rio numa noite fria e úmida. Mas posso re-tardar esse momento. Retardá-lo por muitos e muitos anos. Passaria muito tempo antes de ter de enfrentar aquela escuridão. Aquela escuridão. Aquela nada! Então, o que me diz, rapaz? Estou encurralado. Estou aprisionado. Mas você pode ajudar!

Estava assustado e tentei voltar a acordar. Mas de repente as palavras saíram-me da boca, quase como se tivessem sido proferidas por outra pessoa.

— Não acredito que não haja nada depois da morte

— disse. — Tenho alma e se viver a minha vida como deve ser, vivê-la-ei de alguma maneira. Haverá algo. Não acredito no nada. Não acredito nisso.

— *Não! Não!* — bramou o Destruidor. — *Você não sabe o que eu sei! Não pode ver o que eu vejo! Eu vejo para lá da morte. Eu vejo o vazio. O vazio. Eu sei! Vejo o estado horrível de ser nada. O nada de nada, isso existe! O nada de nada!*

O meu coração começou a abrandar e de repente senti-me muito calmo. O Destruidor continuava atrás de mim mas a cripta começava a ficar quente. Agora percebia. Conhecia a dor do Destruidor. Sabia por que precisava de se alimentar das pessoas, do seu sangue, das suas esperanças e dos seus sonhos...

— Tenho uma alma e continuarei vivo — redargui ao Destruidor, mantendo a minha voz muito calma. — E

é essa a diferença. Eu tenho alma e você não! Para você não *existe* nada depois da morte! Nada de nada!

A minha cabeça foi empurrada com força contra a parede da cripta e ouvi um silvo de fúria atrás de mim.

Um silvo que se transformou num urro de raiva.

— *Tolo!* — gritou o Destruidor, a sua voz atroando e enchendo a cripta e ecoando para lá dela pelos túneis compridos das catacumbas. Bateu-me de lado na cabeça com toda a violência, fazendo com que a minha testa ras-passe nas pedras duras e frias. Vi pelo canto do olho o tamanho da mão enorme que me agarrava a cabeça. Em vez de unhas, os dedos terminavam em enormes garras amarelas.

— *Teve a sua oportunidade, mas agora acabou-se para sempre!* — berrou o Destruidor. — *Porém há mais alguém que pode ajudar-me. Por isso, se não te posso ter, me contentarei com ela!*

Fui empurrado para baixo, para o monte de ossos ao canto. Senti-me cair no meio deles. Fui descendo sempre, mergulhando num poço sem fundo cheio de ossos. A vela apagara-se, mas os ossos pareciam brilhar no escuro: caveiras de sorriso rasgado, caixas torácicas, ossos de pernas e ossos de braços, fragmentos de mãos, dedos e polegares, e sempre o pó branco e seco da morte a cobrir-me o rosto, a entrar-me pelo nariz para a boca e a descer-me pela garganta, até começar a sufocar e mal conseguir respirar.

— *É este o bafo da morte!* — exclamou o Destruidor.

— *E é este o aspecto da morte!*

Os ossos desapareceram de vista e não consegui ver nada. Nada de nada. Estava simplesmente a cair pela negrura. A cair no escuro. Senti pavor de que o Destruidor me tivesse matado de alguma forma durante o sono, mas continuei a fazer um esforço para acordar. Não sei como, o Destruidor estivera a falar comigo enquanto dormia e sabia quem ele estaria agora a persuadir para fazer o que eu recusara.

Alice!

* * *

Conseguí finalmente acordar, mas já era tarde demais. Ardia uma vela a meu lado, mas era apenas um coto.

Estivera dormindo por horas! A outra desaparecera, bem como Alice!

Levei a mão ao bolso mas apenas confirmei o que adivinhava já. Alice tirara-me a chave do Portão de Prata. .

Quando tentei pôr-me em pé senti tonturas e doí-

a-me a cabeça. Levei a mão à testa e veio úmida com sangue. Não sei como, o Destruidor fizera-me aquilo num sonho. Conseguia ler também os pensamentos. Como era possível derrotar uma criatura quando ela sabia o que pretendíamos fazer antes de termos tido oportunidade de nos mover ou sequer de falar? O Mago tinha razão — esta criatura era a coisa mais perigosa que alguma vez tínhamos enfrentado.

Alice deixara o alçapão aberto e, pegando na vela, não perdi tempo a descer as escadas até às catacumbas.

Alguns minutos depois alcancei o rio, que me pareceu um pouco mais profundo do que antes. A água, turbilhonando logo abaixo, cobria efetivamente três das nove alpondras, as que ficavam mesmo no meio, e senti a corrente puxar-me as botas.

Atravessei rapidamente, muito embora fosse impossível eu não chegar tarde demais. Mas quando virei a esquina, vi Alice sentada com a cabeça encostada à parede.

A sua mão esquerda repousava nas pedras, os dedos cobertos de sangue.

E o Portão de Prata estava escancarado!

CAPÍTULO 13

AS FOGUEIRAS

— Alice! — exclamei, olhando incrédulo para o portão aberto. — O que você fez?

Ela olhou para mim, com os olhos cheios de lágrimas. A chave continuava na fechadura. Furioso, retirei-a e voltei a enfiá-la no bolso das calças, enterrando-a bem no fundo das limalhas de ferro.

— Vamos! — disse-lhe bruscamente, quase furioso de mais para falar. — Temos de sair daqui.

Estendi-lhe a mão esquerda mas ela recusou-a.

Preferiu manter a sua, a que estava coberta de sangue, junto ao corpo e olhou para ela, fazendo uma careta de dor.

— O que aconteceu com a sua mão? — inquiri.

— Nada de especial — respondeu. — Não demora a ficar boa. Agora vai tudo correr bem.

— Não, Alice — redargui —, não vai, não. Agora todo o Condado corre perigo, graças a você.

Puxei delicadamente pela sua mão sã e conduzi-a pelo túnel até chegarmos ao rio. A beira da água ela deu um puxão e soltou a mão

da minha; não fiz qualquer julgamento sobre aquele gesto. Limitei-me a atravessar rapidamente. Só quando cheguei ao outro lado é que olhei para trás e vi Alice ainda ali de pé a olhar para a água.

— Vamos! — gritei. — Aprese-se!

— Não consigo, Tom! — gritou Alice em resposta.

— Não consigo atravessar!

Pousei a vela e fui buscá-la. Ela quis esquivar-se.

Mas agarrei-a com força. Se houvesse oferecido resistência, eu não teria qualquer chance, mas assim que as minhas mãos lhe tocaram, o corpo de Alice ficou inerte e tombou sobre mim. Sem perder tempo, flexionei os joelhos e en-caixei o seu corpo sobre o meu ombro, como vira o Mago fazer para transportar uma bruxa.

Sabem, eu não tinha dúvidas. Se não conseguia atravessar água corrente, então é porque Alice se tornara o que o Mago sempre receara que lhe acontecesse. Os acordos dela com o Destruidor tinham-na finalmente feito passar-se para o escuro.

Uma parte de mim queria deixá-la ali. Eu sabia que era o que o Mago teria feito. Mas não fui capaz. Estava a desobedecer-lhe mas tinha de ser. Ela continuava a ser Alice e havíamos passado juntos por muita coisa.

Não deixou de ser difícil atravessar o rio com ela ao ombro, apesar de ela ser leve, e tive de fazer um esforço para manter o equilíbrio nas pedras. Para complicar, no momento em que iniciei a travessia, Alice começou a gemer como se estivesse a sofrer.

Ao chegarmos finalmente ao outro lado, depositei-a no chão e peguei na vela.

— Vamos! — disse, mas ela ficou apenas ali a tremer e tive de lhe agarrar a mão e puxá-la até chegarmos às escadas que conduziam à cave.

Uma vez lá, pousei a vela e sentei-me na borda do tapete velho. Desta vez, Alice não se sentou. Limitou-se a cruzar os braços e encostou-se à parede. Nenhum de nós falou. Não havia nada a dizer e eu estava ocupado demais a pensar.

Dormira bastante tempo, tanto antes do sonho como depois dele. Fui espreitar à porta no topo das escadas da cave e vi que o Sol estava mesmo no ocaso. Esperaria uma meia hora e depois pôr-me-ia a caminho. Queria desesperadamente ajudar o Mago mas sentia-me absolutamente impotente. Sentia-me mal só de pensar no que lhe estava a acontecer, contudo o que podia eu realmente fazer contra dúzias de homens armados? E estava mesmo decidido a não ir à colina do farol para o ver arder. A idéia era-me insuportável. Não, ia a casa ver a Mãe. Ela saberia o que eu deveria fazer a partir dali.

Talvez a minha vida como aprendiz de mago tivesse terminado. Ou talvez ela me sugerisse que fosse para norte de Caster e arranjasse um novo mestre. Era difícil saber o que ela me aconselharia a fazer.

Quando achei que estava na hora, retirei a corrente de prata do lugar onde a prendera debaixo da camisa, e voltei a guardá-la no saco do Mago juntamente com a sua capa. Como sempre dizia o meu pai: «Guarda o que não presta e achará o que precisas!» Assim, voltei a guardar também o sal e o ferro nos seus compartimentos no saco -

o máximo que consegui retirar dos bolsos das minhas calças.

— Vamos — instiguei Alice. — Vou acompanhar-te até lá fora.

Então, colocando a capa e levando o saco e o bordão, subi as escadas, depois servi-me da minha outra chave para abrir a porta de trás. Uma vez no pátio, voltei a trancá-la atrás de nós.

— Adeus, Alice — disse-lhe, e virei-me para me afastar.

— O quê? Não vem comigo, Tom? — perguntou Alice.

— Onde?

— Às fogueiras, claro, apanhar o Inquisidor. Ele vai ver o que o espera. Vai ter o que merece. Vou retribuir-lhe pelo que fez à minha pobre tia velha e a Maggie.

— E como tenciona fazer isso? — inquiri.

— Dei o meu sangue ao Destruidor, sabe — referiu Alice, arregalando muito os olhos. — Introduzi os dedos através da grade e ele chupou-o debaixo das minhas unhas. Pode não gostar de moças, mas gosta do seu sangue. Tirou o que necessitava, por isso o pacto foi firmado e agora ele tem de fazer o que eu disser. Tem de obedecer à minha vontade.

As unhas da mão esquerda de Alice estavam negras do sangue seco. Enojado, virei a cara e abri o portão do pátio, saindo para o caminho estreito.

— Onde vai, Tom? Agora não pode ir embora! —

gritou Alice.

— Vou para casa falar com a Mãe — respondi, sem sequer me virar para olhá-la.

— Vai para junto da sua mãe, vai! Não passa de um filhinho da mamãe, de um medroso, e sempre o será!

Eu não dera mais de uma dúzia de passos antes de ela vir a correr atrás de mim.

— Não vá, Tom! Por favor não vá! — gritou. Continuei a caminhar. Nem sequer me virei.

Quando Alice voltou a gritar, havia verdadeira raiva na sua voz. Mas mais do que isso, parecia desesperada.

— Não pode ir embora, Tom! Não vou te deixar ir.

É meu. Você me pertence!

Enquanto corria para mim, virei-me e enfrentei-a.

— Não, Alice — disse. — Eu não te pertenco. Eu pertenco à luz e agora você pertence às trevas!

Ela estendeu as mãos e agarrou-me o antebraço esquerdo com muita força. Conseguia sentir as unhas dela a cravarem-se na minha carne. Estremeci com a dor mas olhei-a diretamente nos olhos.

— Não sabe o que fez! — redargui-lhe.

— Oh sim, sei, Tom. Sei exatamente o que fiz e um dia irá agradecer-me. Está tão preocupado com o seu rico Destruidor, mas acredite em mim, ele não é pior do que o Inquisidor — afirmou Alice, soltando-me o braço. — Aquilo que fiz, fiz por todos nós, por você e por mim, até pelo Velho Gregory.

— O Destruidor irá matá-lo. Será a primeira coisa que fará agora que se encontra em liberdade!

— Não, está enganado, Tom! Não é o Destruidor que quer matar o Velho Gregory, é o Inquisidor. Neste preciso momento o Destruidor é a sua única esperança de sobrevivência. E tudo graças a mim.

Fiquei confuso.

— Olhe, Tom, venha comigo e lhe mostrarei.

Abanei a cabeça.

— Bem, quer venha comigo quer não — continuou ela —, o farei mesmo assim.

— Fará o quê?

— Vou salvar os prisioneiros do Inquisidor. Todos eles! E vou mostrar-lhe o que é arder!

Olhei de novo com dureza para Alice, mas ela não desviou o olhar do meu. A raiva chispava nos seus olhos e, naquele momento, senti que ela teria conseguido até fitar o Mago, algo de que normalmente não seria capaz.

Alice falara muito seriamente e pareceu-me que o Destruidor era capaz de lhe obedecer e ajudá-la. Afinal, eles tinham feito um pacto qualquer.

Se havia alguma chance de salvar o Mago, então eu tinha de lá estar para lhe devolver a liberdade. Não me sentia nada confortável em ter de contar com algo tão mau quanto o Destruidor, no entanto, que outra alternativa me restava? Alice virou-se na direção da colina do farol e, lentamente, comecei a segui-la.

As ruas estavam desertas e caminhamos rapidamente, dirigindo-nos para sul.

— É melhor livrar-me deste bordão — comentei com Alice. — Pode denunciar-nos.

Ela anuiu e apontou para um alpendre velho em ruínas. — Deixe-o ali atrás — referiu. — Podemos vir buscá-lo no regresso.

Ainda havia alguma claridade no céu a oeste e refletia-se no rio, que serpenteava pelos vales dos montes de Wortham. Os meus olhos foram atraídos para cima, para a assustadora colina do farol. As suas vertentes inferiores estavam cobertas de árvores, que começavam agora a perder as folhas, mas acima havia apenas erva e vegetação rasteira.

Deixamos para trás as últimas casas e reunimo-nos a uma quantidade de pessoas que atravessava a estreita ponte de pedra sobre o rio, deslocando-se lentamente através do ar úmido e parado. Havia uma névoa branca na margem do rio, mas não tardamos a subir por entre as árvores, passando por cima de montes de folhas úmidas a apodrecer e indo sair perto do topo da colina. Encontrava-se já ali reunida uma grande multidão, com mais pessoas a chegar a cada minuto. Havia três montes enormes de troncos e ramos prontos para serem ateados, o maior colocado entre os outros dois. Erguendo-se dessas pilhas viam-se os grossos postes onde as vítimas seriam amarradas. No topo da colina do farol, com as luzes da cidade a espalhar-se abaixo de nós, o ar era mais fresco. A zona estava iluminada por archotes colocados em postes esguios de madeira, que oscilavam ligeiramente com a brisa suave de oeste. Mas havia zonas escuras, onde os rostos da multidão estavam na sombra, e segui Alice até uma delas, para que pudéssemos assistir ao que se passava sem que despertássemos as atenções.

De guarda, com as costas voltadas para as pilhas, estava uma dúzia de homens usando capuzes pretos, apenas com fendas nos olhos e na boca. Tinham bastões nas mãos e pareciam ansiosos por usá-los. Estes eram os ajudantes dos carrascos, que auxiliariam o Inquisidor a acender as fogueiras e, se necessário, a repelir a multidão.

Não sabia muito bem como reagir. Valeria a pena esperar que pudessem fazer algo? Quaisquer parentes e amigos dos condenados haveriam de querer salvá-los, mas seriam em número suficiente para efetuar uma tentativa de salvamento? Claro que, como dissera

o irmão Peter, havia muitas pessoas que adoravam uma fogueira. Muitas estavam aqui pelo espetáculo.

Mal aquele pensamento entrou na minha cabeça, ouviu-se ao longe o rufar contínuo de tambores.

— *Ardam! Ardam! Ardam, bruxas, ardam!* — pareciam atroar os tambores.

Ante aquele som, a multidão começou a murmurar, as suas vozes a crescer até se tornarem um bramido até que finalmente irrompeu em sonoros assobios e vaias.

Aproximava-se o Inquisidor, montado no seu enorme cavalo branco, e atrás dele rolava uma carroça aberta con-tendo os prisioneiros. Outros homens cavalgavam ao lado e na retaguarda da carroça, e tinham espadas na cintura.

Atrás deles, a pé, vinha uma dúzia de tocadores de tambor, pavoneando-se, os seus braços subindo e descendo teatralmente ao ritmo que marcavam.

— *Ardam! Ardam! Ardam, bruxas, ardam!*

De repente, toda a situação parecia irremediável.

Alguns nas filas da frente da multidão começaram a atirar fruta podre nos prisioneiros, mas os guardas nos flancos, provavelmente preocupados em não serem atingidos por engano, puxaram das espadas e avançaram diretos a eles, repelindo-os e fazendo com que a multidão de pessoas fosse obrigada a recuar.

A carroça aproximou-se mais, depois parou e, pela primeira vez, pude ver o Mago. Alguns dos prisioneiros estavam de joelhos, rezando. Outros gemiam e puxavam os cabelos, mas o meu mestre estava de pé, muito ereto, olhando em frente. O seu rosto parecia

alterado e cansado, e tinha a mesma expressão vaga nos olhos, como se ainda não compreendesse o que lhe estava acontecendo.

Apresentava uma equimose nova na testa por cima do olho esquerdo, e o lábio inferior estava aberto e inchado

— levara sem dúvida outra sova.

Um padre avançou, levando um rolo de pergaminho na mão direita, e o ritmo dos tambores mudou. Tornou-se um rufar rápido e cavo que atingiu um crescendo.

Depois parou, subitamente, quando o padre começou a ler o pergaminho.

— Povo de Priestown, ouçam isto! Estamos aqui reunidos para presenciar a execução legal pelo fogo de doze bruxas e um feiticeiro, os miseráveis pecadores que vedes agora diante de vós. Rezai pelas suas almas! Rezai para que, através da dor, eles possam vir a reconhecer o erro dos seus atos. Rezai para que possam pedir perdão a Deus e assim redimir as suas almas imortais.

Ouviu-se outro rufar de tambores. O padre ainda não terminara e, no silêncio que se seguiu, continuou a ler.

— O nosso Lorde Protetor, o Inquisidor-Mor, deseja que isto seja uma lição para outros que possam vir a escolher o caminho das trevas. Vede estes pecadores arder! Vede os seus ossos estalar e a sua gordura derreter como sebo de vela. Escutai os seus gritos e ao mesmo tempo recordai que isto não é nada! Isto não é mesmo nada comparado com as chamas do Inferno! Nada comparado com a eternidade de tormento que espera aqueles que não buscam o perdão!

A multidão ficara silenciosa ante aquelas palavras.

Talvez fosse o medo do Inferno que o padre mencionara, mas, mais provavelmente, pensei, seria outra coisa. Era o que eu temia agora. Ficar a assistir ao horror do que estava prestes a acontecer. A tomada de consciência de que carne e sangue vivos iam ser lançados às chamas para suportar uma agonia indescritível.

Dois dos homens encapuzados avançaram e tiraram com rudeza o primeiro prisioneiro da carroça — uma mulher com cabelo grisalho comprido, que lhe pendia densamente sobre os ombros, quase até à cintura. Quando a arrastaram na direção da pira mais próxima, começou a cuspir e a praguejar, tentando desesperadamente libertar-se. Alguns da multidão riram e escarneceram, insultando-a, mas inesperadamente ela conseguiu soltar-se e desatou a correr na direção do escuro.

Antes que os guardas conseguissem dar sequer um passo para a seguir, o Inquisidor passou a galope por eles, os cascos do cavalo fazendo saltar lama do solo macio.

Agarrou a mulher pelos cabelos, enrolando os dedos nos caracóis dela antes de fechar o punho. Depois deu-lhe um puxão tão violento que as costas dela se arquearam e foi quase levantada do chão. Ela soltou um uivo estridente e penetrante quando o Inquisidor a arrastou de costas na direção dos guardas, que a voltaram a agarrar e amarraram rapidamente a um dos postes na orla da pira maior. O destino dela estava traçado.

Caiu-me o coração aos pés ao ver que o Mago era o próximo prisioneiro a ser retirado da carroça. Encami-nharam-no para a pira maior e amarraram-no ao poste central, mas nem uma só vez ele se debateu. Ficou apenas ali com ar desorientado. Recordei mais uma vez a altura em que me dissera que arder na fogueira era uma das mortes mais dolorosas que se podia imaginar e não concordava que se fizesse isso a uma bruxa. Era insuportável vê-lo ali amarrado, aguardando o seu destino. Alguns dos homens do Inquisidor traziam

archotes e imaginei-os a acender as piras, as chamas avançando na direção do Ma-go. Era horrível pensar nisso e as lágrimas começaram a descer-me pelo rosto.

Procurei recordar o que o meu amo dissera a respeito de algo ou alguém a observar o que fazíamos. Se levar uma vida direita, dissera-me então, numa hora de necessidade ele estará a seu lado e lhe emprestará a sua força. Bem, ele levara uma vida direita e fizera tudo por aquilo que julgava ser o melhor. Por isso merecia algo.

Não?

Se eu pertencesse a uma família que frequentava a igreja e rezasse mais, era o que teria feito então. Não tinha esse hábito e não sabia como se fazia, porém, sem me dar conta disso, murmurei algo para mim mesmo. Não pretendi que fosse uma prece, mas acho que, na verdade, o era.

— Ajudai-o, por favor — murmurei. — Ajudai-o, por favor.

De repente, os cabelos na minha nuca começaram a eriçar-se e senti imediatamente frio, muito frio. Aproximava-se algo do escuro. Ouvi Alice arfar subitamente, soltar um gemido cavo, e de imediato a minha visão se toldou a tal ponto que, quando me virei e estendi a mão para ela, não conseguia ver nem um palmo à frente do nariz. O murmúrio da multidão ouviu-se ao longe e ficou tudo parado e silencioso. Senti-me isolado do resto do mundo, sozinho na escuridão.

Sabia que o Destruidor chegara. Não conseguia ver nada mas sentia-o próximo, um imenso espírito negro, um peso enorme que ameaçava expulsar a vida de mim. Fiquei apavorado, por mim e por todas as pessoas inocentes ali reunidas, mas não podia fazer nada senão esperar na escuridão que aquilo acabasse.

Quando a minha visão aclarou, vi Alice começar a avançar. Antes que a pudesse impedir, abandonou as sombras e avançou

diretamente para o Mago e os dois carrascos na pira central. O Inquisidor estava ali próximo, observando. Quando ela se aproximou, vi-o virar o cavalo na direção dela e esporeá-lo para um galope brando. Por um momento, julguei que tencionasse passar-lhe por cima com o cavalo, mas obrigou o animal a parar tão próximo que Alice podia ter estendido a mão e feito uma festa no focinho dele.

Estampou-se um sorriso cruel no rosto do homem e percebi que a reconhecera como um dos prisioneiros evadidos. Nunca esquecerei o que Alice fez a seguir.

No silêncio repentino que se instalara, ela ergueu as mãos para o Inquisidor, apontando para ele com ambos os indicadores. Depois soltou uma longa gargalhada sonora e o som ecoou por toda a colina, fazendo com que o cabelo na minha nuca voltasse a se arrepiar. Era uma gargalhada de triunfo e desafio e achei estranho que o Inquisidor estivesse a preparar-se para queimar aquelas pessoas, todas elas falsamente acusadas, todas elas inocentes, enquanto estava diante dele, em liberdade, uma bruxa verdadeira, com verdadeiro poder.

A seguir, Alice girou nos calcanhares e começou a rodopiar, mantendo os braços estendidos na horizontal.

Enquanto observava, começaram a aparecer pontos negros no focinho e na cabeça do garanhão branco do Inquisidor. A princípio fiquei intrigado e não percebi o que estava a suceder. Mas depois o cavalo relinchou de medo e empinou-se nas patas traseiras e vi que saíam gotículas de sangue da mão esquerda de Alice. Sangue do lugar on-de o Destruidor acabara de se alimentar.

Levantou-se um vento súbito intenso demais, houve um relâmpago ofuscante e ribombou um trovão tão forte que me fez doer os ouvidos. Encontrei-me de joelhos e ouvi pessoas aos gritos e berros. Olhei para trás na direção de Alice e vi que ela continuava a

rodopiar, a girar cada vez mais depressa. O cavalo branco empinou de no-vo, desta vez desalojando o Inquisidor, que caiu de costas sobre a pira.

Outro relâmpago e subitamente a orla da pira estava a arder, as chamas subindo a crepitar e o Inquisidor de joelhos todo cercado de chamas. Vi alguns guardas precipitarem-se para ajudá-lo, mas a multidão avançava também e um dos guardas foi arrancado do cavalo. Passados momentos, o tumulto generalizara-se. Por todo o lado se atacava e lutava. Outros corriam para fugir e o ar encheu-se de gritos e brados.

Larguei o saco e corri para o meu mestre, pois as chamas avançavam rapidamente, ameaçando envolvê-lo.

Sem pensar, saltei imediatamente para a pira, sentindo o calor das chamas, que começavam já a devorar os pedaços maiores de madeira.

Tentei desamarrá-lo, os meus dedos de volta dos nós. À minha esquerda um homem tentava libertar a mulher de cabelos grisalhos que tinham amarrado primeiro.

Entrei em pânico porque não estava a conseguir nada.

Havia demasiados nós! Estavam excessivamente apertados e o calor aumentava!

De repente, ouviu-se um grito de triunfo à minha esquerda. O homem libertara a mulher e um olhar disse-me como: pegara numa faca e cortara facilmente as cordas. Começava a afastar-se do poste quando olhou na minha direção. O ar enchera-se de gritos e berros e do crepitar das chamas. Mesmo que eu tivesse gritado ele não me teria ouvido, por isso limitei-me a estender a mão esquerda para ele. Por um momento pareceu hesitar, olhando para a minha mão, mas arremessou a faca na minha direção.

Não a apanhei e caiu nas chamas. Sem pensar, mergulhei a mão na madeira em chamas e recuperei-a.

Bastaram alguns segundos para cortar as cordas.

O fato de ter libertado o Mago quando ele estivera tão perto de morrer queimado proporcionou-me uma enorme sensação de alívio. Mas a minha felicidade foi de pouca duração. Ainda faltava muito para estarmos a salvo.

Havia homens do Inquisidor a toda a nossa volta e existia uma forte possibilidade de sermos detectados e apanhados. Desta vez seríamos ambos queimados!

Tinha de levá-lo da pira em chamas para a zona de escuridão mais adiante; para algum lugar onde não fôssemos vistos. Pareceu levar uma eternidade. Apoiava-se bastante em mim e dava pequenos passos vacilantes.

Lembrei-me do saco dele, de maneira que nos dirigimos para o local onde o largara. Apenas por um golpe de sorte evitamos os homens do Inquisidor. Do seu líder nem sinal, mas vi ao longe homens montados a acutilar com as espadas quem estivesse ao alcance delas. Esperava a qualquer momento que um deles nos atacasse. O progresso estava a ser cada vez mais difícil; o peso do Mago parecia aumentar no meu ombro e ainda tinha de carregar com o saco dele na minha mão direita. Mas depois, mais alguém lhe segurava o outro braço e avançávamos para o escuro das árvores e a segurança. Era Alice.

— Consegui, Tom! Consegui! — gritou, toda entusiasmada. Não soube muito bem o que responder. Claro que estava satisfeito, contudo não podia aprovar o méto-do dela. — Onde está agora o Destruidor? — indaguei.

— Não se preocupe com isso, Tom. Sei quando ele está próximo e não sinto nada em lado nenhum neste momento. Deve ter sido

necessário muito poder para fazer o que fez, por isso calculo que tenha voltado para o escuro por um tempo a fim de recuperar as forças.

Aquilo não me agradou mesmo nada.

— E o Inquisidor? — perguntei. — Não vi o que lhe aconteceu. Está morto?

Alice abanou a cabeça.

— Queimou as mãos quando caiu, é tudo. Mas agora já sabe o que é arder!

Quando ela disse aquilo, percebi a dor na minha própria mão, a esquerda, que amparava o Mago. Olhei para baixo e vi que as costas estavam em carne viva e empoladas. A cada passo que dava a dor parecia aumentar.

Atravessamos a ponte com uma multidão de pessoas assustadas que se acotovelavam, correndo todas para norte, ansiosas por se afastarem do tumulto e do que se seguiria. Em breve os homens do Inquisidor reagrupari-am, desejosos de recapturar os prisioneiros e castigar quem quer que tivesse participado na sua fuga. Quem estivesse no caminho deles sofreria.

Muito antes da alvorada estávamos longe de Priestown e passamos as primeiras horas de luz do dia num abrigo de gado em ruínas, com medo de que os homens do Inquisidor pudessem estar perto à procura dos prisioneiros fugitivos.

O Mago não dissera uma única palavra quando eu falara com ele, nem sequer depois de lhe ter recuperado e entregue o bordão. O seu olhar permanecia vago e fixo, como se a sua mente estivesse num lugar completamente diferente. Comecei a preocupar-me que a pancada na ca-beça pudesse ser grave, o que me deixava poucas opções.

— Temos de levá-lo para a nossa fazenda — informei Alice. — A minha mãe poderá ajudá-lo.

— Mas não irá ficar muito satisfeita por me ver, não é? — comentou Alice. — Não, quando descobrir o que eu fiz. Tão pouco aquele seu irmão.

Anuí, fazendo um esgar ante a dor na minha mão.

O que Alice dissera era verdade. Seria preferível se ela não viesse comigo, porém eu precisava da ajuda dela para levar o Mago, que estava longe de se aguentar de pé sozinho.

— O que se passa, Tom? — perguntou. Reparou na minha mão e veio observá-la. — Vou já tratar dela —

disse —, é um instante.

— Não, Alice, é perigoso demais!

Antes que a conseguisse impedir, saiu do abrigo.

Passados dez minutos estava de volta com uns pedaços de casca de árvore e folhas de uma planta que não reconheci.

Mastigou a casca com os dentes até ficar em pequenos pedaços fibrosos.

— Estenda a mão! — ordenou.

— O que é isso? — perguntei, na dúvida, mas a minha mão doía tanto que obedeci.

Delicadamente, colocou os pequenos pedaços de casca e envolveu a minha mão com as folhas. Depois, puxou um fio preto do vestido e usou-o para manter as folhas na posição.

— Lizzie ensinou-me isto — explicou-me. — Não tardará a deixar de sentir dores.

Preparava-me para protestar, mas quase de imediato a dor começou a diminuir. Era um remédio natural en-sinado a Alice por uma bruxa. Um remédio natural que funcionava. O mundo dava muitas voltas. Do mal advinha o bem. E não era apenas a minha mão. Por causa de Alice e do seu pacto com o Destruidor, o Mago conseguira ser salvo.

CAPÍTULO 14

A HISTÓRIA DO PAI

Avistamos a fazenda cerca de uma hora antes do pôr do Sol. Sabia que o Pai e Jack estariam precisamente a come-

çar a ordenha, por isso era uma boa altura para chegar.

Precisava de uma oportunidade para falar com a Mãe a sós. Não ia a casa desde a Primavera, altura em que a bruxa velha, Mãe Malkin, fizera uma visita à minha famí-

lia. Graças à coragem de Alice naquela ocasião, tínhamos destruído-a, mas o incidente transtornara Jack e a esposa Ellie, e eu sabia que não veriam com bons olhos a minha permanência depois de escurecer. Os assuntos dos magos deixavam-nos assustados e tinham receio de que pudesse acontecer algo à filha. Por isso, eu só queria ajudar o Ma-go e então voltar o mais rapidamente possível à estrada.

Tinha igualmente consciência de que estava a pôr em risco a vida de toda a gente levando o Mago e Alice para a fazenda. Se os homens do Inquisidor nos seguissem até aqui não teriam misericórdia com aqueles que davam guarida a uma bruxa e um mago. Eu não queria pôr a minha família em maior perigo do que o estritamente necessário, por isso decidi deixar Alice e o Mago fora dos limites da

fazenda. Havia uma velha cabana de pastor pertencente à fazenda mais próxima da nossa. Eles tinham passado a criar gado, por isso há anos que não era usada. Ajudei Alice a levar o Mago lá para dentro e disse-lhe que esperasse ali. Feito isso, atravessei o campo, encaminhando-me diretamente para a vedação que delimitava o pátio da nossa fazenda.

Quando abri a porta da cozinha, a Mãe estava no seu lugar habitual no canto perto da fogueira, sentada na sua cadeira de balanço. A cadeira estava muito quieta e ela ficou simplesmente a olhar quando entrei. As cortinas estavam já corridas, e no castiçal de latão ardia a vela de cera de abelha.

— Sente-se, filho — convidou ela, a sua voz baixa e suave. — Puxe uma cadeira e conte-me tudo. — Não parecia nem um pouco surpreendida por me ver.

Já estava acostumado àquilo. A Mãe era solicitada com frequência quando se deparavam problemas às parteiras num nascimento difícil e, inexplicavelmente, ela sabia sempre quando alguém queria a sua ajuda muito antes de a mensagem chegar à quinta. Ela pressentia estas coisas, tal como pressentira a minha aproximação. Havia algo de especial em relação à minha mãe. Possuía dons que alguém como o Inquisidor haveria de querer destruir.

— Passou-se algo de mau, não passou? — referiu a Mãe. — E o que aconteceu à sua mão?

— Não é nada, Mãe. Apenas uma queimadura. Alice tratou-a. Agora já não dói mesmo nada.

A Mãe arqueou os sobrolhos à menção de Alice. —

Conte-me tudo, filho.

Anuí, sentindo um nó formar-se na garganta. Tentei três vezes antes de conseguir formular a minha primeira frase.

— Eles quase queimaram Mr. Gregory, Mãe. O

Inquisidor apanhou-o em Priestown. Conseguimos escapar mas eles virão atrás de nós, e o Mago não está nada bem. Precisa de ajuda. Precisamos todos.

As lágrimas começaram a escorrer-me pelo rosto ao admitir a mim mesmo o que agora me estava a preocupar sobremaneira. A principal razão de eu não ter querido ir à colina do farol fora o medo. Medo de que eles me apanhassem e me queimassem também.

— Mas o que raio estava a fazer em Priestown? —

inquiriu a Mãe.

— O irmão de Mr. Gregory morreu e o funeral de-le foi lá. Tivemos de ir.

— Não está me contando tudo — frisou a Mãe. —

Como foi que escapou do Inquisidor?

Não queria que a Mãe soubesse o que Alice fizera.

Sabem, a Mãe tentara uma vez ajudar Alice e eu não queria que soubesse como ela havia acabado, virando-se para o escuro tal como o Mago sempre temera.

Mas não tive outra alternativa. Conte-i-lhe a história toda. Quando terminei, a Mãe suspirou profundamente.

— É mau, realmente mau — comentou. — O

Destruidor à solta não pressagia nada de bom para ninguém no Condado — e uma jovem bruxa presa à vontade dele — bem, temo por todos nós. Agora temos é de tirar o melhor partido. É tudo o que podemos fazer. Vou só buscar o meu saco e ver o que posso fazer pelo pobre Mr.

Gregory.

— Obrigado, Mãe — disse-lhe, apercebendo-me de repente de que só falara dos meus problemas. — Mas como estão as coisas aqui? Como tem passado a bebê de Ellie? — indaguei.

A Mãe sorriu mas detectei uma pontinha de tristeza nos olhos dela.

— Oh, a bebê está ótima e Ellie e Jack mais felizes do que nunca. Mas filho — disse-me, tocando-me delicadamente no braço. — Também tenho más notícias para você. Tem a ver com o seu pai. Ele tem estado muito doente. Levantei-me, mal podendo acreditar no que acabara de ouvir. A expressão do rosto dela indicou-me que era grave.

— Sente-se, filho — pediu-me —, e ouça com atenção antes de começar já a afligir-se. É mau mas podia ter sido bem pior. Começou por uma forte constipação, depois atacou-lhe o peito, transformou-se em pneumonia e quase o perdemos. Ele está em vias de melhorar agora, espero, mas vai precisar de se agasalhar bem este Inverno.

Receio que já não possa voltar a trabalhar muito na fazenda. Jack terá de se virar sem ele.

— Eu podia ajudar, Mãe.

— Não, filho, você tem o seu próprio trabalho para fazer. Com o Destruidor em liberdade e o seu mestre en-fraquecido, o Condado precisa mais do que nunca de você. Olhe, deixe-me só ir primeiro lá acima dizer ao seu pai que está aqui. E eu não lhe contaria nada sobre os problemas que teve. Não queremos dar-lhe más notícias ou provocar-lhe choques desagradáveis. Vai ficar só entre nós.

Esperei na cozinha mas passados dois minutos a Mãe desceu, trazendo o seu saco.

— Bem, vai lá acima falar com o seu pai enquanto eu vou ajudar o seu mestre. Ele vai ficar contente por estar de volta mas não o obrigue a falar demais. Ele ainda está muito fraco.

O Pai estava recostado na cama com várias almo-fadas. Esboçou um sorriso quando entrei no quarto. O

seu rosto estava magro e cansado e havia uma barba gri-salha crescida no queixo que o fazia parecer muito mais velho.

— Que bela surpresa, Tom. Sente-se — disse-me, indicando com a cabeça uma cadeira ao lado da cama.

— Lamento — referi. — Se tivesse sabido que não estava bem, teria vindo para casa mais cedo para o ver.

O Pai levantou a mão como se para dizer que não tinha importância. Depois começou a tossir violentamente. Era suposto estar a melhorar pelo que não me teria agradado nada ouvi-lo tossir quando estava realmente doente. O quarto exalava a doença. O indício de algo que nunca cheirávamos ao ar livre. Algo que só permanece nos quartos dos doentes.

— Como vai o seu trabalho? — perguntou-me, quando finalmente parou de tossir.

— Nada mal. Já estou me acostumando e prefiro-o à lavoura — referi, empurrando tudo o que acontecera para o meu subconsciente.

— A agricultura é muito aborrecida para você, he-in? — perguntou com um ténue sorriso. — Mas olhe, nem sempre fui agricultor.

Anuí. Na sua juventude, o pai fora marinheiro. Sabia montes de histórias dos lugares que visitara. Tinham sido histórias belas, cheias de cor e aventura. Os seus olhos brilhavam sempre com uma

expressão distante quando recordava esses tempos. Queria voltar a ver neles a centelha de vida.

— Sim, Pai — disse-lhe —, conte-me uma das suas histórias. Aquela da baleia enorme.

Fez uma pausa momentânea, depois agarrou-me a mão, aproximando-me dele. — Acho que há uma história que preciso de te contar, filho, antes que seja tarde demais.

— Não diga tolices — retorqui, chocado com o rumo que a conversa estava a tomar.

— Não, Tom, espero ainda ver outra Primavera e outro Verão mas não creio que vá andar muito tempo aqui neste mundo. Tenho pensado muito ultimamente e acho que chegou a altura de te contar aquilo que sei. Não estava à espera de te ver aqui agora, e quem sabe quando voltarei a te ver? — Fez uma pausa e depois disse: —

Tem a ver com a sua mãe — como nos conhecemos é isso.

— Ainda vai ver muitas primaveras, Pai — tentei animá-lo, mas fiquei surpreendido. Apesar de todas as histórias maravilhosas do meu pai, havia uma que ele nunca me contara mesmo: como conhecera a Mãe. Víamos perfeitamente que não queria falar. Ou mudava de assunto ou mandava-nos ir perguntar-lhe. Nunca o fizemos. Quando somos crianças, há coisas que não enten-demos mas também não fazemos perguntas. Sabemos que a nossa mãe e o nosso pai não nos querem contar. Contudo, naquele dia foi diferente.

Abanou a cabeça penosamente, depois baixou-a, como se um enorme fardo estivesse a fazer pressão sobre os seus ombros. Quando voltou a se endireitar, o tênue sorriso voltara ao seu rosto.

— Olhe, não sei bem se ela irá me agradecer por te contar, por isso vai ficar só entre nós. Também não vou contar aos seus irmãos, e peço-lhe que fizesse o mesmo, filho. Mas atendendo ao seu tipo de

trabalho, e sendo vo-cê o sétimo filho de um sétimo filho e tudo isso, bem. .

Voltou a fazer uma pausa e fechou os olhos. Olhei para ele e senti uma onda de tristeza ao perceber o quanto estava velho e tinha um ar doente. Abriu de novo os olhos e começou a falar.

— Entramos num pequeno porto para nos abaste-cermos de água — disse, começando a sua história como se necessitasse de avançar rapidamente antes que se arre-pendesse. — Era um local ermo rodeado de altas colinas rochosas, apenas com a casa do capitão do porto e algumas pequenas cabanas de pescadores construídas em pedra branca. Estávamos há semanas no mar e o coman-dante, sendo um homem bom, disse que merecíamos uma folga. Então, deu-nos licença a todos para irmos a terra.

Fizemos dois turnos e calhou-me o segundo, que come-çava muito depois de escurecer.

«Éramos cerca de uma dúzia e quando chegamos finalmente à taberna mais próxima, que ficava no extremo de uma aldeia a meio caminho de uma montanha, estava quase a fechar. Bebemos então rapidamente, emborcando bebidas alcoólicas fortes pelas gargantas abaixo como se não houvesse amanhã, e depois trouxemos uma garrafa de vinho tinto cada, para bebermos no regresso ao navio.

«Devo ter passado da conta porque acordei sozinho à beira de um caminho íngreme que conduzia ao porto. O

Sol começava já a subir mas não estava excessivamente preocupado porque só partiríamos ao meio-dia. Pus-me em pé e sacudi-me. Foi então que ouvi à distância alguém a soluçar.

«Fiquei à escuta cerca de um minuto antes de tomar uma decisão. Quer dizer, parecia exatamente uma mulher, mas como podia ter a certeza? Há todo o tipo de histórias estranhas oriundas daquelas

paragens sobre criaturas que atacam os viajantes. Estava sozinho e não me importo de te dizer que tive medo, no entanto se não tivesse ido ver quem estava a chorar, nunca teria conhecido a sua mãe e você não estaria aqui neste momento.

«Subi a colina íngreme pela beira da trilha e passei para o outro lado até chegar mesmo à beira de um penhasco. Era um penhasco alto, com as ondas a rebentar nas rochas lá em baixo, e vi o navio ancorado na baía e era tão pequeno que parecia caber na palma da minha mão.

— Saía do penhasco uma rocha estreita como um dente de rato e estava ali sentada uma mulher jovem encostada a ele, virada para o mar. Fora presa àquela rocha com uma corrente. E não apenas isso, estava nua como no dia em que viera ao mundo.

Ditas estas palavras, o Pai ruborizou-se tanto que o seu rosto ficou quase vermelho-tomate.

— Ela começou então a tentar dizer-me algo. Algo que temia. Algo bem pior do que estar apenas presa àquela rocha. Contudo falava na sua própria língua e não entendi uma palavra — ainda não entendo, mas ela lhe ensinou bastante bem e, sabe uma coisa, é o único com quem ela teve essa preocupação. Ela é uma boa mãe mas nenhum dos seus irmãos sabe sequer uma palavra de grego.

Concordei. Alguns dos meus irmãos não tinham ficado nada satisfeitos com isso, particularmente Jack, e por vezes isso trouxera-me alguns problemas.

— Não, ela não conseguia explicar por palavras o que era, porém havia algo no mar que a aterrorizava. Não me ocorria o que pudesse ser, mas depois o Sol começou a despontar acima do horizonte e ela gritou.

«Olhei para ela mas não queria acreditar no que estava a ver: começaram a irromper minúsculas bolhas na sua pele até, em

menos de um minuto, ficou coberta de chagas. O que ela temia era o sol. Até hoje, como provavelmente reparou, ela tem dificuldade em andar sequer ao sol do Condado, mas a luz do Sol naquela terra era muito forte e sem ajuda ela teria morrido.

Fez uma pausa para recuperar o fôlego, e pensei na Mãe. Sempre soubera que ela evitava a luz do Sol — mas era algo a que já estava acostumado.

— O que podia eu fazer? — continuou o Pai. —

Tive de pensar rapidamente, de modo que despi a camisa e cobri-a com ela. Não era suficientemente grande, por isso não me restou outra alternativa senão despir também as calças. Depois acocorei-me ali de costas para o Sol, de modo a que a minha sombra incidisse nela, protegendo-a da sua luz intensa.

«Fiquei naquela posição até muito depois do meio-dia, altura em que o Sol finalmente desapareceu por de-trás da colina. Nessa altura, o navio partira sem mim e as minhas costas estavam em chaga da queimadura solar, mas a sua mãe estava viva e as bolhas tinham já desaparecido. Tentei libertá-la da corrente, mas quem quer que a amarrara conhecia ainda mais de nós do que eu, que era marinheiro. Só quando finalmente lhe tirei é que percebi de algo tão cruel que nem queria acreditar. Quer dizer, ela é uma boa mulher, a sua mãe — mas como podia alguém ter feito semelhante coisa, e logo a uma mulher?

O Pai calou-se e olhou para as mãos e pude ver que tremiam ante a lembrança do que vira. Esperei quase um minuto e depois instei-o delicadamente.

— O que era, Pai? — perguntei. — O que lhe tinham feito?

Quando ergueu o olhar, os seus olhos estavam ma-rejados de lágrimas. — Tinham pregado a mão esquerda dela à rocha — contou-me. — Era um prego grosso com uma cabeça larga e não

consegui pensar na maneira de libertá-la sem a machucar ainda mais. Ela sorriu apenas e soltou a mão, deixando o prego ainda na rocha. O sangue escorria para o chão aos pés dela, mas levantou-se e encaminhou-se para mim como se não fosse nada.

«Recuei um passo e quase caí do penhasco mas ela colocou a mão direita no meu ombro para me segurar e depois beijamo-nos. Sendo um marinheiro que visitava dúzias de portos por ano, já beijara algumas mulheres, mas normalmente era depois de ter emborcado um odre de cerveja e estar entorpecido, às vezes mesmo perto de perder a consciência. Nunca beijara uma mulher sóbrio e certamente nunca em pleno dia. Não sei explicar, mas percebi logo que era a mulher certa para mim. A mulher com quem passaria o resto da minha vida.

Começou então a tossir e assim continuou por um longo tempo. Quando terminou, ficara sem fôlego e foram necessários mais dois minutos antes de voltar a falar.

Devia tê-lo deixado descansar, mas sabia que poderia não ter outra oportunidade. A minha mente era um turbilhão.

Algumas coisas na história do Pai fizeram-me recordar o que o Mago escrevera sobre Meg. Também ela estivera presa com uma corrente. Quando libertada, beijara o Ma-go tal como a Mãe beijara o Pai. Fiquei curioso em saber se a corrente seria de prata, mas não podia perguntar.

Uma parte de mim não queria saber a resposta. Se o Pai quisesse que eu soubesse, teria me contado.

— O que aconteceu depois, Pai? Como consegui voltar para casa?

— A sua mãe tinha dinheiro, filho. Vivia sozinha numa casa grande construída no meio de um jardim rodeado por um muro alto. Não estaria a mais de quilómetro e meio do lugar onde a encontrara, por isso voltamos para lá e fiquei. A mão dela sarou rapidamente, sem

restar sequer a mais pequena cicatriz, e ensinei-lhe a nossa língua. Ou, para ser sincero, foi ela que me ensinou a ensiná-la. Eu apontava para os objetos e dizia o seu nome em voz alta. Quando ela repetia o que eu dissera, só tinha de acenar para dizer que estava certo. Uma vez era suficiente para cada palavra. A sua mãe é inteligente, filho. Realmente inteligente. É uma mulher muito perspicaz e nunca esquece nada.

«Seja como for, fiquei naquela casa durante semanas e estava bastante feliz, à exceção de uma ou outra noite, em que as irmãs dela a vinham visitar. Eram duas, mulheres altas de olhar cruel, e costumavam acender uma fogueira na parte de trás da casa e ficar ali até de madru-gada a conversar com a sua mãe. Às vezes as três dançavam à roda da fogueira, noutras noites jogavam os dados.

Mas sempre que elas vinham havia discussões e foram piorando gradualmente.

«Sabia que tinha algo a ver comigo porque as irmãs dela me deitavam olhares fuzilantes através da janela, com a raiva nos olhos e a sua mãe fazia-me sinal para que voltasse para o quarto. Não, elas não gostavam muito de mim e foi essa a razão principal, creio, por que abandonamos aquela casa e voltamos para o Condado.

«Eu partira como assalariado, um marinheiro vulgar, mas regresssei como um cavalheiro. A sua mãe pagou a nossa passagem e tínhamos uma cabina só para nós.

Depois comprou esta fazenda e nos casamo na igreja em Mellor, onde os meus pais estão sepultados. A sua mãe não acredita naquilo em que nós acreditamos mas fê-lo por mim, para que os vizinhos não falassem, e antes do final do ano nasceu o seu irmão Jack. Tive uma boa vida, filho, e a melhor parte dela começou no dia em que conheci a sua mãe. Estou a contar-te isto porque quero que compreenda. Tendo consciência ou não, de que um dia, quando eu partir, ela voltará para a sua terra, para o lugar onde pertence.

A minha boca abriu-se de espanto quando o Pai disse aquilo.

— E então a família dela? — inquiri. — Certamente não iria querer abandonar os netos?

O Pai abanou a cabeça, pesaroso.

— Não creio que ela tenha alguma escolha, filho.

Uma vez ela me disse que tem o que chama «um assunto pendente» lá. Não sei o que é e ela nunca me contou por que estava presa àquela rocha para morrer. Ela tem o seu próprio mundo e a sua própria vida e, quando chegar a altura voltará para ela, por isso não lhe dificulte a vida.

Olhe para mim, rapaz. O que vê?

Não soube o que dizer.

— O que vê é um velho que já não vai durar muito.

Eu vejo a verdade de cada vez que me olho ao espelho, por isso não tente convencer-me de que estou enganado.

Quanto à sua mãe, ela ainda está cheia de vida. Pode não ser a jovem que foi em tempos, mas ainda lhe restam anos de vida boa. Se não fosse o que fiz naquele dia, a sua mãe não teria olhado duas vezes para mim. Ela merece a liberdade, por isso deixe-a ir com um sorriso. Fará isso, filho?

Assenti com a cabeça e depois fiquei com ele até se acalmar e acabar por adormecer.

CAPÍTULO 15

A CORRENTE DE PRATA

Quando vim para baixo, a Mãe estava já de volta. Queria muito perguntar-lhe como estava o Mago e o que lhe fizera mas não tive oportunidade. Espreitando pela janela da cozinha, vi Jack atravessar o pátio com Ellie, a bebê deles aninhada nos braços.

— Fiz o que podia pelo seu mestre, filho — murmurou a Mãe mesmo antes de Jack abrir a porta. — Falaremos depois da ceia.

Por um momento Jack ficou estático à entrada, a olhar para mim, um misto de expressões a percorrer-lhe o rosto. Depois sorriu e avançou para assentar o braço nos meus ombros.

— É bom te ver, Tom — disse.

— Passei apenas por aqui no regresso a Chipenden

— respondi-lhe. — Lembrei-me de aparecer para ver co-mo estavam todos. Teria vindo mais cedo se soubesse que o Pai estava tão doente..

— Ele agora está se recuperando — referiu Jack.

— Isso é o que importa.

— Oh, sim, Tom, ele agora está muito melhor —

concordou Ellie. — Dentro de algumas semanas ficará bom.

Reparei que a expressão de tristeza no rosto da Mãe dizia o contrário. A verdade era que o pai teria muita sorte se chegasse à Primavera. Ela sabia-o e eu também.

À ceia mostraram-se todos muito comedidos, até a Mãe. Não consegui perceber se era a minha presença ali ou a doença do Pai que deixava todos tão calados, mas durante a refeição Jack pouco mais fez do que inclinar a cabeça na minha direção, e quando falou foi para dizer algo sarcástico.

— Está muito pálido, Tom — referiu. — Deve ser de tanto lidar com o escuro. Não te faz nada bem.

— Não seja cruel, Jack! — admoestou Ellie. —

Diga-me, o que acha da nossa Mary? Batizamo-la o mês passado. Cresceu bastante desde a última vez que a viu, não cresceu?

Sorri e anuí. Estava espantado com o quanto a bebê crescera. Em vez de uma coisinha minúscula de rosto vermelho e franzido, estava gorducha e redonda com membros grossos e uma expressão viva, alerta. Parecia querer sair do colo de Ellie e começar a gatinhar pelo chão da cozinha.

Eu não estava com muita fome, mas assim que a Mãe colocou um montão de guisado a fumegar no meu prato, ataquei de imediato.

Assim que terminamos, ela sorriu a Jack e Ellie.

— Tenho um assunto a conversar com Tom —

disse ela. — Por que não vão se deitar mais cedo esta noite? E não se preocupe com a louça, Ellie. Eu trato disso.

Havia ainda um bocado de guisado na travessa e vi os olhos de Jack brilharem na sua direção e depois na da Mãe. Mas Ellie levantou-se e Jack seguiu-a relutante. Deu para perceber que não estava nada satisfeito.

— Acho que primeiro vou levar os cães até à veda-

ção limítrofe — disse. — Andou por lá uma raposa a noite passada.

Assim que eles saíram da sala, saiu-me atrapalha-damente a pergunta que tanto ansiava fazer.

— Como é que ele está, Mãe? Mr. Gregory vai ficar bom?

— Fiz o que podia por ele — respondeu a Mãe. —

Os ferimentos na cabeça acabam por resolver-se de uma maneira ou de outra. Só o tempo o dirá. Acho que quanto mais depressa o levar para Chipenden melhor. Ele podia ficar aqui, mas tenho de respeitar a vontade de Jack e Ellie.

Anuí e baixei os olhos para a mesa, tristonho.

— Consegue comer um segundo prato, Tom? —

inquiriu a Mãe. Não foi preciso perguntarem-me duas vezes e a Mãe sorriu enquanto eu enfardava. — Acho que vou ver como está o seu pai — disse.

Pouco depois veio para baixo.

— Está ótimo — anunciou. — Acabou de adormecer novamente.

Sentou-se à minha frente a ver-me comer, com o seu rosto sério.

— As feridas que vi nos dedos de Alice, foi de on-de o Destruidor lhe tirou o sangue?

Acenei com a cabeça.

— Confia nela agora, depois de tudo o que aconteceu? — perguntou-me de repente.

Encolhi os ombros.

— Não sei o que fazer. Ela atravessou para o escuro, mas sem ela o Mago e muitos outros inocentes teriam morrido.

A Mãe suspirou.

— É um assunto desagradável e ainda não sei se tenho a resposta concreta. Quem me dera poder ir com você e ajudar o seu mestre a

voltar para Chipenden, porque a viagem não será fácil, mas não posso abandonar o seu pai. Sem grandes cuidados ele poderia ter uma recaída e não quero correr o risco de que isso aconteça.

Limpei o prato com um pedaço de pão, depois afastei a cadeira.

— Acho melhor ir andando, Mãe. Quanto mais tempo aqui permanecer, maior perigo os estarei a expor.

Agora é impossível o Inquisidor não nos perseguir. E com o Destruidor à solta e tendo-se alimentado do sangue de Alice, não posso arriscar-me a atraí-lo aqui.

— Não vá já — pediu a Mãe. — Vou lhe cortar um pouco de presunto e pão para comer no caminho.

— Obrigado, Mãe.

Pôs-se a cortar o pão enquanto eu observava, desejando poder ficar mais tempo. Seria bom estar de novo em casa, nem que fosse só por uma noite.

— Tom, nas suas lições sobre bruxas, Mr. Gregory falou-te daquelas que usam familiares?

Anuí. Os diferentes tipos de bruxas adquiriam os seus poderes de maneiras diferentes. Algumas usavam a magia dos ossos, outras a magia do sangue; recentemente ele falara-me de um terceiro tipo ainda mais perigoso.

Usavam o que se chamava «magia de familiar». Davam o seu sangue a uma criatura — podia ser um gato, um sapo ou mesmo um morcego. Em troca, ele tornava-se os seus olhos e ouvidos e fazia-lhes todas as vontades. Às vezes isto tornava-se tão poderoso que elas acabavam por se submeter completamente ao seu poder e tinham pouca ou nenhuma vontade própria.

— Bem, é o que Alice julga que está fazendo neste momento, Tom — a usar magia de familiar. Estabeleceu um pacto com aquela criatura e está a usá-la para obter o que pretende. Mas está a entrar num jogo perigoso, filho.

Se ela não tiver cuidado, acabará por pertencer-lhe e nunca mais poderás voltar a confiar nela. Pelo menos enquanto o Destruidor estiver vivo.

— Mr. Gregory disse que ele estava a ficar mais forte, Mãe. Que em breve poderia assumir a sua forma física original. Eu o vi lá em baixo nas catacumbas —

mudou para a forma do Mago e tentou enganar-me. Por isso é óbvio que está a fortalecer-se lá em baixo.

— Isso é bem verdade, mas o que acabou de acontecer tê-lo-á retardado um pouco. Sabe, o Destruidor terá gasto muita energia para se libertar de um lugar onde esteve preso tanto tempo. Assim, por agora estará confuso e perdido, sem força suficiente para assumir sequer uma forma física. Provavelmente nem conseguirá recuperar o pleno vigor enquanto o pacto de sangue com Alice não estiver concluído.

— Ele consegue ver através dos olhos de Alice? —

sondei-a.

A idéia era aterradora. Preparava-me para partir com Alice e atravessar a escuridão. Recordei a sensação do peso do Destruidor na minha cabeça e nos meus ombros, a expectativa de estar prestes a ser prensado e que chegara o meu último momento. Talvez fosse preferível esperar até ser dia. .

— Não, ainda não, filho. Ela deu-lhe o seu sangue e a liberdade. Em troca terá prometido obedecer-lhe três vezes, mas em cada uma delas irá querer mais sangue seu.

Depois de o voltar a alimentar nas fogueiras de Wortham, ela terá ficado enfraquecida e cada vez lhe será mais difícil resistir. Se ela o tornar a alimentar, ele conseguirá ver atrás dos seus olhos. Por último, na derradeira dose, ela pertencer-lhe-á e ele terá forças para regressar à sua verdadeira forma. E então, não haverá nada que se possa fazer para salvar Alice — disse a Mãe.

— Por conseguinte, onde quer que esteja, ele andará à procura de Alice?

— Andará, filho, mas por pouco tempo, a menos que ela o chame a si, as chances de encontrá-la serão muito remotas. Especialmente se ela estiver em movimento. Se ficar num lugar por qualquer período de tempo, o Destruidor terá mais chance de encontrá-la. No entanto, todas as noites irá ficar um pouco mais forte, especialmente se encontrar mais alguma vítima. Qualquer tipo de sangue o ajudaria, animal ou humano. Seria fácil aterrorizar alguém sozinho no escuro. Fácil dobrá-lo à sua vontade. Não tardará a encontrar Alice, e depois disso estará sempre em algum lugar perto dela, exceto durante as horas de luz do dia, em que provavelmente se manterá debaixo do solo. As criaturas do escuro raramente se arris-cam a sair quando é dia. Contudo com o Destruidor à solta, a adquirir força, todos no Condado deveriam ter medo quando a noite cai.

— Como foi que tudo começou, Mãe? Mr. Gregory contou-me que o rei Heys da Gente Pequena teve de sacrificar os filhos ao Destruidor e que de alguma forma o último filho conseguiu aprisioná-lo.

— É uma história triste e terrível — disse a Mãe.

— O que aconteceu aos filhos do rei é impensável. Mas acho melhor saber para perceber exatamente o que vai enfrentar. O Destruidor vivia nos túmulos em Heysham, no meio dos ossos dos mortos. Primeiro, levou o filho mais velho para lá, a fim de usá-lo como seu brinquedo, roubando-lhe os pensamentos e os sonhos da mente até

restar muito pouco para além do infortúnio e o mais profundo desespero. E assim continuou filho após filho.

Pense no que o pai deles não terá sofrido! Era rei e, no entanto, não podia fazer nada para ajudá-los.

A Mãe suspirou, pesarosa. — Nenhum dos filhos de Heys sobreviveu muito mais de um mês a semelhante tormento. Três atiraram-se dos penhascos próximos, des-pedaçando-se nas rochas lá em baixo. Dois recusaram-se a comer e definharam. O sexto atirou-se ao mar e nadou até as forças lhe faltarem e afogar-se — o seu corpo deu à costa, trazido pelas marés da Primavera. Os seis jazem nas sepulturas de pedra esculpidas na rocha. Uma outra sepultura contém o corpo do pai, que morreu pouco depois dos seis filhos, com o coração destroçado. Portanto, apenas Naze, o último dos filhos dele, o sétimo filho, lhe sobreviveu.

«O rei também era um sétimo filho, por isso Naze era como você e possuía o dom. Era pequeno, mesmo pelos padrões do seu próprio povo, e o sangue antigo corria com força nas suas veias. Consegui de alguma forma aprisionar o Destruidor mas ninguém sabe como, nem sequer o seu mestre. Depois, a criatura matou Naze ali mesmo, prensando-o nas pedras. Então, passados anos, porque faziam recordar ao Destruidor a forma como fora enganado, partiu os ossos em pedacinhos e empurrou-os pelo Portão de Prata para que finalmente a gente de Naze lhe pudesse fazer um funeral decente. Os seus restos mortais repousam com os outros nas sepulturas de pedra em Heysham, que recebeu o nome do antigo rei.

Durante alguns momentos permanecemos em si-lêncio. Era uma história terrível.

— Nesse caso, como podemos acabar com ele, agora que está novamente em liberdade, Mãe? — inquiri, interrompendo o silêncio.
— Como podemos matá-lo?

— Deixa isso com Mr. Gregory, Tom. Ajude-o apenas a regressar a Chipenden e a ficar novamente forte.

Ele decidirá o que fazer em seguida. A maneira mais fácil seria tornar a aprisioná-lo, mas mesmo assim conseguiria praticar o mal como tem feito cada vez mais nos últimos anos. Se já conseguiu assumir a forma física, lá em baixo nas catacumbas, então conseguirá fazê-lo de novo, e muito rapidamente, enquanto a sua força aumenta, retomaria a configuração natural, corrompendo Priestown e todo o Condado. Por isso, apesar de ficarmos mais seguros com ele aprisionado, não é uma solução definitiva. O seu mestre precisa de descobrir como matá-lo, para o bem de todos nós.

— E se ele não recuperar?

— Vamos esperar que consiga, porque o que é preciso fazer ultrapassa em muito o que você provavelmente estará em condições de enfrentar neste momento. Sabe, filho, onde quer que Alice vá, ele irá usá-la para fazer mal aos outros, por isso o seu mestre não terá outra alternativa senão colocá-la num poço.

A Mãe pareceu perturbada, depois, repentinamente fez uma pausa e levou a mão à testa, fechando os olhos com força como se tivesse uma súbita dor de cabeça horrível. — Tudo bem, Mãe? — perguntei, cheio de ansiedade. Ela anuiu, mas esboçou um sorriso fraco. — Olhe, filho, sente-se um pouco. Preciso escrever uma carta para levar contigo.

— Uma carta? Para quem?

— Falaremos mais depois de eu terminar.

Sentei-me numa cadeira junto da lareira, a olhar fixamente para as brasas, enquanto a Mãe escrevia à mesa.

Não parei de matutar no que ela estaria a escrever. Quando terminou, sentou-se na cadeira de balanço e entregou-me o

envelope. Estava fechado e tinha escrito:

"Para o meu filho mais novo, Thomas Ward"

Fiquei surpreso. Imaginara que fosse uma carta para o Mago ler quando estivesse melhor.

— Por que está me escrevendo, Mãe? Por que não me diz já o que tem a dizer?

— Porque cada pequeno gesto nosso muda as coisas, filho — respondeu a Mãe, apoiando delicadamente a mão no meu antebraço esquerdo. — Ver o futuro é perigoso e comunicar o que se vê o é ainda mais. O seu mestre tem de seguir o seu próprio caminho. Tem de encontrar o seu próprio rumo. Cada um de nós possui livre-arbítrio. Mas temos pela frente uma sombra e preciso de fazer tudo o que estiver ao meu alcance para evitar que o pior possa acontecer. Só deves abrir a carta numa altura de grande necessidade, em que o futuro pareça sem esperança. Confie nos seus instintos. Saberá quando esse momento tiver chegado — conquanto espere, para o bem de todos nós, que isso nunca venha a acontecer. Até lá, guarde-a bem.

Obedientemente, meti-a dentro do casaco.

— Agora venha comigo — disse a Mãe. — Tenho mais uma coisa para você.

Pelo tom de voz e modos estranhos dela, calculei onde íamos. E acertei. Pegando no castiçal de latão, levou-me lá acima ao seu quarto particular, a divisão trancada mesmo por debaixo do sótão. Hoje em dia ninguém ia àquele espaço senão a Mãe. Nem sequer o Pai. Eu estivera lá com ela umas duas vezes em criança, muito embora mal me conseguisse lembrar dele agora.

Tirando uma chave do bolso, abriu a porta e eu entrei atrás dela. A divisão estava cheia de caixas e arcas. Sabia que ela vinha aqui uma

vez por mês. Mas não imagi-nava o que fazia.

A Mãe entrou na divisãõ e parou diante da arca grande mais próxima da janela. Depois olhou duramente para mim até me sentir um pouco desconfortável. Ela era minha mãe e eu adorava-a, mas não gostaria de tê-la por inimiga.

— Já é aprendiz de Mr. Gregory há quase seis meses, por isso já teve tempo suficiente de ver as coisas por si próprio — referiu ela. — E agora o escuro reparou em você, e irá tentar te perseguir. Por isso corre perigo, filho, e durante algum tempo esse perigo irá continuar a crescer.

Por isso lembre-se do seguinte. Você também está a crescer. Está a crescer rapidamente. A cada sopro, a cada ba-timento do seu coração torna-se mais forte, mais corajoso, melhor. Há anos que John Gregory luta contra o escuro, a preparar-te o caminho. Porque, filho, quando for um homem será a vez de o escuro ter medo, porque nessa altura você será o caçador, não a caça. Foi para isso que te trouxe a este mundo.

Sorriu-me pela primeira vez desde que entrara naquele compartimento, mas não deixou de ser um sorriso triste. Depois, levantando a tampa da arca, ergueu a vela para que eu pudesse ver o que estava lá dentro.

Uma comprida corrente de prata com elos magní-

ficos brilhava intensamente à luz da vela.

— Tire-a — ordenou a Mãe. — Não posso lhe tocar. Estremeci ante as suas palavras porque algo me dizia que esta era a mesma corrente que prendera a Mãe à rocha. O Pai não mencionara que era de prata, uma omissão vital, porque se usava uma corrente de prata para aprisionar uma bruxa. Era um instrumento importante no ofício de mago. Queria com isto dizer que a Mãe era uma bruxa?

Talvez uma bruxa lãmia como Meg? A corrente de prata, a forma como ela beijara o meu pai — parecia-me tudo muito familiar.

Levantei a corrente e tomei-lhe o peso nas mãos.

Era fina e leve, de qualidade muito superior à corrente do Mago, com muito mais prata na liga.

Como se adivinhasse o que me ia no pensamento, a Mãe disse:

— Sei que o seu pai te contou como nos conhecemos. Mas lembre-se sempre disto, filho. Nenhum de nós é completamente bom ou completamente mau — estamos todos em algum lugar no meio — mas chega uma altura na nossa vida em que damos um passo importante, ou na direção da luz ou na direção do escuro. Por vezes é uma decisão que tomamos dentro da nossa cabeça. Ou talvez seja por causa de uma pessoa importante que conhecemos. Em virtude do que o seu pai fez por mim, avancei na direção certa e é por isso que me encontro aqui hoje. Agora aquela corrente lhe pertence. Por isso guarde-a bem até precisar dela.

Enrolei a corrente à volta do pulso, depois guardei-a no bolso interior do casaco, junto da carta. Feito is-so, a Mãe fechou a tampa e seguiu-a até lá fora, esperando que ela trancasse a porta.

Lá em baixo, peguei no embrulho de sanduíches e preparei-me para partir.

— Antes de ir embora, mostre-me essa mão! Estendi-lhe e a Mãe desamarrou cuidadosamente os fios e retirou as folhas. A queimadura parecia estar a sarar rapidamente.

— Aquela jovem sabe o que faz — disse. — Tenho de lhe dar crédito. Deixe-a ao ar agora e ficará completamente boa dentro de alguns dias.

A Mãe abraçou-me e, depois de lhe agradecer mais uma vez, abriu a porta de trás e saí para a noite. Ia a meio caminho do campo, dirigindo-me para a vedação limítrofe, quando ouvi um cão ladrar e vi uma figura encaminhar-se para mim na escuridão.

Era Jack, e quando se aproximou, vi à luz das estrelas que tinha o rosto torcido da raiva.

— Acha que sou estúpido? — berrou. — Acha?

Não foram precisos nem cinco minutos para os cães darem com eles!

Olhei para os cães, que estavam ambos encolhidos atrás das pernas de Jack. Eram cães de trabalho e nada meigos, mas conheciam-me e esperara alguma espécie de saudação. Algo os deixara muito assustados.

— Bem pode olhar — disse Jack. — Aquela garota bufou-lhes e cuspiu-lhes e eles fugiram como se o próprio Diabo lhes estivesse a torcer as caudas. Quando a mandei embora, ela teve o descaramento de me dizer que estava nas terras de outra pessoa e que isso não me dizia respeito.

— Mr. Gregory está doente, Jack. Não tive outra alternativa senão aparecer e pedir ajuda à Mãe. Mantive-o e a Alice fora dos limites da fazenda. Sei o que sente, por isso arranjei a melhor solução possível.

— Aposto que sim. Sou um homem adulto mas a Mãe mandou-me ir para a cama como se fosse uma crian-

ça. Como acha que me sinto? E em frente da minha pró-

pria mulher também. Às vezes pergunto-me se a fazenda alguma vez virá a me pertencer.

Eu próprio estava furioso nesta altura e ocorreu-me lhe dizer que provavelmente sim e muito mais cedo do que ele julgava. Tudo seria dele quando o Pai morresse e a Mãe voltasse para a sua terra. Apesar disso mordi os lábios e não disse nada.

— Lamento Jack, mas tenho de ir andando — disse-lhe, partindo na direção da cabana onde deixara Alice e o Mago. Após ter dado cerca de uma dúzia de passos voltei-me, porém Jack já me tinha virado as costas e seguia para casa.

Partimos sem trocar uma palavra. Tinha muito em que pensar e acho que Alice o sabia. O Mago só olhava para o vazio mas parecia já conseguir andar melhor e deixara de precisar de se apoiar em nós.

Cerca de uma hora antes de o Sol nascer, fui o primeiro a romper o silêncio.

— Tem fome? — inquiri. — A Mãe preparou-nos o desjejum.

Alice anuiu, sentamo-nos num talude verdejante e atacamos a comida. Ofereci um pouco ao Mago, mas ele repeliu-me o braço com rudeza. Passados alguns instantes afastou-se um pouco e sentou-se nos degraus de uma ve-dação, como se não quisesse estar perto de nós. Ou pelo menos de Alice.

— Ele parece mais forte. O que lhe fez a Mãe? —

quis saber.

— Ela molhou-lhe a testa e não parou de observar os olhos dele. Depois, deu-lhe de beber uma poção. Mantive-me distante e ela nem sequer olhou na minha direção.

— Isso é porque ela sabe o que fez. Tive de lhe contar. Não posso mentir à Mãe.

— Fiz o que fiz porque era o melhor. Retribuí-lhe, sim, e salvei toda aquela gente. Fiz também por você, Tom. Para poder levar o Velho Gregory com você e continuar os seus estudos. Era isso que queria, não era? Não tomei a atitude certa?

Não respondi. Alice impedira o Inquisidor de queimar pessoas inocentes. Salvara muitas vidas, incluindo a do Mago. Ela fizera todas essas coisas e eram tudo coisas boas. Não, não se tratava do que ela fizera, era antes a maneira como o fizera. Eu queria ajudá-la mas não sabia como. Alice pertencia agora ao escuro, e assim que o Ma-go estivesse suficientemente forte haveria de querer pô-la num poço. Ela sabia-o e eu também.

CAPÍTULO 16

UM POÇO PARA ALICE

Finalmente, com o Sol mais uma vez a pôr-se a ocidente, as extensões rochosas surgiram logo em frente e não tardamos a subir por entre as árvores em direção à casa do Mago, seguindo o desvio que permitia não passar pela aldeia de Chipenden.

Parei a pouca distância do portão da frente. O Ma-go estaria cerca de vinte passos mais atrás, a olhar para a casa como se a visse pela primeira vez.

Virei-me para Alice.

— É melhor ir embora — disse-lhe.

Alice anuiu. Havia que contar com o demônio de estimação do Mago. Guardava a casa e os terrenos. Mal ela desse um passo para lá do portão correria enorme perigo.

— Onde vai ficar? — inquiri.

— Não se preocupe comigo. E também não comece a pensar que pertenço ao Destruidor. Não sou estú-

vida. Tenho de chamá-lo mais duas vezes antes de isso acontecer, não tenho? O tempo ainda não arrefeceu assim tanto, por isso ficarei alguns dias por perto. Talvez no que resta da casa de Lizzie. Depois, o mais provável é seguir para Pendle, a leste. Que mais posso fazer?

Alice ainda tinha família em Pendle, mas eram bruxas. Apesar do que afirmara, Alice pertencia agora ao escuro. Era onde se sentiria mais confortável.

Sem acrescentar mais nada, virou-se e afastou-se na direção das sombras. Triste, observei-a até desaparecer de vista, depois virei-me também e abri o portão.

Destranquei a porta da frente e o Mago seguiu-me até lá dentro. Fui na frente até à cozinha, onde o fogo ardia na grelha e a mesa estava posta para dois. O demônio estivera à nossa espera. Foi uma ceia leve, apenas duas tigelas de sopa de ervilha e fatias grossas de pão. Eu estava com fome depois da nossa longa caminhada, de modo que ataquei logo.

Durante um tempo, o Mago ficou apenas ali sentado a olhar para a tigela de sopa quente fumegante, depois pegou numa fatia de pão e fez sopas com ela.

— Tem sido duro, rapaz. E é bom estar em casa —

disse. Fiquei tão surpreendido por ele estar novamente a falar que quase caí da cadeira.

— Sente-se melhor? — inquiri.

— Sim, rapaz, melhor do que estava. Com uma boa noite de sono ficarei fino. A sua mãe é uma boa mulher.

Ninguém no Condado conhece melhor as suas poções.

— Julguei que não se lembrasse de nada — referi.

— Parecia distante. Quase como se fosse sonâmbulo.

— E era mesmo o que parecia, rapaz. Eu conseguia ver e ouvir tudo mas não parecia real. Era tal e qual como se estivesse num pesadelo. E não conseguia falar. Não conseguia encontrar as palavras. Só quando fiquei lá fora a olhar para a casa é que me reencontrei. Ainda tem a chave do Portão de Prata?

Surpreso, levei a mão ao bolso esquerdo das calças e tirei a chave. Estendi-a ao Mago.

— Ela causou muitos problemas — disse ele, virando-a na mão. — Mas agiu bem, apesar de tudo.

Sorri, sentindo-me mais feliz do que nos últimos dias, mas quando o meu mestre tornou a falar, a sua voz era áspera.

— Onde está a garota? — perguntou bruscamente.

— Provavelmente não muito longe — admiti.

— Bem, trataremos dela mais tarde.

Durante toda a ceia pensei em Alice. O que arranja-ria para comer? Bem, ela tinha jeito para apanhar coelhos, por isso fome não passaria — sempre era menos um problema. No entanto, na Primavera, depois de Lizzie dos Ossos ter raptado uma criança, os homens da aldeia haviam deitado fogo à casa dela e as ruínas não proporcionariam grande abrigo numa noite de Outono. Mesmo assim, como dissera Alice, o tempo ainda não esfriara. Não, a sua maior ameaça provinha do Mago.

Acabou por ser a última noite amena do ano: na manhã seguinte *houve* um nítido esfriamento do ar. O

Mago e eu sentamo-nos no banco a olhar para as extensões rochosas, o vento a aumentar de intensidade. Havia o prenuncio da queda das folhas. O Verão chegara mesmo ao fim. Tinha já comigo o livro de apontamentos, mas o Mago não parecia ter pressa de começar a lição. Não recuperara ainda do seu ordálio com o Inquisidor. Durante o desjejum falara pouco e passara a maior parte do tempo a olhar para o ar, como se perdido em pensamentos.

Acabei por ser eu a quebrar o silêncio. — O que pretende o Destruidor, agora que se encontra livre? O que irá fazer ao Condado?

— Isso é fácil de responder — disse o Mago. —

Acima de tudo, quer tornar-se maior e mais poderoso.

Nessa altura não haverá limite para o terror que causará.

Beberá sangue e lerá os pensamentos até os seus poderes serem absolutos. Verá através dos olhos das pessoas que conseguem andar de dia enquanto ele é forçado a esconder-se na escuridão em algum lugar no subsolo. Se antes controlava apenas os padres na catedral e estendia a sua influência em Priestown, agora nenhum lugar do Condado estará a salvo.

«Caster pode muito bem vir a ser a próxima a sofrer. Mas primeiro talvez o Destruidor escolha simplesmente um lugarejo pequeno e prene todos até à morte como aviso, apenas para mostrar do que é capaz! Foi assim que controlou Heys e os reis que governaram antes dele. A desobediência significava que toda a comunidade seria prensada.

— A Mãe disse-me que ele irá andar à procura de Alice — referi, infeliz.

— É verdade, rapaz! A tola da sua amiga Alice.

Precisa dela para recuperar as forças. Por duas vezes ela deu-lhe sangue, por isso, enquanto ela estiver em liberdade se encontrará a um passo de ficar totalmente sob o controle dele. Se não houver nada que o impeça, ela se tornará parte do Destruidor e quase não lhe restará vontade própria. Conseguiria influenciá-la, usá-la com a mesma facilidade com que dobro o meu dedo mindinho. O

Destruidor saberá fazer tudo o que puder para se voltar a alimentar dela. Andará à sua procura neste momento.

— Mas ela é forte — protestei. — E, de qualquer forma, julguei que o Destruidor tinha medo de mulheres.

Ambos o encontramos nas catacumbas quando eu ia tentar salvar o senhor. Ele mudara para a sua forma a fim de me enganar.

— Afinal os rumores são verdadeiros — ele a-preendeu a assumir uma forma física lá em baixo.

— Sim, mas quando Alice lhe cuspiu, ele fugiu.

Talvez ela consiga continuar a fazê-lo.

— Sim, o Destruidor tem mais dificuldade em controlar uma mulher do que um homem. As mulheres deixam-no nervoso porque são criaturas voluntariosas e com frequência imprevisíveis. Mas assim que bebe o sangue de uma mulher tudo isso muda. Agora andará atrás de Alice e não a deixará em paz. Insinuar-se-lhe-á nos sonhos e lhe mostrará as coisas que ela pode ter — as coisas que podem ser dela, é só pedir — até que, por fim ela julgará que existe a necessidade de voltar a chamá-lo. Sem dúvida aquele meu primo estava sob o controle do Destruidor.

Caso contrário, nunca me trairia daquela maneira.

O Mago coçou a barba. — Sim, o Destruidor irá crescer cada vez mais e haverá muito pouco que o impeça de fazer mal aos outros até dar cabo de tudo no Condado.

Foi o que aconteceu à Gente Pequena até serem finalmente necessárias medidas desesperadas. Precisamos saber exatamente como o Destruidor foi aprisionado; melhor ainda, como pode ser morto. É por isso que temos mesmo de ir a Heysham. Há lá uma cripta grande, um monte arredondado que cobre um monumento tumular construído com pedras e os corpos de Heys e dos filhos estão numas sepulturas de pedra nesse lugar.

«Assim que eu estiver suficientemente forte, é onde vamos. Como sabe, aqueles que sofrem mortes violentas às vezes têm dificuldade em deixar este mundo. Por conseguinte, iremos visitar essas sepulturas. Se tivermos sorte, pode ser que ainda lá esteja um fantasma ou dois. Talvez mesmo o fantasma de Naze, que efetuou o aprisionamento. Essa pode muito bem ser a nossa última esperança porque, para ser sincero, rapaz, de momento não faço idéia de como vamos pôr termo a isto.

Ditas aquelas palavras, o Mago baixou a cabeça e pareceu realmente muito triste e preocupado. Nunca o vira tão abatido.

— Já foi lá? — indaguei, curioso em saber por que razão os fantasmas não tinham levado uma reprimenda e recebido ordem de se ir.

— Sim, rapaz, apenas uma vez. Fui lá quando era aprendiz. O meu mestre teve de ir lá para enfrentar um espectro marinho incômodo que andava a assolar a costa.

Feito isso, na colina por cima dos penhascos, passamos pelas sepulturas e percebi que estava ali algo porque aquilo que fora uma noite quente de Verão tornou-se subitamente muito fria. Como o meu mestre continuasse a caminhar, perguntei-lhe por que não parava e fazia algo.

— «Deixe-os lá», respondeu-me. «Não incomodam ninguém. Além disso, alguns fantasmas ficam nesta terra porque têm uma tarefa a realizar. Por isso o melhor é deixá-los sossegados.» Não soube o que ele queria dizer, mas, como sempre, tinha razão.

Tentei imaginar o Mago como aprendiz. Era muito mais velho do que eu porque primeiro andara a ser preparado para o sacerdócio. Perguntei-me como teria sido o seu próprio mestre, um homem que aceitara um aprendiz tão velho.

— Seja como for — referiu o Mago —, iremos a Heysham muito em breve, mas antes que isso aconteça, há uma outra coisa que tem de ser feita. Sabe o que é?

Estremeci. Sabia o que ele ia dizer.

— Temos de tratar da garota, por isso precisamos saber onde está escondida. O meu palpite iria para as ruí-

nas da casa de Lizzie. O que te parece? — perguntou o Mago.

Ia dizer-lhe que discordava, mas ele olhou-me com dureza até eu ser obrigado a baixar o olhar para o chão.

Não podia lhe mentir.

— Provavelmente é onde estará — admiti.

— Bem, rapaz, ela não pode ficar ali muito mais tempo. É um perigo para todos. Terá de ir para um poço.

E quanto mais depressa, melhor. Por isso é bom que comece a escavar. .

Olhei para ele, mal podendo acreditar no que ouvia.

— Olhe, rapaz, é difícil, mas tem de ser feito. A nossa obrigação é tornar o Condado seguro para os outros e a garota será sempre uma

ameaça.

— Mas isso não é justo! — referi. — Ela salvou-lhe a vida! E, na Primavera passada salvou também a minha.

Tudo o que ela tem feito acaba por ser benéfico. Ela é bem-intencionada.

O Mago levantou a mão para me impor silêncio. —

Não fale em vão! — ordenou, a sua expressão muito austera. — Sei que ela impediu as fogueiras. Sei que ela salvou vidas, incluindo a minha. No entanto libertou o Destruidor e preferia estar morto a ter aquela coisa medonha à solta e livre para fazer das suas. Por isso venha comigo e resolvemos já isto!

— Mas, se matássemos o Destruidor, Alice ficaria livre! Teria outra oportunidade!

O rosto do Mago ficou vermelho de raiva, e quando falou havia um nítido tom de ameaça na sua voz. —

Uma bruxa que usa a magia de familiar é sempre perigosa.

Com o tempo, ao atingir a maturidade, será bem mais mortal do que aquelas que usam a do sangue ou a dos ossos. Mas normalmente é apenas um morcego ou um sapo

— algo pequeno e fraco que vai ganhando poder gradualmente. Pense bem no que aquela jovem fez! Tinha de ser logo o Destruidor! E está convencida de que o Destruidor está preso à vontade *dela!*

«Ela é inteligente e destemida e não há nada que não ousasse fazer. E sim, arrogante também! Mas mesmo com o Destruidor morto, isso não acabaria. Se deixarem que ela se torne mulher e, se não for controlada, será a bruxa mais perigosa que o Condado já conheceu!

Temos de tratar dela agora, antes que seja tarde demais. Eu sou o mestre; você o aprendiz. Siga-me e faça o que te mando!

E virou-me as costas, pondo-se a caminhar a um ritmo furioso. Com o coração aos pés, segui-o até a casa para ir buscar a pá e a vara de medição. Fomos diretamente para o jardim oriental e ali, a menos de cinquenta passos do poço escuro que continha Lizzie dos Ossos, comecei a abrir um novo poço, um quadrado com um metro e vinte de lado e dois metros e quarenta de profundidade.

O Sol já se pusera quando o terminei a contento do Mago. Saí do poço sentindo-me constrangido, sabendo que Lizzie estava no seu próprio poço não muito longe dali.

— Por agora chega — disse o Mago. — Amanhã de manhã vai à aldeia e traz o pedreiro para tirar as medidas. O pedreiro cimentaria uma cerca de pedras em volta do poço com treze barras de ferro fortes que seriam colocadas para impedir qualquer hipótese de fuga. O Mago teria de vigiar o trabalho dele para mantê-lo a salvo do demônio de estimação.

Enquanto me arrastava até casa, o meu mestre apoiou de leve a mão no meu ombro. — Cumpru o seu dever, rapaz. É tudo o que se pode esperar e gostaria de te dizer que, até ao momento, tem correspondido ao que a sua mãe prometeu. .

Olhei para ele, espantado. A minha mãe escrevera-lhe uma vez uma carta dizendo que eu seria o melhor aprendiz que ele alguma vez tivera, mas não ficara nada satisfeito por ela lhe ter dito.

— Continue assim — prosseguiu o Mago —, e quando chegar o momento de me aposentar, com certeza irei deixar o Condado em muitas boas mãos. Espero que isto te faça sentir um pouco melhor.

O Mago era sempre parco nos elogios e ouvi-lo dizer aquilo foi algo realmente especial. Acho que ele só estava tentando animar-me mas

não me saíam da idéia o poço e Alice, pelo que os elogios dele não ajudaram nada.

Naquela noite tive dificuldade em adormecer, por isso estava bem desperto quando aquilo aconteceu.

A princípio, julguei que fosse uma tempestade sú-

bita. Ouvia-se um estrondo e um zumbido e toda a casa pareceu ser sacudida e tremeu como se fustigada por um vendaval. Bateu algo na minha janela com uma força terrível e ouvi nitidamente o vidro estalar. Alarmado, ajoelhei na cama e afastei as cortinas.

A janela grande de guilhotina estava dividida em oito vidraças irregulares espessas, pelo que não era possí-

vel ver grande coisa através delas a maior parte das vezes, mas havia uma meia-lua e apenas consegui distinguir as copas das árvores, curvando-se e contorcendo-se como se os seus troncos estivessem a ser sacudidos por um exército de gigantes enfurecidos. E três das minhas grossas vidraças estavam estaladas. Por um momento, senti-me tentado a usar o cordão da guilhotina para levantar a metade de baixo da janela a fim de poder ver o que sucedia. Mas depois pensei melhor. A Lua brilhava com tanta intensidade que era improvável tratar-se de uma tempestade natural. Estávamos a ser atacados. Poderia ser o Destruidor?

Ter-nos-ia encontrado?

A seguir, veio um ruído de pancadas e algo a rasgar de algum lugar logo acima da minha cabeça. Dava a idéia que alguém estava a levar uma surra no telhado, sendo agredido com punhos fortes. Ouvi as telhas começarem a voar e partirem-se nas lajes que delimitavam o relvado ocidental.

Vesti-me rapidamente e descí correndo as escadas, dois degraus de cada vez. A porta de trás estava escancarada e saí correndo para o

relvado, indo direto ao centro de um vendaval tão intenso que era quase impossível respirar, quanto mais dar um passo em frente. Contudo fiz um esforço tremendo, um passo de cada vez, obrigando-me a manter os olhos abertos enquanto o vento me fustigava o rosto.

Ao luar, consegui ver o Mago de pé a meio caminho entre as árvores e a casa, a sua capa preta agitando-se com o vento intenso. Erguera bem alto o bordão diante de si como se a postos para desferir um golpe. Pareceu decorrer uma eternidade até o alcançar.

— O que é? O que é! — gritei, quando cheguei finalmente junto dele.

Obtive quase de imediato a resposta, mas não do Mago. Um som terrível e ameaçador encheu o ar; um misto de grito irado e uivo vibrante que se terá ouvido num raio de quilômetros. Era o demônio do Mago. Já antes ouvira aquele som, na Primavera, quando ele impedirá Lizzie dos Ossos de me perseguir até ao jardim ocidental.

Por isso sabia que, ali na escuridão entre as árvores, ele estava frente a frente com algo que ameaçava a casa e os jardins. O que mais podia ser senão o Destruidor?

Fiquei ali a tremer de medo e frio, os meus dentes batendo e o meu corpo doendo da ventania forte que o fustigava. Mas passados alguns momentos o vento abrandou e, muito gradualmente, tudo ficou silencioso e tranquilo.

— Volte para dentro de casa — ordenou o Mago.

— Não há nada a fazer aqui até de manhã.

Quando chegamos à porta de trás fiquei olhando para os fragmentos das telhas que enchiam as lajes.

— Foi o Destruidor? — inquiri.

O Mago assentiu. — Não demorou muito a nos encontrar, não é? — referiu ele, abanando a cabeça. — A garota é, sem dúvida, a culpada disto. Temos de encontrá-la primeiro. Ou então foi ela que o chamou.

— Ela não o voltaria a fazer — atalhei, tentando defender Alice. — O demônio salvou-nos? — perguntei, mudando de assunto.

— Sim, de momento salvou e a que custo é o que iremos saber pela manhã. Mas eu não apostaria que ele consiga uma segunda vez. Vou ficar aqui de vigia — disse o Mago. — Volte para o seu quarto e tente dormir. Amanhã tudo pode acontecer, por isso precisa manter a cabeça fria.

CAPÍTULO 17

A CHEGADA DO INQUISIDOR

Fui novamente lá para abaixo antes da alvorada. O céu limpo durante a noite estava agora nublado, não se movia uma palha e os relvados apresentavam-se salpicados de branco com a primeira verdadeira geada de Outono.

O Mago encontrava-se próximo da porta de trás, ainda de pé, quase na mesma posição em que o vira a última vez. Parecia cansado e o seu rosto estava sem vida e pardacento como o céu.

— Bem, rapaz — disse ele, em tom cansado —, vamos inspecionar os estragos.

Julguei que se estivesse a referir à casa, mas ele partiu antes na direção das árvores no jardim ocidental. Registravam-se efetivamente estragos, mas não tão maus quanto parecera na noite anterior. Havia alguns troncos grandes partidos, ramos espalhados pela relva e o banco fora derrubado. O Mago fez um gesto e ajudei-o a levantar o banco e colocá-lo de novo na posição.

— Não é mau — comentei, tentando animá-lo, pois ele estava com um ar realmente deprimido e abatido.

— É bastante mau — respondeu-me com secura.

— O Destruidor haveria sempre de ficar mais forte, mas isto foi muito mais rápido do que eu esperava. Muito mais rápido. Ele não deveria ter conseguido fazer isto tão cedo.

Não nos resta muito tempo!

O Mago voltou para casa, seguindo na frente. Vimos que faltavam telhas no telhado e uma das chaminés soltara-se do suporte.

— Vai ter de esperar até eu ter tempo de a arranjar

— disse.

Nesse preciso momento ouviu-se o som de um si-no vindo da cozinha. Pela primeira vez naquela manhã o Mago esboçou um ténue sorriso. Parecia aliviado.

— Não sabia ao certo se teríamos desjejum esta manhã — comentou. — Talvez não seja tão mau quanto eu julgava. .

Quando entramos na cozinha, a primeira coisa em que reparei foi que as lajes entre a mesa e a lareira apresentavam manchas de sangue. E a cozinha estava realmente gelada. Depois vi porquê. Era aprendiz do Mago há quase seis meses, mas esta era a primeira manhã em que não havia fogo aceso na grelha. E em cima da mesa não havia ovos, nem toucinho fumado, apenas uma fatia fina torrada para cada um de nós.

O Mago tocou-me no ombro em aviso. — Não digas nada, rapaz. Coma e dá graças pelo que recebemos.

Fiz o que ele me mandara mas depois de engolir o último bocado de torrada o meu estômago continuava a roncar. O Mago levantou-se. — Foi um excelente desjejum. O pão estava muito bem torrado — disse para o ar.

— E obrigado por tudo o que fez a noite passada. Estamos ambos muito gratos.

A maior parte das vezes, o demônio não se mostrava, mas agora voltara a assumir a forma do gato cor de camarão grande. Ouviu-se um levíssimo ronronar e apareceu fugazmente perto da lareira. No entanto, nunca como então o vira com aquele aspecto. Tinha a orelha esquerda cortada e a sangrar e o pêlo do pescoço estava sujo de sangue. Mas o pior de tudo era o que lhe acontecera ao focinho. No lugar onde costumava estar o olho esquerdo havia agora uma ferida vertical em carne viva.

— Nunca mais voltará a ser o mesmo — observou o Mago, triste, depois de sairmos pela porta de trás. —

Devíamos estar gratos por o Destruidor ainda não ter recuperado a força plena, senão teríamos morrido a noite passada. Aquele demônio conseguiu-nos mais algum tempo. Agora temos de aproveitá-lo antes que seja tarde demais...

Enquanto falava, começou a ouvir-se tocar o sino na encruzilhada. Trabalho para o Mago. Com tudo o que acontecera e o perigo do Destruidor, julguei que ele fosse ignorar, mas enganei-me.

— Bem, rapaz — disse. — Vá lá saber o que querem.

O sino parou de tocar antes de eu lá chegar, contudo a corda abanava ainda. Lá em baixo no meio dos salgueiros estava escuro como sempre mas demorei apenas um segundo a perceber que não era um chamado para assuntos de mago. Estava ali à espera uma jovem de vestido preto.

Alice.

— Está correndo um enorme risco! — adverti-a, abanando a cabeça.
— A sua sorte foi Mr. Gregory não ter vindo até aqui comigo.

Alice sorriu.

— O Velho Gregory não conseguiria me apanhar fraco como está agora. Não é nem metade do homem que era. — Não tenha tanta certeza assim! — respondi, irado. — Ele obrigou-me a abrir um poço. Um poço para você. E é onde vai acabar se não tiver cuidado.

— A força do Velho Gregory desapareceu. Não admira que ele o mandasse abrir! — zombou Alice, a sua voz carregada de escárnio.

— Não — retorqui —, ele obrigou-me a abri-lo para que eu aceitasse o que tem de ser feito. Tenho por obrigação meter-te lá dentro.

De repente, o tom de Alice ficou triste. — Seria realmente capaz de me fazer isso, Tom? — inquiriu. —

Depois de tudo aquilo por que passamos juntos? Salvei-te de um poço. Não se lembra, quando Lizzie dos Ossos queria os seus ossos? Quando Lizzie estava a afiar a faca?

Lembrava-me bem. Se não tivesse sido a ajuda de Alice, eu haveria morrido nessa noite.

— Olhe, Alice, vá para Pendle agora, antes que seja tarde demais — aconselhei-a. — Afaste-se o mais possível daqui! — O Destruidor não concorda. Acha que devo ficar por perto mais um pouco, é o que ele acha.

— O Destruidor é uma *coisa*, não uma *pessoa*! —

redargui, irritado pelo que Alice estava a dizer.

— Não, Tom, não é — contrapôs Alice. — Eu cheirei-o, sim, e ele é de certeza uma coisa-homem!

— O Destruidor atacou a casa do Mago a noite passada. Podia ter-nos matado. Foi você que o enviou?

Alice abanou a cabeça numa veemente negação.

— Isso não tem nada a ver comigo, Tom. Juro.

Nós falamos, foi tudo, e ele disse-me umas coisas.

— Julguei que não ia ter mais contato com ele! —

referi, mal podendo acreditar no que ela me dizia.

— Esforcei-me bastante, Tom, realmente. Mas ele vem murmurar-me coisas. Vem procurar-me no escuro, pois vem, quando estou tentando dormir. Até fala comigo nos meus sonhos. Promete-me coisas.

— Que tipo de coisas?

— Não é fácil, Tom. As noites estão a ficar cada vez mais frias. O tempo está a piorar. O Destruidor disse que eu podia ter uma casa com uma grande lareira e muito carvão e lenha e que nunca me faltaria nada. Disse que eu podia ter também roupas bonitas, para que as pessoas não me olhassem com desprezo como fazem agora, pensando que sou algo que saiu a rastejar de uma sebe.

— Não lhe dê ouvidos, Alice. Tem de se esforçar mais!

— Ainda bem que às vezes lhe dou ouvidos — retorquiu Alice, com um estranho semi-sorriso no rosto —, senão iria ficar cheio de remorsos. É que eu sei uma coisa.

Uma coisa que pode salvar a vida do Velho Gregory assim como a sua.

— Conte-me — instei-a.

— Não sei por que haveria de fazê-lo, já que está a conspirar para que eu passe o resto dos meus dias num poço! — Isso não é justo, Alice.

— Voltarei a ajudar, prometo. Mas será que você farias o mesmo por mim. .?

Fez uma pausa e sorriu-me com ar triste. — Sabe, o Inquisidor está a caminho de Chipenden. Queimou as mãos naquela fogueira, mais nada, e agora quer vingar-se.

Ele sabe que o Velho Gregory vive em algum lugar aqui próximo e vem aí com homens armados e cães. São sabujos enormes, com dentes grandes. Estarão aqui ao meio-dia o mais tardar. Por isso vá contar ao Velho Gregory o que te disse. Porém, não estou à espera de que ele me agradeça.

— Contar-lhe-ei — referi, e pus-me logo a caminho, correndo colina acima em direção à casa. Enquanto corria, percebi que não agradecera a Alice, mas como podia agradecer-lhe por recorrer ao escuro para nos ajudar?

O Mago estava à espera mesmo por dentro da porta de trás.

— Bem, rapaz — disse —, recupere primeiro o fô-

lego. Vejo pela sua cara que é portador de más notícias.

— O Inquisidor vem para cá — informei-o. —

Descobriu que vivemos próximo de Chipenden!

— E quem te contou isso? — indagou o Mago, coçando a barba.

— Alice. Ela disse que ele estará aqui ao meio-dia.

O Destruidor avisou-a. .

O Mago suspirou fundo.

— Bem, é melhor partirmos o mais depressa possível. Antes disso, porém, vá à aldeia e informe o talhador de que vamos seguir para norte pelas extensões rochosas até Caster e estaremos fora algum tempo. A seguir, procura o merceeiro e avise-o de que não vamos precisar de provisões para a próxima semana.

Desci correndo à aldeia e fiz exatamente o que ele me mandara. Quando regresssei, o Mago já estava na porta, pronto para partir. Entregou-me o saco.

— Vamos para sul? — inquiri.

O Mago abanou a cabeça. — Não, rapaz, vamos rumar a norte, tal como disse. Precisamos chegar a Heysham e, se tivermos sorte, falar com o fantasma de Naze.

— Mas dissemos a todos para onde íamos. Por que não fingir que íamos rumar a sul?

— Porque espero que o Inquisidor faça uma visita à aldeia no caminho até aqui. Depois, em vez de passar busca à casa, seguirá para norte e os cães encontrarão o nosso rastro. Temos de afastá-los da casa. Alguns dos livros na minha biblioteca são insubstituíveis. Se ele vier aqui, os seus homens podem saquear a casa e talvez quei-mem tudo. Não, não posso arriscar que aconteça nada aos meus livros.

— E então o demônio? Não guardará a casa e os jardins? Como podem eles sequer entrar sem correrem o risco de ser dilacerados? Ou agora ele está demasiado fraco?

O Mago suspirou e olhou para as botas.

— Não, ele ainda tem forças suficientes para enfrentar o Inquisidor e os seus homens, mas não quero ter mortes desnecessárias na minha consciência. E mesmo que matasse aqueles que entrassem, alguns podiam conseguir escapar. De que mais provas necessitariam então para afirmar que mereço a fogueira? Voltariam com um exército. Isto nunca mais acabaria. Não teria paz até no fim dos meus dias. Seria obrigado a abandonar o Condado.

— Mas eles não nos irão apanhar mesmo assim?

— Não, rapaz, Não se seguirmos pelas extensões rochosas. Eles não poderão utilizar os cavalos e levaremos algumas horas de avanço. Precisamos ter vantagem. Nós conhecemos bem o Condado, mas os homens do Inquisidor são forasteiros. Bem, vamos lá embora. Já perdemos tempo suficiente!

Dirigindo-se para as extensões rochosas, o Mago partiu a um ritmo muito rápido. Segui-o o melhor que podia, carregando o seu saco como de costume.

— Alguns dos homens dele não irão seguir caminho e fazer-nos uma espera em Caster? — perguntei.

— Certamente o farão, rapaz, e se fôssemos até Caster, isso poderia constituir um problema. Não, nós vamos passar a leste da cidade. Depois seguiremos para sudoeste, conforme te disse, para Heysham, para visitar as sepulturas de pedra. Ainda temos de enfrentar o Destruidor e o tempo está a esgotar-se. Falar com o fantasma de Naze é a nossa oportunidade de descobrirmos como fazê-lo.

— E depois disso? Para onde iremos? Alguma vez poderemos voltar aqui?

— Não vejo motivos para que não seja possível, com o tempo. Acabaremos por conseguir despistar o Inquisidor. Existem maneiras de fazê-lo. Oh, ele irá procurar durante um tempo e depois se aborrecerá, sem dúvida.

Não tardará a voltar para o lugar de onde veio. Onde se pode manter quente durante o Inverno que se avizinha.

Anuí mas não estava lá muito satisfeito. Divisava todo o tipo de falhas no plano do Mago. Para começar, ele podia ter partido cheio de força, mas ainda não estava completamente em forma e seria muito duro atravessar as extensões rochosas. E podiam alcançar-nos antes de chegarmos a Heysham. E depois, não deixariam de passar pela casa do Mago e incendiá-la por despeito, especialmente se nos perdessem o rastro. E havia que pensar no ano seguinte. Na Primavera, o Inquisidor tornaria a rumar ao norte. Parecia-me um homem que nunca desistia. Não via nenhuma maneira de a vida poder voltar ao normal. E

ocorreu-me outra idéia. .

E se me apanhassem? O Inquisidor torturava as pessoas para obrigá-las a responder às perguntas. E se me forçassem a dizer-lhes onde vivia antes? Eles confiscavam ou incendiavam as casas de bruxas e feiticeiros. Pensei no Pai, em Jack e em Ellie, sem terem onde morar. E o que fariam quando vissem a Mãe? Ela não podia ficar exposta ao sol. E costumava ajudar as parteiras locais nos nascimentos difíceis e tinha uma grande coleção de ervas e outras plantas. A Mãe correria verdadeiro perigo!

Não mencionei nada disto ao Mago porque via que ele já estava cansado das minhas perguntas.

Em menos de uma hora tínhamos chegado ao cu-me das extensões rochosas. O tempo estava calmo e parecia que teríamos um belo dia pela frente.

Se ao menos conseguisse afastar da idéia a razão por que estávamos aqui em cima, poderia ter apreciado muito mais, pois o tempo estava bom para caminhar. Tí-

nhamos apenas a companhia dos maçaricos-reais e dos coelhos, e ao longe, a noroeste, o mar distante cintilava ao sol.

A princípio, o Mago caminhava energicamente, seguindo na frente. Contudo, muito antes do meio-dia co-meçou a abrandar, e quando paramos e nos sentamos perto de um monte de pedras, pareceu-me completamente esgotado. Quando desembrulhou o queijo, reparei que as mãos lhe tremiam.

— Tome, rapaz — disse, entregando-me um pequeno pedaço. — Não coma tudo de uma vez.

Fazendo como ele me aconselhara, fui-lhe dando pequenas dentadas.

— Sabe que a garota vem nos seguindo? — inquiriu o Mago. Olhei para ele, espantado, e abanei a cabeça.

— Está mais ou menos um quilômetro e meio lá atrás — disse-me, fazendo um gesto para sul. — Como paramos, ela parou também. O que acha que pode querer?

«Naturalmente não tem mais nenhum lugar para onde ir, a não ser Pendle, a leste, e não quer realmente ir para lá. E não tem outra alternativa senão abandonar Chipenden. Constitui uma ameaça porque, para onde quer que vá, o Destruidor também não estará muito longe. No momento encontrar-se-á escondido debaixo do solo, mas assim que escurecer, ela o atrairá a si como a chama de uma vela uma borboleta e com certeza andará a rondar. Se ela voltar a alimentá-lo, ele se tornará mais forte e come-

çará a ver pelos olhos dela. Antes disso, pode mesmo pre-ferir outras vítimas — pessoas ou animais, o efeito será idêntico. Depois de se empanturrar de sangue, ficará mais forte e em breve poderá voltar a revestir-se de carne e ossos. A noite passada foi apenas o começo.

— Se não tivesse sido Alice, nunca haveríamos deixado Chipenden
— fiz-lhe ver. — Seríamos prisioneiros do Inquisidor.

Mas o Mago preferiu ignorar-me. — Bem — disse

—, é melhor irmos andando. Aqui sentado é que não vou rejuvenescer.

Porém, passada outra hora, tivemos de parar para descansar. Desta vez, o Mago ficou sentado mais tempo antes de finalmente se obrigar a levantar. Foi assim o dia inteiro, com os períodos de repouso a ficarem cada vez maiores e o tempo que passávamos de pé sempre mais curto. Perto do pôr do Sol o tempo começou a mudar. O

cheiro da chuva inundava o ar e não tardou a começar a choviscar.

Quando se instalou a escuridão, começamos a descer em direção a uma manta de retalhos de muros de ve-dação de pedra seca. A vertente da extensão rochosa era íngreme e a erva escorregava, por isso desequilibráva-mo-nos constantemente. E mais, a chuva aumentara de intensidade e começara a levantar-se vento de oeste.

— Vou descansar enquanto recupero o fôlego —

anunciou o Mago.

Encaminhou-se para a seção do muro mais próxima, escalamos e nos acocoramos na extremidade oriental, para nos abrigarmos um pouco do aguaceiro.

— A umidade entranha-se nos ossos quando se tem a minha idade
— queixou-se o Mago. — É o que nos traz uma vida de exposição às condições climáticas do Condado. Acabam por nos atacar. Ou os ossos ou os pulmões.

Encostamo-nos ao muro, desconsolados. Eu estava cansado e esgotado, e apesar de estarmos ao relento numa noite como esta, era difícil mantermo-nos acordados. Não tardei a mergulhar num sono profundo e começar a sonhar. Foi um daqueles sonhos compridos que parecem durar a noite inteira. E, lá mais para o fim, tornou-se um pesadelo. .

CAPÍTULO 18

PESADELO NA COLINA

Foi sem a menor dúvida o pior pesadelo que alguma vez tivera. E, num ofício como o meu, já os tivera de sobra.

Andava perdido e tentava achar o caminho para casa. Devia ter conseguido encontrar com bastante facilidade porque estava tudo banhado pela luz da lua cheia, mas sempre que virará numa determinada direção e julgava reconhecer algum ponto de referência, não tardava a constatar que me enganara. Cheguei finalmente ao topo da Colina do Carrasco e vi a nossa fazenda lá ao fundo.

Quando vinha descendo a colina, comecei a sentir uma grande aflição. Apesar de ser de noite, estava tudo silencioso demais e nada se mexia lá em baixo. As veda-

ções encontravam-se muito degradadas, algo que o Pai e Jack nunca teriam permitido que acontecesse, e as portas do celeiro pendiam meias soltas dos ferrolhos.

A casa parecia deserta: algumas das janelas estavam partidas e faltavam telhas no telhado. Tive dificuldade em abrir a porta de trás, e quando cedeu com o habitual empurrão, entrei numa cozinha que parecia não ser habitada há anos. Havia pó por todo o lado e teias de aranha a pender do teto. A cadeira de balanço da Mãe encontrava-se mesmo no meio da divisão e nela via-se um pedaço

de papel dobrado, que apanhei e levei lá para fora para ler à luz da Lua.

As sepulturas do seu pai, de Jack, Ellie e Mary estão lá em cima, na Colina do Carrasco. Encontrará a sua mãe no celeiro.

Com o coração a doer ao ponto de rebentar, corri para o pátio. Depois, estaquei à entrada do celeiro, escutando com atenção. Reinava o silêncio. Não havia sequer um sopro de vento. Entrei no escuro cheio de nervosismo, sem saber com o que contar. Estaria ali uma sepultura? A sepultura da Mãe?

Havia um buraco no telhado logo acima, e pude ver a cabeça da Mãe dentro de um raio de luar. Olhava diretamente para mim. O seu corpo estava no escuro, mas, pela posição do rosto, parecia estar ajoelhada no chão.

Por que fazia semelhante coisa? E por que parecia tão infeliz? Não estava satisfeita por me ver?

De repente, a Mãe soltou um grito de angústia.

— Não olhe para mim, Tom! Não olhe para mim!

Vire-se imediatamente! — gritou, como se em tormento.

Assim que desviei o olhar, a Mãe levantou-se do chão e vi pelo canto do olho algo que transformou os meus ossos em geléia. Do pescoço para baixo, a Mãe estava diferente. Vi asas e escamas e um brilho de garras quando se elevou no ar e colidiu com o telhado do celeiro, levando metade atrás de si. Ergui o olhar, protegendo o rosto dos pedaços de madeira e detritos que caíam na minha direção, e vi a Mãe, uma silhueta negra no disco da lua cheia ao elevar-se dos destroços do telhado do celeiro.

— Não! Não! — gritei. — Isto não é verdade, isto não está acontecendo!

Em resposta, uma voz falou dentro da minha ca-beça. Era o silvo cavo do Destruidor.

— A lua mostra a verdade das coisas, rapaz. Você já o sa-be. Tudo o que viu é verdade ou irá acontecer. É só uma questão de tempo.

* * *

Começaram a abanar-me o ombro e acordei coberto de suores frios. O Mago estava debruçado sobre mim.

— Acorde, rapaz! Acorde! — chamou. — É só um pesadelo. É o Destruidor tentando entrar na sua mente, a tentar enfraquecer-nos.

Anuí mas não contei ao Mago o que acontecera no sonho. Seria doloroso demais. Olhei para o céu. A chuva continuava a cair, porém através dos farrapos das nuvens viam-se algumas estrelas. Ainda estava escuro mas a alvorada não tardaria muito.

— Dormimos a noite toda?

— Dormimos, sim — respondeu o Mago —, apesar de não ser essa a minha intenção.

Levantou-se com dificuldade. — É melhor conti-nuarmos enquanto ainda podemos — referiu, cheio de ansiedade. — Não os ouve?

Pus-me à escuta e por fim, acima do ruído do vento e da chuva, ouvi ao longe o latir dos cães.

— Sim, eles não estão muito longe — disse o Ma-go. — A nossa única esperança é conseguir despistá-los.

Para o fazermos precisamos de água, mas terá de ser pouco funda para podermos caminhar nela. Claro que a dada altura precisaremos voltar a terra seca mas os cães terão de ser levados a bater a

margem a fim de voltarem a encontrar o rastro. E se houver outro riacho perto facilitará muito a tarefa.

Escalamos outro muro e descemos uma vertente íngreme, movendo-nos o mais rapidamente que ousávamos pela erva úmida e escorregadia.

Havia abaixo de nós uma cabana de pastor, uma silhueta tênue contra o céu, e ao lado dela um antigo espinheiro negro, dobrado na direção dela pelos ventos pre-dominantes, os seus ramos despídos como garras estendidas para os beirais. Continuamos a encaminhar-nos para a cabana mas depois estacamos subitamente.

Existia um curral de madeira lá à frente à nossa esquerda. E a luz dava precisamente para vermos que continha um pequeno rebanho de carneiros, cerca de vinte ou assim. E todos eles estavam mortos.

— Isto não me agrada em nada, rapaz.

E a mim também não. Mas percebi depois que ele não se referia aos carneiros mortos. Olhava para a cabana mais adiante.

— Provavelmente chegamos tarde demais — disse, a sua voz pouco mais do que um murmúrio. — Mas o nosso dever é entrar e ir ver. .

Dito aquilo, começou a avançar na direção da cabana, agarrando o bordão. Segui-o, carregando o seu saco.

Quando passei pelo curral, olhei de soslaio para o carneiro morto mais próximo. A lã branca que o revestia estava manchada de sangue. Se aquilo era obra do Destruidor, então alimentara-se bem. Quão mais forte estaria agora?

A porta da frente estava escancarada, por isso não fizemos cerimônia em entrar, o Mago seguindo na frente.

Mal dera um passo para lá do limiar quando estacou e as-pirou o ar. Olhava para a esquerda. Havia uma vela em algum lugar lá ao fundo da divisão e à sua luz tremulante pude ver o que, à primeira vista, me pareceu ser a sombra do pastor. Mas era sólido demais para ser apenas uma sombra. Estava de costas para a parede e tinha o cajado erguido acima da cabeça como se para nos ameaçar. Demorei algum tempo a perceber para o que estava a olhar, depois algo me pôs os joelhos a tremer e o coração a bater irregularmente na boca.

Via-se no rosto dele um misto de raiva e terror.

Tinha os dentes à mostra mas alguns deles estavam partidos e a boca suja de sangue. Estava ereto mas não de pé.

Fora espalmado. Prensado contra a parede. Esborrachado até aos ossos. E fora obra do Destruidor.

O Mago deu outro passo na divisão. E outro. Fui-o seguindo até conseguir ver todo o pesadelo lá dentro.

Houvera um berço de bebê no canto mas fora esmagado contra a parede e no meio dos destroços estavam cobertores e um lençolinho manchados de sangue. Da criança nem sinal. O meu mestre aproximou-se dos cobertores e levantou-os com cautela. O que viu deixou-o manifestamente incomodado e fez-me sinal para não olhar antes de voltar a colocar os cobertores com um suspiro.

Entretanto, eu avistara a mãe do bebê. Havia um corpo de mulher no chão, parcialmente encoberto por uma cadeira de balanço. Fiquei grato por não poder ver-lhe o rosto. Segurava na mão direita uma agulha de tricotar, e um novelo de lã rolara para a lareira perto das brasas, que estavam a ficar cinzentas.

A porta da cozinha estava aberta e tive uma súbita sensação de receio. Tinha certeza de que havia algo ali à espreita. Assim que o percebi a temperatura na divisão desceu. O Destruidor continuava ali. Sentia-o nos ossos.

Aterrorizado, quase fugi da cabana mas o Mago não arre-dou pé e enquanto ele ficasse, como podia abandoná-lo?

Naquele momento a vela extinguiu-se repentinamente, como se apagada por dedos invisíveis, mergulhando-nos no escuro, e uma voz cava falou da completa negrura da porta da cozinha. Uma voz que ressoou pelo ar e vibrou através do chão lajeado da cabana pelo que a pu-de sentir nos pés.

— *Olá, Ossos Velhos. Finalmente voltamos a encontrar-nos. Andei à sua procura. Sabia que estava em algum lugar por aqui.*

— Sim, e agora encontrou-me — disse o Mago com voz cansada, assentando o bordão nas lajes e apoiando o seu peso nele.

— *Sempre foi um intrometido, não foi, Ossos Velhos? Mas agora intrometeu-se pela última vez. Primeiro vou matar o rapaz, enquanto você fica a assistir. Depois será a sua vez.*

Uma mão invisível agarrou-me e atirou-me de encontro à parede com tanta força que todo o ar foi expulso do meu corpo. Depois começou a pressão, uma força constante tão intensa que parecia que as minhas costelas se iam partir. O pior de tudo era o peso terrível na minha testa e lembrei-me do rosto do pastor espalmado e agarrado às pedras. Fiquei apavorado, incapaz de me mexer ou sequer respirar. Passou-me uma sombra pela vista e a última coisa de que percebi foi de que o Mago avançara para a porta da cozinha erguendo o bordão.

Sacudiam-me delicadamente.

Abri os olhos e vi o Mago debruçado sobre mim.

Encontrava-me estendido no chão da cabana.

— Está bem, rapaz? — perguntou-me, cheio de ansiedade.

Acenei com a cabeça. Doíam-me as costelas. Cada vez que respirava doíam-me. Mas respirava. Ainda estava vivo. — Ande, vamos ver se consegue se pôr em pé. .

Com o Mago a amparar-me, logo me levantei.

— Consegue andar?

Assenti com a cabeça e dei um passo. Não me sentia muito firme em pé mas podia caminhar.

— Bom rapaz.

— Obrigado por me salvar — disse-lhe.

O Mago abanou a cabeça. — Eu não fiz nada, rapaz. O Destruidor desapareceu de repente, como se tivesse sido chamado. Vi-o deslocar-se colina acima. Parecia apenas uma nuvem negra a apagar as últimas estrelas. Fizeram aqui uma coisa terrível — referiu, olhando para o horror dentro da cabana. — Mas temos de nos afastar o mais depressa que pudermos. Primeiro temos de nos salvar. Talvez consigamos escapar ao Inquisidor, mas com aquela garota a seguir-nos o Destruidor estará sempre por perto e a ficar cada vez mais poderoso. Precisamos chegar a Heysham e descobrir como podemos acabar com aquela coisa medonha de uma vez por todas!

Com o Mago na frente, deixamos a cabana e con-tinuamos a descer a colina. Atravessamos mais duas se-

ções de muro até podermos ouvir o som de água a correr.

O meu mestre movia-se agora muito mais depressa, quase tão rapidamente como na altura em que tínhamos partido de Chipenden, por isso presumo que o sono lhe tivesse feito algum bem. Ao passo que eu estava todo dolorido e a fazer um esforço para o acompanhar, levando na mão o seu pesado saco.

Chegamos a um caminho íngreme e estreito ao lado de um regato, uma corrente larga de água que descia rapidamente por cima das rochas.

— Este vai desaguar num lago cerca de um quilô-

metro e meio mais abaixo — anunciou o Mago, descendo em grandes passadas. — A terra aplanada e os dois cursos de água vão dar lá. É precisamente o que procurávamos.

Segui conforme podia. Parecia estar chovendo mais intensamente do que nunca e o solo era traiçoeiro debaixo dos pés. Um deslizamento e íamos parar na água. Perguntei-me se Alice estaria por perto e se conseguia descer um caminho como este tão próximo de água a fluir rapidamente.

Alice correria também perigo. Os cães poderiam captar o rastro dela.

Então, acima do ruído do regato e da chuva, ouvi os sabujos; pareciam estar a aproximar-se cada vez mais.

De repente escutei algo que me cortou a respiração.

Fora um grito!

Alice! Virei-me e olhei para o caminho mas o Mago agarrou-me o braço e puxou-me para a frente. — Não há nada que possamos fazer, rapaz! — gritou-me. — Nada absolutamente! Por isso continue a andar.

Obedeci, procurando ignorar os sons que vinham da vertente da extensão rochosa atrás de nós. Havia berros e brados e mais gritos horripilantes até que gradualmente tudo sossegou e ouvi apenas a água passar a correr.

O céu estava muito mais claro e abaixo de nós, na primeira luz da alvorada, pude ver as águas pálidas do lago estenderem-se por

entre as árvores.

Partia-me o coração de pensar no que poderia ter acontecido a Alice. Ela não merecia isto.

— Continue a andar, rapaz — repetiu o Mago.

E depois ouvi algo no caminho atrás de nós — mas a aproximar-se cada vez mais. Parecia um animal a correr na nossa direção. Um cão grande.

Não era justo. Estávamos tão perto do lago e dos seus dois riachos. Mais dez minutos e teríamos conseguido despistar os sabujos. Mas para minha surpresa, o Mago não estava a acelerar. Parecia até estar a abrandar. Por fim, parou por completo e puxou-me para a beira do caminho; perguntei-me se teria chegado ao fim das suas forças. Se sim, então estava tudo acabado para nós.

Olhei para o Mago, na esperança de que ele retirasse algo do saco para nos salvar. Mas não o fez. O cão corria agora diretamente a nós a toda a velocidade. No entanto, à medida que se aproximava reparei em algo estranho nele. Para começar, latia em vez de ladrar como um cão em matilha. E tinha os olhos fixos lá adiante e não em nós. Passou tão rente que podia ter estendido a mão para lhe tocar.

— Se não me engano, está apavorado — disse o Mago. — Cuidado! Aí vem outro!

O seguinte passou, latindo como o primeiro, o rabo entre as pernas. Rapidamente, vieram mais dois. Depois, logo atrás, um quinto cão. Ignorando-nos todos, mas correndo pelo caminho lamacento em direção ao lago.

— O que aconteceu? — indaguei.

— Não duvido que em breve saberemos — respondeu o Mago. — Vamos continuar.

A chuva não tardou a parar e chegamos ao lago.

Era grande e, na maior parte, calmo. Porém, perto de nós, o regato entrava nele com uma fúria de água branca, precipitando-se por uma vertente íngreme e vindo agitar a superfície. Ficamos a olhar para a queda de água, onde ramos, folhas e até um ou outro toro eram arrastados para o lago.

De repente, algo maior atingiu a água com um chape tremendo. Mergulhou bastante fundo mas reapareceu cerca de trinta passos mais adiante e começou a ser arrastado para a margem ocidental do lago. Parecia um corpo humano.

Precipitei-me para a beira da água. E se fosse Alice?

Antes que tivesse tempo de entrar na água, o Mago assentou a mão no meu ombro e agarrou-o com força.

— Não é Alice — disse-me, baixinho. — Aquele corpo é grande demais. Além disso, creio que ela chamou o Destruidor. Por que outro motivo teria ido embora tão de repente? Com o Destruidor a seu lado, ninguém se a-treveria a fazer-lhe frente. Mas é melhor contornarmos o lago e ir ver melhor.

Seguimos pela margem curva até que, passados alguns minutos, nos encontramos na margem ocidental debaixo dos ramos de um sicômoro enorme, mergulhados num monte de folhas caídas. A coisa na água encontrava-se a alguma distância mas aproximava-se cada vez mais.

Esperava que o Mago tivesse razão, que o corpo fosse grande demais para pertencer a Alice, mas estava ainda escuro demais para ter certeza. E se não era dela, de quem era o corpo?

Comecei a sentir receio mas não havia nada que eu pudesse fazer senão esperar que o céu clareasse mais e o corpo se aproximasse também mais de nós.

Lentamente, as nuvens dissiparam-se e não tardou que o céu ficasse suficientemente claro para podermos identificar o corpo sem a menor margem de dúvida.

Era o Inquisidor.

Olhei para o corpo a boiar. Estava de barriga para cima e apenas se via o rosto fora de água. Tinha a boca aberta e os olhos também.

Havia terror no seu rosto pálido e morto. Era como se não lhe restasse uma gota de sangue no corpo.

— Ele afogou muitos inocentes em vida — disse o Mago. — Os pobres, os velhos e os solitários. Muitos que trabalharam arduamente toda a vida e mereciam apenas um pouco de paz e sossego na velhice, e um pouco de respeito também. E agora foi a vez dele. Teve exatamente o que merecia.

Eu sabia que atirar uma bruxa à água não passava de um absurdo supersticioso, mas não me saía da cabeça o fato de ele estar a boiar. Os inocentes iam ao fundo; os culpados boiavam. Inocentes como a tia de Alice, que morrera do choque.

— Alice fez isto, não foi? — indaguei.

O Mago anuiu. — Sim, rapaz. Alguns diriam que foi obra dela. Mas, na realidade, foi do Destruidor. Ela já o chamou duas vezes. O seu poder sobre ela irá aumentar e o que ela vê ele consegue ver também.

— Não deveríamos pôr-nos a caminho? — perguntei, cheio de nervosismo, olhando para o outro lado do lago onde o regato se vinha precipitar. — Os homens dele não virão até aqui?

— Até podem vir, rapaz. Isto é, se ainda lhes restar algum fôlego. Mas desconfio que por uns tempos não estarão em condições de o fazer e, se não estou enganado, aqui vem ela. .

Segui o olhar do Mago na direção do regato, onde uma figura pequena descia o caminho e ficou por um momento a olhar para a água em queda. Depois, o olhar de Alice virou-se para nós e começou a percorrer a margem na nossa direção.

— Lembre-se — avisou-me o Mago —, agora o Destruidor vê através dos olhos dela. Está a ganhar força e poder, a detectar as nossas fraquezas. Tenha muito cuidado com o que diz ou faz.

Uma parte de mim queria gritar e avisar Alice para fugir enquanto ainda podia. Era impossível saber o que o Mago lhe poderia fazer agora. Outra parte de mim, tinha súbita e desesperadamente, receio dela. Mas o que podia eu fazer? Lá no fundo, sabia que o Mago era a sua única esperança. Quem mais a podia agora libertar do Destruidor? Alice avançou até à beira da água, colocando-me entre ela e o Mago. Olhava fixamente na direção do corpo do Inquisidor. Havia um misto de terror e triunfo no rosto dela.

— Não tenha medo de vir ver, minha jovem — falou o Mago. — Observe de perto o seu trabalho. Valeu a pena?

Alice assentiu.

— Ele teve o que merecia — disse com firmeza.

— Sim, mas a que preço? — perguntou o Mago. —

Você pertence cada vez mais ao escuro. Chame o Destruidor mais uma vez e se perderá para sempre.

Alice não respondeu e ficamos ali muito tempo em silêncio, apenas a olhar para a água.

— Bem, rapaz — disse o Mago —, é melhor irmos andando. Quem quiser que trate do corpo porque nós temos mais que fazer. Quanto a você, minha jovem, virá conosco se sabe o que te convém. E agora é bom que ou-

ça e ouça com atenção porque o que estou propondo é a sua única esperança. A única oportunidade que alguma vez terá de se libertar daquela criatura.

Alice levantou a cabeça, os seus olhos muito arregalados.

— Sabe o perigo que corre, não sabe? Quer libertar-se? — perguntou-lhe.

Alice anuiu.

— Então venha aqui! — ordenou-lhe com austeridade. Alice veio obedientemente para o lado dele.

— Onde quer que vá, o Destruidor não estará muito longe, por isso o melhor é vir comigo e o rapaz.

Prefiro saber mais ou menos onde se encontra aquela criatura do que tê-la a vaguear por onde lhe agrade no Condado, a aterrorizar gente decente. Por isso ouça-me, e muito bem. Neste momento é importante que não veja nem ouça nada — desse modo o Destruidor não saberá nada por você. Mas atenção, terá de fazê-lo de livre vontade. Se quebrar este compromisso um pouquinho que seja, ele nos atacará a todos com força.

Abriu o saco e começou a remexer lá dentro.

— Isto é uma venda — disse, mostrando uma faixa de pano preto para Alice ver. — Vai usá-la? — perguntou-lhe.

Alice anuiu e o Mago estendeu a palma da mão esquerda para ela.

— Vê isto? — inquiriu. — São tampões de cera para os seus ouvidos. Cada tampão continha um pequeno prego de prata alojado para facilitar depois a remoção da cera. Alice olhou para eles na dúvida, mas depois inclinou obedientemente a cabeça enquanto o Mago

inseriria com cuidado o primeiro tampão. Depois de colocar o segundo tampão atou com firmeza a venda sobre os olhos dela.

Partimos, dirigindo-nos para nordeste, o Mago guiando Alice pelo cotovelo. Esperava que não passássemos por ninguém na estrada. O que pensariam? Iríamos sem dúvida despertar muitas atenções indesejadas.

CAPÍTULO 19

AS SEPULTURAS DE PEDRA

Era de dia, por isso não existia uma ameaça imediata do Destruidor. Tal como a maior parte das criaturas do escuro, estaria escondido no subsolo. E com Alice vendada e de ouvidos tapados, já não podia ver através dos olhos dela nem escutar o que dizíamos. Assim não saberia onde estávamos.

Estava a prever outro dia de caminhada árdua e perguntei-me se chegaríamos a Heysham antes de anoitecer. Mas, para minha surpresa, o Mago levou-nos por uma trilha até uma grande fazenda e aguardamos no portão, o ladrar dos cães era capaz de acordar os mortos, enquanto um velho agricultor avançava para nós a coxear apoiado numa bengala. Tinha uma expressão preocupada no rosto.

— Lamento — resmungou. — Lamento muito, mas está tudo na mesma. Se eu tivesse o que dar, seria seu.

Parecia que cinco anos antes, o Mago livrara este homem de um demônio turbulento e ele ainda não lhe pagara. O meu mestre queria ser pago agora, mas não em dinheiro.

Passada meia hora seguíamos numa carroça puxada por um dos maiores cavalos de tiro que eu já vira; a conduzir a carroça vinha o filho do agricultor. A princípio, antes de partir, ele olhara fixamente para a venda nos olhos de Alice, uma expressão de perplexidade no seu rosto.

— Pare de olhar embasbacado para a garota e concentre-se no que faz! — ripostara o Mago e o rapaz desvi-ara rapidamente o olhar. Parecia bastante satisfeito por nos levar, contente por se afastar das suas tarefas por algumas horas, e em breve seguíamos pelos caminhos se-cundários que passavam a leste de Caster. O Mago obrigou Alice a deitar-se na carroça e cobriu-a com palha para que não pudesse ser vista por outros viajantes.

Sem dúvida o cavalo estava acostumado a puxar cargas pesadas, e apenas com nós três na traseira seguia a um trote razoavelmente rápido. Avistamos ao longe a cidade de Caster com o seu castelo. Muitas bruxas tinham morrido ali após um longo julgamento, mas não se quei-mavam bruxas em Caster, eram enforcadas. Assim, para usar uma das expressões de marinheiro do meu pai, passamos-lhe «bem ao largo», e em breve a deixamos para trás e atravessando uma ponte sobre o rio Lune, antes de mudarmos a direção para sudoeste, rumo a Heysham.

O filho do agricultor recebeu ordem para esperar no fundo do caminho nos arredores da aldeia.

— Voltaremos ao alvorecer — informou o Mago.

— Não se preocupe. Farei com que não se arrependa.

Subimos uma trilha estreita por uma colina, com uma igreja e um cemitério antigos à nossa direita. Ali, naquele lado abrigado da colina, reinavam o silêncio e a tranqüilidade e árvores antigas cobriam as pedras tumulares. Mas ao passarmos um portão para o cimo do penhasco, fomos recebidos com uma brisa forte e o cheiro de maresia. Diante de nós ficavam as ruínas de uma pequena capela de pedra apenas com três paredes de pé. Es-távamos a grande altitude e podia ver uma baía lá em baixo, com uma praia de areia quase coberta pela maré e as ondas a rebentar nas rochas de um pequeno promontório ao longe.

— Basicamente, o litoral oeste é plano — referiu o Mago —, e esta é a altitude máxima dos penhascos do Condado. Dizem que foi aqui que os primeiros homens desembarcaram no Condado. Vieram de uma terra longínqua a oeste e o barco deles encalhou nas rochas lá em baixo. Os seus descendentes construíram aquela capela.

Apontou e ali, mesmo do outro lado das ruínas, vi as sepulturas de pedra.

— Não existe nada assim em mais nenhum lugar do Condado — disse o Mago.

Esculpida numa imensa pedra plana, mesmo à beira de uma colina íngreme, havia uma fila de seis caixões, cada um com a forma de um corpo humano e com uma tampa de pedra que encaixava num sulco. Eram de diferentes tamanhos e formas mas, regra geral, pequenos, como se talhados para crianças, só que se tratava das sepulturas de seis da Gente Pequena. Seis dos filhos do rei Heys.

O Mago ajoelhou ao lado da sepultura mais próxima. Por cima da cabeça de cada uma delas havia uma cavidade quadrada e ele desenhou a sua forma com o dedo.

Depois estendeu os dedos da mão esquerda. A mão aberta cobria a cavidade à justa.

— Para que poderiam ter servido? — murmurou de para si mesmo.

— De que tamanho era a Gente Pequena? — indaguei. As sepulturas eram todas de tamanhos diferentes e, agora que olhava com atenção, vi que afinal não eram tão pequenas quanto a princípio julgara.

Em jeito de resposta, o Mago abriu o saco e retirou uma vara de medição extensível. Abriu-a e mediu a sepultura.

— Esta tem cerca de um metro e sessenta e cinco

— anunciou —, e trinta e cinco centímetros de largura no meio. Mas devem ter sido enterrados alguns pertences para a Gente Pequena usar no outro mundo. Poucos teriam mais de um metro e meio de altura e muitos eram bem mais pequenos. Com o decorrer dos anos, cada gera-

ção foi-se tornando cada vez maior porque houve casa-mentos entre eles e os invasores que vieram por mar. Por isso não se chegaram a extinguir. O seu sangue corre ainda nas nossas veias.

O Mago virou-se para Alice e, para surpresa minha, retirou-lhe a venda. A seguir foi a vez dos tampões dos ouvidos, guardando-os novamente na segurança do seu saco. Alice pestanejou e olhou à sua volta. Não se mos-rou satisfeita.

— Não gosto deste lugar — queixou-se. — Algo não está certo. Há uma má sensação.

— Verdade, minha jovem? — disse o Mago. —

Bem, isso é a coisa mais curiosa que disse o dia todo. É

estranho, porque acho este lugar bastante agradável. Não há nada como um pouco de ar do mar revigorante!

Não me senti revigorado. A brisa cessara e agora estendiam-se braços de nevoeiro serpenteando do mar e começava a esfriar bastante. Dentro de uma hora escureceria. Eu sabia o que Alice queria dizer. Era um lugar a evitar depois do pôr do Sol. Eu também sentia algo e não me pareceu lá muito amigável.

— Há algo à espreita próximo — disse ao Mago.

— Vamos sentar-nos além e dar-lhe tempo para que se acostume a nós — respondeu o Mago. — A nossa intenção não é assustá-lo. .

— É o fantasma de Naze? — indaguei.

— Espero que sim, rapaz. Espero bem que sim.

Mas em breve o saberemos. Seja um pouco paciente.

Sentamo-nos num talude verdejante a alguma distância, enquanto a luz diminuía lentamente. Estava ficando cada vez mais preocupado.

— E depois de escurecer? — sondei o Mago. — O

Destruidor não vai aparecer? Agora que tirou a venda a Alice, ele saberá onde estamos!

— Acho que estamos bastante seguros aqui, rapaz

— referiu o Mago. — Este é possivelmente o único local em todo o Condado que ele evita. Fizeram algo aqui e, se não me engano, o Destruidor não se aproximará daqui num raio de um quilômetro e meio. Até pode saber que aqui estamos, mas não poderá fazer grande coisa em rela-

ção a isso. Estou certo, minha jovem?

Alice estremeceu e concordou. — Ele está tentando falar comigo, sim. Mas a sua voz está muito fraca e distante. Nem sequer consegue entrar-me na cabeça.

— É precisamente o que eu esperava — declarou o Mago. — Quer dizer que a nossa viagem não foi em vão.

— Ele quer que eu me afaste imediatamente daqui.

Quer que vá até ele. .

— E é isso o que *você* quer?

Alice abanou a cabeça negando e estremeceu.

— Folgo em ouvi-lo, menina, porque depois da próxima vez, conforme te disse, ninguém poderá te ajudar. Onde é que ele está neste momento?

— Está bem debaixo da terra. Numa caverna escura e úmida. Encontrou uns ossos mas tem fome, porque não são suficientes.

— Ótimo! Agora chegou o momento de passar à ação — anunciou o Mago. — Vocês dois instalem-se ali em baixo abrigados por aquelas paredes. — Apontou na direção das ruínas da capela. — Tentem dormir enquanto eu fico de vigia aqui ao pé das sepulturas.

Não discutimos e instalamo-nos na erva dentro das ruínas da capela. Em virtude da parede que faltava ainda conseguíamos ver o Mago e as sepulturas. Julguei que ele fosse se sentar mas permaneceu de pé, a mão esquerda assente no bordão.

Eu estava cansado e não tardei a adormecer. Mas acordei de repente. Alice abanava-me o ombro.

— O que se passa? — inquiri.

— Ele está ali perdendo o seu tempo — disse Alice, apontando para o lugar onde o Mago se encontrava agora acororado ao pé das sepulturas. — Há algo próximo mas é além, perto da sebe.

— Tem certeza?

Alice anuiu. — Mas vá você avisá-lo. Ele não o aceitará vindo de mim.

Aproximei-me do Mago e chamei: — Mr. Gregory!

— Ele não se mexeu e perguntei-me se teria adormecido ali acororado. Porém levantou-se devagar e virou a parte superior do corpo na minha direção, mantendo os pés exatamente na mesma posição.

Havia algumas aberturas nas nuvens, mas aqueles pedaços com estrelas não eram suficientes para me deixar ver o rosto do Mago. Não passava de uma sombra escura debaixo do capuz.

— Alice diz que há algo além perto da sebe — informei-o.

— Ah disse — murmurou o Mago. — Nesse caso, é melhor irmos dar uma olhada.

Encaminhamo-nos para a sebe. À medida que nos aproximávamos dela parecia estar ficando ainda mais fria, por isso soube que Alice tinha razão. Havia uma espécie qualquer de espírito escondido ali perto.

O Mago apontou para baixo, depois, de repente ajoelhou-se, arrancando a erva comprida. Ajoelhei-me também e comecei a ajudá-lo. Pusemos a descoberto mais dois túmulos de pedra. Um tinha cerca de um metro e meio de comprimento mas o outro apenas metade daquele tamanho. Era o túmulo mais pequeno de todos.

— Alguém com sangue antigo puro nas veias foi sepultado aqui — referiu o Mago. — Dele adviria força. É

este o que procurávamos. Deve ser o túmulo do fantasma de Naze, sim! Afaste-se um pouco, rapaz. Mantenha distância.

— Não posso ficar para ouvir? — perguntei. O

Mago abanou a cabeça.

— Não confia em mim? — indaguei.

— Você confia em si mesmo? — foi a resposta de-le. — Faça a pergunta a si próprio! Para começar, o mais provável é que ele apareça se só estiver aqui um de nós.

De qualquer forma, é preferível que não ouça isto. O

Destruidor consegue ler o pensamento, lembra-se? É suficientemente forte para impedi-lo de ler o seu? Não podemos permitir que ele saiba o que estamos a preparar; que temos um plano; que conhecemos os seus pontos fracos. Quando ele entra nos seus sonhos, revirando o seu cérebro à procura de pistas e planos, tem certeza absoluta de que não denunciará nada?

Não tinha certeza.

— É um rapaz corajoso, o mais corajoso que alguma vez me surgiu como aprendiz. Mas não passa disso, de um aprendiz, e não podemos esquecer. Portanto, volta para o seu canto! — ordenou-me, enxotando-me dali.

Fiz o que me mandara e regresssei esmorecido à capela em ruínas. Alice estava dormindo, de modo que me sentei ao lado dela por alguns momentos mas não tinha sossego. Estava agitado porque queria realmente saber o que o fantasma de Naze teria a dizer. Quanto ao aviso do Mago a respeito de o Destruidor me revirar a mente enquanto estava a dormir, não me preocupou assim tanto.

Aqui estávamos a salvo do Destruidor, e se o Mago des-cobrisse aquilo que necessitava saber, amanhã à noite seria o fim dele.

Abandonei então as ruínas e avancei sorratamente junto ao muro até me aproximar mais do Mago. Já não era a primeira vez que desobedecia ao meu mestre, mas era a primeira em que estivera tanto em jogo. Sentei-me encostado ao muro e aguardei. Mas não muito.

Mesmo àquela distância, comecei a sentir muito frio e não parava de tremer. Aproximava-se um dos mortos, mas seria o fantasma de Naze?

Começou a aparecer uma luz tênue brilhante por cima das duas sepulturas mais pequenas. Não era particularmente humana na forma, apenas uma coluna luminosa que mal chegava aos joelhos do Mago. Ouvi-o começar logo a questioná-lo. O ar ficou muito parado, e apesar de o Mago manter a voz baixa, conseguia perceber cada palavra que ele dizia.

— Fale! — disse o Mago. — Fale, ordeno-te!

— *Deixe-me em paz! Dê-me descanso!* — ouviu-se a resposta. Apesar de Naze ter morrido jovem e na primavera da vida, a voz do fantasma parecia a de um homem muito velho. Era resmungada e áspera e denotava um profundo cansaço. Mas isso não queria propriamente dizer que não fosse o seu fantasma. O Mago dissera-me que os fantasmas não falavam como tinham feito em vida.

Comunicavam diretamente com a nossa mente e era por isso que conseguíamos compreender um que vivera muitas eras atrás; um que poderia até ter falado uma língua muito diferente.

— O meu nome é John Gregory e sou o sétimo filho de um sétimo filho — anunciou o Mago, levantando a voz. — Estou aqui para fazer o que devia ter sido feito há muito; aqui para acabar com o mal do Destruidor e dar-te finalmente paz. Mas há coisas que preciso saber. Primeiro, tem de me dizer o seu nome!

Seguiu-se uma longa pausa e pensei que o fantasma não fosse responder, mas por fim o fez.

— *Sou Naze, o sétimo filho de Heys. O que deseja saber?*

— Chegou o momento de acabar com isto de uma vez por todas — referiu o Mago. — O Destruidor anda em liberdade e não tardará a atingir poder absoluto e ameaçar toda a terra. Tem de ser aniquilado. Por isso vim à procura dos seus conhecimentos. Como foi que o aprisi-onou nas catacumbas? Como pode ser morto? É capaz de me dizer?

— *É forte?* — arranhou a voz de Naze. — *É capaz de fechar a sua mente e impedir que o Destruidor leia os seus pensamentos?*

— Sim, sou capaz disso — respondeu o Mago.

— *Então talvez haja esperança. Vou lhe dizer o que fiz.*

Como aprisionei o Destruidor. Em primeiro lugar, celebrei um pacto com ele dando-lhe o meu sangue a beber. Poderia bebê-lo mais três vezes, e em troca, teria de obedecer três vezes às minhas ordens. No ponto mais fundo das catacumbas de Priestown, existe uma câmara funerária que contém as urnas com o pó dos nossos mortos antigos, os pais fundadores do nosso povo. Foi a essa câmara que atraí o Destruidor e lhe dei o meu sangue a beber. Em troca, revelei-me um amo exigente.

«Da primeira vez, ordenei que o Destruidor nunca mais voltasse às criptas e se mantivesse bem longe desta zona onde o meu pai e os meus irmãos estão sepultados, porque queria que eles descansassem em paz. O Destruidor gemeu de contrariedade porque as criptas eram a sua morada favorita, o lugar onde passava as horas do dia agarrado aos ossos dos mortos e a sugar as recordações neles contidas. Mas um pacto era um pacto e ele não tinha outra opção senão obedecer. Quando o chamei da segunda vez, mandei-o ir aos confins da terra à procura de conhecimentos, e estive ausente um mês e um dia, dando-me todo o tempo de que precisava.

«Pus então a minha gente a trabalhar, construindo e colocando o Portão de Prata. Mas nem quando regressou o Destruidor soube de alguma coisa porque a minha mente era forte e mantive os meus pensamentos ocultos.

«Depois de lhe dar o meu sangue pela última vez, disse ao Destruidor o que pretendia, gritando em voz alta o preço que ele teria de pagar.

«Fique preso a este lugar!» ordenei. «Limitado às catacumbas mais fundas e sem saída. Mas, como não desejo a nenhum ser, por pior que seja, que sofra sem uma réstia sequer de esperança, construí um Portão de Prata. Se alguém cometer a tolice de abrir esse portão na sua presença, poderá transpô-lo para a liberdade. No entanto, na sequência disso, se alguma vez voltar a este lugar, ficará preso aqui para toda a eternidade!»

«Foi o que a brandura do meu coração me ditou e o aprisionamento não foi tão firme quanto deveria ter sido. Durante a minha vida, enchi-me de compaixão pelos outros. Alguns consideraram-no uma fraqueza e nesta ocasião provaram estar certos. Porque eu não conseguira condenar sequer o Destruidor a uma eternidade de aprisionamento sem lhe dar uma tênue chance de fuga.

— Fez o suficiente — comentou o Mago. — E agora vou terminar o trabalho. Se conseguirmos levá-lo até lá, ficará preso para sempre! Sempre é um começo. Mas como podemos matá-lo? Pode dizer-me? Esta criatura está tão má agora, que o seu aprisionamento será insuficiente. Preciso aniquilá-lo.

— Em primeiro lugar, deve ter adquirido a camada de carne. Em segundo, deve estar bem no fundo das catacumbas. Em terceiro, o seu coração tem de ser penetrado com prata. Só se todas as três condições forem preenchidas é que finalmente morrerá. Mas existe um grande risco para aquele que o tentar. Nos limites da morte, o Destruidor libertará tanta energia que o seu assassino quase com certeza morrerá.

O Mago soltou um suspiro fundo.

— Agradeço-lhe a informação — disse ao fantasma. — Será duro, mas tem de ser feito, custe o que custar.

Mas a sua tarefa está completa agora. Vá em paz. Passe para o outro lado.

Em resposta, o fantasma de Naze gemeu tão profundamente que os cabelos na minha nuca começaram a se levantar. Fora um gemido carregado de agonia.

— *Não haverá paz para mim* — gemeu o fantasma com voz cansada.
— *Não haverá paz até o Destruidor finalmente morrer.* .

E, ditas aquelas palavras, a pequena coluna de luz desapareceu. Sem perder tempo, regressei às ruínas rente ao muro. Alguns instantes depois o Mago entrou, deitou-se na erva e fechou os olhos.

— Tenho de pensar muito bem — murmurou.

Não lhe disse nada. De repente, senti-me culpado por ter escutado a conversa dele com o fantasma de Naze.

Agora sabia demais. Receei que, se lhe contasse, ele me mandasse embora e fosse enfrentar o Destruidor sozinho.

— Explicarei ao raiar do dia — murmurou. — Mas agora vê se dorme. Não é seguro deixar este local antes do nascer do Sol!

Para minha surpresa, dormi bastante bem. Antes mesmo da alvorada, fui acordado por um estranho som de raspar. Era o Mago, a afiar a lâmina retrátil na pedra de amolar que tirara do saco. Trabalhava metodicamente, experimentando-a esporadicamente com o dedo. Finalmente, deu-se por satisfeito e ouviu-se um clique quando a lâmina se recolheu no bordão.

Pus-me em pé e estiquei as pernas durante um tempo, enquanto o Mago se baixava, abria de novo o saco e remexia lá dentro.

— Sei exatamente o que fazer — anunciou. — Podemos derrotar o Destruidor. É possível fazê-lo mas será a tarefa mais difícil que alguma vez tive de realizar. Se eu falhar, afetará a todos.

— O que é preciso fazer? — inquiri, sentindo-me mal porque já o sabia. Não me respondeu e passou por mim direto a Alice, que estava sentada, abraçando os joelhos.

Colocou a venda e introduziu o primeiro tampão de cera no ouvido.

— Agora vamos ao outro, mas antes disso, escuta-me muito bem, menina, porque isto é importante —

referiu. — Quando os tirar esta noite, falarei com você e terá de fazer imediatamente o que eu disser e sem questionar. Compreendeu?

Alice anuiu e ele colocou-lhe o segundo tampão.

Mais uma vez, Alice não podia ver e não podia ouvir. E o Destruidor não saberia o que estávamos a preparar nem para onde íamos. A menos que de alguma forma me conseguisse ler o pensamento. Comecei a sentir-me muito aflito por causa do que fizera. Sabia demais.

— Agora — disse o Mago, virando-se para mim.

— Vou te dizer uma coisa que te desagradará. Temos de voltar a Priestown. Às catacumbas.

Depois, girou nos calcanhares e, agarrando Alice pelo cotovelo esquerdo, encaminhou-a para o cavalo e a carroça onde o filho do agricultor continuava à espera.

— Temos de ir a Priestown o mais depressa que este cavalo conseguir — anunciou o Mago.

— Isso eu não sei — respondeu o rapaz. — O meu velho pai está a contar comigo antes do meio-dia. Há trabalho a fazer.

O Mago estendeu-lhe uma moeda de prata. — Olhe, toma isto. Leve-nos lá antes de escurecer e haverá outra. Não creio que o seu pai vá se importar muito. Ele gosta de contar o seu dinheiro.

O Mago obrigou Alice a deitar-se aos nossos pés e tapou-a de novo com a palha para que ela não pudesse ser vista por ninguém de passagem, e em breve estávamos a caminho. A princípio, contornamos Caster mas depois, em vez de voltarmos pelas extensões rochosas, dirigimo-nos para a estrada principal que conduzia diretamente a Priestown.

— Não será perigoso voltar lá em pleno dia? —

perguntei, cheio de nervosismo. A estrada tinha muito movimento e estávamos constantemente a passar por carroças e pessoas a pé. — E se os homens do Inquisidor nos reconhecem?

— Não digo que não haja risco — afirmou o Mago.

— Mas aqueles que andavam à nossa procura provavelmente estarão agora ocupados a transportar o corpo pelas extensões rochosas. Sem dúvida o trarão para Priestown para sepultar, mas isso só terá lugar amanhã; nessa altura já estará tudo terminado e iremos a caminho. Claro que depois há que pensar na tempestade. As pessoas com algum juízo ficarão em casa, abrigadas da chuva.

Olhei para o céu. A sul, estavam a acumular-se nuvens mas não me parecia muito mau. Quando o referi, o Mago limitou-se a sorrir.

— Ainda tem muito que aprender — respondeu-me. — Esta vai ser uma das maiores tempestades que alguma vez viu.

— Depois de toda aquela chuva, julguei que fôssemos ter alguns dias de tempo bom — protestei.

— Sem dúvida que vamos, rapaz. Mas esta está longe de ser natural. Ou muito me engano, ou o Destruidor acaba de invocar o

vento para fustigar a minha casa. É

outro sinal de quão poderoso se tornou. Irá dominar a tempestade para mostrar a sua raiva e frustração por não ser capaz de usar Alice como muito bem quer. Só que isso joga a nosso favor: enquanto estiver concentrado em tal, não se preocupa muito comigo e com você. E assim poderemos alcançar a cidade sem problemas.

— Por que temos de ir às catacumbas para matar o Destruidor? — inquiri, esperando que ele me dissesse o que eu já sabia. Assim não teria de continuar a fingir mais.

— É para o caso de não conseguirmos aniquilá-lo, rapaz. Pelo menos, uma vez lá, com o Portão de Prata fechado, o Destruidor voltará a ficar aprisionado. Desta vez para sempre. Foi o que me disse o fantasma de Naze.

Depois, mesmo que não consiga exterminá-lo, pelo menos terei reposto a situação existente. E agora chega de perguntas. Preciso de paz para me preparar para o que vou fazer. .

Não tornamos a falar até chegarmos aos arredores de Priesttown. Entretanto, o céu estava escuro como breu, cortado por enormes ziguezagues de relâmpagos enquanto os trovões ribombavam mesmo por cima de nós. A chuva caía abundante, encharcando-nos as roupas e sentia-me molhado e desconfortável. Tive pena de Alice porque continuava deitada no fundo da carroça, que tinha agora quase dois centímetros e meio de água. Devia realmente ser muito difícil não poder ver nem ouvir e não saber para onde ia ou quando a viagem terminaria.

A minha própria viagem terminou muito mais cedo do que contava. Nos arredores de Priesttown, quando chegamos à última encruzilhada, o Mago gritou ao filho do agricultor que parasse a carroça.

— É aqui que salta — disse, olhando-me com dureza.

Fitei-o, espantado. A chuva escorria-lhe da ponta do nariz e descia pela barba mas não pestanejou quando me olhou com uma expressão cruel.

— Quero que volte para Chipenden — ordenou, apontando na direção da estrada estreita que seguia rumo a nordeste. — Vá à cozinha e avise aquele meu demônio de que posso não voltar. Diga-lhe que se for esse o caso, terá de manter a casa segura para quando você estiver preparado. Intacta e segura até concluir o seu aprendizado e estiver finalmente em condições de assumir o cargo.

«Feito isso, siga para o norte de Caster e procure Bil Arkwright, o Mago local. Ele é um pouco molengão mas é honesto e te preparará nos próximos quatro anos.

No fim, terá de voltar para Chipenden e dedicar-se muito ao estudo. Tem de se concentrar naqueles livros para compensar o fato de eu não estar aqui para te preparar!

— Porquê? O que se passa? Por que não vai regressar? — perguntei. Era outra pergunta cuja resposta eu já sabia.

O Mago abanou a cabeça, pesaroso. — Porque só existe uma forma correta de lidar com o Destruidor e provavelmente vai custar-me a vida. A da garota também, se não estou enganado. É duro, rapaz, mas tem de ser feito. Talvez um dia, daqui a anos, você mesmo se veja con-frontado com uma tarefa semelhante a esta. Espero que não, mas por vezes acontece. O meu próprio mestre morreu a fazer algo idêntico e agora é a minha vez. A história pode repetir-se e, se assim for, temos de estar preparados para entregar as nossas vidas. São apenas ossos do ofício, por isso é bom que se acostume.

Perguntei-me se o Mago estaria a pensar na maldi-

ção. Esperaria morrer por causa dela? Se ele morresse, então não haveria ninguém para proteger Alice lá em baixo à mercê do Destruidor.

— E então Alice? — protestei. — Não contou a Alice o que vai acontecer. Enganou-a!

— Teve de ser. Provavelmente a garota já foi longe demais para poder ser salva. É melhor assim. Pelo menos o espírito dela ficará livre. É melhor do que preso àquela criatura imunda.

— Por favor — supliquei. — Deixe-me ir com vo-cê. Deixe-me ajudar.

— A melhor maneira de ajudar é fazendo o que te digo! — respondeu o Mago com impaciência e, agarrando-me no braço, empurrou-me com rudeza da carroça.

Caí desajeitadamente, ficando de joelhos. Quando me levantei, a carroça já se afastava e o Mago nem sequer olhou para trás.

CAPÍTULO 20

A CARTA DA MÃE

Esperei até a carroça ter quase desaparecido de vista antes de começar a segui-la, a minha respiração a ficar presa na garganta. Não sabia o que fazer, mas era-me insuportável a idéia do que podia suceder. O Mago parecia resignado a morrer e a pobre Alice nem sequer sonhava o que ia lhe acontecer.

Não deveria existir risco demais ser visto — a chuva caía abundantemente e as nuvens negras lá em cima faziam com que estivesse tão escuro como se fosse meia-noite. Mas os sentidos do Mago eram apurados, e se me aproximasse demais, ele saberia de imediato. Então, corri e caminhei alternadamente, mantendo a distância mas conseguindo ainda avistar a carroça de tempos a tempos.

As ruas de Priestown estavam desertas e, apesar da chuva, mesmo quando a carroça seguia bastante mais à frente, conseguia ouvir

ainda o *clip-clop* dos cascos e as rodas da carroça a rolarem sobre as pedras.

Não tardei a avistar o campanário branco de calcá-

rio acima dos telhados, confirmando a direção e o destino do Mago. Tal como esperava, dirigia-se para a casa assombrada com a cave que dava acesso às catacumbas.

Naquele momento senti algo muito estranho. Não era a habitual sensação dormente de frio que anunciava a aproximação de algo do escuro. Não, isto era mais como um súbito fragmento minúsculo de gelo mesmo dentro da minha cabeça. Nunca antes sentira nada assim, mas não precisei de mais nenhum aviso. Calculei o que fosse e consegui limpar a minha mente antes mesmo de o Destruidor falar.

— *Finalmente te encontrei, sim!*

Instintivamente, parei e fechei os olhos. Quando percebi que ele não poderia ver através deles, mantive-os fechados assim. O Mago avisara-me de que o Destruidor não via o mundo da mesma maneira que nós. Apesar de poder nos encontrar, tal como uma aranha estava ligada à sua presa por um fio de seda, ele continuava a não saber onde estávamos. Por conseguinte, tinha de me manter assim. Tudo o que os meus olhos vissem seria filtrado para os meus pensamentos e o Destruidor não tardaria a começar a esquadrinhá-los. Talvez conseguisse mesmo encontrar pistas de que eu estava em Priestown.

— *Onde está, rapaz? Podia muito bem me dizer. Mais cedo ou mais tarde acabará por fazê-lo. Pode ser por bem ou por mal. A escolha é sua. .*

O fragmento de gelo estava a aumentar e toda a minha cabeça a ficar dormente. Fez-me pensar de novo no meu irmão James e na fazenda. Como ele me perseguira naquele Inverno e enchera os meus ouvidos de neve.

— Vou a caminho de casa — menti. — Vou para casa descansar. Enquanto falava, imaginei que me aproximava do pátio da fazenda com a Colina do Carrasco a avistar-se no horizonte, através da escuridão. Os cães tinham começado a ladrar e eu aproximava-me da porta de trás, chapinhando nas poças, a chuva a bater-me no rosto.

— *Onde está Ossos Velhos? Diga-me. Para onde vai com a garota?*
— Voltou para Chipenden — disse. — Vai meter Alice num poço. Tentei dissuadi-lo mas ele não me deu ouvidos. É o que ele costuma fazer a uma bruxa.

Imaginei-me a abrir a porta de trás e a entrar na cozinha. As cortinas estavam corridas e a vela de cera de abelha acesa no castiçal de latão em cima da mesa. A Mãe estava sentada na sua cadeira de balanço. Quando entrei, ela levantou a cabeça e sorriu-me.

O Destruidor desapareceu imediatamente e o frio começou a diminuir. Não o impedira de me ler o pensamento mas enganara-o. Conseguira! Segundos depois o meu júbilo desapareceu. Faria outra visita? Ou, pior ainda, faria à minha família?

Abri os olhos e comecei a correr o mais depressa que podia em direção à casa assombrada. Passados alguns minutos, ouvi de novo o som da carroça e retomei a marcha e a corrida alternadas.

Por fim a carroça parou, mas quase de imediato partiu e escondi-me num beco quando ela começou a avançar na minha direção. O filho do agricultor vinha sentado curvado e sacudia as rédeas, fazendo com que os cascos do enorme cavalo de tiro soassem nas pedras molhadas.

Aguardei cerca de cinco minutos para dar tempo a que Alice e o Mago entrassem na casa antes de correr pela rua e levantar a tranca da porta do pátio. Tal como esperava, o Mago trancara a porta de trás, mas eu tinha ainda comigo a chave de Andrew e, passado um

instante, encontrava-me na cozinha. Tirei o coto de vela do bolso, acendi-o e depois disso não foi preciso muito tempo para descer às catacumbas.

Ouvi em algum lugar um grito lá em frente e calculei o que fosse. O Mago atravessava o rio carregando Alice. Mesmo com a venda e os tampões nos ouvidos, ela devia ter conseguido sentir a água corrente.

Eu próprio não tardei a atravessar as pedras no rio e alcançar o Portão de Prata mesmo a tempo. Alice e o Mago encontravam-se já do outro lado e ele ajoelhara, preparando-se para fechá-lo.

Levantou a cabeça, furioso, quando me viu correndo para ele.

— Eu devia ter desconfiado! — gritou, a sua voz cheia de fúria. — A sua mãe não te ensinou que é feio desobedecer?

Em retrospectiva, entendo agora a atitude do Mago, que só queria manter-me a salvo, mas avancei rapidamente, agarrei o portão e comecei a abri-lo. O Mago ofereceu resistência por um momento, mas depois desistiu e veio para o meu lado, trazendo o seu bordão.

Não soube o que dizer. Não conseguia pensar com clareza. Não fazia idéia do que esperava conseguir indo com eles. Mas de repente, lembrei-me novamente da maldição.

— Quero ajudar — frisei. — Andrew falou-me da maldição. Que o senhor iria morrer sozinho no escuro sem um amigo a seu lado. Alice não é sua amiga mas eu sou. Se eu lá estiver, não poderá se cumprir. .

Levantou o bordão acima da cabeça como se fosse me bater com ele. Pareceu crescer em tamanho até se agigantar por cima de mim. Nunca o vira tão furioso. A seguir, para minha surpresa e desalento, baixou o bordão, deu um passo na minha direção e bateu-me no rosto.

Cambaleei para trás, mal podendo acreditar que fosse verdade.

Não fora um estalo forte, mas vieram-me as lágrimas aos olhos e desceram-me pelas faces. O Pai nunca me batera daquela maneira. Não queria acreditar que o Mago o tivesse feito e senti-me magoado por dentro. Magoa-ra-me mais do que qualquer dor física.

Fitou-me com dureza por alguns momentos e abanou a cabeça como se eu tivesse sido uma enorme desilusão para ele. Depois voltou a transpor o portão, fechando-o e trancando-o atrás de si.

— Faça o que te digo! — ordenou. — Veio a este mundo por uma razão. Não a desperdice por causa de algo que não pode mudar. Se não o fizer por mim, faça-o pela sua mãe. Volte para Chipenden. Depois vá a Caster e faça o que te pedi. Seria a vontade dela. Faça com que ela se orgulhe de você.

Ditas aquelas palavras, o Mago girou nos calcanhares e, guiando Alice pelo cotovelo esquerdo, conduziu-a pelo túnel. Fiquei a vê-los até virarem a esquina e desapa-recerem de vista.

Devo ter ficado ali à espera cerca de meia hora, apenas a olhar para o portão trancado, a mente paralisada.

Por fim, sem nenhuma esperança, virei-me e comecei a retroceder. Não sabia o que ia fazer. Provavelmente apenas obedecer ao Mago, acho. Voltar para Chipenden, depois ir para Caster. Que outra alternativa me restava? Mas não me saía da cabeça o fato de o Mago me ter batido. Provavelmente seria a última vez que nos víamos e separávamo-nos furiosos e decepcionados.

Atravessei o rio, segui o caminho empedrado e subi à cave. Uma vez ali, sentei-me no velho tapete bolorento a tentar decidir o que fazer. Lembrei-me de repente de outro caminho para as catacumbas que me levaria para lá do Portão de Prata. O alçapão que dava acesso à adega, aquele por onde alguns dos prisioneiros tinham escapado!

Conseguiria lá chegar sem ser visto? Era perfeitamente possível, se todos estivessem na catedral.

Mas mesmo que conseguisse descer às catacumbas, não sabia de que forma poderia ajudar. Valia a pena desobedecer de novo ao Mago e tudo em vão? Estaria apenas a tentar desperdiçar a minha vida quando tinha a obrigação de ir a Caster e continuar a aprender o meu ofício? Teria o Mago razão? Acharia a Mãe que era a atitude certa? Os pensamentos rodopiavam constantemente dentro da minha cabeça mas não me levaram a uma resposta clara.

Era difícil ter certeza fosse do que fosse, mas o Mago sempre me dissera para confiar nos meus instintos e eles pareciam dizer-me que tinha de tentar fazer algo para ajudar. Por pensar nisso, lembrei-me da carta da Mãe porque fora exatamente o que ela me dissera.

«Abra-a numa altura de grande necessidade. Confie nos seus instintos.»

Era sem dúvida uma altura de grande necessidade, por isso, extremamente nervoso, retirei o envelope do bolso do meu casaco. Fiquei olhando para ele alguns momentos, depois abri-o com um rasgão e retirei a carta lá de dentro. Aproximando-a da vela, comecei a ler.

Querido Tom,

Enfrenta um momento de grande perigo. Não contava que tal crise surgisse tão cedo e agora tudo o que posso fazer é preparar-te dizendo-te o que enfrenta e indicando os resultados que dependem da decisão que tem de tomar.

Há muito que não consigo ver, mas uma coisa é certa. O seu mestre irá descer à câmara funerária no ponto mais fundo das catacumbas e ali enfrentará o Destruidor numa luta até a morte. Por necessidade, irá usar Alice para atraí-lo àquele lugar. Ele não tem qualquer escolha. Mas você tem uma escolha. Pode descer à câmara

funerária e tentar ajudar. Mas, nesse caso, dos três que vão enfrentar o Destruidor, só dois sairão vivos das catacumbas.

Mas se virar as costas neste momento, os dois lá embaixo morrerão com certeza. E morrerão em vão.

Às vezes, nesta vida, é necessário uma pessoa sacrificar-se pelo bem dos outros. Gostaria de te proporcionar consolo, mas não posso. Seja forte e faça o que a sua consciência ditar. Escolha o que escolher, me orgulharei sempre de você.

Mãe

Lembrei-me do que o Mago me dissera pouco depois de me ter aceito como seu aprendiz. Dissera-o com tamanha convicção que ficou gravado na minha memória.

«Principalmente, não acreditamos em profecias. Não acreditamos que o futuro esteja determinado.»

Nem queria acreditar no que o Mago dissera porque, se a Mãe estava certa, um de nós — o Mago, Alice ou eu — morreria lá embaixo no escuro. Mas a carta na minha mão dizia-me sem a menor sombra de dúvida que a profecia era possível. De que outra forma poderia a Mãe ter sabido que o Mago e Alice estavam neste momento na câmara funerária prestes a enfrentar o Destruidor? E co-mo fora que eu lera a carta precisamente no momento certo?

Instinto? Seria suficiente para explicá-lo? Estremeci e senti mais medo do que em alguma outra ocasião desde que começara a trabalhar para o Mago.

Senti-me como se caminhasse num pesadelo em que tudo fora decidido de antemão e eu não podia fazer nada nem tinha qualquer escolha. Como podia existir uma escolha, quando deixar Alice e o Mago e ir embora teria como consequência as suas mortes?

E havia outra razão para eu ter de voltar a descer às catacumbas. A maldição. Fora por isso que o Mago me batera? Estava furioso porque, lá no fundo, acreditava ne-la e tinha medo? Mais uma razão para ajudar. Uma vez, a Mãe dissera-me que ele seria meu professor e acabaria por se tornar meu amigo. Era difícil dizer se chegara ou não esse momento, mas eu era certamente mais amigo dele do que Alice e o Mago precisava de mim!

Quando abandonei o pátio e entrei no beco, continuava a chover mas os céus estavam tranquilos. Sentia que vinha aí mais trovoadas e estávamos no que o meu pai chama «o olho da tempestade». Foi então que, no relativo silêncio, ouvi o sino da catedral. Não era o som pesaroso que ouvira em casa de Andrew, o toque de finados pelo padre que se matara. Era um toque alegre e esperançoso a chamar a congregação para as vésperas.

Esperiei então no beco, encostando-me a uma parede para evitar molhar-me demais. Não sei por que me dava ao incômodo, visto já estar encharcado até aos ossos.

Por fim, o sino parou de tocar, e esperava que isso significasse que estavam todos dentro da catedral e fora do caminho. Comecei então a dirigir-me lentamente para lá.

Virei a esquina e desci direto ao portão. A luz co-meçava a diminuir, e as nuvens negras continuavam acumuladas lá em cima. Depois, subitamente, o céu iluminou-se com uma sucessão de relâmpagos e vi que a zona em frente da catedral estava completamente deserta. Conseguia ver o exterior escuro do edifício com os seus contrafortes grandes e as janelas altas pontiagudas. Os vitrais estavam iluminados pela luz de velas, e na janela à esquerda da porta encontrava-se a imagem de S. Jorge com a armadura vestida, segurando uma espada e um escudo com uma cruz vermelha. À direita estava S. Pedro, de pé diante de um barco de pesca. E ao meio, por cima da porta, a escultura malévolamente do Destruidor, a cabeça de gárgula, lançando-me um olhar feroz.

O santo que me dera o nome não estava lá. To-más³, o Céptico. Tomás, o Descrente. Não sabia se fora a minha mãe ou o meu pai que escolhera aquele nome, mas tinham escolhido bem. Eu não acreditava naquilo em que a Igreja acreditava; um dia seria sepultado do lado de fora, e não de dentro, do adro de uma igreja. Assim que me tornasse mago, os meus ossos nunca iriam repousar em solo sagrado. Mas isso não me incomodava nem um pouco. Como costumava dizer o Mago, os padres não sabiam nada. Ouvi cantar dentro da catedral. Provavelmente o coro que vira ensaiar depois de falar com o padre Cairns no confessionário. Por um momento invejei-lhes a religi-

ão. Felizmente tinham algo em que podiam todos acreditar em conjunto. Era mais fácil estar dentro da catedral com todas aquelas pessoas do que descer sozinho às catacumbas úmidas e frias.

Atravessei as lajes e avancei pelo caminho largo de gravetos que seguia ao longo da parede norte da igreja.

Quando me preparava para dobrar a esquina, o meu cora-

ção teve um baque súbito, saltando-me para a boca. Al-guém estava sentado em frente ao alçapão, encostado à 3 Na realidade, Tomé é o nome que damos em português ao após-tolo referido. Mas trata-se apenas de uma variante da tradução de Thomas, o nome de Aprendiz, traduzido aqui por Tomás (NT) parede, abrigado da chuva. A seu lado via-se uma enorme moca de madeira. Era um dos cobradores eclesiásticos.

Quase gemi alto. Devia estar à espera daquilo. Depois de todos aqueles prisioneiros terem fugido deviam estar preocupados com a segurança — e também com a adega cheia de vinho e de cerveja.

Enchi-me de desespero e estive mesmo para desis-tir, mas precisamente quando me virei, prestes a afastar-me na ponta dos pés, ouvi um som e parei a escutar até ter certeza. Afinal não me

enganara. Era o som de rressonar. O guarda estava adormecido! Como diacho é que podia estar a dormir com toda aquela trovoada?

Mal podendo acreditar na minha sorte, encaminhei-me para o alçapão, muito, muito devagarinho, procurando que as minhas botas não fizessem barulho nos ladrilhos, preocupado que o guarda não acordasse a qualquer momento e eu ter de fugir dali em disparada.

Senti-me bem melhor quando me aproximei. Havia duas garrafas de vinho vazias ali perto. Estava decerto embriagado e provavelmente demoraria algum tempo a acordar. No entanto, continuava a não poder correr quaisquer riscos. Ajoelhei e introduzi a chave de Andrew na fechadura com muito cuidado. Um instante depois abri o alçapão e descera para os barris lá em baixo antes de voltá-lo a fechar.

Tinha ainda a caixa de mechas e um coto de vela que andavam sempre comigo. Não levei muito tempo a acendê-la. Agora conseguia ver — mas não sabia ainda como encontrar a câmara funerária.

CAPÍTULO 21

UM SACRIFÍCIO

Caminhei cautelosamente por entre os barris e prateleiras com vinho até chegar à porta que dava para as catacumbas. Pelos meus cálculos faltariam menos de quinze minutos para o anoitecer, por isso não tive de esperar muito.

Sabia que assim que o Sol se pusesse, o meu mestre obri-garia Alice a chamar o Destruidor pela última vez.

O Mago tentaria apunhalar o Destruidor no cora-

ção com a lâmina, mas teria unicamente uma oportunidade. Se conseguisse, a energia libertada provavelmente o mataria. Era

corajoso da parte dele estar preparado para sacrificar a vida, mas se falhasse, Alice sofreria também.

Ao perceber que fora enganado, e estava agora aprisionado para sempre atrás do Portão de Prata, o Destruidor ficaria furioso. Alice e o meu mestre pagariam certamente com as vidas se ele não fosse aniquilado com rapidez suficiente. Prensaria seus corpos nas pedras.

Estaquei ao fundo das escadas. Que caminho devia seguir? Obtive imediatamente resposta à minha pergunta: lembrei-me de um dos adágios do meu pai.

«Causa sempre a melhor impressão possível!»

Bem, como eu era canhoto, fazia tudo melhor com a esquerda, por isso, em vez de seguir pelo túnel mesmo em frente, aquele que conduzia ao Portão de Prata e ao rio subterrâneo para lá dele, segui o da esquerda. Era estreito, apenas com a largura suficiente para permitir a passagem de uma pessoa, e curvava e inclinava perigosamente para baixo pelo que tinha a sensação de estar a descer uma espiral.

Quanto mais fundo ia, mais frio ficava e soube que os mortos estavam a se reunir. Avistava constantemente coisas pelo canto do olho: os fantasmas da Gente Pequena, formas diminutas pouco mais do que reflexos lumi-nosos que se moviam constantemente para dentro e para fora das paredes do túnel. E estava desconfiado de que havia mais atrás de mim do que à frente — uma sensação de que me seguiam; que descíamos todos em direção à câmara funerária.

Por fim, vi uma vela tremular lá em frente e fui sair na câmara funerária. Era mais pequena do que esperava, uma sala circular talvez nem com vinte passos de diâmetro. Havia uma prateleira alta por cima, escavada na rocha, e viam-se nela enormes urnas de pedra que continham os restos dos mortos antigos. No centro do

teto existia uma abertura mais ou menos redonda como uma chaminé, um buraco escuro ao qual a luz da vela não chegava.

Escorria água do teto de pedra e as paredes estavam cobertas de lodo verde. Havia também um cheiro forte: uma mistura de água podre e estagnada.

Um banco de pedra acompanhava a curvatura da parede; o Mago estava ali sentado, ambas as mãos apoiadas no bordão, enquanto à direita dele estava Alice, ainda com a venda e os tampões nos ouvidos.

Quando me aproximei, ele olhou-me fixamente, mas já não parecia zangado, apenas muito triste.

— Ainda é mais tolo do que julgava — disse-me tranquilamente, quando avancei e me coloquei diante dele.

— Vá embora enquanto ainda pode. Dentro de momentos será tarde demais.

Abanei a cabeça.

— Por favor, deixe-me ficar. Quero ajudar.

O Mago soltou um longo suspiro.

— Pode piorar ainda mais a situação — disse-me.

— Se o Destruidor tiver algum aviso que seja, se manterá afastado deste lugar. A garota não sabe onde ele está e eu consigo fechar a mente a ele. E você? E se ele ler o seu pensamento?

— O Destruidor tentou ler-me o pensamento há pouco. Queria saber onde o senhor estava. Também onde eu estava. Mas agüentei firme e ele não conseguiu — contei-lhe.

— Como foi que o impediu? — inquiriu, a sua voz subitamente áspera.

— Menti-lhe. Fingi que ia a caminho de casa e disse-lhe que o senhor ia regressar a Chipenden.

— E ele acreditou em você?

— Pelo visto — respondi, sentindo-me menos cheio de certeza.

— Bem, em breve o saberemos, quando for chamado. Bem, recue um pouco para o túnel — pediu o Mago, a sua voz mais branda. — Poderá assistir dali. Se isto correr mal, ainda terá alguma chance de fuga. Vánlá, rapaz! Não hesite. Está quase na hora!

Fiz o que ele mandou, recuando alguma distância no túnel. Entretanto, sabia que o Sol já teria descido abaixo do horizonte e o crepúsculo iria instalar-se. O Destruidor abandonaria o seu esconderijo no subsolo. Sob a forma de espírito, podia agora voar livremente pelo ar e atravessar rocha sólida. Uma vez chamado, viria direito a Alice, mais rápido do que um falcão, com as asas recolhidas, descendo a pique como uma pedra na direção da sua presa. Se o plano do Mago funcionasse, não perceberia de onde Alice aguardava. Mal aqui estivesse, seria tarde demais. Mas nós também estaríamos aqui, para enfrentar a sua raiva quando percebesse que fora ludibriado e estava aprisionado.

Vi o Mago pôr-se em pé e colocar-se de frente para Alice. Baixou a cabeça e manteve-se perfeitamente imóvel durante um longo tempo. Se fosse um padre, diria que estava a rezar. Por fim, estendeu as mãos para Alice e vi-o retirar-lhe o tampão de cera do ouvido esquerdo.

— Chame o Destruidor! — gritou, numa voz sonora que encheu toda a câmara e ecoou pelo túnel. —

Faça-o agora, minha jovem! Sem demora!

Alice não falou. Nem sequer se mexeu. Não precisava fazê-lo porque o chamava com a mente, desejando a sua presença.

Não houve aviso da chegada dele. Num momento reinava o silêncio, no seguinte houve uma rajada de frio e o Destruidor apareceu na câmara. Do pescoço para cima era uma réplica da gárgula sobre a porta principal da catedral: a boca aberta, a língua a sair, orelhas de cão enormes e chifres perigosos. Do pescoço para baixo, era uma imensa nuvem negra informe em ebulição.

Ganhara forças para assumir a sua forma original!

Que chance tinha agora o Mago contra ele?

Por um breve momento o Destruidor permaneceu perfeitamente imóvel enquanto os seus olhos se agitavam de um lado para o outro. Olhos com pupilas verde-escuras, com fendas verticais. Pupilas iguais às de uma cabra.

Depois, ao perceber onde estava, soltou um gemido de angústia e desalento que ecoou pelo túnel a ponto de o sentir vibrar nas próprias solas das minhas botas e sacu-dir-me os ossos.

— *Outra vez preso! E bem preso!* — exclamou com uma frieza áspera e sibilante que ecoou nas câmaras e me penetrou como gelo.

— Sim — confirmou o Mago. — Agora está aqui e aqui ficará, preso para sempre neste maldito lugar!

— *Aprecie o seu trabalho! Aspire o seu último sopro, Ossos Velhos. Enganou-me, sim, mas para quê? Nada será, mas eu ainda terei domínio sobre os de lá de cima. Ainda farei exigências e eles acatarão. Sangue fresco me enviarão aqui para baixo! Por isso foi tudo em vão!*

A cabeça do Destruidor ficou maior, o focinho tornando-se ainda mais hediondo, o queixo alongando-se e curvando para cima ao

encontro do nariz curvo. A nuvem negra descia em ebulição, formando carne, pelo que agora era visível um pescoço e os primórdios de umas es-páduas largas, forres e musculadas. Mas em vez de pele estavam cobertas de escamas verdes ásperas.

Eu sabia do que o Mago estava à espera. No momento em que o peito ficasse nitidamente definido, ataca-ria direto ao coração lá dentro. Enquanto eu observava, a nuvem em ebulição desceu mais para formar o corpo até à pélvis. Mas enganei-me! O Mago não usou a lâmina. Co-mo se aparecesse de lugar nenhum, a corrente de prata estava na sua mão esquerda e levantou o braço para a arremessar ao Destruidor.

Já o vira fazer antes. Estava presente quando ele a atirara à bruxa, Lizzie dos Ossos, formando uma espiral perfeita e descendo sobre ela, prendendo-lhe os braços ao lado do corpo. Ela caíra por terra e não pudera fazer nada senão ficar ali a protestar, a corrente envolvendo-lhe o corpo e cerrando-lhe os dentes.

Deveria suceder o mesmo aqui, tinha certeza, e seria a vez de o Destruidor ficar ali sem poder fazer nada.

Mas, no preciso momento em que o Mago se preparava para arremessar a corrente de prata, Alice pôs-se em pé e arrancou a venda.

Sei que não era intenção dela, mas consegui colocar-se entre o Mago e o seu alvo, fazendo-o falhar a pontaria. Em vez de passar pela cabeça do Destruidor, a corrente de prata bateu-lhe no ombro. Ao tocar-lhe, a criatura gritou em agonia e a corrente caiu no chão.

Mas ainda não terminara e o Mago pegou rapidamente no bordão. Ao erguê-lo, preparando-se para o cravar no Destruidor, ouviu-se um estalido súbito e a lâmina retrátil, feita com uma liga que continha prata, estava agora à mostra, brilhando à luz da vela. A lâmina que o vira amolar em Heysham. Vira-o usá-la uma vez antes, quando enfrentara Tusk, o filho da bruxa velha, Mãe Malkin.

O Mago arremessou então o bordão com força e rapidez, direto ao Destruidor, visando-lhe o coração. Ele tentou desviar-se mas era tarde demais para evitar por completo o golpe. A lâmina perfurou-lhe o ombro esquerdo e ele gritou de agonia. Alice recuou, uma expressão de terror no seu rosto, enquanto o Mago puxava o seu bordão e o preparava para uma segunda arremetida, o seu rosto ameaçador e decidido.

Mas, de repente, ambas as velas se apagaram, mergulhando a câmara e o túnel na escuridão. Freneticamente, recorri à caixa de mechas para voltar a acender a minha vela mas quando ganhou vida a tremular o Mago estava sozinho na câmara. O Destruidor desaparecera pura e simplesmente. E Alice também!

— Onde é que ela está? — gritei, correndo na di-reção do Mago, que abanava a cabeça, pesaroso.

— Não se mexa! — ordenou. — Ainda não acabou!

Olhava para cima, para o lugar onde as correntes desapareciam no buraco escuro no teto. Havia um laço e ao lado dele uma segunda corrente solitária. Preso à sua extremidade, e quase a tocar no chão, via-se um gancho grande. Era uma espécie de sistema de cadernal e roldana semelhante ao usado pelos aparelhadores para fazerem descer as pedras dos demônios até à posição pretendida.

O Mago parecia estar à escuta. — Encontra-se em algum lugar lá em cima — murmurou.

— É uma chaminé? — perguntei.

— Sim, rapaz. Algo desse gênero. Pelo menos, era para essa finalidade que servia às vezes. Muito tempo depois de ter sido aprisionado, e a Gente Pequena ter morrido e desaparecido, homens fracos e tolos fizeram sacrifí-

cios ao Destruidor neste mesmo lugar. A chaminé levava a fumaça para o seu antro lá em cima e eles serviam-se da corrente para fazer subir a oferenda queimada. Como pagamento, alguns foram prensados!

Começara a suceder algo. Senti uma corrente de ar vinda da chaminé e registrou-se um frio súbito no ar. Olhei para cima quando algo que parecia fumaça começou a descer lentamente, enchendo a parte superior da câmara.

Era como se todas as oferendas queimadas que alguma vez tivessem sido preparadas neste local estivessem a ser devolvidas!

Mas era muito mais densa que fumaça; parecia á-

gua, como um remoinho negro a girar por cima das nossas cabeças. Em segundos ficou calmo e parado, fazendo lembrar a superfície polida de um espelho negro. Conseguia ver os nossos reflexos nele: eu de pé ao lado do Ma-go, o seu bordão a postos, a lâmina a apontar para cima, pronta a estocar.

O que aconteceu em seguida foi rápido demais para se ver convenientemente. A superfície do espelho de fumaça avolumou-se na nossa direção e irrompeu algo com suficiente rapidez e violência, empurrando o Mago para trás. Ele caiu pesadamente, o bordão voando-lhe da mão e partindo-se em duas partes desiguais com um som seco forte.

A princípio fiquei atordoado, mal conseguindo pensar, incapaz de mover um músculo, mas por fim, todo o meu corpo começou a tremer. Fui ver se o Mago estava bem.

Encontrava-se de costas, de olhos fechados, um fio de sangue a escorrer-lhe do nariz para a boca aberta. Respirava profunda e regularmente de modo que o sacudi com cuidado, tentando acordá-lo. Não reagiu. Aproximei-me do bordão partido e peguei no mais pequeno dos dois pedaços, aquele que tinha a lâmina acoplada. Era

mais ou menos do comprimento do meu antebraço por isso enfiei-o no cinto. Naquele momento, eu estava ao lado da corrente a olhar para cima.

Alguém tinha de tentar ajudar Alice a aniquilar esta criatura de uma vez por todas, e eu era o único capaz de fazê-lo. Não podia deixá-la à mercê do Destruidor. Assim, em primeiro lugar, procurei esvaziar a mente. Se não tivesse nada lá dentro, o Destruidor não conseguiria ler-me os pensamentos. Provavelmente o Mago estivera a treinar durante dias por isso eu tinha simplesmente de dar o meu melhor.

Coloquei a extremidade da vela na boca, cravando-lhe os dentes, depois agarrei cuidadosamente a única corrente com ambas as mãos, procurando mantê-la o mais imóvel possível. A seguir coloquei os pés por cima do gancho e preendi a corrente entre os joelhos. Eu tinha jeito para subir por cordas e uma corrente não era assim muito diferente.

Comecei a subir com bastante rapidez, a corrente fria e a machucarme a mão. Na base da fumaça densa, inspirei fundo, sustive a respiração e enfiei a cabeça na negrura. Não conseguia ver nada, e apesar de não respirar, a fumaça estava a entrar-me no nariz e na boca aberta e sentia um forte bafo acre na garganta que me fazia lembrar o de salsichas queimadas.

Subitamente, a minha cabeça saiu da fumaça e icei-me mais pela corrente até ficar com os ombros e o peito de fora dele. Encontrava-me numa câmara circular quase idêntica à de baixo só que, em vez de uma chaminé por cima, havia um poço por baixo e a fumaça enchia a metade inferior da câmara.

Na parede em frente, havia um túnel que seguia para a escuridão e outro banco de pedra onde Alice estava sentada, a fumaça quase a chegar-lhe aos joelhos. Tinha a mão esquerda estendida na direção do Destruidor. A he-dionda criatura estava ajoelhada na fumaça, debruçada sobre ela, o arco nu do seu dorso fazendo-me lembrar

um enorme sapo verde. No momento em que observava, a-traiu a mão dela para a sua bocarra e ouvi Alice gritar de dor quando começou a chupar-lhe o sangue por debaixo das unhas. Esta era a terceira vez que o Destruidor se ali-mentava do sangue de Alice desde que ela o libertara.

Quando terminasse, Alice pertencer-lhe-ia!

Sentia frio, frio como gelo, e a minha mente estava vazia. Não pensava em nada de nada. Aproximei-me mais e passei da corrente para o chão de pedra da câmara superior. O Destruidor estava absorto demais no que fazia pa-ra se perceber da minha presença. Sem dúvida, nesse aspecto era como o estripador de Horshaw: quando se estava a alimentar mais nada importava.

Aproximei-me mais e levei a mão ao pedaço do bordão do Mago no meu cinto. Retirei-o e ergui-o acima da cabeça, a lâmina apontada ao dorso verde escamoso do Destruidor. Só tinha de fazê-la descer com força e cravar-lha no coração. Reassumira a forma física e ia ser o fim dele. Morreria. Mas quando comecei a retesar o braço, senti repentinamente medo.

Sabia o que ia me acontecer. Seria libertada tamanha energia que eu morreria também. Seria um fantasma tal e qual o pobre Bil y Bradley, que morrera depois de um demônio lhe arrancar os dedos. Ele chegara a ser feliz como aprendiz do Mago, mas agora estava sepultado do lado de fora do adro da igreja de Layton. A idéia era demasiado difícil de suportar.

Estava apavorado — apavorado de morte — e comecei de novo a tremer. Começou nos joelhos e subiu-me pelo corpo até a mão que segurava a lâmina começar a tremer.

O Destruidor deve ter sentido o meu medo porque virou repentinamente a cabeça, os dedos de Alice ainda na boca, o sangue a escorrer-lhe pelo enorme queixo curvo.

Mas depois, quando era quase tarde demais, o meu medo evaporou-se por completo. Percebi de imediato o motivo por que estava ali a enfrentar o Destruidor. Lembrei-me do que a Mãe dissera na carta. .

Às vezes, nesta vida, é necessário uma pessoa sacrificar-se pelo bem dos outros.

Ela avisara-me que dos três que enfrentariam o Destruidor, apenas dois sairiam vivos das catacumbas. De certa forma, eu achava que o Mago ou Alice morreriam, mas percebia naquele momento de que ia ser eu! Nunca poderia concluir o meu aprendizado, nunca iria tornar-me mago. Mas ao sacrificar a minha vida agora poderia salvar os dois. Estava muito calmo. Aceitara simplesmente o que tinha de ser feito.

Tive a certeza de que mesmo no último instante o Destruidor percebera o que eu ia fazer, mas em vez de me pensar ali até à morte, virou a cabeça na direção de Alice, que esboçou um sorriso estranho e misterioso.

Desferi rapidamente o golpe com todas as minhas forças, enterrando a lâmina na direção do coração dele.

Não senti a lâmina fazer contato mas ergueu-se diante dos meus olhos uma negrura horrível; o meu corpo estremeceu da cabeça aos pés, pelo que não tinha controle sobre os meus músculos. A vela saltou-me da boca e senti-me a cair. Falhara o coração dele!

Por um momento, pensei que tivesse morrido. Estava tudo escuro mas de momento o Destruidor parecia ter desaparecido. Tateei o chão à procura da vela e tornei a acendê-la. Escutando com atenção, fiz sinal a Alice para que permanecesse em silêncio, e ouvi um som vindo do túnel. Um cão grande a caminhar.

Enfiei no cinto o pedaço do bordão com a lâmina.

A seguir, tirei do bolso a corrente de prata da Mãe e enrolei-a na mão e no pulso esquerdo, a postos para arremessá-la. Com a outra mão, peguei a vela e, sem mais delongas, fui atrás do Destruidor.

— Não, Tom, não! Deixe-o ir! — gritou Alice de trás. — Acabou. Pode voltar para Chipenden!

Correu para mim, mas repeli-a com força. Ela cambaleou e quase caiu. Quando avançou de novo para mim, levantei a mão esquerda para que ela pudesse ver a corrente de prata.

— Afaste-se! Você agora pertence ao Destruidor.

Fique longe senão te prendo também!

O Destruidor alimentara-se pela última vez e agora não podia confiar em nada do que ela dissesse. Teria de matá-lo antes de ela poder ficar livre.

Virei-lhe as costas e afastei-me rapidamente. Ouvia o Destruidor à minha frente; atrás de mim o *click-click* dos sapatos bicudos de Alice seguindo-me pelo túnel. Subitamente, os passos lá à frente cessaram.

Teria o Destruidor desaparecido simplesmente e ido para outra parte das catacumbas? Parei e pus-me à escuta antes de avançar com maior cautela. Foi então que vi algo lá à frente. Algo no chão do túnel. Parei mesmo em cima e senti náuseas. Quase vomitei ali mesmo.

O irmão Peter jazia de costas. Fora prensado. A cabeça mantinha-se intacta; os olhos arregalados, fixos, mostravam o terror que obviamente sentira na altura da morte. Mas do pescoço para baixo o seu corpo fora espalmado contra as pedras.

A visão deixou-me horrorizado. Durante os meus primeiros meses de aprendizado, vira muitas coisas terrí-

veis e estivera perto da morte mais vezes do que queria me lembrar. Mas esta era a primeira vez que via a morte de alguém de quem gostava — e uma morte tão horrível.

Estava ali, distraído pela visão do irmão Peter, e o Destruidor escolheu esse momento para vir correndo pela escuridão direto para mim. Por um momento estacou e fitou-me, as fendas verdes dos seus olhos brilhando no escuro. O seu corpo pesado e musculoso estava coberto de pêlo preto hirsuto e as mandíbulas escancaradas, revelando as filas de dentes amarelos afiados. Escorria-lhe algo da língua comprida que pendia das mandíbulas abertas.

Em vez de saliva, era sangue!

De repente, o Destruidor atacou, correndo para mim. Preparei a corrente e ouvi Alice gritar atrás de mim.

Percebi mesmo a tempo de que ele mudara o seu ângulo de ataque. O alvo não era eu! Era Alice!

Fiquei atordoado. Eu constituía a ameaça para o Destruidor, não Alice. Nesse caso, porquê ela e não eu?

Instintivamente, ajustei a pontaria. Conseguia acertar nove em dez vezes no poste no jardim do Mago, mas isto era diferente. O Destruidor deslocava-se rapidamente, começando já a saltar. Então, fiz estalar a corrente e lan-cei-a na direção da criatura, vendo-a abrir-se como uma rede e descer na forma de uma espiral. Toda a minha prá-

tica estava a compensar e ela caiu diretamente sobre o Destruidor enrolando-se firmemente à volta do seu corpo.

Ele rebolou sucessivamente, uivando e tentando fugir.

Teoricamente, não conseguiria se libertar, nem desaparecer nem mudar de forma. Mas eu não ia correr riscos. Tinha de lhe trespassar

rapidamente o coração. Tinha de acabar com ele agora. Então, precipitei-me, tirei a lâ-

mina do cinto e preparei-me para o estocar no peito. Os seus olhos fitaram-me quando estava preparando a lâmina.

Estavam cheios de ódio. Mas havia também medo: o terror absoluto da morte; o terror do nada que ia enfrentar, e falou dentro da minha cabeça, suplicando freneticamente a vida.

— Misericórdia! Misericórdia! — exclamou. — Não existe nada para nós! Apenas escuridão. É isso que quer, rapaz?

Morrerá também!

— Não, Tom, não! Não faça isso! — gritou Alice atrás de mim, juntando a sua voz à do Destruidor. Mas ignorei ambas. Fosse qual fosse o custo, ele tinha de morrer. Contorcia-se nas voltas da corrente e apunhalei-o duas vezes antes de lhe acertar no coração.

A terceira, desferi um golpe e o Destruidor desapareceu simplesmente, mas ouvi um grito medonho. Nunca irei saber se foi o Destruidor, Alice ou eu que emitimos aquele som. Talvez tenhamos sido os três.

Senti um soco tremendo no peito, seguido de uma estranha sensação de afundamento. Ficou tudo silencioso e senti-me a mergulhar na escuridão.

Depois, só sei que estava junto de uma enorme extensão de água.

Apesar do seu tamanho, era mais um lago do que um mar, pois, apesar de soprar uma brisa agradável na direção da margem, a água permanecia calma, como um espelho, refletindo o azul perfeito do céu.

Estavam a lançar pequenos barcos à água numa praia de areia dourada, e conseguia ver para lá deles uma ilha bastante próxima da praia. Era verde com árvores e prados ondulantes e pareceu-me mais maravilhosa do que algo que alguma vez tivesse visto em toda a minha vida.

Entre as árvores no topo de uma colina havia um edifício como o castelo que tínhamos avistado das extensões rochosas baixas ao contornarmos Caster. Mas em vez de ser construído em pedra cinzenta fria, brilhava com luz, como se tivessem sido usadas as faixas de um arco-íris e os seus raios aqueciam a minha testa como um sol glorioso.

Não respirava, mas sentia-me calmo e feliz e lembro-me de pensar que se estava morto, então a morte era agradável e só tinha de alcançar aquele castelo, de modo que corri em direção ao barco mais próximo, desesperado por entrar a bordo. Quando me aproximei mais, as pessoas deixaram de tentar lançar o barco e viraram os rostos para mim. Naquele momento soube de quem se tratava.

Eram pequenas, muito pequenas, e tinham cabelo escuro e olhos castanhos. Era a Gente Pequena! Os Segoncíacos!

Sorriram calorosamente, precipitaram-se para mim e começaram a puxar-me na direção do barco. Nunca me sentira tão feliz na minha vida, tão bem-vindo, tão dese-jado, de modo que aceitei. Toda a minha solidão desapareceu. Mas precisamente quando ia subir para bordo, senti uma mão fria agarrar-me o antebraço esquerdo.

Quando me virei, não havia ninguém mas a pressão no meu braço aumentou até que começou a doer. Sentia unhas a cravarem-se na pele. Procurei libertar-me, entrar no barco e a Gente Pequena tentou ajudar-me também, mas a pressão no meu braço era agora uma dor ardente.

Gritei e engoli ar num enorme hausto doloroso que solu-

çou na minha garganta e me deixou o corpo todo dormente, depois foi aquecendo cada vez mais, como se eu estivesse a arder por dentro.

Encontrava-me deitado de costas no escuro. Chovia intensamente e sentia as gotas baterem-me nas pálpebras e na testa e entrarem-me até na boca, escancarada.

Estava cansado demais para abrir os olhos mas ouvi a voz do Mago a alguma distância.

— Deixe-o aí! — disse. — Deixa-o em paz, minha jovem. É tudo o que podemos fazer por ele agora!

Abri os olhos e vi Alice debruçada sobre mim. A-trás dela estava a parede escura da catedral. Ela agarrava-me o antebraço esquerdo, as unhas muito afiadas na minha pele. Inclinou-se para a frente e murmurou-me ao ouvido.

— Não se escapa assim tão facilmente, Tom. Agora voltou. Voltou aonde pertence!

Respirei fundo e o Mago avançou, os seus olhos cheios de espanto. Quando ajoelhou a meu lado, Alice levantou-se e afastou-se.

— Como se sente, rapaz? — perguntou-me delicadamente, ajudando-me a sentar. — Julguei que tivesse morrido. Quando te trouxe para fora das catacumbas, juro que não havia qualquer sopro no seu corpo!

— O Destruidor? — inquiri. — Está morto?

— Está sim, rapaz. Acabou com ele e quase consigo no processo. Acha que consegue caminhar? Precisamos nos afastar daqui.

Vi para lá do Mago o guarda com as garrafas vazias de vinho a seu lado. Continuava no seu sono embriagado, mas podia acordar a

qualquer instante.

Com a ajuda do Mago, consegui pôr-me em pé e nós três abandonamos os terrenos da catedral e percorremos as ruas desertas.

A princípio, estava fraco e trêmulo, mas à medida que subíamos afastando-nos das filas de casas com terraço e voltávamos ao campo, comecei a sentir-me mais forte.

Passado um tempo, virei-me e olhei para trás na direção de Prieststown, que se estendia lá em baixo. As nuvens tinham-se dissipado e a Lua aparecera. O pináculo da catedral parecia brilhar.

— Até parece mais bonita — disse, parando para ver a vista.

O Mago colocou-se a meu lado e seguiu a direção do meu olhar.

— A maior parte das coisas parece melhor vista de longe — comentou. — Aliás, a maior parte das pessoas também.

Devia estar gracejando, de modo que sorri.

— Bem — suspirou —, a partir de agora espero que seja um lugar bem melhor. Mas nós também não temos pressa de voltar para cá.

Mais ou menos ao fim de uma hora na estrada, encontramos um celeiro velho abandonado onde nos abrigamos. Tinha correntes de ar, mas pelo menos estava seco e havia um bocado de queijo amarelo para mordiscar. Alice adormeceu imediatamente enquanto eu fiquei muito tempo sentado a pensar no que acontecera. O Mago também não parecia cansado mas ficou sentado em silêncio, abraçado aos joelhos. Por fim falou.

— Como sabia como matar o Destruidor? — inquiriu. — Observei-o — respondi. — Vi-o tentar atingi-lo no coração. . — Mas, de repente,

fui vencido pela vergonha da minha mentira e baixei a cabeça. —
Não, desculpe

— corriji-me. — Não é verdade. Aproximei-me quando o senhor foi falar com o fantasma de Naze. Ouvei tudo o que disse.

— E bem deve pedir desculpa, rapaz. Correu um grande risco. Se o Destruidor tivesse conseguido ler seu pensamento. .

— Lamento muito.

— E não me disse que tinha uma corrente de prata

— referiu.

— A Mãe me deu-a — retorqui.

— Ora ainda foi bem que ela o fez. Tenho-a no meu saco e por agora está segura. Até voltar a precisar dela. . — acrescentou com ar sinistro.

Seguiu-se outro longo silêncio, como se o Mago estivesse perdido em pensamentos.

— Quando te trouxe para cima das catacumbas, parecias frio e morto — disse finalmente. — Já vi tantas vezes a morte que sei que não estava enganado. Depois a garota agarrou o seu braço e voltou a si. Não sei o que pensar disto.

— Estive com a Gente Pequena — referi.

O Mago anuiu.

— Sim — disse —, eles estarão em paz, agora que o Destruidor morreu. Inclusive Naze. Mas conte-me lá, rapaz? Como é que foi? Teve medo?

Abanei a cabeça.

— Tive mais medo logo depois de ter lido a carta da Mãe —
expliquei-lhe. — Ela sabia o que ia acontecer.

Senti que não tinha escolha. Que tudo estava já decidido.

Mas se tudo já está decidido, de que serve viver?

O Mago carregou o cenho e estendeu a mão.

— Mostre-me a carta — pediu.

Tirei-a do bolso e entreguei-a. Demorou muito a lê-la, no fim acabou por me devolver. Durante um tempo não disse nada.

— A sua mãe é uma mulher arguta e inteligente —

afirmou finalmente o Mago. — Só assim se justifica grande parte do que ela escreveu. Ela adivinhou exatamente o que eu ia fazer. Ela possui conhecimentos mais do que suficientes para fazê-lo. Não é profecia. A vida já é suficientemente má sem acreditarmos nisso. Você escolheu descer as escadas. Mas tinha outra opção. Podia ter-se ido embora e depois teria sido tudo diferente.

— Mas assim que escolhi, ela estava certa. Nós os três enfrentamos o Destruidor e só dois sobreviveram. Eu morri. O senhor trouxe-me para a superfície. Como podemos explicar isso?

O Mago não respondeu e o silêncio entre nós foi aumentando cada vez mais. Passado um tempo, deitei-me e mergulhei num sono sem sonhos. Não aludi à maldição.

Sabia que era algo de que ele não iria querer falar.

CAPÍTULO 22

UM ACORDO É UM ACORDO

Era quase meia-noite e uma lua em crescente erguia-se acima das árvores. Em vez de se aproximar da casa pelo percurso mais direto, o Mago fez-nos contornar ela vindos de leste. Pensei no jardim oriental lá na frente e no poço que aguardava Alice. O poço que eu abrira.

Certamente não a ia meter no poço agora? Não depois do que ela fizera para ajudar a endireitar as coisas?

Deixara que ele a vendasse e tapasse os ouvidos com cera.

E depois ficara ali sentada horas em silêncio e no escuro sem se queixar uma só vez.

Mas depois vi o riacho lá à frente e enchi-me de uma nova esperança. Era estreito mas de curso rápido, a água cor de prata, cintilando ao luar, e havia uma única pedra no meio.

Ele ia pôr Alice à prova.

— Muito bem, menina — disse-lhe, a sua expressão austera. — Vá na frente. Atravesse lá!

Quando olhei para o rosto de Alice, caiu-me o co-ração aos pés. Parecia apavorada e lembrei-me que tivera de a transportar para atravessar o rio perto do Portão de Prata. Agora que o Destruidor estava morto, o seu domí-

nio sobre Alice cessara, mas teriam os danos ultrapassado já todas as chances de recuperação? Teria Alice se aproximado demais do escuro? Poderia nunca mais ser livre?

Nunca mais conseguir atravessar água corrente? Era já uma bruxa malévola plenamente desenvolvida?

Alice hesitou à beira da água e começou a tremer.

Levantou por duas vezes o pé para dar o simples passo para a pedra plana no meio do riacho. E por duas vezes o baixou de novo. Tinha-lhe acumulado gotas de suor na testa e começavam agora a escorrer na direção do nariz e dos olhos.

— Vamos, Alice, você é capaz! — gritei, procurando incentivá-la. Os meus esforços valeram um olhar fulminante do Mago.

Num esforço súbito e terrível, Alice saltou para a pedra e fez avançar a perna esquerda quase de imediato para se transportar até à outra margem. Uma vez lá, sentou-se apressadamente e cobriu o rosto com as mãos.

O Mago emitiu um estalido com a língua, atravessou o riacho e subiu a colina em passadas largas direto às árvores na orla do jardim. Deixei-me ficar para trás enquanto Alice se levantava, depois, juntos, fomos ter com o Mago, que aguardava de braços cruzados.

Quando o alcançamos, o Mago avançou repentinamente e agarrou Alice. Pegando-lhe pelas pernas, colocou-a no ombro. Ela começou a lamuriar-se e a debater-se, mas sem dizer mais nenhuma palavra, ele agarrou-a com maior firmeza, depois virou e entrou no jardim.

Eu seguia atrás, desesperado. Ele avançava pelo jardim oriental, indo direto às sepulturas onde estavam as bruxas, direto ao poço vazio. Não era justo! Alice passara no teste, não passara?

— Ajude-me, Tom! Ajude-me, por favor! — suplicou Alice.

— Não pode lhe dar mais uma oportunidade? —

implorei. — Só mais uma oportunidade? Ela atravessou.

Não é uma bruxa.

— Ela passou mesmo à prova desta vez — resmungou o Mago por cima do ombro. — Mas existe maldade dentro dela, apenas à espera

de uma oportunidade.

— Como pode afirmar semelhante coisa? Depois de tudo o que ela fez. .

— Esta é a maneira mais segura. É o melhor para todos!

Soube então que chegara o momento daquilo que o meu pai chama «umas tantas verdades». Tinha de lhe dizer que sabia de Meg, apesar de ele poder vir a odiar-me por isso e não querer que eu continuasse a ser seu aprendiz.

Mas talvez uma lembrança do passado o pudesse fazer mudar de idéias. A hipótese de Alice ir para o poço e-ra-me insuportável, e cem vezes pior o fato de eu ter sido obrigado a abri-lo.

O Mago chegara ao poço e parara perto da beirada.

Quando ia enfiar Alice naquela escuridão, gritei: — O senhor não fez isso com Meg!

Virou-se para mim com uma expressão de absoluto espanto no rosto.

— O senhor não enfiou Meg no poço, não é? —

bradei. — E ela era uma bruxa! O senhor não o fez porque gostava demais dela! Por favor, não o faça a Alice!

Não está certo!

A expressão de espanto do Mago mudou para fúria e ficou ali, hesitante, à beira do poço; por um momento não percebi se ia atirar Alice lá para dentro ou saltar ele mesmo. Ficou ali bastante tempo, mas depois, para meu alívio, a fúria pareceu dar lugar a outra coisa e virou-se e afastou-se, continuando a carregar Alice.

Contornou o novo poço vazio, passou por aquele onde Lizzie dos Ossos estava aprisionada, afastou-se em grandes passadas das sepulturas onde as duas bruxas mortas estavam enterradas e avançou pelo caminho de pedras brancas que dava acesso à casa.

Apesar da recente doença, tudo aquilo por que passara e do peso de Alice no seu ombro, o Mago caminhava tão depressa que teve de fazer um esforço para acompanhá-lo. Retirou a chave do bolso esquerdo das cal-

ças, abriu a porta de trás da casa e estava lá dentro antes que o seu pé tivesse tocado no degrau.

Foi direto à cozinha e estacou próximo da lareira, onde as chamas faziam saltar fagulhas cintilantes pela chaminé acima. A cozinha estava quente, as velas acesas, com talheres e pratos para dois em cima da mesa.

Lentamente, o Mago desceu Alice do ombro e colocou-a no chão. Mal os seus sapatos bicudos assentaram nas lajes o fogo extinguiu-se logo, a vela tremulou e quase se apagou, e o ar ficou manifestamente gelado.

No instante seguinte, ouviu-se um rosnado furioso que fez chocalhar a louça e vibrou pelo chão. Era o de-mônio de estimação do Mago. Se por caso Alice tivesse atravessado o jardim, mesmo com o Mago por perto, tê-la-ia desfeito. Mas como o Mago a transportara, só quando os pés dela tocaram no chão é que o demônio se percebeu da presença de Alice. E agora não estava nada satisfeito.

O Mago colocou a mão esquerda na cabeça de Alice. A seguir, bateu ruidosamente com o pé esquerdo nas lajes três vezes.

O ar ficou muito silencioso e o Mago gritou em voz alta:

— Agora ouça-me bem! Escute com atenção o que te digo!

Não obtive resposta mas o fogo espevitou-se um pouco e o ar pareceu menos frio.

— Enquanto esta moça estiver em minha casa, não lhe toque nem um fio de cabelo! — ordenou o Mago. —

Mas vige tudo o que ela fizer e zele para que faça tudo o que eu mandar.

Dito aquilo, voltou a bater três vezes nas lajes. Em resposta, o fogo acendeu-se na grelha e a cozinha pareceu de súbito mais quente e acolhedora.

— E agora prepare ceia para três! — ordenou o Mago. Depois fez sinal e o seguimos pela cozinha e escadas acima. Parou do lado de fora da porta trancada da biblioteca.

— Enquanto aqui estiver, mocinha, vai ter de ganhar para o seu sustento — resmungou o Mago. — Há ali dentro livros que são insubstituíveis. Nunca poderá entrar lá, mas te darei um livro de cada vez e poderá fazer uma cópia dele. Estamos entendidos?

Alice anuiu.

— A sua segunda tarefa será contar aqui ao rapaz tudo o que Lizzie dos Ossos te ensinou. E refiro-me a tudo. Ele tratará de anotar. Muita coisa será disparate, claro, mas isso não importa porque nos permitirá aumentar os nossos conhecimentos. Está preparada para o fazer?

Alice tornou a acenar com a cabeça, o seu sem-blante muito sério.

— Bem, então está decidido — disse o Mago. —

Dormirá no quarto por cima do de Tom, aquele mesmo no topo da casa. E agora, pense bem no que estou dizendo. Aquele demônio lá embaixo na cozinha sabe o que você é e o que quase se tornou. Por

isso não corra sequer o risco porque ele estará vigiando tudo o que fizer. E nada lhe agradaria mais do que. .

O Mago soltou um suspiro longo e profundo. —

Ele não hesitará sequer — referiu. — Por isso não lhe dê razão. Fará o que te pedi, mocinha? Merece que confiem em você?

Alice anuiu e a sua boca alargou-se num enorme sorriso. À ceia, o Mago esteve estranhamente calado. Parecia a calma que antecede uma tempestade. Ninguém falou muito mas os olhos de Alice vagueavam por todo o lado e voltavam sucessivamente à enorme fogueira acesa que enchia a divisão de calor.

Por fim, o Mago afastou de si o prato e suspirou.

— Bem, mocinha — disse —, vá-se deitar. Tenho umas coisas que preciso conversar com o rapaz.

Quando Alice saiu, o Mago empurrou a cadeira e aproximou-se da fogueira. Curvou-se e aqueceu as mãos por cima das chamas antes de se virar de frente para mim.

— Bem, rapaz — resmungou —, desembuche lo-go. Onde descobriu isso sobre a Meg?

— Li-o num dos seus diários — respondi, tímida-mente, baixando a cabeça.

— Bem me pareceu. Eu não tinha lhe avisado?

Voltou a desobedecer-me! Há coisas na minha biblioteca que não pode ler por enquanto — referiu o Mago com ar severo. — Coisas para as quais não está preparado. Eu serei o melhor juiz do que te convém ler. Entendeu?

— Sim, mestre — respondi, dirigindo-me a ele por aquele título pela primeira vez em meses. — Mas eu teria acabado por vir a saber de Meg mesmo assim. O padre Cairns mencionou-a e contou-me também a respeito de Emily Burns e que o senhor a roubou do seu irmão e isso dividiu a sua família.

— Não consigo te esconder nada, não é rapaz?

Encolhi os ombros, sentindo-me aliviado por ter tirado um peso de cima do peito.

— Bem — disse ele, voltando para a mesa —, cheguei a uma bela idade e não me orgulho de tudo o que fiz, mas cada história não tem só uma versão. Nenhum de nós é perfeito, rapaz, e um dia descobrirá tudo o que precisa saber e depois poderá fazer o seu julgamento a meu respeito. E escusado andar a remexer no passado agora, mas quanto a Meg, irá conhecê-la quando formos a Anglezarke. Será mais cedo do que pensa porque, dependendo do tempo, iremos partir para a minha casa de Inverno mais ou menos dentro de um mês. O que mais o padre Cairns te disse?

— Ele disse que o senhor vendeu a sua alma ao Diabo. .

O Mago sorriu.

— Os padres sabem alguma coisa? Não, rapaz, a minha alma continua a pertencer-me. Lutei longos e longos anos para conservá-la, e contrariamente ao que seria de esperar, ainda é minha. E quanto ao Diabo, bem, costumava pensar que o mais provável era esse mal estar dentro de cada um de nós, como uma mecha, apenas à espera da faísca que a acenderia. Mas, mais recentemente, comecei a perguntar-me se, afinal, existe algo por detrás de tudo aquilo que enfrentamos, algo escondido bem no âmago do escuro. Algo que se torna mais forte à medida que o escuro se fortalece também. Algo a que um padre chamaria o Diabo. .

O Mago fitou-me com dureza, os seus olhos verdes cravando-se nos meus.

— E se existisse algo como o Diabo, rapaz? O que faríamos?

Pensei por alguns instantes antes de responder.

— Precisaríamos abrir um poço bem grande —

disse eu. — O poço mais fundo alguma vez escavado por um mago. Depois, precisaríamos de sacos e sacos de sal e ferro e de uma pedra realmente grande.

O Mago sorriu.

— Tem toda a razão, rapaz, haveria trabalho para metade dos pedreiros, aparelhadores e ajudantes do Condado! Vamos, agora vá se deitar. Amanhã voltará às suas lições, por isso precisa dormir uma boa noite de sono.

Quando abri a porta do meu quarto, Alice saiu das sombras nas escadas.

— Gosto muito deste lugar, Tom — disse, deitando-me um enorme sorriso. — É uma bela casa, grande e quente. Um bom lugar para estar, agora que o Inverno se aproxima.

Retribuí o sorriso. Podia ter-lhe dito que em breve partiríamos para Anglezarke, para a casa de Inverno do Mago, mas ela estava feliz e não quis estragar-lhe a primeira noite.

— Um dia esta casa nos pertencerá, Tom. Não o sente? — inquiriu.

Encolhi os ombros.

— Ninguém sabe o que vai acontecer no futuro —

referi, guardando a carta da Mãe no meu subconsciente.

— O Velho Gregory te disse, não disse? Bem, há muitas coisas que ele não sabe. Será melhor mago do que ele alguma vez foi. Nada é mais certo do que isso!

Alice virou-se e subiu as escadas meneando o quadril. De repente, olhou para trás.

— O Destruidor estava desesperado pelo meu sangue — afirmou. — Por isso fiz o acordo antes de ele beber. Eu só queria que tudo voltasse a estar bem, por isso pedi-lhe que te deixasse e ao Velho Gregory em liberdade. O Destruidor concordou. Um acordo é um acordo, por isso ele não podia matar o Velho Gregory e também não podia lhe fazer mal. Você matou o Destruidor mas eu fiz com que isso fosse possível. No fim, foi por isso que me atacou. Não podia te tocar. Porém, não conte ao Velho Gregory. Ele não iria entender.

Alice deixou-me ali estacado nas escadas enquanto as palavras dela iam fazendo lentamente sentido na minha mente. De certa forma, ela sacrificara-se. Ele a teria matado, tal como fizera com Naze. Mas ela salvara-me e ao Mago. Salvara as nossas vidas. E eu nunca o esqueceria.

Atordoado com o que ela dissera, entrei no meu quarto e fechei a porta. Demorei muito a adormecer.

Mais uma vez, a maior parte do que escrevi foi de memória, recorrendo apenas ao meu livro de apontamentos quando necessário.

Alice tem-se portado bem e o Mago está muito satisfeito com o trabalho dela. É rápida a escrever, sem que a sua caligrafia deixe de ser legível e cuidadosa. Está também a cumprir o prometido, a contar-me as coisas que Lizzie dos Ossos lhe ensinou para que eu as possa anotar todas.

Claro, muito embora Alice não o saiba ainda, não vai ficar muito tempo conosco. O Mago disse-me que ela irá começar a distrair-me

demais e que não conseguirei me concentrar nos meus estudos. Não lhe agrada ter uma garota com sapatos bicudos a viver na sua casa, especialmente uma que esteve tão perto do escuro.

Estamos em finais de Outubro, e em breve parti-remos para a casa de Inverno do Mago em Anglezarke Moor. Ali perto, há uma fazenda gerida por umas pessoas em quem o Mago confia. Acha que são capazes de deixar Alice ficar com elas. Claro, obrigou-me a prometer-lhe não contar nada a Alice por enquanto. De qualquer forma, vou ficar triste quando ela partir.

É claro que irei conhecer Meg, a bruxa lâmia. Talvez conheça também a outra mulher do Mago. Blackrod fica perto da charneca e é onde Emily Burns supostamente vive ainda. Tenho a impressão de que há muitas outras coisas no passado do Mago que ainda desconheço.

Preferia ficar em Chipenden, mas ele é o Mago e eu não passo do aprendiz. E acabei por perceber que existe uma razão muito plausível para tudo o que ele faz.

Thomas J. Ward

Digitalização: Yuna

Revisão: Sayuri